

"UM RETRATO ASSUSTADORAMENTE ÍNTIMO – E PRECISO – DE UMA MULHER PERSEGUIDA." *BOOKPAGE*

# EU SEI ONDE VOCÊ ESTÁ

CLAIRE KENDAL





# EU SEI ONDE VOCÊ ESTÁ

CLAIRE KENDAL

TRADUÇÃO DE DOMINGOS DEMASI



Copyright © Claire Kendal 2014

TÍTULO ORIGINAL

The Book of You

PREPARAÇÃO

André Marinho

Ilana Goldfeld

REVISÃO

Erika Nogueira

Juliana Pitanga

Juliana Werneck

DESIGN DE CAPA

Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

IMAGENS DE CAPA

Shutterstock

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Ferreira

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0155-4

1ª edição

Edição digital: 2017

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)



# Sumário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Semana 1: A garota rodopiante

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Semana 2: A dança do fogo

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Sábado

Semana 3: O amante constante

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Semana 4: A poção do esquecimento

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Sábado

Semana 5: Os guardiões

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Sábado e domingo

Semana 6: A chave proibida

Segunda-feira

Terça-feira

Quarta-feira

Quinta-feira

Sexta-feira

Semana 7: A sala de secagem

Segunda-feira e quarta-feira

Quarta-feira e quinta-feira

Dezoito semanas depois

Segunda-feira, 20 de julho

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

*Para meu pai, que me deu meu primeiro livro de contos de fadas.  
E para minha mãe, que me ensinou a ler.*



Quanto a esta pequenina chave, é a do gabinete no fim da extensa galeria no térreo. Abra tudo, vá aonde quiser, mas, quanto ao gabinete, eu a proíbo de lá entrar, e a proíbo tão terminantemente que, se ousar abrir a porta, a ira que despertará em mim será capaz de qualquer coisa.

*Barba-Azul*, Charles Perrault

## **SEMANA 1**

*A garota rodopiante*

## SEGUNDA-FEIRA

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 7h45.

É você. Claro que é você. É sempre você. Alguém se aproxima pelas minhas costas.

Eu me viro e vejo você. Sabia que era você, mas, ainda assim, escorrego na neve. Tento me levantar, cambaleando. Minhas meias estão molhadas na altura dos joelhos. As luvas, completamente encharcadas.

Qualquer pessoa sensata no universo preferiria estar em casa numa manhã gelada como essa se pudesse escolher, mas não você. Você está do lado de fora, dando um passeiozinho. Estende a mão para me ajudar a levantar, pergunta se está tudo bem comigo, mas me esquivo, tentando não perder o equilíbrio outra vez.

Sei que você deve estar me seguindo desde que saí de casa. Não consigo me conter e pergunto o que está fazendo aqui, embora eu saiba que não vá dizer a verdade.

Suas pálpebras estão tremendo daquele jeito de novo. Acontece quando você fica nervoso.

— Eu estava apenas caminhando, Clarissa.

Claro, faz muito sentido, já que você mora numa cidadezinha a oito quilômetros de distância. Sua boca está pálida. Você morde os lábios, como se soubesse que eles perderam o pouco da cor que normalmente têm e tentasse forçar o sangue a circular de novo.

— Você agiu de maneira estranha no trabalho, na sexta-feira, indo embora no meio daquela conversa. Todo mundo achou, Clarissa.

O modo como você fica dizendo o meu nome o tempo todo me dá vontade de gritar. E o seu nome se tornou repulsivo para mim. Tento tirá-lo da minha cabeça, como se, ao fazer isso, de algum modo conseguisse tirar você da minha vida. Mas, ainda assim, ele entra ali, sorrateiro. Intromete-se. Assim como você. Repetidas vezes.

Você é aquele que está sempre presente. Isso é o que você é. De todas as maneiras.

Meu silêncio não o desencoraja.

— Você não atendeu ao telefone o fim de semana todo. Só respondeu a uma das minhas mensagens, e nem sequer foi gentil. Por que saiu de casa numa manhã dessas, Clarissa?

Só consigo raciocinar a curto prazo. Preciso me livrar de você. Tenho de evitar que você me siga até a estação e descubra aonde estou indo. Ignorar você não vai adiantar agora; a sugestão dada pelos folhetos não funciona na vida real. Duvido que alguma coisa funcione com você.

— Estou doente. — É mentira. — Foi por isso que fui embora na sexta-feira. Precisava estar no médico às oito.

— Você é a única mulher que já vi que continua bonita mesmo quando está doente.

Estou realmente começando a me sentir mal.

— Tive febre. Passei a noite vomitando.

Você levanta a mão na direção do meu rosto, querendo checar minha temperatura, e eu recuo.

— Eu acompanho você — diz, com a mão parada no ar, feito uma estranha lembrança de seu gesto descabido. — Não deve ficar sozinha — você fala deixando a mão cair pesadamente ao lado do corpo.

— Não quero contaminar você.

Apesar das palavras, acho que não demonstrei preocupação.

— Deixe-me cuidar de você, Clarissa. Está abaixo de zero... Você não deveria estar aqui com esse tempo, ainda mais com o cabelo molhado... Isso não pode ser bom para você. — Você tira seu telefone do bolso. — Vou chamar um táxi para a gente.

Mais uma vez, você me encurralou. A grade preta de ferro está logo atrás de mim, então não consigo me afastar mais; não quero escorregar e cair pelo vão — há uma queda de quase um metro até a estrada abaixo. Ando de lado, procurando uma nova posição, mas isso não o impede de se agigantar sobre mim. Você parece enorme nesse seu casaco cinzento e acolchoado.

A bainha do seu jeans está ensopada de tanto arrastar pela neve — você também não está cuidando de si mesmo. Seu nariz e suas orelhas estão vermelhos e machucados pelo frio cortante. Os meus também devem estar. Seu cabelo castanho está escorrido, apesar de provavelmente recém-lavado. Sua boca fechada, contraída, não relaxa nunca.

Um sentimento de pena acaba se apoderando de mim, por mais que eu me proteja contra isso e me afaste. Você deve estar perdendo o sono também. Ser

rude ao falar com alguém, mesmo com você, vai contra o que meus pais me ensinaram. Mas, de qualquer modo, uma grosseria não faria você desaparecer agora. Sei muito bem que simplesmente me seguiria, fingindo não ouvir, e essa é a última coisa que eu quero.

Você digita no celular.

— Não. Não chame táxi nenhum.

Seus dedos param com a severidade da minha voz. E continuo:

— O médico não fica longe daqui.

E digo explicitamente:

— Não vou entrar num táxi com você.

Você aperta o botão vermelho e guarda o telefone no bolso.

— Anote o número do seu fixo para mim, Clarissa. Acho que perdi.

Nós dois sabemos que nunca lhe dei esse número.

— Mande cancelar. Estou usando só o celular.

Mais mentiras. Em silêncio, agradeço aos céus por você, de algum modo, não ter visto e anotado o número quando estive no meu apartamento. Estou surpresa por você ter deixado passar essa oportunidade. Deve estar se mordendo de raiva por isso. Mas você estava ocupado na hora. Aponto para o topo da colina.

— Você deveria tentar caminhar por ali. — Brinco com seu desejo de me agradar, uma jogada cruel, mas estou desesperada. — É um dos meus lugares favoritos... Rafe.

Há uma longa pausa antes de conseguir proferir seu nome, mas eu o pronuncio e você não percebe nada; não lhe ocorre que apenas o agradei desse modo na esperança de que você fosse embora.

— Eu gostaria de fazer isso, se é algo especial para você, Clarissa. Sabe, tudo que eu quero é fazer você feliz. Se me deixar. — Você arrisca um sorriso.

— Adeus, Rafe.

Eu me forço a usar novamente seu nome e, quando seu sorriso se torna mais intenso e real, fico impressionada e me sinto um pouco culpada por você cair num truque tão ridículo.

Quase sem acreditar que consegui escapar, desço cuidadosamente a colina, checando toda hora para ver se a distância entre nós está aumentando. E você está sempre olhando para trás e acenando, então tenho de me forçar a retribuir, sem muita convicção.

De agora em diante, todas as manhãs, vou pegar um táxi até a estação e ficar olhando pelas janelas para ter certeza de que você não está me seguindo. Da próxima vez que topar com você, vou tentar raciocinar a longo prazo e obedecer

aos folhetos. Vou me recusar a falar com você ou então lhe direi pela zilionésima vez — sem dar margem a dúvidas — que me deixe em paz. Até minha mãe acharia aceitável ser malcriada nessas circunstâncias. Não que passe pela minha cabeça preocupar meus pais contando a eles sobre você.

Fico rangendo os dentes na plataforma, aflita com a possibilidade de você se materializar enquanto ouço sobre cancelamentos e atrasos por causa do mau tempo nos alto-falantes.

Eu me apoio na parede e escrevo o mais depressa possível no meu caderno novo. É a primeira vez que uso. Ele é bem pequeno, para que eu sempre possa carregá-lo comigo, como os folhetos aconselham. É em espiral, com páginas pautadas. A capa é preta, fosca. As pessoas dos serviços de ajuda psicológica pelo telefone dizem que preciso de um registro completo. Que não devo deixar nada escapar e devo tentar escrever o mais rápido possível depois de cada incidente, não importa quão insignificante pareça. Mas seus incidentes nunca são insignificantes.

Estou tremendo tanto que me arrependo de não ter secado o cabelo. Saí correndo porta afora para evitar chegar atrasada, tinha perdido a hora por causa de pesadelos — com você, sempre com você. Teria dado tempo de usar o secador, embora eu não consiga calcular o tempo tão perfeitamente quanto consigo calcular seu próximo passo. Meus cabelos parecem varinhas mágicas de gelo, conduzindo o frio para as veias através da pele, um encanto congelando a carne, transformando-a em pedra.

\* \* \*

Devia haver um mundo onde ele não estivesse, e ela achou que finalmente pudesse ter entrado nele. Retratos de juízes com expressão severa pendiam da parede oposta à escada de mármore. Subindo para o primeiro andar, Clarissa sentiu como se eles a observassem; mas não podia perder a esperança de que aquele poderia ser um lugar onde não seria espionada, um lugar do qual ela conseguiria mantê-lo longe.

Deixou o funcionário do tribunal inspecionar seu passaporte e a convocação, depois se sentou em uma das cadeiras de estofado azul. A sala estava maravilhosamente aquecida. Seus dedos do pé descongelaram. O cabelo secou. Parecia um lugar mágico, distante dos olhos dele. Apenas o júri tinha permissão para entrar, e todos os membros precisavam digitar um código em um teclado antes mesmo de conseguirem passar pela porta.

Ela se assustou com o estalido do microfone do funcionário do tribunal.

— As pessoas a seguir, por favor, poderiam ficar junto à bancada, para o julgamento de duas semanas que está para começar no tribunal 6?

Duas semanas inteiras no paraíso seguro de um tribunal. Duas semanas inteiras longe do trabalho e longe dele. O coração de Clarissa batia depressa, na esperança de ouvir seu nome sendo chamado. Ela afundou de volta em sua cadeira, decepcionada, pois não foi o que aconteceu.

\* \* \*

Na hora do almoço, ela se forçou a deixar o santuário do tribunal: sabia que precisava de ar fresco. Do lado de fora das portas giratórias, hesitou, esquadrinhando a rua de um lado a outro. Ficou preocupada que ele pudesse estar escondido entre duas vans de serviços de limpeza, estacionadas a poucos metros mais à frente. Avançou rapidamente e passou pelos veículos, a respiração presa. Quando percebeu que ele não estava agachado perto de um dos para-choques, respirou aliviada.

Perambulou pela feira, observando os funcionários locais comprarem lanches integrais ou comida étnica nas barraquinhas, olhando de relance advogados reunidos em uma grande mesa de um restaurante italiano caro.

Checando por cima do ombro, ela desapareceu no conforto familiar de uma loja de tecidos. Como sempre, foi atraída pelas estampas infantis. Sereias flutuavam, distraídas, enquanto menininhas encantadas nadavam atrás delas; imaginou um vestidinho simples, com camadas alternando-se entre mares em tons de rosa e roxo.

Henry teria odiado. Engraçadinho, teria dito. Sentimentaloide, teria dito. Bonitinho demais, teria dito. Sem originalidade, teria dito. Cores chapadas são melhores, teria dito. Talvez isso tenha sido o motivo da separação tanto quanto aquela tentativa fracassada de ter um bebê.

Ela seguiu decidida para o mostruário de linhas e procurou na bolsa o retalho de uma colcha, estampado com fundo verde-musgo e flores cor de carmim. Encontrou o tecido, escolheu a linha que melhor combinava com o fundo e seguiu para o caixa com dois carretéis.

— O que você vai costurar? — perguntou a moça.

Clarissa viu o movimento das pálpebras, tremendo abaixo dos cílios de um tom pálido de marrom, um olhar do qual não conseguiria escapar, a saliva escorrendo dos lábios: flashes da única noite de Rafe em sua cama.



Ela iria exorcizá-lo.

— Uma colcha nova.

O toque desse tecido seria agradável em sua pele. E achou engraçado ter tido um estalo de curiosidade sobre quem algum dia viesse a dormir com ela debaixo das flores cor de carmim.

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 14h15.

Estou tentando juntar as coisas. Tentando preencher as lacunas. Tentando me lembrar das coisas que você fez antes desta manhã, quando comecei a anotar tudo. Não quero deixar escapar nenhum resquício de prova — não posso me dar ao luxo de fazer isso. Mas o esforço me obriga a reviver essa história. Mantém você comigo, que é exatamente onde não quero que você esteja.

Segunda-feira, 10 de novembro, 20h.  
(Três meses antes)

Esta é a noite em que cometi o grande erro de dormir com você, e estou na livraria. Está aberta apenas para os seus convidados, para festejar o lançamento do seu novo livro sobre contos de fadas. Só alguns dos seus colegas do Departamento de Literatura Inglesa apareceram. Quando percebem minha presença, cochicham sobre Henry, venenosos. Finjo não notar, pegando alguns livros e agindo como se estivesse muito interessada neles, embora as palavras me pareçam embaralhadas e quase tão incompreensíveis quanto se estivessem em grego.

Ainda não sei por que vim nem o que está me fazendo misturar as taças de vinho branco e tinto que você me traz. Provavelmente, solidão e perda: Henry acabou de se mudar de Bath para assumir uma posição como professor titular em Cambridge, um cargo que pleiteou a vida toda. Compaixão, também: você me enviou três convites.

Não posso ir embora antes de você terminar a apresentação. Estou sentada na última fila, finalmente ouvindo você recitar o seu capítulo sobre “O teste da verdadeira noiva”. Você termina e seus poucos colegas fazem perguntas educadas. Não sou acadêmica; não digo nada. Assim que os aplausos superficiais terminam, faço um caminho sinuoso em direção à porta a fim de escapar, só para ser detida

pelo seu pedido de que eu não saísse ainda. Segui furtivamente para a seção de arte e me sentei no carpete bege encardido com um livro sobre Munch. Abro na imagem de *O beijo*, a primeira versão, em que os amantes estão nus.

Eu claramente me assusto quando sua sombra cobre a página e sua voz corta o silêncio do primeiro andar vazio.

— Se eu não tivesse encontrado você, poderia ficar trancada aqui a noite toda.

Você está de pé à minha frente, olhando para baixo do que parece ser uma altura muito grande e sorrindo.

Fecho rapidamente o Munch e o deixo de lado.

— Não sei se dormir com os artistas teria sido um destino tão terrível.

Agito um exemplar do seu livro grosso como uma atriz exagerando o uso de um objeto de cena. O peso faz meu pulso doer.

— Isso aqui é maravilhoso. Foi muito legal da sua parte me dar um exemplar. E a sua leitura foi brilhante. Adorei o trecho que você escolheu.

— Adorei a pintura que você escolheu, Clarissa. — Você pousa no chão a pasta volumosa que carrega em uma das mãos e as duas taças de vinho que equilibra com a outra.

Eu rio.

— Você está carregando um corpo aí nessa pasta?

Seus olhos se movem rapidamente para o fecho da maleta, para checar se está adequadamente trancada, e me ocorre que você tem segredos que não quer que sejam revelados. Mas você ri também.

— Apenas livros e um monte de papéis — comenta, esticando o braço em minha direção. — Saia do esconderijo. Deixe-me acompanhar você até sua casa. Está muito escuro essa noite para você andar sozinha.

Estendo o braço, aceitando sua ajuda para ficar de pé. Você não me solta. Puxo minha mão delicadamente.

— Vou ficar bem. Não tem que ir para um jantar, Senhor Professor Titular?

— Não sou titular.

Suas pálpebras tremem. Vibram sem parar, rapidamente, como se um inseto minúsculo estivesse escondido por trás delas.

— Foi Henry quem conseguiu a vaga no ano em que me candidatei. Não tive muita chance contra um poeta premiado. Ser chefe de departamento também não o prejudicou.

Henry ter conseguido aquela posição foi algo mais que merecido, mas, é claro, não digo isso.

— Sinto muito. — Após alguns constrangedores segundos de silêncio,

completo: — Preciso ir para casa.

Você parece tão arrasado que me dá vontade de consolá-lo.

— É um livro realmente interessante, Rafe — digo, tentando suavizar minha iminente partida. — Deve estar orgulhoso.

Você apanha a garrafa de vinho e me oferece uma taça.

— Um brinde, Clarissa. Antes de você ir.

— Ao seu belo livro.

Encosto minha taça de vinho branco na sua de tinto e dou um gole. Você parece tão satisfeito com esse pequeno acontecimento; isso me comove e me entristece. Vou reproduzir essa cena muitas vezes na minha mente nos meses seguintes, por mais que preferisse evitá-la.

— Beba.

Você engole o vinho de uma vez, como se quisesse me mostrar como se faz.

E sigo seu exemplo, embora este vinho tenha um gosto amargo de remédio. Mas não quero turvar ainda mais sua já apagada celebração.

— Deixe que eu acompanhe você, Clarissa. Prefiro caminhar com você do que ir a um jantar chato.

Um minuto depois, estamos do lado de fora, no ar gelado do final do outono. Mesmo com a cabeça embotada pelo vinho, hesito antes de dizer:

— Você já pensou na primeira mulher do Barba-Azul? Ela não é mencionada especificamente, mas deve ser uma das mulheres mortas penduradas no gabinete proibido.

Você sorri, tolerante, como se eu fosse um dos seus alunos. Você está todo arrumadinho feito um professor americano — não é como se veste normalmente. Blazer de tweed, calças de veludo marrom-claro, camisa listrada de branco e azul, um colete de tricô azul-marinho.

— Explique. — Você dispara a palavra peremptoriamente, do mesmo modo que deve fazer nos seminários de literatura inglesa.

— Bem, se havia um aposento secreto logo no início da história, e ele ordenou que a primeira Sra. Barba-Azul não entrasse nele, ainda não teria nenhuma esposa assassinada lá dentro. Não haveria sangue derramado no gabinete e, conseqüentemente, nada que pudesse manchar a chave e denunciá-la. Então, que motivo ele tinha para matar da primeira vez? Isso sempre me intrigou.

— Talvez ele só tenha surgido com a ideia do gabinete com a esposa número dois. Talvez a esposa número um tenha feito algo ainda mais imperdoável do que entrar na tal sala. A pior forma de desobediência: talvez ela tenha sido infiel, como a primeira esposa em *As mil e uma noites*, e foi por isso que ele a matou.

Então, depois disso, ele precisou testar cada uma delas, para ver se eram dignas. Só que nenhuma era.

Você fala isso tranquilamente, como se fosse uma brincadeira.

Eu devia ter percebido, na ocasião, que você não faz brincadeiras. Você nunca é tranquilo. Se eu não tivesse aceitado aquela terceira taça de vinho, talvez tivesse percebido e conseguido evitar tudo o que se seguiu.

— Parece que você acha que ela merecia o que lhe aconteceu.

— Claro que não. — Você fala rápido demais, insistente demais; sinal de que está mentindo. — Claro que não acho isso.

— Mas usou a palavra desobediência. — Estou ficando tonta ou é só impressão? — Essa é uma palavra horrível. E não foi uma promessa justa. Não se pode pedir a alguém que nunca entre num lugar que faz parte da própria casa.

— Homens precisam de lugares secretos, Clarissa.

— Precisam?

Chegamos à Abadia de Bath. A fachada oeste do prédio está iluminada, mas não consigo enxergar direito meus anjos caídos prediletos, esculpidos de cabeça para baixo na Escada de Jacó. A vertigem que começo a sentir deve ser igual à deles, com o mundo de cabeça para baixo.

Você segura meu braço.

— Clarissa? — você me chama, abanando uma das mãos diante dos meus olhos, sorrindo. — Acorde, dorminhoca.

Isso me ajuda a lembrar o ponto de vista que venho tentando defender, embora tenha de me concentrar muito para ao menos conseguir formar as frases.

— Devia haver segredos terríveis naquele gabinete. Era um lugar para as fantasias dele, onde as tornava reais.

Passamos pelas termas romanas. Imagino as estátuas de imperadores, governadores e líderes militares franzindo a testa para mim, do alto de seus pilares, desejando que eu me afogue na grande piscina esverdeada abaixo deles. Sinto gosto de enxofre, como a água mineral da fonte de Pump Room.

— Você sabe mais sobre “Barba-Azul” do que qualquer crítico, Clarissa. Deveria ser a professora. Deveria ter terminado aquele ph.D.

Faço que não com a cabeça. Mesmo depois de terminar o gesto, o mundo continua a girar de um lado para outro. Quase nunca falo sobre ter abandonado o ph.D. Fico me perguntando como você sabe disso, mas paro abruptamente, distraída por um anel na vitrine de uma loja. É um trançado de platina com diamantes brilhando. É o anel com o qual eu sonhava que Henry, um dia, me surpreenderia, mas ele nunca o fez. Focos de luz parecem se agitar dentro das

pedras preciosas como o sol reluzindo no mar azul. Pequenas luzes de Natal brancas e douradas rodeiam a vitrine e me ofuscam.

Você me puxa da vidraça e pisco como se você tivesse acabado de me acordar. Quando passamos pelas lojas fechadas e suas construções georgianas em um tom dourado envelhecido, não estou mais andando reto. Seu braço está em volta da minha cintura, guiando-me na direção certa.

Eu mal consigo me lembrar de ter entrado no metrô, mas já estamos subindo a colina íngreme e estou sem fôlego. Você me segura apertado, meio que me carregando. O reflexo dos diamantes e das luzinhas natalinas retornam, pequenos lampejos diante dos meus olhos. Como podemos já estar na porta dessa casa velha, onde moro no andar de cima?

Meu corpo vacila, como se eu fosse uma boneca de pano esquisita. O sangue corre para minha cabeça. Você me ajuda a encontrar as chaves, a subir a escada para o segundo andar, a enfiar mais duas chaves nas fechaduras da porta do meu apartamento. Fico parada ali, cambaleante, sem saber o que fazer.

— Não vai me convidar para tomar um café?

Essa sua pequena sugestão manipuladora, que vai de encontro à minha educação, é infalível. Penso na idiota da Branca de Neve abrindo a porta para a Rainha Má e praticamente tomando a maçã envenenada de suas mãos. Penso em Jonathan Harker atravessando por livre e espontânea vontade a soleira da porta do Drácula. Penso novamente em Barba-Azul e em seu gabinete repleto de sangue. Será que carregou cada nova esposa para o interior de seu castelo após elas terem pulado alegremente para seus braços? Mais tarde viria a sala de torturas que elas nunca imaginaram.

Tento sorrir, mas meu rosto não parece se mexer como deveria.

— Claro. Claro que vou. Deve entrar para tomar um café e se aquecer um pouco, enquanto chamo um táxi para você. Foi muita bondade sua me acompanhar até aqui na sua noite especial.

Estou tagarelando. Sei que estou tagarelando.

Paro diante da pia, deixando a água encher a chaleira.

— Sinto muito. — Minhas palavras não soam claras, parecem uma língua que mal conheço. — Estou sentindo minha cabeça meio esquisita.

É um tremendo esforço ficar de pé. Sinto-me como se fosse um pião. Ou é minha casa que estaria girando? Meu corpo parece líquido. Flutuo para baixo, minhas pernas dobrando-se num movimento fluido e agradável, até que percebo que estou sentada nos ladrilhos de ardósia de minha pequena cozinha. A chaleira continua em minhas mãos, soltando água pelo bico.

— Estou com muita sede.

Embora as gotículas de água salpiquem meu vestido, não consigo imaginar como colocar um pouco do líquido na boca.

Você encontra um copo e o enche. Ajoelha-se a meu lado, fazendo-me beber como se eu fosse uma criancinha tomando mamadeira. Com o dedo indicador, você colhe uma gota que escorre do meu queixo e a coloca em seus lábios. Ainda seguro a chaleira com as duas mãos.

Você se levanta novamente para pousar o copo e fechar a torneira. Curva-se para pegar a chaleira.

— Fico magoado por achar que não confia em mim. — Posso sentir sua respiração em meu cabelo, enquanto fala.

Você me põe de pé, sustentando meu peso. Minhas pernas mal funcionam enquanto você me leva na direção do quarto. Você me põe sentada na beira da cama e se agacha diante de mim, deixando que me apoie em você para evitar que eu caia para a frente. Não consigo manter as costas retas. Estou em prantos.

— Não — sussurra, alisando meu cabelo e murmurando que ele é muito macio, secando com beijos as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. — Deixe eu deitar você na cama. Sei exatamente o que fazer.

— Henry... — tento dizer.

Falar parece algo muito difícil, como se eu tivesse esquecido como se faz.

— Não pense nele. — Você parece irritado. Olha intensamente nos meus olhos, tanto que preciso fechá-los. — A pintura de Munch. Sei que pensava em nós dois, imaginando que estivéssemos juntos. Nós dois estávamos pensando nisso.

Estou completamente mole. Sinto como se fosse feita de ondas. Deslizo para trás. Tudo que eu quero é deitar. Alguma coisa se agita dentro da minha cabeça, feito uma onda. Sinto nos ouvidos o pulsar de um tambor — meu próprio coração, batendo cada vez mais forte.

Suas mãos estão na minha cintura, barriga, quadris, lombar, avançando sobre meu corpo enquanto você solta meu vestido transpassado.

O único homem que eu quis que tocasse nesse vestido foi Henry. Eu o costurei para meu jantar de aniversário, sete meses atrás. Embora nós dois soubéssemos que estava tudo acabado, ele não quis que eu comemorasse trinta e oito anos sozinha. Nossa última noite juntos. Um jantar de despedida, com sexo de despedida. Esse vestido nunca teve nada a ver com você.

Estou tentando afastá-lo, mas meus esforços têm o mesmo impacto dos de uma criança. Você puxa o resto do vestido, deslizando-o pelos meus ombros. Então o quarto parece tombar, e tudo que se segue é obscuro. Imagens despedaçadas de

um pesadelo que não quero lembrar.

\* \* \*

Ela estava tão absorta escrevendo que o estalo do microfone do funcionário do tribunal acabou fazendo escorregar de suas mãos a caneta, que rolou pela área silenciosa onde estava sentada.

— As pessoas a seguir, por favor, queiram se aproximar à bancada para o julgamento que está prestes a começar no tribunal 12.

Seu nome foi o primeiro a ser chamado, dando-lhe um susto como se tivesse levado um choque. Ela enfiou o caderninho de anotações na bolsa como se o objeto fosse a prova de um crime, algo com o qual não queria ser vista.

Dois minutos depois, estava correndo com os outros atrás do oficial de justiça. Uma porta pesada abriu-se de repente, e eles estavam nas profundezas do prédio, subindo vários lances de uma escada de concreto fria, com correntes de ar, percorrendo o linóleo de uma sala de espera pequena e superiluminada, depois tropeçando por outra porta. Piscou várias vezes ao se dar conta de que estavam na sala do tribunal. Seu nome foi chamado novamente e ela se instalou na fila de trás.

Henry teria recusado a Bíblia, mas Clarissa pegou-a com o oficial de justiça sem vacilar. Embora sua voz soasse fraca, ela pretendia cumprir cada palavra do juramento.

Sentada ao lado estava uma mulher gordinha, de cabelo preto, usando um colar com seu nome em ouro branco: *Annie*. Como se através de uma névoa, Clarissa olhou mais à direita, onde cinco réus estavam sentados a apenas alguns metros, rodeados por policiais. Annie observava os homens com interesse evidente, como se quisesse que eles notassem seu olhar.

O juiz dirigiu-se aos jurados.

— Este julgamento durará sete semanas.

*Sete semanas*. Nem em sonho imaginou que teria tanta sorte.

— Se alguém tiver algum motivo de força maior que o impeça de servir a este júri, por favor, entregue um aviso ao oficial de justiça antes de ir embora. Amanhã, a Coroa fará seus comentários iniciais.

Ela tateou à procura da bolsa, puxou a saia para baixo ao se levantar, para ter certeza de que não tinha subido, e seguiu cambaleando atrás dos outros. Ao passar pelo banco dos réus, notou que, se ela e o acusado mais próximo esticassem o braço, quase poderiam se tocar.

\* \* \*

Arrancou as luvas ao embarcar no trem, encontrou o último assento vazio e pegou o celular. Uma onda de mal-estar percorreu seu corpo. Quatro mensagens. Uma de sua mãe. As outras eram de Rafe. Na verdade, ele precisou se controlar muito para conseguir parar na terceira mensagem.

Ela não sorriu, como normalmente faria, quando leu a da mãe — *Só café não é café da manhã*. Não conseguiria se acostumar àquelas curtas mensagens seguidas que ele mandava, por mais inofensivas que pudessem parecer a qualquer outra pessoa.

*Espero que esteja dormindo. Espero que esteja sonhando comigo.*

*Minhas ligações continuam caindo na sua caixa postal. Vou ligar mais tarde.*

*Você vai precisar de sucos, frutas e coisas com vitaminas. Vou ao seu apartamento.*

Ela queria uma amiga a quem pudesse recorrer, a quem pudesse mostrar as mensagens; queria uma amiga que lhe dissesse o que fazer. Costumava ter amigas antes de Henry e os tratamentos de fertilidade tomarem conta de sua vida; antes que deixasse um homem casado largar a esposa por ela; antes de outras mulheres deixarem de confiar nela; antes de perceber que era duro demais enxergar a desaprovação em seus rostos e ver a própria perplexidade do que fizera espelhada neles.

Henry e as amigas dela não se davam bem, mas, mesmo assim, ela deveria ter encontrado um jeito de obedecer àquela regra primordial, a tal que diz que você nunca deve deixar um relacionamento interferir em suas amizades. Agora Henry se foi, e Clarissa sentia-se envergonhada demais para procurar as amigas novamente. Nem mesmo tinha certeza se as merecia, ou se elas a tinham perdoado.

Pensou na mais antiga delas, Rowena, a quem não via fazia dois anos. As mães das duas tinham se conhecido na maternidade, aninhando seus bebês recém-nascidos enquanto olhavam o mar das janelas do último andar do hospital. Elas brincavam juntas quando crianças. Frequentaram o mesmo colégio. Mas Rowena foi mais uma amiga que não se deu bem com Henry. Contudo, ambas haviam crescido e se tornado pessoas tão diferentes que talvez Henry tivesse apenas apressado um rompimento inevitável.

Tentou não sentir pena de si mesma. Precisava se esforçar mais em fazer novas amizades. E, se não tivesse amigas a quem pedir conselhos, no momento, pelo menos tinha os serviços de ajuda psicológica pelo telefone; os folhetos



informativos chegaram no sábado, apenas um dia após ela ter ligado para lá.

Clarissa enviou uma mensagem para ele em resposta. *Não venha. Não quero ver você. Muito contagioso.*

Assim que apertou enviar, arrependeu-se. Lembrou-se do aviso que cada folheto repetia diversas vezes. *Se possível, não fale com ele. Não mantenha nenhum tipo de contato.* Ela sabia que as amigas que havia perdido também teriam dito aquilo.

Clarissa desejou não ter lhe dado o número do celular. Nada mais havia funcionado para se livrar dele na manhã após o lançamento do livro. Nem vomitar no banheiro, fazendo barulho suficiente para que ele ouvisse. Nem tomar três analgésicos, bem na frente dele, numa tentativa de que sua cabeça latejasse menos. Nem mesmo sua visível tremedeira o fez perceber que ela estava tão indisposta que ele precisava ir embora. Dar seu telefone tinha sido o último recurso para fazer com que ele a deixasse em paz — se ao menos ela tivesse tido a ideia de inventar um número falso. Mas estava passando muito mal para raciocinar direito.

Ligou para Gary. Motivo de força maior, dissera o juiz. O que poderia ser isso? Gravidez, talvez. Ou amamentação. Ela não tinha nenhum motivo de força maior. Um chefe que ficaria ligeiramente incomodado com sua ausência não era um motivo de força maior.

Clarissa tentou parecer chateada, como se algo chocante lhe tivesse acontecido.

— Pensei que seriam apenas nove dias. Duas semanas, no máximo. Era o que dizia todo o material que nos mandaram, mas, de algum modo, fui escolhida para um julgamento de sete semanas. Sinto muito.

— Não lhe deram uma chance de dizer que não podia? Você é fundamental para esta universidade.

Ela não conseguiu segurar uma risada.

— Não sou, não. Não como doutores ou professores. Nem mesmo eles escapam deste tipo de coisa. Nem sequer juízes. A secretária do chefe da graduação dificilmente é uma funcionária essencial... embora, é claro, eu esteja comovida com sua incomparável visão sobre a importância do meu cargo.

— Mas você não respondeu à minha pergunta. — Em raras ocasiões, Gary conseguia adotar um tom de voz sério, de chefe, com ela. — Não lhe deram uma chance de se livrar disso?

Ela não se sentiu mal por mentir.

— Não.

Estava em casa; o trem estava parando em Bath. Sua pele formigou, normalmente um alerta infalível de que estava sendo vigiada, mas sabia que Rafe não estava no vagão. Também não conseguia vê-lo na plataforma.

— Não, não deram.

## TERÇA-FEIRA

A fumaça do trânsito fazia seus olhos arderem. Ela estava caminhando da estação de Bristol Temple Meads para o tribunal, e as ruas eram tão largas e parecidas entre si que pensou estar perdida.

Tentava se concentrar no caminho, os poucos pontos de referência conhecidos — lembrava-se daquela parede roxa à direita, do dia anterior —, mas Rafe parecia predominar sobre os demais pensamentos, como sempre.

Sexta-feira, 30 de janeiro, 10h.  
(Quatro dias antes)

É meu último dia no trabalho antes de me ausentar para ser jurada; meu último dia evitando você. Na segunda-feira, desaparecerei no prédio do tribunal e você não saberá onde estou.

Apoio meus documentos e relatórios em uma das cadeiras de madeira presas ao chão do amplo auditório e minha bolsa em outra. Instalo-me no assento entre elas, esperando que essas pequenas manobras o impeçam de se sentar a meu lado. Qualquer outra pessoa compreenderia este sinal como uma necessidade de espaço e o respeitaria. Mas não você. Claro que, tratando-se de você, não é o que acontece. Você não respeita nada.

Está parado a meu lado, dizendo “Olá, Clarissa”, enquanto coloca minha papelada no chão e se senta. Estou furiosa com Gary, de um modo injusto e irracional, por ter insistido para que eu o substituísse. Você está no assento ao lado do corredor, tornando minha fuga mais difícil — fui uma idiota em não ter previsto isso.

Você me encara fixamente, os olhos tremendo. Não há como fugir deles. Quero colocar as mãos no rosto, me cobrir. Suas bochechas ficam vermelhas, depois pálidas, depois vermelhas de novo, com a intensidade do pisca-pisca de um carro

fazendo a curva. Detesto perceber quanto minha presença afeta seu corpo.

E vice-versa. Minha temperatura sobe e meu peito dói tanto que tenho medo de parar de respirar. Sinto que posso desmaiar na frente de todo mundo ou acabar vomitando. Deve ser um ataque de pânico.

O pé-direito é alto. As luzes fluorescentes estão pontilhadas com cadáveres carbonizados de insetos. Embora estejam muito acima da minha cabeça, as lâmpadas queimam o topo do meu crânio. Mesmo no inverno, as moscas sobrevivem no espaço aquecido do sótão do prédio. Consigo ouvir uma delas zunindo e fritando, incapaz de escapar da armadilha provocada pela luz. Receio que caia em cima de mim. Mas prefiro uma mosca a você.

Você toca no meu braço e me encolho para longe com o mínimo de violência possível, apenas o pouco que não consigo evitar. Você sussurra:

— Sabe que adoro seu cabelo desse jeito, afastado do pescoço. Seu pescoço é tão lindo, Clarissa. Prendeu o cabelo por minha causa, não foi? E o vestido também. Sabe como adoro você vestida de preto.

Não consigo mais aguentar isso. Simples assim. Como se a tampa de uma panela de pressão tivesse explodido, levanto-me de um pulo, abandonando minha papelada, tropeçando em seus pés e suas pernas. Você aproveita — é claro você sempre faz isso — e põe as mãos na minha cintura, fingindo ajudar a me equilibrar. Afasto seus dedos com um tapa, sem me importar se insulto o reitor, que interrompe seu discurso de abertura enquanto todas as cabeças no auditório se viram para me ver sair apressada dali. Isso me faz querer chorar, sabendo que sou eu quem parece descontrolada, em vez de você.

De algum jeito, consigo fugir do campus e me encontro no centro de Bath, cambaleando ao longo da caminhada quase automática para os Assembly Rooms. Não sigo minha habitual descida ao subsolo pouco iluminado, meu lugar favorito, onde vestidos de centenas de anos estão expostos; são tecidos em prata e dourado, brocados em seda que parecem tremeluzir, adornados com joias. Em vez disso, caminho direto pelo hall de entrada verde, entre as colunas de mármore em um tom claro de mel, e paro do lado de fora do Great Octagon.

O salão está fechado. Um cartaz explica que, mais tarde, ocorrerá ali um evento privado. Mas passo pelas portas duplas como se tivesse o direito de fazer aquilo, fechando-as às minhas costas. Aqui está silencioso e tranquilo, entre essas oito paredes de pedra. A luz suave cai sobre mim vinda através das janelas envidraçadas. Pego meu telefone, respiro fundo e digito o número de emergência.

— Emergência policial. — A saudação da atendente é cantarolada e alegre, como se ela trabalhasse numa loja de roupas e eu fosse uma cliente.

Não sei o que dizer. Consigo um “alô”, embora esteja respirando pesadamente. Devo parecer alguém que está passando um trote.

— Qual sua emergência, por favor?

De seu retrato, no alto, a rainha Carlota dirige seu olhar gentil para mim, como se quisesse me incentivar.

— No trabalho, esta manhã... Um colega...

— Houve um incidente em seu local de trabalho?

Tento explicar. *Ele se sentou ao meu lado durante uma reunião, e eu não queria que fizesse isso. Ficou cochichando no meu ouvido. Invadiu meu espaço. Ele me perturbou.*

— Certo. Você está com esse homem agora?

Os olhos da rainha Carlota me acompanham, preocupados, enquanto dou a volta no salão.

— Não. Mas ele está me perseguindo o tempo todo. Não consigo me livrar dele.

— Ele a machucou fisicamente?

Os integrantes da família Drake estão muito felizes, me olhando de sua moldura dourada e trabalhada, diante de uma bela paisagem do século XVIII com seus filhos bem-comportados.

— Não.

— Ele já abusou de você fisicamente?

O bebê Drake, tão doce, no colo da mãe, não deveria estar ouvindo isso.

— Não — repito, após uma longa pausa.

— Ele já a ameaçou abertamente?

Mais uma vez, hesito.

— Não, abertamente não. Mas me sinto ameaçada perto dele.

— Você está em perigo no momento?

Olho para o alto, bem alto, acima do elegante friso de gavinhas entrelaçadas, esticando o pescoço. O capitão William Wade posa com seu casaco vermelho oficial e me encara de um modo desaprovador.

— Não.

— Posso perceber que você está transtornada, e isso é compreensível. Mas sua vida não está em risco. Nosso serviço é exclusivo para emergências em que as vidas das pessoas estão em risco.

O salão parece menor, dando a impressão de que aquelas belas paredes amarelo-claras estão se aproximando.

— Desculpe.

O pé-direito não parece mais tão alto. Não há oxigênio suficiente aqui.

— Não precisa se desculpar. Mas acho que vai conseguir lidar melhor com a situação se ficar mais calma. — Ela obviamente acha que estou histérica.

Há quatro pares de portas duplas marrons no Great Octagon. Um par se abre com força. Um turista de meia-idade entra aos tropeços, me dá uma olhada e rapidamente recua, fechando as portas ao sair.

— Estou calma. — As palavras saem como um grunhido estridente.

— Vejo que você fez esta ligação com boas intenções. — A atendente com certeza acha que sou uma maluca que está fazendo com que ela perca tempo.

Meu rosto está vermelho e quente.

— Eu não sabia a quem mais recorrer. Pensei que vocês estavam aí para isso.

— Dá para notar que você está angustiada. Já pensou em procurar seu médico?

— É óbvio que ela acha que sou completamente louca.

Encosto a testa no gesso trabalhado da cornija de uma das lareiras.

— Meu médico não vai fazer com que ele me deixe em paz.

A voz da atendente é suave, quase pesarosa.

— A polícia só pode agir quando existem provas de que um crime foi cometido. Pelo que está me contando, não houve um crime. Não estou dizendo que não acredito em você, mas você não tem provas. E, por mais que eu queira ajudá-la, você não corre risco de morte, portanto, nessas circunstâncias, não posso mandar ninguém até aí.

Jorge III olha para o lado.

— Está me dizendo que ele tem de me machucar antes de vocês me ajudarem?

— Estou dizendo que nada pode ser feito nessa fase. Há centros especializados e serviços de ajuda psicológica por telefone que podem aconselhá-la sobre como documentar se alguém estiver assediando e seguindo você frequentemente. Você vai precisar tomar a iniciativa quanto a juntar provas, se quiser colocar um fim ao que ele está fazendo. Entre em contato com essas organizações. É a melhor medida que pode tomar neste momento.

Encerro a ligação e sento por alguns minutos no chão de madeira desgastado. Acima, está o imenso lustre de cristal. Penso que ele pode cair na minha cabeça. Fico de pé, meus joelhos estão duros e doloridos, e me apresso para sair do Great Octagon, lançando um último olhar à rainha Carlota, antes que me descubram ali e me expulsem.

Ela ficou aliviada quando a visão do prédio do tribunal a arrancou do passado. De algum jeito, havia conseguido chegar lá, apesar de ter ficado tão absorta nas lembranças ruins que acabou errando uma entrada e caminhou por vinte minutos até perceber que tinha de voltar. Era apenas o segundo dia, mas estava preocupada que o juiz fosse rigoroso com atrasos e a dispensasse antes mesmo de o julgamento começar. Ela praticamente tropeçou na bancada do júri.

Um fichário com aros de metal encontrava-se em cima da mesa que ela dividia com Annie. Juntas, abriram-no e leram as folhas com as acusações. *Sequestro. Cárcere privado. Estupro. Formação de quadrilha para tráfico de drogas.* Palavras dramáticas, chocantes. Palavras que a fizeram se questionar como tinha acabado em um lugar como aquele.

O promotor de justiça não devia ter mais de cinquenta anos. As rugas em seus olhos sugeriam um homem bem-humorado, mas o Sr. Morden estava completamente sério quando se dirigiu aos jurados.

— Vou lhes contar uma história. Uma história verídica. E ela não é muito bonita. É a história de Carlotta Lockyer, e o que aconteceu com ela não foi um conto de fadas.

Quatro dos cinco réus tomavam o cuidado de olhar para baixo, como se tentassem, educadamente, não bisbilhotar uma conversa que nada tinha a ver com eles.

— Um ano e meio atrás, no último sábado de julho, Samuel Doleman saiu para passear com alguns amigos.

Os olhos cinzentos de Doleman não se deixaram afetar, fixos num ponto diante dele, embora o rosto estivesse pálido. O cabelo ruivo estava tão curto que Clarissa conseguia enxergar seu couro cabeludo. Isso o fazia parecer vulnerável. As sardas contribuíam para aquele efeito.

— Ele os levou de Londres a Bath numa van. Estavam numa caçada. Sua presa, Carlotta Lockyer.

Clarissa lembrou-se exatamente do que fizera naquela data. Ficou imaginando se mais alguém no tribunal, fora os réus, também se lembrava. Ela acabara de fazer sua quarta tentativa de fertilização *in vitro*. Vinte e oito de julho foi a data do último teste de gravidez em que ela falhara. Repassou a tensa viagem de carro para Londres, bem cedo, na manhã de sábado, para tirar sangue no laboratório. Talvez ela e Henry até mesmo tivessem seguido a van ao pegarem a estrada de volta para Bath naquela tarde. Clarissa, arrasada e aos prantos, após a ligação da clínica. Henry, pensativo e calado.

— Se olharem para os monitores, verão imagens de uma câmera de segurança

nas quais os réus aparecem na entrada do apartamento da Srta. Lockyer.

Clarissa mexeu um pouco o corpo tentando retomar a concentração, desejando que seu coração batesse mais devagar. Conhecia aquele edifício. O prédio ficava a dez minutos de caminhada do dela. Se, na manhã anterior, Rafe a tivesse abordado poucos minutos mais tarde, eles teriam conversado bem na frente dele.

Apesar das imagens de baixa qualidade, ela conseguiu ver os homens se movimentando por ali, circulando inquietos, espiando através da porta de vidro, batendo nela com os punhos, mexendo na maçaneta.

Imaginou Rafe fazendo o mesmo na porta dela. A Srta. Norton reclamaria disso, se ele se atrevesse a se comportar assim. A Srta. Norton era a velhinha que morava no apartamento do térreo. Apenas Clarissa e a Srta. Norton moravam no prédio: o apartamento do primeiro andar vivia vazio, era um imóvel comprado como investimento por um australiano rico que raramente o usava.

— A Srta. Lockyer, evidentemente, não está em casa. Para o azar dela, o Sr. Doleman e seus amigos não desistem assim tão fácil.

O mesmo podia ser dito de Rafe. Clarissa tomou seu café, o mesmo de todas as manhãs, mas hoje parecia azedo.

— Eles a procuraram. Encontraram-na. Seguiram-na. Atacaram-na. Arrastaram-na em uma aterrorizante viagem de Bath a Londres, para as trevas de seu mundo sádico.

Mais uma vez, ela pensou em ir à polícia para fazer uma queixa dele. Mais uma vez, ela viu claramente o que aconteceria se agisse assim: acabariam pensando que a culpa era dela, que tinha provocado aquilo.

Ele diria que ela gostava de atenção. Diria que ela foi à sua festa e queria dormir com ele. Diria que ela o convidou para ir à sua casa. Provavelmente havia gravações de câmeras de segurança dos dois subindo a colina naquela noite, o braço dele em volta dela.

Pensou novamente nos alertas dos folhetos: *Se houver qualquer dúvida de que você está falando a verdade, isso pode abalar seu caso e sua credibilidade.* Mas, na verdade, seria sua palavra contra a dele.

Lembrou-se de algo no qual normalmente evitava pensar. Tinha quinze anos e estava voltando da escola com Rowena. Uma garota estranha, na beira da praia, lhe deu um soco na barriga, tomou sua mochila e a derrubou no chão antes de fugir correndo. A sensação era que tudo havia acontecido ao mesmo tempo. A única coisa que Clarissa podia fazer era tentar recuperar o fôlego enquanto Rowena se agachava a seu lado, abraçando-a.

Seus pais a levaram à delegacia e a fizeram relatar o incidente, mas a



delegada, mal-humorada e antipática, claramente pensou que se tratava de uma briga entre duas adolescentes com a qual não valia a pena perder tempo, e toda hora perguntava o que Clarissa tinha feito para provocar aquela situação. Ela estava se exibindo? Mostrando coisas valiosas para parecer superior diante da outra? Discutiu por causa de algum rapaz? Clarissa deixou a delegacia com as bochechas vermelhas e o rosto queimando, sentindo-se uma criminosa.

*Um caso aleatório de violência.* Foi assim que Rowena chamou o que aconteceu, depois do ataque, enquanto segurava a mão dela. Clarissa, porém, não tinha tanta certeza. Devia haver algo nela que tinha atraído a atenção daquela garota. E algo nela para atrair, também, Rafe. Certamente, quando se tratava dele, nada era aleatório.

Seus olhos doíam. Por um segundo, fechou-os bem apertados. Os ombros estavam retesados. O homem sentado diante dela era irritantemente alto, com bem mais de um metro e oitenta; ela tinha de esticar o pescoço para enxergar o rosto do Sr. Morden acima de seu cabelo castanho cortado à máquina; tinha sido igual no dia anterior. Após as sete semanas do julgamento, ela iria precisar de um quiroprático.

O homem levantou-se e lhe fez um pequeno sinal com a cabeça, dando-lhe a preferência ao deixarem a sala. Ela notou sua postura: parado com firmeza, os pés meio metro separados entre si e perfeitamente paralelos, o peso todo apoiado nos calcanhares, os braços cruzados sobre o peito. Ela nunca tinha visto alguém com a postura tão ereta parecendo tão à vontade.

Qualquer tipo de agradecimento só poderia ser feito em silêncio no tribunal 12, mas parecia importante se apegar a pequenas gentilezas com alguém assim. Clarissa foi antes dele, fazendo um pequeno movimento com a cabeça e dando um quase sorriso, retribuindo o gesto dele com a mesma educação.

Terça-feira, 3 de fevereiro, 18h.

Não dura. Claro que não dura. É até espantoso que a mentira sobre a doença tenha me dado um dia longe do seu escrutínio. Passaram-se apenas trinta e quatro horas, mas, ainda assim, é a folga mais longa que tive de você em semanas.

Você diria que é uma carta de amor. Eu chamo de carta de ódio. Seja qual for o nome, está na prateleira dentro de um inofensivo envelope pardo, cuidadosamente disposta pela sempre alerta Srta. Norton.

*Nenhum outro homem poderá fazer com você o que eu posso. Nenhum outro*

*homem amará você como eu amo.*

Pelo menos uma vez na vida, quero que suas previsões se realizem.

## QUARTA-FEIRA

Quarta-feira, 4 de fevereiro, 8h.

Quando abro a porta de casa, você está tão perto que sinto o perfume do seu sabonete e do seu xampu. Cheira a frescor e limpeza. Notas de maçã, lavanda e tangerina.

Cheiros que até me agradariam, se não estivessem vindo de você.

— Está melhor, Clarissa?

Honestidade não é algo que você possa entender. Não é algo que você mereça de mim. Mas serei honesta falando com você pela última vez antes de me recusar a falar com você de novo. Esta manhã será muito diferente da última segunda-feira.

Falo com calma, num tom de voz educado. Está longe de ser a primeira vez que digo isso.

— Não quero que você se aproxime de mim. Não quero ver você. Não quero ter nada a ver com você. Nenhum tipo de contato. Nada de cartas. Nada de presentes. Nada de telefonemas. Nada de visitas. Não venha novamente à minha casa.

Meu discurso é perfeito. Exatamente como ensaiei. Eu me afasto, apressada, sem olhar para trás, embora sua imagem na minha mente esteja perfeitamente nítida.

Você mede um metro e oitenta e é pesado. Sua barriga era reta, mas deve andar bebendo muito, pois já não é mais. Seus quadris, durante o último mês, também ficaram mais largos. O nariz parece comum no meio desse rosto redondo e rechonchudo, agora sem definição.

Acima de qualquer outra coisa, você é apagado. Sua mente, apagada. Sua alma, apagada. Seu corpo, apagado. Sua pele é tão apagada que você enrubesce facilmente, indo do branco ao vermelho num instante. Seu cabelo castanho apagado é liso e curto, e um tanto cheio. É excepcionalmente macio e sedoso para cabelo de homem. Suas sobranceiras também castanhas, apagadas. Seus olhos de um azul apagado, aguado. São pequenos. Os lábios são finos. E apagados,

também.

Você toca meu braço e eu me livro com uma sacudida, fazendo o trajeto até o táxi, que me espera.

— Vim ver como você está — diz, como se eu não tivesse falado nada. — Seu telefone ainda está desligado. Fico preocupado quando não consigo falar com você.

Em sua companhia, o caminho em meio às roseiras da Srta. Norton parece comprido, mas devo tê-lo cruzado rapidamente porque já estou diante do táxi.

Abro a porta traseira e entro, tentando fechá-la, mas você a segura antes que eu consiga.

— Chegue para lá, Clarissa. Eu vou com você.

Você está curvado. Sua cabeça e seu tronco já estão dentro do carro. Consigo sentir o cheiro da sua pasta de dentes. A menta é forte. Deve ter usado enxaguante bucal, também.

A calma que treinei com tanto cuidado se desfaz.

— Este homem não está comigo — digo à motorista, que também me apanhou ontem de manhã. — Não quero que ele entre no carro.

— Pare de chatear a moça. Saia do meu carro ou vou chamar a polícia, porra.

Durante toda a minha vida adulta, minha mãe me disse que motoristas de táxi veem como parte do seu trabalho proteger as passageiras; sabem que é por isso que elas pagam para andar de táxi. Minha mãe geralmente tem razão, e tenho sorte desta vez. Para ela, os motoristas de táxi são salvadores heroicos, sempre homens grandes e corpulentos.

Neste caso, a motorista é uma mulher, de meia-idade e baixinha, mas robusta, durona e com uma aparência destemida, com um belo cabelo grisalho curtinho e espetado, que, acredito, ela nunca pensou em pintar. Veste jeans e um suéter felpudo laranja. Agora ela não demonstra o calor e a animação que encheu o carro durante a breve viagem de ontem. Está abrindo a porta do motorista, mostrando a você que ela não está blefando.

Você tira a cabeça e o tronco do interior do automóvel e fica parado a poucos centímetros, então bato a minha porta e a motorista faz o mesmo com a dela.

Você dá um soco na capota.

— Como pode me tratar assim, Clarissa?

A motorista aperta o botão para baixar o vidro da porta do carona, grita uma ameaça para você e acelera.

— Clarissa? Clarissa! Eu não mereço isso, Clarissa.

Ainda me recuso a olhar para você. Estou tentando ao máximo obedecer às

orientações, fazer isso direito. Consigo enxergar, com minha visão periférica, que você está correndo ao lado do táxi até o final da rua, dando tapas nas árvores e nos postes ao passar por eles. Consigo ouvir você gritar meu nome. A motorista murmura algo sobre quanto você é um idiota maluco do cacete. Pede desculpas pelo linguajar, e eu faço o mesmo por lhe causar um incômodo desses. Dizemos uma à outra que não é preciso se desculpar, embora eu saiba que o pedido dela é apenas por educação, enquanto o meu é, de fato, necessário. Eu lhe agradeço por ela ser tão legal.

Antes de deixar o táxi, pego o cartão dela: pode ser uma testemunha contra você.

Apesar do suor nas costas e na testa, mesmo no frio da manhã, acho que o dia começou com um razoável sucesso, considerando que tive de lidar com você.

Conforme avanço aturdida pela estação, meu novo telefone apita, avisando que recebi um e-mail. Eu me viro para a tela feito uma garotinha que se atreve a se olhar num espelho, no escuro, com medo de que apareça o rosto de um monstro. Para minha surpresa, o e-mail é de Rowena, quebrando um longo silêncio. Ela visitará Bath hoje à noite e exige minha presença num restaurante francês em que nunca estive, mas que Henry, certa vez, disse que era horrível. Respondo *Estarei lá* e mando dois beijos. Desligo o telefone e entro no trem para Bristol.

\* \* \*

Era evidente que o banco das testemunhas estava posicionado de modo que seus ocupantes ficassem de frente para o júri. Ainda assim, a mulher parecia muito distante. Diante dos jurados havia um nível mais baixo, como um fosso de orquestra, com doze advogados usando perucas brancas e becas pretas. Clarissa tinha de olhar por cima de todos eles para enxergar a testemunha.

Ela era extremamente magra, parecia frágil de um jeito preocupante. Maços do rosto proeminentes. Nariz pequeno e reto. Lábios carnudos e rosados. Queixo delicado. Sobrancelhas arqueadas. Pequenas orelhas em formato de concha que pareciam pertencer a uma fada. Seu cabelo louro-escuro estava preso num rabo de cavalo curto.

Porém, quanto mais Clarissa prestava atenção, mais percebia que a beleza etérea da mulher não estava intacta. Sua pele era muito fina, muito transparente. A boca, que transmitia certa resolução, e as rugas em volta dos olhos verdes e enormes fizeram Clarissa repensar seu palpite de que a mulher tinha vinte e muitos anos. Ela tinha passado por alguma experiência que havia mudado sua

vida para pior.

— Ela se parece com você — cochichou Annie. — Só precisaria deixar crescer mais o cabelo, aí vocês passariam por gêmeas. Mas ela é a irmã má. Ela é durona.

E, provavelmente, dez anos mais nova do que eu, pensou Clarissa.

A mulher deu um gole no copo de água que o oficial de justiça lhe servira, fazendo um gesto sutil de agradecimento com a cabeça. Sua pele estava tão pálida que contrastava muito pouco com a blusa branca de lã fina que usava. O tecido não esquentava muito; ela devia estar arrepiada. Suas mãos tremiam ao segurar a Bíblia. Sua voz estava embargada enquanto fazia o juramento.

O juiz falou:

— O fato de que há um biombo azul impedindo os réus de ver a Srta. Lockyer não deve influenciar a opinião de vocês sobre eles. Trata-se de um procedimento bastante comum no tribunal, apenas para deixar as testemunhas mais à vontade. Não tem nenhum outro significado.

Clarissa assentiu em concordância, olhando para o juiz em seu assento elevado. Ela pôde ver que os outros haviam virado a cabeça para a esquerda para fazer o mesmo. Mas não tinha certeza se havia acreditado nele.

— Esta testemunha precisará de um intervalo a cada quarenta e cinco minutos — informou o juiz.

A mulher assentiu para ele com gratidão e, em seguida, as coisas realmente começaram. Carlotta Lockyer parecia ser a única pessoa na sala. E, embora o Sr. Morden também estivesse falando e fazendo perguntas, ele e todos os demais pareciam ter desaparecido. Havia apenas a voz da Srta. Lockyer.

\* \* \*

Comecei a traficar para Isaac Sparkle, no penúltimo verão, para sustentar meu vício. Em uma semana, eu mesma tinha fumado tudo e estava sem dinheiro. Pensei que, se eu ignorasse o problema, se evitasse encontrar aquele homem, aquilo deixaria de existir.

No sábado, vinte e oito de julho, eu estava indo para casa. Tinha saído para cometer alguns furtos em lojas, mas, no fim das contas, não consegui nada. Havia uma van branca na minha rua, estacionada com duas rodas na calçada. Quando fiquei na frente dela, um dos mensageiros de Sparkle, Antony Tomlinson, saiu do automóvel. Sparkle desceu de trás, com um dos seus traficantes, Thomas Godfrey.

Sparkle disse:

— Coloquem ela na porra da van.

Eles me agarraram e me forçaram a entrar.

Sally estava no banco de trás. É uma prostituta, mais uma usuária. A van parou depois de mais ou menos cinco minutos. Godfrey disse para Sally:

— Cai fora daqui, porra.

Não tinha maçaneta na porta traseira. Sally teve de passar pelos bancos da frente, por cima de Tomlinson, para sair pela porta do carona. Eu gritei, implorando para me deixarem ir embora também, mas eles me levaram para a via expressa.

Godfrey me mandou calar a boca. Bateu no lado da minha cabeça. Depois pegou um daqueles isqueiros verdes descartáveis. A chama estava alta. Aproximou o fogo do meu brinco direito. Pude sentir a argola esquentar, queimar mesmo. Eu chorava. Pedia para ele parar.

No caminho, paramos para apanhar outro homem. Ele entrou na van e disse:

— Vocês a pegaram. Ótimo.

O motorista, Doleman, disse:

— Alguém deveria arrombar o cu dela. Dar uma lição nela.

Eles me levaram para um apartamento na periferia de Londres. Não havia eletricidade. Muito frio. A única luz vinha de um poste, do lado de fora da janela da sala. O rapaz que eles pegaram colocou uma música para tocar no seu telefone. Eles gritavam:

— Tire a roupa e dance.

Eu implorava para não me forçarem a fazer aquilo. Godfrey me deu um soco no estômago.

— Faça o que eles mandam.

Eu estava chorando, mas não era realmente um choro, ele tinha me deixado sem ar.

Tirei minha roupa e dancei. Não consigo descrever quanto me senti humilhada. Como se eu fosse um animal obrigado a atuar em um circo.

— Ela não está nem me deixando de pau duro — falou Godfrey.

— Vamos te ensinar um pouco de disciplina, como meu pai me ensinou — disse Sparkle.

Tive de ficar apoiada num pé só e manter os braços estendidos. Ainda estava nua. Eles gritavam animados como se estivessem num jogo de futebol. Olhem as tetas dela balançando. Olhem a boceta cabeluda dela. Eu queria me cobrir, me curvar, mas, se baixasse os braços ou me apoiasse na outra perna, levava uma pancada com uma vassoura.

Eu queria muito colocar minhas roupas de volta. Para impedir que eles ficassem me olhando daquele jeito. E também porque eu já estava havia mais tempo do que o normal sem heroína ou crack, e a abstinência faz você sentir ainda mais frio.

Eles disseram que eu só ia receber minha roupa de volta se merecesse e que, para isso, precisava fazer flexões. A cada sequência de dez, eu ganhava uma peça, mas tinha apenas dez segundos para colocá-la. Eles contavam juntos, berrando os números. Eu tinha de começar outra série assim que terminavam de contar. Consegui o sutiã, a calcinha, a blusa e o jeans. Não tive tempo de vestir nenhum deles direito.

Tomlinson e Doleman saíram para uma boate. Me sentaram numa cadeira. Godfrey e o rapaz que fora apanhado dormiram no sofá, Sparkle na outra cadeira. A porta estava trancada. Eu não ousava me mexer.

Eram cerca de três da madrugada quando Tomlinson e Doleman voltaram. Tomlinson me segurou pelas axilas, Doleman agarrou minhas pernas e os dois me carregaram para o quarto, depois me jogaram num colchão. Tomlinson imobilizou meu tronco e meus braços enquanto Doleman puxava o jeans e a calcinha. Eu não parava de dizer não e implorar para que parassem. Mas eles não pararam. Eles me estupraram.

Doleman em minha vagina e Tomlinson em minha boca. Então trocaram de lugar. Doleman ameaçou cortar meu rosto com uma faca se eu o mordesse; ele me fez engolir quando gozou. O tempo todo me imobilizaram, me forçaram a ficar deitada.

Quando acabaram, eu disse que precisava ir ao banheiro, e Tomlinson disse tudo bem, pode ir. Ele tinha gozado na minha cara. Limpei aquilo no meu jeans e na minha camiseta — eles não tinham tirado minha camiseta. Ardeu quando fiz xixi. Não havia água quente, nem sabonete ou toalha. Lavei a vagina com água fria e me sequei com o jeans.

Minha calcinha ficou molhada e grudenta quando a vesti. Estava escuro demais para enxergar, mas fiquei com medo de que fosse sangue, porque, se me mandassem tirar a roupa de novo e vissem aquilo, eles ririam da minha cara. Havia um armário que não era embutido na parede, então escondi a calcinha lá atrás. Coloquei o jeans e torci para que não houvesse mais sangue para eles verem.

\* \* \*



A Srta. Lockyer cobriu o rosto com as mãos. Seus ombros tremiam. Ela não emitia nenhum som.

O juiz encerrou a sessão, dispensando-os até a manhã seguinte.

— Por favor, retirem os réus do banco para que essa testemunha possa sair — ordenou.

O coração de Clarissa começou a bater muito depressa, como se ela tivesse acabado de assistir a uma cena de um filme de terror inacreditavelmente tensa. Sentia que seu rosto devia estar vermelho. Lágrimas se acumularam em seus olhos, mas ela evitara secá-los, não queria que notassem.

Foi direto para o banheiro assoar o nariz, pegou o casaco que guardara num armário com cadeado, desceu correndo a escada e saiu para a rua pelas portas giratórias, erguendo bem o rosto contra a rajada de vento gelado. Deu apenas alguns passos antes que um carro saísse lentamente do estacionamento subterrâneo do tribunal. Ele parou, bloqueando a calçada, enquanto o motorista esperava até que o caminho estivesse livre para poder virar à esquerda na rua.

Algo fez Clarissa olhar o interior do carro. Com a cabeça apoiada na janela traseira, estava Carlotta Lockyer, aos prantos. Seus olhos cruzaram com os de Clarissa e ela pareceu registrar, por um instante, uma espécie de perplexo reconhecimento, então o carro avançou sem obstáculos.

Quarta-feira, 4 de fevereiro, 20h.

Quando abraço Rowena na entrada do restaurante, os seios dela não ficam amassados contra meu corpo. Eles estão estranhamente levantados e parecem ter crescido desde a última vez que nos vimos.

Suas primeiras palavras para mim são uma resposta à pergunta que não fiz.

— É, eu coloquei silicone. — Seu colo chega a brilhar, está com algum tipo de maquiagem cintilante. — Nosso corpo é a roupa que repetimos todos os dias. Temos de nos sentir felizes com ele.

Rowena tem a própria empresa, em que ela mesma faz tudo. Ela trabalha com análise de discurso. Examina os textos que uma empresa produz: o que apresenta as missões do empreendimento, as peças publicitárias e até a logomarca. Então Rowena explica a seus clientes quais mensagens eles estão realmente passando. Talvez ela tenha trabalhado para um cirurgião plástico e sido seduzida pelos folhetos que supostamente deveria analisar.

— Só porque *temos* trinta e oito não significa que somos obrigadas a *parecer*

que temos trinta e oito.

Ela examina o rosto no espelhinho do pó compacto e parece tão preocupada que me faz pensar na madrasta da Branca de Neve, com seu espelho mágico terrível. A testa de Rowena está lisa e brilhante. Não combina muito com o queixo e as bochechas.

Quero que ela não fique tão triste e tensa, então pergunto como consegue irradiar aquele frescor natural — estou implicando um pouco com Rowena, mas de uma forma carinhosa.

— Eu me esforço muito para nunca erguer as sobrancelhas e não fazer nenhum tipo de careta. Movimentos provocam marcas de expressão.

*Ela não é inteligente*, disse Henry.

*Há tipos diferentes de inteligência*, repliquei.

As lembranças de Henry também me perseguem, mas não tanto quanto você. Você o supera facilmente.

Apesar da noite gelada e das calçadas escorregadias, Rowena está usando um vestido decotado de veludo sem mangas, de um roxo intenso, e salto alto. Estranho um pouco, porque ela não é de se arrumar tanto só para me encontrar. Elogio sua roupa.

— Muitas mulheres se prendem à própria aparência — diz ela, e tenho toda a certeza de que está se referindo a mim.

Essa é a mesma Rowena que costumava me emprestar, às escondidas, suas roupas preferidas sempre que eu queria vestir algo que não tivesse sido costurado pela minha mãe?

De relance, olho meu reflexo na vidraça. Meu cabelo está preso no alto da cabeça com grampos prateados, embora algumas mechas loiras estejam caindo em volta do rosto e do pescoço. Meu vestido grafite é justo no tronco e nas mangas, a saia é mais aberta e termina logo acima dos joelhos, o formato lembrando uma taça de vinho invertida.

Rowena olha para os próprios seios.

— Não é apenas para atrair homens. — Esta frase é dita com muita emoção; sua boca treme enquanto ela luta para não franzir a testa. — É para mim. Devo isso a mim mesma. E esses peitos novos não balançam por nada. São tão consistentes e eretos que nem preciso de sutiã.

Penso nos réus zombando da Srta. Lockyer. *Olhem as tetas dela balançando.*

“Consistentes” e “eretos” não são palavras que Rowena normalmente usa. Quando ela passou a usá-las?

Rowena continua, parecendo ter mais necessidade de convencer a si mesma do

que a mim.

— As mulheres na minha academia vivem perguntando: “Quem fez seu rosto? Quem fez seus peitos?” — Ela fala como se qualquer pessoa pudesse comprar partes do corpo, como se fossem um vestido ou uma bolsa nova.

Os réus dizem tetas. Rowena diz peitos. Eu digo seios. Não sei que palavra você usa. Não quero saber. Tudo o que sei é que esse tipo de diferença tem importância.

— É um enorme elogio. Você devia experimentar botox, Clarissa. No mínimo. Se não fizer alguma coisa logo, um dia vai acordar parecendo um balão murcho.

*Ela não é nem legal com você*, disse Henry.

*Ela se sente à vontade sendo honesta comigo*, respondi.

*Vocês não têm nada em comum*, disse ele.

Pisco várias vezes, como se isso fosse clarear minha visão, para que a Rowena que eu achava que conhecia voltasse para mim. Essa nova versão provavelmente aconselharia Henry a fazer um implante capilar. Posso imaginar a resposta dele, se ela se atrevesse a falar isso: a sobrancelha desdenhosa, incrédula, que ele ergueria, calado. Acho que Henry é bonito do jeito que é, mesmo que ele não seja mais meu para eu pensar nisso.

— Vou pensar. Mas você está bem? Já se recuperou das cirurgias?

— O único aspecto negativo é que não sinto mais meus mamilos. — Rowena diz isso brincando, como alguém que está de dieta e não come mais chocolate fala que, no fim das contas, nunca tinha gostado muito, mesmo. Eu me esforço para disfarçar minha tristeza por ela, e o meu horror por ter mutilado seu corpo e sua capacidade de sentir prazer daquela maneira. — A cicatriz é meio nojenta. Mas o cirurgião acha que vai melhorar.

Esta é a mesma Rowena que costumava ficar boiando no mar com os olhos fechados, cantarolando para si mesma e fingindo ser uma sereia enquanto se deixava embalar pelas águas?

Imagino as aréolas dos mamilos dela costuradas feito botões, um anel escuro circundando cada uma. Por alguns segundos, meus próprios mamilos parecem arder e formigar.

— Tenho certeza de que vai mesmo. Acho que essas coisas só levam algum tempo.

Ela observa meu rosto.

— Você tem bolsas debaixo dos olhos. Deveria dar um jeito nelas. Por que não faz uma plástica nas pálpebras? Isso rejuvenesce muito. Você se sentiria muito melhor consigo mesma. Se as pessoas no seu trabalho percebem que você parece

cansada, vão pensar que *está*, de fato, cansada. Vão achar que não é eficiente em seu trabalho, que não é profissional.

*Muitas mulheres ficam relutantes de contar aos outros o que estão sofrendo.*

Mordo o lábio.

— Não tenho dormido muito bem ultimamente, Rowena. É que tem um homem...

Ela entende errado.

— Quero saber tudo sobre ele. Mas isso pode esperar?

Essa é a mesma Rowena que correu de Edimburgo até Londres para me consolar, após meu namorado terminar comigo quando eu estava no segundo ano da universidade?

— Claro — respondo.

*Ela sempre só fala de si mesma. Não está interessada em você*, disse Henry.

*Mas não abri o jogo sobre as coisas mais importantes, porque estava tentando evitar que ela se afastasse*, argumentei. *Como ela pode estar interessada em mim, se não falo sobre as partes mais essenciais da minha vida?*

Os dois maridos de Rowena disseram que não queriam ter filhos, mas os tiveram com outras mulheres depois de largá-la. Ela nunca perdoou o fato de eu ter roubado Henry da esposa dele. Às vezes, chego até a imaginar se não foi meu sentimento de culpa que, de algum modo, me impediu de engravidar. A tentativa de ter um bebê certamente teria irritado Rowena ainda mais. Henry sabia disso e me ajudou a manter aquilo em segredo, apesar de resmungar sobre como era uma amizade unilateral.

Ela se olha mais uma vez no espelhinho do pó compacto, sem deixar nada passar, e então me dou conta de que seus casamentos fracassados são provavelmente a causa de ela estar tão suscetível a esse culto à cirurgia plástica.

— Ficou bom? — pergunta ela, aplicando o pó acima das sobrancelhas, que parecem mais altas do que eu me lembrava.

— Você está ótima. Parece uma atriz. — Isso leva um quase sorriso a seus lábios, os quais, acabei de notar, estão mais cheios. — Se isso a deixa feliz, mais confiante, é o que importa. E dá para notar isso.

Ela concorda com entusiasmo.

— É uma aparência mais firme, mais juvenil, cuidadosamente preparada.

Henry faria uma careta diante disso, mas eu não.

O garçom nos conduz a uma mesa de canto. Nas paredes do restaurante encontram-se quadros pseudo art déco de mulheres nuas, que poderiam ser facilmente ignorados no salão pouco iluminado. Uma das pinturas me chama a

atenção, a de uma dançarina. Isso me faz pensar novamente nos homens do julgamento e em como eles forçaram a Srta. Lockyer a se despir e dançar para eles.

— O que a fez escolher este lugar?

— Não fui eu.

— Então quem foi?

Ela ignora minha pergunta.

— Você acha que isso parece natural? — Há um tremor em sua voz que faz meu coração doer de pena.

O tremeluzir das velas dá ao rosto paralisado de Rowena uma ilusão de expressividade, embora eu esteja surpresa com quanto suas bochechas se tornaram proeminentes e com medo de que a substância que os esteticistas tenham injetado nelas possa fazer mal à minha amiga.

— Acho. É como se você tivesse vindo de um spa muito bom.

Essa é a Rowena que brincava com meu cabelo e fazia cócegas em meu braço quando dormíamos uma na casa da outra, e depois mudava de lugar comigo para que eu pudesse fazer o mesmo com ela?

— Acredito que seja da responsabilidade de cada uma de nós ter a melhor aparência possível, independentemente da idade.

Quem é você e o que fez com Rowena?, pergunto-lhe em silêncio.

Seguro sua mão cheia de joias, para chamar sua atenção.

— Preciso falar com você. É sobre uma coisa muito ruim.

Ela olha na direção da entrada do restaurante e é como se alguém tivesse ligado um interruptor: seu deslumbrante sorriso branco pronto-para-as-câmeras surge num clarão. Ela não faz qualquer tentativa de contê-lo.

Sigo seu olhar e quase me engasgo com o gole de água que acabei de dar. O jazz francês que serve como som ambiente parece ficar mais alto e o salão mergulha numa quase escuridão. Será que diminuíram ainda mais a iluminação, de propósito? Porque não consigo processar o que estou vendo.

O que estou vendo é você. Caminhando a passos largos em minha direção como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Não havia sinal de você quando saí de casa. Nem quando o táxi me deixou aqui. Nenhum sinal de você até agora. Como descobriu que eu estava aqui? Apenas Rowena sabia.

Você está radiante. Parece feliz demais, tão feliz que chega a me dar uma pequena pontada de tristeza quando percebo que sou eu quem deve destruir essa sua louca felicidade. Algo que você me obriga a fazer repetidas vezes. Você não

sabe quanto isso tudo é exaustivo? Isso não deixa você cansado, também?

Seus lábios estão se movendo, dizendo palavras que não entendo. Você está parado ao lado de Rowena. E se curva para cumprimentá-la com um beijo em cada bochecha.

— N-Não toque nela. — Nunca gaguejei, mas, por alguns segundos, é isso que acontece. — V-Vá embora.

Rowena puxa a cadeira ao seu lado num gesto de boas-vindas.

— Rafe vai jantar conosco.

Como ela sabe seu nome? Nada disso está fazendo sentido.

— Ele não pode.

— Eu o convidei. — Rowena põe a mão dela sobre as suas. Você se livra daquele contato, mas ela parece não notar. — Sente-se, Rafe.

O ímpeto de fugir quando o vejo quase me lança da cadeira, mas não quero deixar Rowena sozinha com você e parece que ela não estava disposta a ir embora comigo tão cedo.

— Se você não se incomodar... — Você rejeita a oferta da garçonete de guardar seu casaco e o pendura no encosto da própria cadeira.

Estou certa de que há algo nos bolsos que você não quer arriscar que alguém descubra. Também tenho certeza de que você quer manter suas coisas por perto para poder pegá-las rapidamente e correr atrás de mim quando eu fugir.

Apenas olho para Rowena, como se ela fosse uma corda salva-vidas à qual preciso agarrar.

— Eu não entendo.

— Queríamos fazer uma surpresa para você. — Rowena ajeita cuidadosamente o cabelo castanho com mechas.

Preciso raciocinar, e rápido. Quebro a cabeça tentando entender como você soube da minha amizade com Rowena. Deve ter sido por causa daquela cerimônia de premiação para mulheres no mundo dos negócios, oito anos atrás. Rowena estava solteira naquela época, então fui com ela. Quando chamaram o nome dela, bati palmas com tanta força que minhas mãos doeram; sorri tanto que minha mandíbula ficou dolorida. Tiraram uma foto de nós duas juntas, com nossos nomes na legenda. É a única coisa que aparece quando se pesquisa meu nome na internet.

— Achamos que você ficaria empolgada ao descobrir que nós dois nos conhecemos. — Rowena parece magoada, mas meu pânico diante daquela nova presença é ainda mais forte do que minha tendência natural a consolá-la e tranquilizá-la.

— Como? — Minha visão está embaçada naquele salão estupidamente escuro.

— Como você o conhece?

— Nós nos encontramos pela primeira vez hoje, no almoço. Mas temos trocado e-mails durante os últimos dois meses. É espantoso quanto você consegue se aproximar de uma pessoa se correspondendo com ela. — A garçonete se aproximou, mas Rowena a dispensou com um gesto. — Rafe segue meu blog sobre negócios. Ele manda seus alunos lerem também, como uma maneira de prepará-los para o mercado de trabalho. Só que ele notou no meu perfil uma referência às minhas ambições, em termos criativos, e então entrou em contato. Ele está me assessorando naquelas memórias que eu sempre quis escrever.

Sinto o sangue pulsar atrás dos olhos.

— Ele stalkeou você.

— Isso é melodramático. E paranoico. — Ela pede desculpas a você. — Clarissa não está falando sério.

— Estou, sim. — Tudo está escuro. Balanço a cabeça várias vezes para tentar desanuviar minha mente e então me obrigo a me concentrar em você, exatamente o que odeio fazer. — Você não sabe nada sobre escrever memórias. É apenas um crítico literário. — Pronuncio as duas últimas palavras como se fossem o pior insulto que pudesse imaginar.

— Eu tenho vários talentos e interesses que você ainda não conhece, Clarissa.

E aí está você novamente. Usando meu nome no final de cada frase, desse seu jeito bem assustador. Por que Rowena não percebe como isso é estranho? Um soluço escapa da minha garganta antes que eu consiga detê-lo.

— Você não precisa dele, Rowena. Pode participar de uma oficina de texto. Ele está usando você para se aproximar de mim.

— Nem tudo tem a ver com você. Isso é de uma arrogância incrível. Sem mencionar que é ridículo. Rafe e eu só descobrimos há poucas semanas que você é nossa amiga em comum.

Fecho os olhos com força, então os abro novamente, sem ligar para quanto devo parecer estranha.

— Que coincidência — comento.

— Não é mesmo, Clarissa? — você emenda.

— Nós dois nos preocupamos com você — afirma Rowena.

— Muito — você completa.

— Ele contou sobre hoje de manhã? Quando estava me esperando na porta da minha casa? Que a motorista do táxi teve de ameaçá-lo, falando que ia chamar a polícia, quando eu deixei claro para ele que eu não o queria ali?

Você balança a cabeça, um teatrinho de quanto está magoado e é mal

compreendido. É evidente que está atuando, mesmo neste ambiente escuro e nebuloso.

— Clarissa — você diz. — Ah, Clarissa, como pôde pensar isso?

Mal consigo me conter para não arremessar na sua cara a água gelada da jarra em cima da mesa.

Rowena toca seu braço.

— Rafe está preocupado com você. Foi por isso que eu vim.

Percebo como é irônico o fato de ela ter entrado em contato comigo apenas por sua causa, após dois anos de silêncio.

Rowena me olha, decepcionada.

— Ele me contou que, ultimamente, você não tem sido mais a mesma. Que tem agido de maneira estranha no trabalho. Pedi para ele ficar de olho em você até que eu viesse. Nunca imaginei que pudesse ser tão indelicada com ele.

Uma veia lateja em minha testa quando tomo total ciência do trabalho imenso que você teve para armar tudo isso, o tempo que passou tramando e manipulando, quanto teve de planejar, quanto de paciência e disciplina você se impôs enquanto esperava por esta noite. Rowena foi o alvo perfeito. Ela está visivelmente magoada, a vulnerabilidade e o desespero entalhados em seus seios e rosto novos. Você realmente a ganhou.

*Se vocês têm amigos em comum, ele pode fazer com que eles se voltem contra você, fazendo pouco-caso das suas preocupações diante dos outros ou afirmando que você se comportou de maneira irracional com ele.*

É como se você também tivesse lido os folhetos contra perseguição e assédio e estivesse usando os conselhos deles contra mim. Não temos amigos em comum, portanto você conseguiu um: Rowena.

Minha garganta está apertada, mas minha visão, clareando.

— Não foi assim.

Agora você dá um sorriso afetado, deleitando-se consigo mesmo: duas mulheres discutindo por sua causa. Você me colocou numa posição na qual preciso falar com você, olhar para você, prestar atenção em você. Já me forçou a desrespeitar o plano, ainda desta manhã, de não falar com você.

— Não tem como você não acreditar em mim, Rowena.

Se minha própria amiga confia mais na sua história do que na minha, se ela acha que o que você diz é plausível, então não há esperança de que a polícia um dia me leve a sério. Tampouco há esperança para a Srta. Lockyer.

Você está mastigando uma azeitona, me observando. Tira o caroço da boca lentamente, com sensualidade. Em seus lábios resta um brilho oleoso. Isso me faz



estremecer, então desvio o olhar, desejando que aquele não tivesse sido o momento no qual meus olhos tinham voltado a enxergar direito.

Rowena dá uma leve batidinha em minha mão.

— Vamos mudar de assunto, Clarissa, e botar novamente a noite nos trilhos. Você sempre me incentivou a ser criativa, e Rafe fez com que eu comesse a escrever sobre minha infância. Pensei que você ficaria contente. Conteí a ele as coisas que costumávamos fazer quando éramos adolescentes. Andei escrevendo sobre quando aquela garota bateu em você na orla da praia. Você lembra como aquela delegada foi horrível com você, depois?

Há um aquecedor na parede às minhas costas, mas estou tremendo no meu vestido de lã. Um arrepio percorre meus braços. Se tem uma pessoa que eu não quero que saiba detalhes da minha vida, é você. E, se tem uma história que eu não quero que ninguém saiba, é esta. Abro a boca para falar, mas não sai nada.

Rowena está animada demais para notar.

— São as pequenas coisas que fazem diferença... é nisso que Rafe está me ajudando. Você lembra que a levei para casa e a limpei?

— Lembro — respondo baixinho. — Só você para me ajudar assim.

— É uma ótima história. Clarissa ficará orgulhosa de você, quando a ler.

Eu chutaria você por baixo da mesa, mas não quero tocá-lo nem mesmo com minha bota, e também não vou deixar que prove para Rowena que sou desequilibrada. Para minha surpresa, você se levanta. Por um segundo, surge uma ponta imprudente de esperança quando penso que você realmente está indo embora. Mas claro que não é este o caso. Você está apenas indo ao bar.

Estou de pé, pronta para sair, mas acabo me sentando de novo quase que de imediato. Não abandonaria meu pior inimigo nas suas mãos, muito menos minha amiga mais antiga, embora, no momento, Rowena esteja agindo mais como a primeira do que a segunda opção. Apesar das atitudes de Rowena, as minhas refletem como fui criada; meus pais me ensinaram a importância da lealdade aos amigos e à família, mesmo quando — sobretudo quando — essa lealdade é testada. A Rowena que eu amava ainda deve existir, embora agora ela esteja tão soterrada que não tenho certeza se serei capaz de reencontrá-la, ou se ao menos quero tentar fazer isso.

É como se ela tivesse mostrado a você minha gaveta de calcinhas. Mas sei que preciso parecer calma para conseguir fazer com que Rowena me compreenda.

— Não quero que fale sobre mim para ele. Por favor, não faça isso.

— A história é minha. Por um acaso, você está nela. Você não pode mandar em mim.

— Pode ser que você o queira aqui, mas eu não. Deixei isso bem claro para ele. Qualquer homem normal respeitaria isso. Você não percebe essa situação?

Ela não responde. Por um instante, acho que percebeu. As orelhas de Rowena sempre ficam vermelhas quando está chateada, e é assim que estão agora. A vermelhidão faz com que eu note as cicatrizes bem na frente delas, e desvio a vista para que ela não repare que estou olhando.

— Ele lançou uma armadilha para me atrair aqui. Sabia que eu não viria se você tivesse me contado que ele jantaria conosco. Não acha estranho que ele tenha pedido para você guardar segredo?

Rowena hesita, pensando, mas luta contra qualquer dúvida que possa estar tendo sobre você e despeja a resposta:

— Não.

Não quero dizer as palavras que estão prestes a sair da minha boca, mas sei que é o que devo fazer.

— Ele não está interessado em você. Nem um pouco.

Os lábios de Rowena se contraem de raiva, como se ela não acreditasse no que acaba de ouvir.

— Nem todos os homens do planeta estão apaixonados por você. Você não pode ter todos.

Talvez ela tenha adivinhado a verdade sobre Henry. Talvez você tenha até contado para ela. Deve ter deixado escapar, como se por acaso, enquanto falava sobre outro assunto. É exatamente o tipo de coisa que você faria.

— O que ele faz não é amor. É totalmente o oposto. — Estou falando de maneira gentil, suave, sendo o mais delicada possível. — É como se ele tentasse me roubar. Agora ele está roubando você de mim.

— Não sou sua para ser roubada. Você não é sincera comigo há anos. É tão cheia de segredos que quase não a conheço mais. Não percebe quanto isso me magoa? — Sua voz embarga na última frase.

Ponho a mão sobre a dela, comovida por vislumbrar que a antiga Rowena precisa de mim.

— Eu sei. E me arrependo disso. Mas, no momento, estou tentando evitar que você se magoe. É o único motivo pelo qual estou sentada aqui, quando o que mais quero é correr porta afora. Ele sabe disso. Foi por isso que armou toda essa situação.

Ela puxa a mão.

— Como você é generosa e altruísta. — Sua voz é fria, entrecortada. — Você não o quer. Então deixe-o para mim.

— Ele é perigoso. Está fazendo da minha vida um inferno. Era sobre isso que eu queria falar com você. Para mim é difícil confiar isso a alguém. Eu chamaria a polícia agora mesmo, mas você não me apoiaria, não é mesmo?

— Você está sendo histérica. Ele foi convidado. Aliás, acho que você está doente. Passei a conhecê-lo bem nos últimos tempos.

— Você não faz ideia de quem ele é. Está usando você para me espionar.

— Você é a mulher mais egocêntrica que já conheci.

Agora você já está de volta, com seu sorriso afetado.

— Bellini de pêssego — anuncia orgulhoso. — É o especial da noite. O barman daqui é genial. Foi por isso que sugeri este lugar.

O rosto de Rowena volta a se iluminar.

— Adoro Bellini.

Ela gosta mesmo de você.

Tento enxergar você do ponto de vista de Rowena. Henry achava que você era incompetente, mas admitia que, às vezes, despertava o interesse de suas alunas. Esta noite, está usando jeans preto e camisa azul-escura por fora da calça. É o meu tom preferido de azul. Azul-marinho. Eu até gosto da sua roupa. Percebo que Henry, às vezes, se vestia assim, e você o está copiando deliberadamente.

Você pousa os coquetéis na mesa, à nossa frente, e uma garrafa de cerveja francesa diante de si mesmo.

— Agora vamos nos divertir. — Mas você já está se divertindo: é o máximo de diversão que teve desde novembro. — Espero que você também goste de Bellini, Clarissa.

Você olha para mim, depois para a mulher nua na parede acima da mesa.

Ela está sentada num banquinho, as pernas juntas na altura dos joelhos para não parecer explícito demais. Usa cinta-liga, meias, salto alto. Mais nada. Há um chicote de hipismo em seu colo. Você aponta na direção do quadro e faz uma careta de falso constrangimento.

— Desculpem. Eu tinha me esquecido da decoração daqui.

Mas nós dois sabemos que está excitado com essa pornografia em público, com me ver cercada dessas pinturas. Foi por isso que escolheu este lugar.

— Eu acho bonito. De bom gosto. — Rowena alcança seu copo.

Penso novamente no vinho que me serviu em novembro.

— Não beba isso.

Agarro a mão de Rowena, mas ela a afasta com um puxão. Tento mais uma vez, e ela até mesmo dá um tapa — forte — em meu punho e levanta o copo. Com muita dificuldade, derramo seu coquetel no cesto de torradinhas.

— Você está louca, Clarissa — diz ela. — Não acredito que fez isso.

— Acho que Clarissa não está bem. — Você passa a impressão de estar preocupado. — Ela precisa da nossa compreensão e do nosso apoio.

— Ela precisa de ajuda profissional — rebate Rowena.

Seguro o outro drinque. Não quero deixá-lo na mesa, não agora que fiz com que ela ficasse tão determinada a tomá-lo. Apanho minha bolsa e o casaco do encosto da cadeira. Como você — por causa de você —, tenho o hábito de manter minhas coisas por perto, para o caso de precisar fugir apressada. Penso em sair correndo do restaurante, mas sei que virá atrás de mim, e vou acabar sozinha com você numa rua escura. Só consigo pensar em um lugar de onde posso pedir um táxi e me esconder até ele chegar. E tenho um plano, um que mal tive tempo de bolar nesses últimos segundos. Terei de enfrentar você mais uma vez, sozinha, mas é razoavelmente seguro e, por causa de Rowena, não consigo pensar numa alternativa.

Você começa a se levantar, e minha mão paira no ar, em alerta, como um guarda de trânsito.

— Não ouse me seguir.

Posso contar com você para ignorar meus desejos. Você sempre os ignora. E falo tão alto que as pessoas das mesas em volta me olham. Dou um adeus sufocado para Rowena, mas ela não responde. Sigo apressada até a escada em espiral que desce para o porão, onde fica o lavabo.

Há outra peça de pseudo art déco pornográfica aqui embaixo, bem à frente do lavabo. Esta é de um homem e uma mulher juntos, para mostrar que o vestiário é unissex. Assim como nos outros quadros, ambos estão nus. Ele está de pé, olhando-a abaixo. Ela está de joelhos diante dele. O observador do quadro vê as costas da mulher; a cabeça dela bloqueia o centro do corpo dele.

O lavabo é tão escuro, seguindo as últimas tendências, que me sinto cega mais uma vez. Sigo na direção de um reservado e, ao passar pela pia de metal, despejo a bebida nela. A porta do reservado é fechada do teto ao chão, portanto não tem como você entrar rastejando ou me bisbilhotar. Chamo um táxi. O atendente me avisa que o motorista chegará em dez minutos. Planejo permanecer atrás dessa porta trancada pelos próximos nove.

Quando saio do reservado, você está aqui, exatamente como era de se esperar. Está bloqueando a saída. A fumaça nauseante do incenso que estão queimando aqui torna difícil respirar, e você está na frente da luz. Minha cabeça lateja, talvez por eu forçar a vista, ou porque estou sendo sufocada por uma venenosa névoa sintética com perfume de jasmim. Lembro a mim mesma que o motorista do táxi

entrará no restaurante num instante para perguntar por mim. Antes de descer até aqui, considere que, a qualquer momento, alguém poderia entrar, portanto não creio que você vá arriscar e fazer algo muito absurdo. Ainda assim, não quero ficar presa tempo suficiente para descobrir se estou certa; armei para que nos encontrássemos assim apenas pelo tempo que seria necessário para dizer o que preciso sem que Rowena ouça.

Vou direto ao ponto.

— Não vou mais nem chegar perto de Rowena. Fique com ela quanto quiser. Não me importa. Isso não vai ajudá-lo a se aproximar de mim. — Eu conheço você. Sei que não colocará Rowena em perigo. Ela está dando em cima de você. E você não está interessado em mulheres que o queiram de verdade. Apenas nas que claramente não querem.

— Eu me importo com o que você se importa, Clarissa. Quero que seus amigos sejam meus amigos. Quero ajudar Rowena. Por você, Clarissa. Só estou interessado nela porque você está. Não tenha ciúmes.

— Não tenho... — Sua última jogada é tão revoltante que começo a negá-la, mas, de algum modo, consigo me segurar e não termino a frase. Começo de novo, tentando parecer indiferente e fria. — Rowena e eu nos afastamos. Já tem muito tempo. Ela não me interessa mais. Eu já nem gosto mais dela.

Assim que essa forçosa traição deixa minha boca, quero negá-la. Mas não consigo, apesar de sentir dor por Rowena. Para mim, é impossível tentar ajudá-la como uma verdadeira amiga. Ou ela fazer o mesmo por mim. Não agora que você a sequestrou. Dizer essas coisas é tudo que consigo fazer por ela: preciso me certificar de que ela não é útil para você. Mas ela não me agradecerá por isso.

Dou um pequeno passo na direção da porta.

— Saia do meu caminho.

Você não se mexe.

— Se não sair do meu caminho, vou forçá-lo a isso. — A ameaça soa patética. Ambos sabemos que não consigo obrigá-lo a fazer nada.

Você sorri, indulgente.

— Você fica linda quando está zangada, Clarissa.

Minha mão envolve o porta-sabão de vidro fosco. É pesado. É ridículo, como tudo neste lavabo unissex, que tenta irritantemente ter um ar moderno.

— Fico feliz que você esteja com ciúmes, Clarissa. Quero soltar seu cabelo, correr os dedos por ele e beijar você. Quero ver o que está usando debaixo desse vestido.

Levanto o porta-sabão como se fosse uma arma.

Você até ri alto.

— Você não seria capaz de me machucar, Clarissa. Eu conheço você.

Minha mão não serve mais para o que as mãos deveriam servir. O porta-sabão escorrega pelos meus dedos, se espatifa como uma bomba no chão monocromático de ladrilhos, logo quando a porta principal do lavabo se choca contra você, empurrada por Rowena. Você cambaleia e depois escorrega na mistura de líquido e vidro, equilibrando-se apenas quando se segura na pia. A noite toda tem sido um pesadelo surreal, mas a inesperada coreografia causada pela entrada de Rowena parece ter saído direto de uma comédia-pastelão.

— Preciso ir, Rowena.

Ela parece não saber o que fazer. Por um instante, a expressão em seu rosto fica mais branda, e seus olhos se enchem de lágrimas que ela consegue segurar. Então diz:

— Ninguém está te impedindo.

Subo a escada em caracol aos tropeções, saio do restaurante e vou até o táxi que me espera. Minha boca tem gosto de sal porque estou chorando; percebo que devo ter mordido os lábios, pois as lágrimas os fazem arder. Eu perdi Rowena. Ela se perdeu de si mesma. Percebi isso nos primeiros minutos com ela. Mesmo antes de você ter entrado e feito o que fez.

## QUINTA-FEIRA

Quinta-feira, 5 de fevereiro, 8h02.

Encontro mais um envelope seu, esta manhã, esperando por mim sobre o capacho do lado de dentro da porta do meu apartamento. Você deve ter jogado o envelope na abertura para cartas bem cedo, de modo que a Srta. Norton não reparasse. Corro até o táxi, aliviada por, pelo menos, você não estar aqui.

Enquanto o carro desce pela colina sinuosa, ligo para o hotel de Rowena. Ela vai voltar hoje para Londres, onde, espero, ficará fora do seu alcance. Mas também fora do meu.

Rowena atende, balbuciando:

— O que foi?

— Sou eu.

— Ele não está aqui comigo, se é por isso que está me ligando. Ele ficou no restaurante apenas o tempo suficiente para me dizer que não tem como mais me ajudar com o livro de memórias que eu queria escrever e não vai mais me encontrar. Ele me disse que não ficará entre duas amigas de infância.

Mas você já ficou entre nós duas: Rowena bate o telefone na minha cara com um estrondo e a linha fica muda.

Pelo menos sei que ela está segura. Pelo menos você se afastou dela como eu havia previsto. Você conseguiu o que queria. Conseguiu o máximo de mim que ela podia lhe dar.

Abro seu envelope com um rasgo. Dentro dele há um ingresso para o balé. Para o espetáculo desta noite. E uma carta.

Você deve estar estressada, Clarissa. Sei que não deseja ser grossa comigo. Não é possível que quisesse me dizer as coisas cruéis que disse. Eu só quero fazer você feliz. Queria que a noite passada fosse especial, conseguindo que você se encontrasse com uma amiga com quem não tinha contato havia tempos, mas posso ver que não entendi a situação direito. Prometo nunca mais ver Rowena. Por favor, permita que eu faça as pazes com você aceitando meu

convite para sair. Você sozinha. Só nós dois. Sou todo seu. Sem ninguém como vela. Sei que você vai adorar a *Cinderela* de Prokofiev. Nós temos tanto em comum, Clarissa. Encontre-me no saguão do teatro às sete. Não esqueça seu ingresso! Antes, tomaremos um drinque. E jantaremos depois do espetáculo.

Com amor, Rafe.

Nem sei por onde começo a dissecar a loucura da sua carta. Você não escuta as coisas que eu lhe digo — não, não e não — sem parar? Acho que sua mente não está processando o que você escuta de mim; você está possuído por uma espécie de raciocínio equivocado, insano, com direito até a um tipo próprio de sinceridade assustadora.

Você vasculhou meus CDs e DVDs quando estive no meu apartamento? Porque você está certo ao pensar em como adoro aquele balé. Mas não pode imaginar quanto odiaria vê-lo em sua companhia. Vindo de outro homem, o gesto poderia ter sido encantador. Poderia ter sido romântico. Mas não de você. O homem que explorou minha amiga mais antiga e fez com que ela ficasse contra mim. Vindo de você, esse ingresso é uma agressão, não um presente. Você deve saber, bem no fundo, que não estará sentado a meu lado no teatro esta noite, não é?

Mas não consigo não ficar com medo do que você fará quando a cortina se abrir e eu não estiver lá. Imagino você, de pé sobre o mosaico do piso, olhando o próprio reflexo no espelho de moldura dourada trabalhada, esperando por mim furioso e contrariado, o homem que recebe os ingressos notando você e adivinhando que levou um bolo.

Você já foi um bebê. O que deve ter acontecido na sua vida para que ficasse assim?

\* \* \*

— Está em condições de continuar esta manhã, Srta. Lockyer? — A voz do Sr. Morden era suave e respeitosa. Ele parecia triste e preocupado.

Todos os réus olhavam fixo para a frente, os rostos sem expressão, sentados imóveis à reluzente bancada de madeira, em cadeiras estofadas com o mesmo tecido azul-cobalto que as dos jurados e advogados. Era tudo muito azul, com exceção das cadeiras do juiz, em couro marrom-escuro.

— Estou bem. Obrigada.

Ela falou como se a conversa fosse apenas entre eles dois. Clarissa percebeu



então que, se as circunstâncias fossem outras, a voz dela podia ser bonita.

— Sei que ontem foi muito difícil para você.

O cabelo da Srta. Lockyer estava penteado em duas marias-chiquinhas baixas, feito os de uma garotinha. Ela puxava uma delas.

— Pode, por favor, contar aos jurados o que aconteceu em seguida?

A voz dela era decidida e corajosa.

— Voltei para o quarto. Sei que pode parecer estranho eu ter voltado para a cama com os dois homens que tinham acabado de me estuprar, mas pensei que, se não fizesse isso, eles viriam me procurar e poderia ser pior. Eu me encolhi no canto, numa espécie de bola, abraçando os joelhos. Não dá para imaginar o frio que estava naquele apartamento. Eles estavam em cima do cobertor, então dava para puxar apenas um pedacinho para mim. Fiquei com medo de eles acordarem se eu puxasse muito. Eu estava tão exausta que consegui cochilar, mas ficava acordando direto. Então amanheceu, e Sparkle apareceu na porta fazendo um sinal para eu segui-lo até a sala.

Terça-feira, 11 de novembro, 9h.  
(Três meses antes)

É a manhã após a festa de lançamento do seu livro. Luto para acordar de um pesadelo, me agitando para sair de um lugar muito escuro. Estou em minha cama, deitada de lado, de costas para você. Você está pressionando seu corpo contra o meu, deitado de conchinha comigo, e posso sentir sua ereção. Sua mão está sobre meu seio, presa como se fosse uma ventosa. Você beija minha nuca e sussurra que estava me observando sonhar. Você me abraça com tanta força que preciso me esforçar muito para sair de seus braços. Apanho meu vestido no chão para me cobrir enquanto corro para vomitar no banheiro. Quando termino, tento me equilibrar me apoiando na pia, e olho para meu corpo. Manchas de sangue secaram nas partes internas das coxas, onde há marcas vermelhas sobre as quais não quero pensar. Vão ficar roxas amanhã. Os lábios, punhos e tornozelos estão esfolados. O cabelo está sem brilho e emaranhado. Os olhos doem tanto que apago as luzes. No escuro, fico debaixo do chuveiro quente, lavando o cabelo com xampu e ensaboando cada centímetro da minha pele. Sinto arder quando lavo entre as pernas. Escovo os dentes e passo fio dental. Meu queixo dói. A última coisa de que me lembro é você tirando meu vestido. Depois disso, há apenas escuridão. A porta do banheiro está trancada. Ignoro você do lado de fora,

batendo insistentemente me perguntando se está tudo bem. Ainda nesta tarde, preciso ir à emergência para ser tratada com antibióticos para uma infecção urinária. Fico doente por três dias e sofro de uma pungente dor de cabeça que não vai embora; vomito e vomito até não restar nada além da bile; durmo e durmo. Não importa quanto eu durma, não consigo levantar.

\* \* \*

A Srta. Lockyer começou a ficar ofegante. De repente, de maneira surpreendente, sua pele ficou pálida. Foi fácil perceber isso sob a luz projetada através da claraboia do tribunal 12 e da fileira de janelas na parede atrás de Clarissa — as únicas no salão, altas demais para se poder olhar por elas. Aquele lugar podia ter sido um salão de festas. Talvez tivesse sido, muito tempo atrás.

— Preciso de um intervalo. Desculpem. Preciso de um intervalo. — A Srta. Lockyer cobriu o rosto.

\* \* \*

Estavam sentados na pequena sala de espera sem janelas do lado de fora do tribunal 12.

— Ela não vai voltar — previu Annie.

Clarissa disse baixinho:

— Tenho certeza de que vai.

Annie revirou os olhos castanhos, que davam a ilusória impressão de serem gentis, sacudiu o reluzente cabelo negro e, ao bufar, encheu de ar as bochechas rosadas como a flor de uma macieira. Sob as luzes artificiais, sua pele clara era um pouco amarela.

— Talvez você tenha razão — emendou logo Clarissa. — Você fica observando o julgamento o tempo todo. Eu escrevo demais, faço muitas anotações. Provavelmente perdi alguma coisa por não olhar.

Annie tinha um rosto angelical, em formato de coração. Seus traços pareceram relaxar um pouco. Bateu no delicado e pequeno queixo várias vezes com o dedo indicador.

— O que ela estava achando que ia acontecer, ao roubar deles aquelas drogas?

Clarissa pegou uma revista japonesa com moldes para costura. Ela adorou o caimento de uma camisola transpassada — usaria um pouco de cetim roxo que

ainda tinha. Faria duas e mandaria uma para Rowena assim que conseguisse se livrar de Rafe de vez.

— Minha esposa costurava.

O dono daquela voz devia ter notado o que ela estava olhando. O rosto de Clarissa ficou vermelho quando ela, apressadamente, fechou a revista. Na cadeira oposta estava o homem alto que se sentava à sua frente na banca dos jurados. Ela gostava de seu cabelo castanho-escuro, cortado tão rente que a fazia se perguntar se ele era militar; nos últimos dois dias, havia passado grande parte do tempo com aquele cabelo diante dos olhos; achava que espetaria ao toque.

— Não costura mais? — perguntou Clarissa.

O queixo dele — forte e quadrado, tão diferente do de Henry — retesou-se de uma maneira quase imperceptível. Teve a impressão de que ele pensava no que dizer, embora sua pausa provavelmente parecesse mais longa do que de fato tinha sido.

— Ela morreu. Dois anos atrás.

— Ah... sinto muito.

O nome dele era Robert. Clarissa se apresentou quando a porta do tribunal 12 se abriu e o oficial de justiça os convidou a voltar. Ela se levantou e entrou na fila com os outros, mas a voz de Robert logo fez com que ela se virasse.

— Você deixou isto na sua cadeira.

Ele segurava a revista de moldes. A camisola que ela cogitara fazer — muito bonita, mas um pouco reveladora — estava na capa, pendurada diante de um guarda-roupa de madeira. A mão dele, muito grande, cobria toda a foto.

Ela mordeu um pouco o lábio e balançou a cabeça num irônico constrangimento, ao mesmo tempo surpresa por reparar em como os lábios dele eram simétricos, e perfeitos — não muito grandes nem muito pequenos, não muito vermelhos nem muito pálidos, exatamente como deviam ser. Os olhos azuis feito safiras, os mais brilhantes que ela já tinha visto. Pensou que poderiam ofuscar sua visão se olhasse para eles tempo demais.

Apesar dos atributos marcantes, o rosto dele era neutro, talvez até mesmo inexpressivo.

— Acho que você tem razão — disse ele. — Acho que ela vai voltar.

\* \* \*

E ela voltou, embora seus olhos estivessem vermelhos e várias vezes ela tivesse de engolir em seco enquanto falava.

— Eles me fizeram deitar no chão. Jogaram uma colcha em cima de mim. Começaram a... me chutar, me bater. Fiquei em posição fetal, tentando proteger meus seios, minha cabeça. Achei que fossem mesmo me matar e que haviam coberto meu rosto para que não tivessem de olhar para mim enquanto faziam isso. Comecei a gritar que ia chamar meu avô, que ele me daria o dinheiro. Sparkle arrancou a colcha, me entregou o telefone e me disse para ligar. Falei para meu avô que estava desesperada, que precisava de mil e quinhentas libras, mas ele disse não. Achei então que iam voltar a me bater, mas Sparkle disse que eu poderia pagar traficando para ele. Me deu o equivalente a trezentas libras de droga, para que eu pudesse começar. Depois me levou de carro até a estação do trem e me deixou ir embora.

Quinta-feira, 5 de fevereiro, 20h30.

Às oito e meia da noite, a campainha toca. E toca e toca e toca. Eu sabia, desde esta manhã, que você viria atrás de mim, por não ter aparecido no balé. Não atendo à porta, é claro. Mas faço uma experiência: tiro o interfone do gancho, mas isso não faz parar a campainha; pior ainda, sua voz é agora incessante. Sem dizer uma palavra, coloco o fone de volta no lugar e me recuso a tirá-lo novamente.

Vou para meu quarto e tiro o telefone do gancho. Pressiono o primeiro número. Depois o segundo. Quando me lembro da minha ligação sexta-feira passada para a emergência, paro antes do terceiro dígito e de a chamada ser completada.

Tenho novamente quinze anos, prestando queixa contra o roubo da minha mochila. A policial dispara suas perguntas para mim, e eu desejo que meus pais estivessem ao meu lado, em vez de na área de espera com Rowena e os barulhentos parentes de criminosos. Minha mochila realmente tinha sido roubada? Quem sabe eu a havia perdido e estava com medo de contar aos meus pais? Afinal, ela sugeriu, eles com certeza ficariam aborrecidos por causa da despesa e da inconveniência decorrentes dessa falta de cuidado: trocar as fechaduras, comprar livros escolares novos, repor o dinheiro do lanche da semana. Eu disse que meus pais não se importariam com essas coisas. Disse que nunca poderia ter medo deles. Disse que eles só se importavam com minha segurança. A incredulidade da policial parecia aumentar a cada palavra minha. Consegui convencê-la a chamar Rowena, mas ela a considerou uma testemunha não confiável; a lealdade da minha amiga era o que fazia com que a policial não lhe desse o devido crédito.

Não encontraram a garota que me assaltou. Claro que não encontraram. Duvido até mesmo que a tenham procurado.

*A polícia não pode agir a não ser que haja provas de que um crime foi cometido.*

Pressiono o botão de encerrar a chamada em vez do último dígito e jogo o telefone na cama, sabendo que ainda não posso procurar a polícia. Ainda não tenho provas suficientes. E, quando eles chegassem aqui, você já teria ido embora — e não me levariam a sério. Você não é burro o bastante para deixar que eles o peguem bem na frente da minha casa. Talvez até me acusassem de fazer a polícia perder tempo com outra ligação inconveniente para a emergência apenas seis dias após a primeira. Pensariam que você é um fantasma, exatamente como aquela garota que me deu um soco na orla da praia.

Por volta das nove horas, não consigo mais aguentar o toque interminável e estridente da campainha. Atendo ao interfone, mas não digo nada. Espero sua voz, sabendo que não demorará muito:

— Clarissa? Clarissa? Eu esperei por você, Clarissa. Há algo errado, Clarissa? Como pode ser tão horrível comigo, Clarissa? Pensei que estaria arrependida depois da maneira como me tratou ontem à noite e, agora, isso.

Antes de você, eu adorava meu nome. Não quero que também tire isso de mim. Não posso deixá-lo fazer isso, embora me encolha cada vez que o repete.

A maneira que você passa da gentileza à raiva, da conciliação à repreensão, me deixa tão amedrontada que envolvo meu corpo e me balanço para trás e para a frente.

Vou para o banheiro e fecho a porta, embora isso não adiante quase nada para abafar o ruído. Abro o máximo da torneira e isso ajuda, mas não completamente. Jogo sais de banho de lavanda na banheira: o presente de Natal de Gary, que é o mesmo a cada ano, uma piada da qual rio com Gary quando ele me entrega o embrulho. Não tenho vontade de rir agora. Largo minhas roupas no chão e, assim que a banheira está cheia o bastante para a água cobrir minhas orelhas, entro, sem jeito, molhando o piso.

Esse artifício funciona. Agora não consigo ouvir você, nem um pouco. Os sais de banho, porém, nada fazem para me relaxar e, após apenas poucos minutos, me sinto fraca e mole por causa do calor; o vapor dificulta minha respiração. Não poder ouvir nada é apavorante de um modo diferente. Tenho uma ponta de esperança de que, quando eu romper a superfície da água e emergir, haverá silêncio, mas você continua lá, é claro, fazendo o seu barulho. Saio rápido demais e fico tonta.

Chamá-lo de metódico é um elogio. Transtorno obsessivo-compulsivo é uma descrição sua mais maldosa, porém merecida. Ninguém tem mais direito a essa classificação do que você. Você pressiona a campainha por sessenta segundos precisos, estridentes, depois me consente dois minutos exatos de um silêncio precioso antes de repetir o ciclo. Você, provavelmente, deve carregar um cronômetro no bolso. Ainda bem que a Srta. Norton é quase surda e dorme cedo, retirando seu aparelho auditivo antes de ir dormir. Eu me sinto grata por não estar agora num lugar público onde você possa esperar à espreita e me atacar, como fez quando estávamos com Rowena.

Eu me enrolo na toalha e vou para o quarto. Fecho a porta e, mais uma vez, isso não adianta quase nada para conter o berro da campainha. Ligo o rádio. Está tocando um prelúdio de Chopin. Aumento o volume e seu barulho é quase totalmente abafado, a não ser nas pausas entre as notas do piano. Somente quando me enfio debaixo das cobertas e cubro a cabeça é que você desaparece.

Pouco depois, porém, meus ouvidos doem de um modo diferente. Essa música não é para ser ouvida a todo volume. Você estragou para sempre Chopin para mim. Colocar essa música num nível tão alto de decibéis, competindo de igual para igual com seu dedo na campainha, faz com que ela se torne feia, grosseira — a música não foi feita para ser usada como uma arma. Estou sufocando novamente, a manta de lã sobre o nariz impedindo que o ar entre, então preciso abandonar rapidamente essa unidade caseira de privação sensorial. Mais uma vez, você apunhala meus tímpanos.

Por volta das dez, não consigo aguentar mais um minuto. Agarro o interfone. Você venceu novamente. É impossível permanecer em silêncio.

— Não deixarei você entrar. Não quero sair com você; não pedi aquele ingresso; nunca teria aparecido naquele restaurante, ontem à noite, se soubesse que você estaria lá.

— Não quero aborrecer você, Clarissa — você diz. — Só estou tentado fazer você feliz — você diz. — É tudo o que eu quero. Mas você me magoou, Clarissa — você diz. — Eu sei que você é solitária, Clarissa. Eu também sou solitário — você diz. — Só estou tentando ajudar a nós dois, Clarissa — você diz. — Eu sei que seu coração foi partido, Clarissa. O meu também foi. Várias e várias vezes por você — você diz. — Eu vou embora agora, Clarissa — você diz.

Estou tão angustiada quando bato o interfone no gancho que ele cai, fica pendurado e tenho de colocá-lo de volta. Essa falta de barulho é tão inédita e profunda que causa um leve zunido em meus ouvidos. Mas não consigo deixar de pensar que você continua parado lá fora.

## SEXTA-FEIRA

Foi difícil se concentrar no advogado de Azarola, após mal ter dormido na noite anterior.

— Por favor, confirme sua descrição do homem que você disse que eles apanharam a caminho de Londres. — O Sr. Williams fez Clarissa pensar num ator em um filme de julgamento, que havia estudado seu texto e seus movimentos até dominá-los com perfeição. — Você disse que ele tinha cerca de um metro e setenta e cinco, era mulato, esbelto, com longas tranças.

Azarola se curvou para a frente. Ele tinha mais de um e oitenta. Sua pele era de um tom de dourado, olhos cor de mel, cabelo castanho-escuro, liso, curto e cheio. Os ombros e o peito eram largos como os de Robert, por baixo de seu suéter preto justo, que ela pensou que parecia caro e de qualidade, sendo provavelmente de caxemira. Ele a fazia pensar em um popstar espanhol.

— Sim. Foi essa minha descrição — respondeu a Srta. Lockyer.

Aquela descrição não batia, de jeito nenhum. Se Clarissa estivesse na mesma situação que ela, poderia cometer um erro desses, se tivesse ficado com medo demais para olhar? Ou teria a polícia apanhado o homem errado?

\* \* \*

O advogado de Tomlinson parecia um experiente ator shakespeariano.

— O Sr. Tomlinson fez sexo consensual com você. Não foi o episódio violento que você descreveu. Foi uma transação comercial calculada envolvendo drogas. Você é uma profissional, Srta. Lockyer. Até mesmo deu uma camisinha ao Sr. Tomlinson.

Clarissa estremeceu. Não fora capaz de se lembrar o suficiente daquela noite de novembro para saber se Rafe tinha usado camisinha. Sabendo de quem se tratava, achava que provavelmente não havia usado. Sentira um alívio indescritível quando sua menstruação viera, uma semana depois, como o

esperado: não querer engravidar era uma experiência nova para ela. O que o Sr. Belford faria com ela, se estivesse sentada naquele banco de testemunhas?

\* \* \*

Enquanto iam apanhar seus casacos e deixavam o prédio lentamente, Clarissa falou baixinho para Annie:

— É o que acontece quando você faz acusações, quando presta queixa. Eles estupram você várias vezes, sem parar, e ainda dizem que você é prostituta.

— Mas ela era prostituta, Clarissa — rebateu Annie. — Não deu para ninguém acreditar quando ela disse que não era.

\* \* \*

Clarissa enfiou na bolsa seu exemplar desgastado de *Poemas reunidos* de Keats. O livro era uma relíquia do ph.D. que havia abandonado, e algo a que ela sempre recorria quando o mundo à sua volta parecia ainda mais sombrio e hostil. Olhou pela janela do trem. Robert caminhou confiante e a passos largos pela plataforma e desapareceu nas escadas. Ela não havia notado que ele estava no trem; não lhe ocorrera que ele também pudesse morar em Bath. De algum modo, ele desembarcara e já estava quase fora da estação antes que os outros passageiros tivessem ao menos começado a descer do trem.

Clarissa examinou a plataforma à procura de Rafe, observando a multidão que passava por ela em direção às escadas. Seu corpo doía por ter estado sentada o dia todo. Queria ar fresco. Queria se movimentar. Já tinha desistido de suas caminhadas matinais. Não queria perder também sua caminhada para casa. O fato de a fila do táxi estar interminável ajudou-a a se decidir, mas ficou feliz por ter tanta gente por perto.

Ainda assim, ficou nervosa quando atravessou o arco da via férrea atrás da estação. Parou para olhar o interior do túnel: nada de Rafe. E para a ponte, antes de passar para atravessar o rio: de novo, ele não estava lá.

Havia, porém, uma pessoa, no meio da ponte, encolhida sob um monte de cobertores surrados e cercada por latas de cerveja vazias, segurando uma garrafa de um destilado barato. Havia vários sacos plásticos em volta dela, com seus escassos pertences.

Em geral, Clarissa manteria o máximo possível de distância. Dessa vez,



porém, aproximou-se da mulher, embora lutasse contra uma mistura de medo e pena igual à que a Srta. Lockyer lhe despertava. Segurou a bolsa com mais firmeza.

O cabelo da mulher era tão ensebado e emaranhado que Clarissa não conseguia saber de que cor era. O leve casaco de inverno estava rasgado e sujo sobre o corpo esquelético. A pele enrugada era tão áspera, vermelha e estava descascando tanto que devia doer; olhando de relance, parecia ser uma velha, mas provavelmente não tinha mais de quarenta anos. Será que, um dia, a Srta. Lockyer acabaria assim? Havia o fedor de carne azeda — uma inequívoca mistura de genitália e ânus não lavados e suor de axilas — que fez Clarissa ter ânsia de vômito e tentar respirar pela boca, esperando que a mulher não notasse.

— Dinheiro para o abrigo?

A mulher estendeu a mão que estava quase azul de frio. Clarissa tirou uma luva e pegou uma nota de vinte libras, sabendo que, provavelmente, seria usada para comprar crack e heroína.

— Deus a abençoe — disse a mulher.

Clarissa tirou a outra luva e ofereceu-lhe o par, sem saber se ela iria querer o tricô de sua mãe. A mulher hesitou, então as pegou e as vestiu, lenta e desajeitadamente.

— Deus a abençoe — repetiu, sem olhar nos olhos de Clarissa, que continuou a andar, enfiando as mãos agora congeladas bem fundo nos bolsos do casaco quente que ela havia modelado quando Henry ainda estava lá.

Henry tinha um leve sorriso no rosto e uma taça de vinho e um jornal nas mãos enquanto ela estava ajoelhada no chão da sala, curvada sobre os losangos de lã azul-escura, absorta pensando no que faria com aquilo. Ele irradiava energia mesmo parado. Raspava os poucos fios de cabelo que lhe restavam toda manhã após o banho, portanto estava completamente calvo — algo que era uma escolha, em termos de estilo, em vez de um destino indesejável, e uma prova ainda maior de seu infalível senso estético. Henry agora estava em Cambridge, um mundo distante daquela mulher e de Clarissa.

Clarissa seguiu apressada, querendo chegar em casa o mais rápido possível. Chegou ao velho adro da igreja em poucos minutos. A Srta. Lockyer devia ter passado por ali inúmeras vezes, inclusive no dia em que a pegaram. Teria ela notado o único túmulo que não fora arrancado? Verde por causa do lodo, a caixa de pedra cinzenta marcando a localização dos corpos era do tamanho de um baú grande. Muitos séculos antes, o cemitério tinha sido um bosque. Era mais um dos lugares preferidos de Clarissa. Gostava de pensar que era uma fonte de magia e

que, algum dia, essa magia faria efeito, embora isso ainda não tivesse acontecido.

Uma mulher fora enterrada ali com seus dois bebês na metade do século XIX. Três mortes em dois anos. No escuro, Clarissa não conseguia enxergar as inscrições, e as letras gravadas estavam quase ilegíveis, mas ela as sabia de cor.

*Matilda Bourn, Faleceu em 21 de agosto de 1850, Com 4 meses*

*Louisa Bourn, Faleceu em 16 de setembro de 1851, Com 6 semanas*

*Jane Bourn, Mãe das crianças acima*

*Faleceu em 22 de dezembro de 1852, Com 46 Anos & 6 Meses*

Clarissa sempre imaginou os dois bebês aninhados nos braços da mãe, debaixo daquela terra úmida, e a mãe feliz, finalmente, por poder abraçá-los. Teriam sido eles seus únicos filhos? Deveria haver outros; era o mais plausível. Provavelmente sua saúde fora arruinada por várias gestações sem grandes intervalos entre si — isso talvez a tivesse matado. Clarissa poderia ter pesquisado a respeito, mas, no fundo, não queria saber. Preferia a história que contava a si mesma, na qual a mulher esperava e ansiava, sem filhos, por muito tempo. Então, por um milagre, ela tivera seus bebês após fazer quarenta anos, a idade que Clarissa teria dali a um ano e meio. Só para perdê-los.

Nenhum marido era mencionado. Nem pai. Como se o único relacionamento importante fosse aquele entre a mãe morta e seus bebês mortos. Mas alguém se importava com eles o suficiente para mandar fazer aquela lápide.

O sobrenome de Clarissa era uma variante do sobrenome deles, mas sabia que não era por isso que sentia uma forte ligação com a mãe morta e seus bebês mortos. Tinha um ritual quase supersticioso de rezar por eles — e para eles — sempre que passava pela sepultura. Às vezes, escalava o portão de ferro na outra extremidade para tirar latinhas amassadas ou embalagens de fast-food gordurosas.

Estava um breu ali, naquela noite. As pessoas que pareciam compartilhar sua caminhada para casa desde a estação de trem tinham, de algum modo, sumido sem serem notadas; ela perdera muito tempo com a mulher na ponte. Arrependida por ter desistido da fila do táxi, ela pensou em retornar para a estação. Mas logo raciocinou que isso de nada adiantaria — estaria sozinha e isolada do mesmo jeito, fosse voltando ou seguindo em frente.

Tentou se acalmar afirmando que Rafe não sabia nada sobre suas viagens diárias a Bristol; ele não tinha motivo para suspeitar que ela caminhava da estação para casa todas as noites. Ainda assim, não conseguia deixar de imaginar sombras se movendo ao longo das paredes, onde todas as antigas lápides estavam

apoiadas; aqueles que tinham chorado diante delas estavam mortos havia muito tempo; provavelmente nunca imaginaram que aquelas placas gravadas com tanto cuidado seriam arrancadas de seus lugares.

Ela seguiu adiante, segurando-se para não correr, já que poderia escorregar no caminho congelado. Tinha certeza de que ele surgiria rapidamente diante de seu campo de visão, materializando-se na noite sem estrelas.

Voltou a respirar normalmente apenas quando chegou à sua rua. Não caminharia mais sozinha após escurecer. Para lugar nenhum. Não importava quanto tivesse que esperar por um táxi. E, quando caminhasse, só iria a lugares que tivesse certeza de que estariam cheios de gente.

Sexta-feira, 6 de fevereiro, 18h15.

Um pequeno envelope, forrado com plástico bolha, espera por mim no escaninho da entrada do prédio. Dentro, uma caixinha. Você a embrulhou com papel dourado e cuidadosamente a decorou com um fitilho prateado. Incluiu um pesado cartão cor creme, com uma rosa impressa. *Reparei no que você ama. Use isto por mim.*

Minhas mãos tremem quando subo a escada para meu apartamento, rasgando o embrulho, e tropeço no degrau ao ver o anel que me chamou a atenção, como por encanto, naquela noite em novembro. Você nunca o teria comprado se soubesse que eu pensava em Henry ao olhar para ele. Não estava pensando em você. Não em você. Nunca em você. Minhas visões de você são apenas sombrias.

Tenho um pensamento insano de que as pontas dos meus dedos vão sangrar quando tocarem este pequeno e frio círculo de metal com brilhantes. O anel voltou para mim como um bumerangue do mal.

Assim que entro em casa, enfio tudo de volta no envelope, inclusive o cartão, lacro com fita adesiva e colo novos selos, riscando o meu nome da frente e escrevendo o seu, assim como o endereço da universidade. Acima de tudo, não posso deixar que pense que aceitei de você um presente tão valioso. A primeira coisa que farei amanhã de manhã será enviá-lo de volta pelo correio.

Mas, logo que começo a enfiar o pacote na bolsa, decidida, uma das orientações dos folhetos faz com que minha mão pare no meio do movimento.

*Guarde todas as cartas, os pacotes e objetos, mesmo que sejam alarmantes ou angustiantes.*

Tenho de guardar o anel, não importa quanto dinheiro você tenha gastado com ele. Afinal, é um presente. Só não é da maneira que você pretendeu. Vou adicioná-

lo à minha coleção de provas, que está aumentando. É um estoque assustador, mas ainda não se tratava de uma prova irrefutável.

## **SEMANA 2**

*A dança do fogo*

## SEGUNDA-FEIRA

Clarissa observava Robert. Ele folheava a pasta de informações para os jurados. Parou em uma foto do interior da van, estudou-a e escreveu um bilhete para o oficial de justiça levar ao juiz.

O Sr. Belford encarava a Srta. Lockyer com um olhar de dúvida.

— Uma história — dizia ele — de surras e torturas sistemáticas e episódios violentos de estupro e cárcere privado. Mas nenhuma marca na vítima.

O juiz interrompeu com a educação formal que lhe era característica, pedindo que eles olhassem para a foto de Robert. Atrás do assento do motorista, em cima de uma embalagem de fast-food amassada e engordurada, estava um isqueiro descartável verde.

O Sr. Morden olhava radiante para Robert. Até então, ninguém havia notado aquele isqueiro. Ele se encaixava perfeitamente na narrativa da Srta. Lockyer sobre Godfrey queimar seu brinco na van.

\* \* \*

Era mais uma das muitas interrupções ocasionadas pelas discussões sussurradas entre o Sr. Morden e o Sr. Belford. Clarissa estava sentada na cadeira de sempre. Robert ocupara o assento em frente a ela, no canto do pequeno anexo, que tinha um brilho intenso e ofuscante.

— Pobre garota — comentou Robert, sem o menor receio de declarar sua solidariedade de maneira tão aberta.

Clarissa ficou imaginando quantos homens falariam aquilo, diante de outros.

— É — disse ela, concordando com um leve aceno de cabeça, a expressão um pouco pesarosa. — Coitada. — Em seguida: — Não acredito que tenha encontrado o tal isqueiro. Você trabalha como detetive?

— Sou bombeiro. — Ele deu de ombros, com modéstia. — A maioria das pessoas não olha ao redor procurando coisas que podem vir a causar incêndios.

Faço isso desde os meus vinte anos. Metade da minha vida.

O oficial de justiça já estava retornando, chamando-os de volta.

Clarissa apanhou sua bolsa e o cardigã. Ela nunca tinha conhecido um bombeiro. Cercara-se de acadêmicos, apesar de ter decidido que ela mesma não se tornaria uma. Mas não deixou de perceber a ironia de ter ido parar direto nos braços de um deles, embora Henry fosse mais poeta do que acadêmico. Clarissa achou que o que Robert fazia era interessante e importante.

— É apenas um emprego — comentou ele, como se tivesse lido sua mente e estivesse esclarecendo a situação para ela. Falou como se aquilo fosse óbvio, mas de seu modo amigável, sereno. — Todo nós fazemos a nossa parte.

\* \* \*

— Você mesma é capaz de cometer um ato de violência, não é, Srta. Lockyer?

A Srta. Lockyer balançou a cabeça para o Sr. Belford, como se a pergunta dele não merecesse uma resposta. O Sr. Morden ficou de pé num salto, para protestar, em uma fúria absoluta, e os jurados, mais uma vez, se viram saindo da sala.

\* \* \*

Novamente, no pequeno anexo, Clarissa estava sentada diante de Annie e Robert.

Lembrava-se da noite de quarta-feira. O porta-sabão escorregando de seus dedos e se espatifando nos ladrilhos em vez de no crânio de Rafe.

*Não seria capaz de me machucar, Clarissa. Eu conheço você.*

— Não tenho certeza se eu seria capaz de machucar outra pessoa — disse ela —, mas começo a desejar que sim.

— Você tem cara de que não faria mal a uma mosca — comentou Annie.

Robert olhava intensamente para Clarissa.

— Machucar alguém não tem a ver com força física. Você nunca esteve numa situação em que não tivesse escolha. Qualquer um é capaz de cometer um ato de violência, Clarissa. Garanto que você também seria capaz, se fosse preciso.

— Você já precisou, Robert? — perguntou Annie.

O rosto dele manteve-se inexpressivo. Ele não respondeu.

— Na verdade, eu não precisava ter perguntado — disse Annie. — Claro que você já precisou.

\* \* \*

O Sr. Belford dava a impressão de não ter tirado os olhos da Srta. Lockyer durante a ausência dos jurados; um falcão observando uma presa, esperando sua chance.

— É verdade que seu ex-parceiro tem uma nova namorada?

Clarissa olhou preocupada para Annie, que acabara de ser trocada pelo marido. Pensou também em Rowena. E na esposa de Henry.

A Srta. Lockyer olhou para as próprias mãos.

Clarissa ficou imaginando como se sentiria quando Henry encontrasse outra. Sabia que seria um golpe se ele tivesse um tratamento de fertilidade bem-sucedido com uma nova namorada, e ela teria de superar isso. Não que ele estivesse com pressa para passar de novo por aquele processo. Henry queria que as pessoas achassem que exalava testosterona. Ele a fez jurar que nunca contaria a ninguém sobre sua pequena população de espermatozoides disformes, todos com cinco cabeças e dez caudas, nadando em círculos e chocando-se uns contra os outros.

O Sr. Belford provocou a Srta. Lockyer, que permanecia calada.

— Você tentou matá-la?

— Claro que não.

Ele balançou a cabeça, deixando claro que as respostas dela eram tão absurdas que não valia a pena continuar a inquiri-la.

\* \* \*

Ela estivera tão concentrada na Srta. Lockyer, no Sr. Belford e em suas próprias anotações que não havia observado a galeria destinada ao público. Um movimento na última fila atraiu sua atenção.

Um homem pálido inclinou-se para a frente, afastando-se da parede de um tom pálido, onde estivera apoiando sua cabeça pálida, olhando apenas para Clarissa, forçando-a a reparar em seu olhar.

Quando Robert parou para deixá-la sair da bancada do júri antes dele, ela tropeçou, seu rosto ficou quente, a respiração aumentou, o coração bateu tão depressa que ela achou que devia ser possível vê-lo martelando por baixo do vestido.



Segunda-feira, 9 de fevereiro, 17h55.

Estou sentada na sala do júri, fingindo estar tão absorta em meu livro a ponto de não perceber que todos já se foram. A oficial encarregada está me olhando, juntando ruidosamente suas coisas. Por fim, ela me diz que a sala precisa ser liberada, e vejo que não dá mais para me esquivar de encontrar você.

Como eu já suspeitava, você está me esperando do lado de fora do tribunal. Passo direto até o final da rua e viro à esquerda, agindo como se você não estivesse ali.

— Clarissa. — Você me alcança. — É ridículo você não falar comigo, Clarissa.

Paro diante do quiosque que vende café, já fechado, como tudo o mais. Nunca vi esse lugar tão silencioso, mas há algumas pessoas por ali. Isso me dá a segurança de estarmos em um espaço público.

— Amor, por favor, fale comigo.

Não consigo me conter. O conselho dos folhetos de permanecer em silêncio é impossível.

— Não sou seu amor.

Você se aproxima.

— Não chegue perto de mim. — Minha voz soa esganiçada. Tento falar mais baixo. — *Nunca* mais venha aqui de novo. Você não tem o direito de fazer isso.

— É uma galeria pública.

A não ser que eu impeça você de vir aqui, não conseguirei entrar naquela bancada de jurados e continuar participando do julgamento. O tribunal se tornará uma armadilha, um lugar onde ficarei presa e em exposição para você. Percebo quanto me importo com o caso, quanto significa para mim, que estou de fato muito orgulhosa de servir como jurada — é algo que sempre quis fazer. Pensamentos sentimentais sobre responsabilidade e cidadania começam a martelar em minha cabeça mesmo quando estou na sua presença.

— Se você voltar, direi a eles que o conheço. É capaz de cancelarem todo o julgamento. Não querem que os jurados se distraiam. Eu preciso me concentrar.

— O testemunho perturbou você, Clarissa... Eu percebi isso.

Você tem razão. Detesto quando está certo a meu respeito. Detesto que eu nem mesmo sabia que estava ali, me vigiando. Detesto não saber direito qual seria a minha reação se tivesse percebido você lá enquanto o tribunal 12 ainda estava no auge de seu horror, e não em seus últimos segundos.

— Não há lei contra amigos dos jurados se sentarem na parte aberta ao

público.

— Você não é meu amigo.

— Tem razão. — Você se corrige. — Namorado.

— Você não é... — Mordo o lábio.

Você parece estar tão triste que qualquer outra pessoa sentiria pena.

— Pensei que ficaria feliz em me ver.

— Não fiquei. — Não é tão difícil ser má. Estou quase tremendo de raiva.

Minha mãe nunca teria conseguido sequer imaginar um homem como você.

— Não estou me encontrando mais com Rowena.

— Não me importo com quem você se encontra ou deixa de se encontrar.

— Você é cruel, Clarissa. Fiquei preocupado. Você estava doente.

— Menti para você. Eu não estava doente. Não queria que você me seguisse naquela manhã. Não queria que me encontrasse. Não queria que soubesse que eu estava aqui. Tenho o direito de querer que você não saiba onde estou. Não gosto de ser seguida. — Assim é melhor: firme e sincera.

— Foi uma maldade o que fez. Eu esperava mais de você.

— Não me importa o que pensa de mim. Não quero que você pense em mim de jeito nenhum.

— Seu celular continua desligado.

— Mudei o número. Por sua causa. Não quero ter nada a ver com você. Já disse isso um milhão de vezes.

— Entrei em todos os tribunais daquele prédio até encontrar você.

Mexo a cabeça lentamente de um lado para outro.

— Não percebe que isso não é normal?

— Não. Não percebo. Isso mostra quanto você significa para mim. — Você estende os braços, como se esperasse que eu me jogasse neles, e dou um passo para trás. Como pode imaginar que eu iria querer isso? — Você gostou do anel, Clarissa?

— Não.

— Mas ficou com ele. Então deve ter gostado.

— Não me mande mais coisas. Quero que você fique longe de mim. — Quando começo a me afastar, você segura meu braço. Puxo ele de volta. — Não toque em mim. Você me dá nojo. As coisas que você faz me dão nojo.

— Você não pode simplesmente dormir comigo e depois mudar de ideia. Não pode me fazer sentir o que me fez sentir e depois me ignorar.

Uma frase de um dos folhetos me atravessa feito um punhal.

*Um terço dos perseguidores teve relações íntimas com suas vítimas.*

— Foi apenas uma noite. Não significou nada para mim. Foi o maior erro que já cometi na vida, e não teria cometido se não estivesse bêbada. Ou pior. Houve algo pior? — Pela primeira vez, você não tem nada a dizer. — Por que não consigo me lembrar de nada? — Você continua calado. — Por que acordei com marcas no dia seguinte? — Pela primeira vez eu tenho mais a dizer do que você. — Por que fiquei tão enjoada depois?

Por fim, você fala, embora eu deseje seu silêncio novamente assim que as palavras saem de sua boca.

— Você estava louca de paixão por mim, Clarissa. Estava fora de controle, a maneira como reagiu, as coisas que implorou para que eu fizesse com você...

— Eu estava inconsciente. — Aperto minha bolsa, tentando fazer as mãos pararem de tremer. O café que tomei no almoço sobe pela minha garganta. Eu o engulo de volta. — Você colocou alguma coisa no meu vinho?

— Agora está parecendo maluca. Você quis ficar comigo, Clarissa. Você quis ficar comigo tanto quanto eu com você. Por que está tentando negar isso? Você estava relaxada e estava gostando daquilo.

— Eu não desejei você. Não desejei naquela noite, e certamente não estou desejando agora.

Você aperta os lábios. Suas mãos estão se fechando com força, se abrindo, se fechando, se abrindo novamente.

— Sua puta. — Seu rosto está distorcido pelo ódio, mas você se esforça para suavizá-lo. — Eu não quis dizer isso, Clarissa. Desculpe. Você me magoou demais. Diga que me perdoa. Eu não sabia o que estava dizendo.

Os folhetos me atravessam de novo, mais uma apunhalada.

*Oito mulheres morrem por mês na Inglaterra por causa de abuso doméstico.*

Eu gostaria que esses folhetos não ficassem à minha espreita. Não quero pensar neles. Não quero imaginar que podem estar certos. Os folhetos são como amigos sussurrando verdades incômodas que não quero ouvir. Quero pensar que aqueles números foram inventados. *Oito mulheres morrem por mês.*

— Eu vou embora agora. Se você me seguir, volto para o prédio do tribunal e chamo os seguranças. Eles ainda não foram embora.

— Diga que me perdoa e eu irei embora.

— Eu nunca vou perdoar você. Se voltar a vê-lo naquele tribunal, vou denunciá-lo ao juiz.

— Não falei sério, Clarissa, ao chamá-la daquilo.

— E também contarei, no trabalho, o que você fez, que me seguiu até aqui, que me perturbou tanto que não consegui continuar a cumprir com um dever tão

importante. — Sou impiedosa. Minha voz está firme e o enjoo passou. Sei o que preciso dizer para manter você longe do tribunal 12. — Farei uma queixa formal ao departamento de Recursos Humanos. Eles levam a sério suas responsabilidades em relação aos funcionários que estão a serviço de um júri. — Isso é totalmente verdade. — É óbvio que você não quer que saibam, no trabalho, o que anda fazendo. — E isso também é verdade. Seus olhos se iluminam, confirmando que estou certa (afinal, você nunca me mandou e-mails pelo sistema da universidade).

— Você é *mesmo* uma puta. Não é a mulher que pensei que fosse.

— Tem razão. Não sou. Você não me conhece nem um pouco. Apenas me deixe em paz. É tudo que quero de você.

Eu me afasto e, dessa vez, você não me segue.

Eles dizem que você não deve se equivocar. Dizem que você deve tentar ser direta e firme. Dizem que você nunca deve amenizar o golpe. Dizem que um “Não!” não precisa de complemento. Dizem para você usá-lo de maneira enfática. Dizem que você nunca deve justificar um não.

## TERÇA-FEIRA

Clarissa estava esperando que o trem partisse de Bath quando Robert entrou. Apesar de ter chegado apenas segundos antes de as portas se fecharem, ele não estava com a aparência de quem havia corrido. Ela se encontrava no assento do corredor e o viu caminhar em sua direção, pensando que não era comum alguém andar num vagão em movimento com tanta firmeza.

O assento em frente a ela estava desocupado. Robert sentou-se ali e deu-lhe um sorriso de bom-dia daquela curta distância.

— Nossa, que surpresa encontrar com você aqui — disse ele, em tom de brincadeira. — Está indo fazer alguma coisa interessante?

Ela fez uma expressão de mistério.

— Talvez.

— Trabalhar, quem sabe?

— Pensei em faltar ao trabalho hoje. Por puro capricho. Aliás, decidi faltar pelas próximas seis semanas.

— Eu também — comentou ele.

— Que coincidência.

— Mas, falando sério — disse ele, esticando as longas pernas pelo corredor, relaxado, mas atento; ela sabia que ele as tiraria do caminho se alguém precisasse passar, antes mesmo de a pessoa pedir. — Você sabe que sou bombeiro. Você é professora, não é? Ouvi você dizer a Annie que trabalhava na universidade.

Ela balançou a cabeça, como se tivesse horror a essa ideia.

— Não, mas quase fui. Trabalho na parte administrativa. — Fez uma pausa. — Meu pai... ele queria que eu fosse professora universitária. Ele dava aulas em escolas. Ensinava gramática antes de se aposentar — continuou, dando um sorriso. — Está muito cedo para ficar fazendo confissões.

— Nunca é cedo demais para isso. Mas estou intrigado com o porquê de você ter mudado tão radicalmente de direção. — Ele pareceu refletir. — Sempre que a vejo, você está lendo. Ou escrevendo.

Ela assentiu.

— Professores nunca param de trabalhar. Noites... fins de semana... Há sempre trabalhos para dar nota, artigos para escrever, pesquisas para ler, formulários para preencher ou e-mails de alunos a responder. Sem falar das aulas e das reuniões. Não acaba nunca. Algumas pessoas adoram essa vida, mas só de pensar nela me sentia presa. Não queria trazer o trabalho para casa no fim do dia. E queria que meu lado criativo fosse só meu... Não queria ter de prestar contas dele para outras pessoas. — Ela mordeu o lábio, surpresa por se descobrir lhe dizendo isso. — Portanto, abandonei meu ph.D.

— Era sobre o quê?

— Sobre como os pintores pré-raphaelitas reagiram à poesia romântica. Henry... meu ex-namorado... achava os pré-raphaelitas absurdos. Provavelmente tinha razão, mas, não tem jeito, eu continuo a amá-los.

— Você e Henry gostavam dos mesmos poetas?

— Sim — respondeu ela baixinho. — Henry fez com que eu me apaixonasse por Yeats. — Ela não disse que Henry costumava sussurrar versos inteiros de Yeats para ela na cama.

— Você não parece alguém que desiste das coisas.

Clarissa não quis entediá-lo com a história da ponte de safena do pai, enquanto ela estava no segundo ano do ph.D., e como sua pesquisa pareceu algo sem sentido após ajudar sua mãe a cuidar dele. Mas sabia que a quase morte do pai apenas apressou a inevitável consciência de que aquela vida de abstração e falta de criatividade não servia para ela, ter de pensar interminavelmente sobre ideias e palavras de outras pessoas numa linguagem excludente; conferências e publicações acadêmicas apenas lhe davam dores de cabeça. Ela preferia ver os quadros e ler os poemas do que teorizar sobre eles. E precisava usar as mãos; fazer coisas ela mesma.

— Os pré-raphaelitas pintaram uns vestidos lindos — observou ela —, e os tecidos... Eu gosto de costurar. Então passava todo o meu tempo recriando esses vestidos em vez de escrever minha tese de ph.D.

— Parece mesmo tentador — disse ele, fazendo com que ela risse. — Você, em vez disso, deveria ter feito ph.D. em moda. Isso existe?

— Provavelmente. Acho que, hoje em dia, você pode fazer ph.D. sobre qualquer coisa.

— Até sobre a história do carro dos bombeiros?

— Quase com certeza — disse ela. — Mas não é um bom exemplo para gozação... Isso é realmente algo importante.

O trem havia chegado a Bristol. A mochila azul-escura estava no chão, diante dele. Parecia enorme e pesada, mas ele a ergueu com uma das mãos como se estivesse muito leve, e os dois desembarcaram.

Logo após as catracas, havia um homem fantasiado de galinha. Lembrando-se da viciada da ponte, Clarissa colocou em seu caneco uma nota de cinco libras amassada e um pouco rasgada. Era todo o dinheiro que tinha. Robert, porém, acrescentou mais cinco.

\* \* \*

O Sr. Tourville era corpulento e tinha o rosto corado. Sua peruca estava torta e pareceu prestes a escorregar quando ele enxugou a testa. Os olhos claros de Doleman estavam grudados nas costas de seu pretenso salvador, que distribuía um recorte de jornal.

Carlotta Lockyer estava sentada na grama coberta de dentes-de-leão da mesma cor que seus olhos. Ela usava jeans boca de sino desbotado, tênis e uma blusa esvoaçante roxa. O cabelo louro estava solto, cobrindo os ombros, e colocado para trás das orelhas. Seu belo queixo se aproximava do peito enquanto ela olhava para a câmera. Com os olhos semicerrados ao sol suave da primavera, a testa um pouco franzida, ela demonstrava tristeza e coragem ao mesmo tempo, como se tivesse acabado de escapar de um perigo iminente; não era o tipo de imagem que Clarissa esperava que o Sr. Tourville quisesse divulgar.

Ela leu o título: *Jovem escapa de cruel maníaco sexual*.

Esquadrinhou a data: quase três anos antes, no fim de abril.

Leu a legenda embaixo da foto: *Carlotta Lockyer, acima, quase foi vítima de Randolph Mowbray*.

Então leu a reportagem.

A jovem Carlotta Lockyer, frequentadora da cena noturna londrina, por pouco evitou o mesmo destino de Rachel Hervey, 19, assassinada em agosto do ano passado pelo maníaco sexual Randolph Mowbray, 26. A bela Carlotta, 25, conheceu o sádico estuprador e assassino em uma boate de Londres. Ela admite que se encantou com o calculista, vaidoso e insidioso Mowbray:

“Fico constrangida e aterrorizada quando penso na facilidade com que concordei em visitá-lo, mas fiquei doente no último minuto e não pude ir. Soube, depois, que foi o fim de semana em que ele matou aquela garota. Poderia ter sido eu.”

Mowbray, que estava escrevendo uma tese de ph.D. sobre *serial killers* na literatura, tornara-se obcecado por Rachel por vários meses antes de estuprá-la, torturá-la e estrangulá-la. Em seguida, escondeu o corpo sob o assoalho de sua casa, onde permaneceu por dez dias antes de ser descoberto. O desaparecimento da estudante universitária desencadeou uma busca nacional e uma reconstituição de seus últimos passos foi transmitida pela televisão. Durante o julgamento, que durou cinco semanas, a

angustiante provação da família da vítima tornou-se pior diante da falsa alegação de Mowbray de que Rachel o havia procurado voluntariamente para um jogo sexual bizarro, que, segundo ele, teria dado errado e levado à morte accidental da garota.

O detetive superintendente Ian Mathieson descreveu o caso como “uma das coisas mais horríveis e trágicas com que tive de lidar em trinta e cinco anos de carreira. A vida de uma jovem bela e talentosa foi tirada pelo crime particularmente brutal e angustiante de Mowbray. Os últimos momentos de Rachel foram de escuridão, terror e dor.”

— A Srta. Lockyer é um ímã para encrencas — sussurrou Annie.

Clarissa concordou com a cabeça, embora mal a escutasse. Ela se lembrou de ter lido sobre o caso, na época. Foi divulgado, no julgamento de Mowbray, que Rachel havia prestado queixa dele à polícia algumas semanas antes de seu desaparecimento, mas ela não tinha oferecido provas suficientes para eles intervirem.

*Escuridão, terror e dor.*

Ela quis chorar. Imaginava o copo machucado e ensanguentado de Rachel debaixo das tábuas do chão, seus pais histéricos, rezando na esperança de que a filha voltasse em segurança.

O Sr. Tourville olhou fixamente para a Srta. Lockyer.

— Você vendeu sua história para um jornal de circulação nacional.

— Eles não me pagaram nenhum centavo. Eu cheguei *perto assim* — juntou o polegar e o indicador para demonstrar — daquele rapaz me assassinar.

— Você explorou a trágica história de estupro e assassinato de Rachel Hervey para alimentar seu desejo por atenção.

— Eu nunca quis esse tipo de atenção. Detestei o modo como escreveram sobre mim. Não foi justo. Deturparam tudo.

— Você disse que foi estuprada. Os outros homens estavam no quarto ao lado, enquanto supostamente isso acontecia. Por que não gritou por socorro? Por que não reagiu?

— Eles estavam me imobilizando. Doleman me ameaçava com uma faca. E não era provável que os outros homens viessem me salvar, era?

— Por favor. Você sabe que não havia faca nenhuma. Você pediu aquilo. *Você estava relaxada e estava gostando daquilo.* — Sua declaração foi tão grosseira e maldosa que Clarissa não conseguiu acreditar no que ouviu.

— Não. — Foi mais um choro do que uma palavra.

O Sr. Tourville devolveu o olhar de indignação da Srta. Lockyer sem pestanejar, estufando o peito e postando-se firme, como se tivesse acabado de dizer algo muito corajoso que ninguém mais havia ousado.



\* \* \*

Ela podia ouvir a voz de Rafe sem parar em sua cabeça, enquanto permanecia sentada na sala de espera. *Você estava louca de paixão por mim, Clarissa. Estava fora de controle, a maneira como reagiu, as coisas que implorou para que eu fizesse com você. Você quis ficar comigo, Clarissa. Você estava relaxada e estava gostando daquilo.*

— Clarissa? — Ela sentiu um leve toque no ombro e ergueu o olhar para Annie. — Hora de ir embora.

Os outros se preparavam para seguir o oficial de justiça para o andar de baixo. Eram apenas duas e meia, mas eles foram liberados mais cedo para que o juiz pudesse resolver questões burocráticas do tribunal.

Robert olhou para ela.

— Você não parece bem. Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem. — Tentou sorrir. — Só estou com sono.

— Faça uma longa caminhada esta tarde — sugeriu ele. — Respire um pouco de ar fresco. Hoje em dia, não temos muitas chances de fazer isso.

— É. Acho que vou fazer isso.

Terça-feira, 10 de fevereiro, 16h30.

Largo minhas coisas no apartamento assim que chego. Eu me apresso em vestir dois pares de meias de lã e minhas galochas. Volto a sair, ainda toda encasacada e de gorro e luvas.

Não consigo evitar olhar para os dois lados da rua. Não há sinal de você em parte alguma, como deveria ser. Por acaso sei que você está preso em Londres, numa conferência sobre língua inglesa para pós-graduados — uma das vantagens do meu trabalho: Gary me mandou marcar isso para você.

Preciso estar num lugar onde possa pensar, um dos meus lugares preferidos. Preciso fingir que assassinos que torturam mulheres e escondem seus corpos debaixo de assoalhos existem apenas nos jornais. Não na vida real. Preciso fingir que é normal sair para caminhar num fim de tarde, mesmo se o céu já começa a escurecer. Se eu fingir tudo isso com bastante determinação, talvez venha a se tornar realidade.

Caminho tão animada quanto consigo pelas calçadas cobertas de gelo até chegar ao parque.

O lugar é redondo e o vejo como a superfície gigantesca de um relógio. Os portões pretos de ferro que marcam a entrada principal estão na posição das seis horas. Passo por eles e sigo no sentido horário, na direção das nove, mantendo-me no caminho que beira a circunferência do parque. Sempre imagino os doze números do relógio distribuídos ao longo desse percurso e me localizo em determinado ponto de acordo com eles. O caminho rodeia a imensa ilha de grama no centro do parque, e que atualmente está coberta por uma grossa camada de neve, o que dificulta a passagem.

Alcansei as oito horas. À minha esquerda, está o caminho ao longo do penhasco. Abaixo está uma íngreme floresta de encosta e minha vista favorita de Bath. A abadia logo será banhada de luz azul.

O caminho foi coberto de sal, então posso me movimentar mais rapidamente, sentindo o sangue me aquecendo por dentro e o vento silencioso no rosto. Aqui está tranquilo, uma sensação de outro mundo sob o crepúsculo. Uma criança acharia que o monte de grama coberto de neve é um reino encantado. Tudo o que consigo ouvir são minhas botas sobre os gravetos secos. Parece que o parque é meu jardim particular; o frio mantém as outras pessoas dentro de casa.

Estou nas doze horas, na metade da volta, e o mais longe possível da entrada do parque. Entre os brinquedos vazios das crianças, um balanço range de leve, como que empurrado por um fantasma.

É quando você aparece.

— Olá, Clarissa.

Fico completamente paralisada.

— Não estava me sentindo bem. Tive de faltar à conferência.

Por vários segundos, esqueço de respirar.

— Eu disse que não estava me sentindo bem, Clarissa. Você não se importa? Não está preocupada?

Coloco as mãos nos ouvidos e pressiono com força, tentando conseguir pensar.

— Você me decepciona — você diz, balançando a cabeça com tristeza. — Passei pela sua casa. Mas vi você andando na direção do parque.

Seguir as pessoas deve ser uma especialidade sua; conseguiu se manter perto o bastante para me ter no seu campo de visão sem que eu notasse. Eu não fazia ideia. Não vi nada. Não ouvi nada.

— Teve uma hora que achei que tivesse perdido você de vista. Você desapareceu, mas eu te localizei.

Você sempre me localiza. Sempre. Quando foi que você não me localizou? E, dessa vez, a culpa foi minha. Toda minha. Tudo porque cedi ao impulso estúpido

de não deixar que meu medo de você me aprisionasse.

Eu me lembro das manifestações “Reclaim the night”, em prol da segurança das mulheres nas ruas à noite. Havia sido um conceito muito importante para mim e para Rowena quando estávamos na faculdade. Fomos às ruas, pensando nas mulheres que fizeram aquilo nos anos 1970. Estávamos erradas. Elas estavam erradas. Não é nem noite ainda, mas logo será, e eu não deveria ter vindo aqui. Não deveria ter menosprezado aquele medo de lugares escuros. Nunca mais farei isso de novo.

Penso em abandonar o caminho e atravessar o gramado central em linha reta, a maneira mais direta de sair daqui, mas é uma ideia ridícula. Os montes de neve estão muito altos — demoraria uma eternidade —, e há muitas árvores e arbustos projetando suas sombras. Não vou ser atraída para fora do caminho como a Chapeuzinho Vermelho. Conheço bem até demais as lições que essas histórias ensinam.

— Meu carro está estacionado logo ali. — Com o canto do olho, vejo você apontar. — Posso te dar uma carona.

A proposta é tão absurda que eu deveria rir, só que estou ficando muito tonta para achar graça.

— Estou tentando ser legal depois de ontem, Clarissa. Depois de todos esses dias. Depois de todos os seus insultos e suas desfeitas. Mas você não facilita as coisas.

*Apenas me deixe em paz. É tudo o que quero de você.*

Você não me ouviu dizer isso?

— Preciso que você me diga que me perdoa pelo que falei ontem, Clarissa. Sabe que não falei sério, ao chamá-la daquilo. Eu estava com raiva. E você estava muito irritante.

*Eu nunca perdoarei você.*

Que tal essa? É claro que isso também não adiantou. É por isso que os folhetos estão certos, e falar com você — mesmo um pouquinho — é a pior coisa a fazer.

Olho para a frente e ando no sentido anti-horário, o mais rápido possível. Fico imaginando se vou conseguir sair dessa, mas não posso me dar ao luxo de pensar assim; tento dizer a mim mesma que estou exagerando. Estou apenas na altura das onze e meia, ainda é uma caminhada de cerca de cinco minutos até os portões pretos de ferro, mas refaço os passos por onde eu vim. Não deixarei que você me leve nem mesmo para perto do seu carro.

— Você menstruou na semana passada, não foi?

Não consigo evitar encarar você, ainda que por um instante. Você sorri como

um detetive presunçoso que possui uma fonte de informações privilegiada. Não digo em voz alta a pergunta na qual estou pensando: *Como pode saber disso?*

— Eu conheço você, Clarissa. Conheço você mais do que qualquer um. É por isso que ficou tão mal-humorada, não é? É por isso que mentiu para mim, dizendo que estava doente. É por isso que estragou nossa noite no restaurante. É por isso que não apareceu no teatro. Foram seus hormônios. Estou tentando perdoar você pela maneira como tem me tratado. Estou tentando entender.

Apesar do sal sobre a neve, quase perco o equilíbrio e quando você vem na minha direção dou uma guinada para fugir.

— Eu só quis ajudar. Você poderia ter caído e se machucado.

E de quem teria sido a culpa?

— Você não precisa daqueles folhetos contra perseguidores, Clarissa. Você sabe que não se trata disso.

Como você pode saber sobre os folhetos? Mas, de novo, consigo me conter e não pronunciar estas palavras. Percebo, também, quanto seria inútil argumentar. Você até mesmo disse a palavra que é a definição perfeita do que você é, e nem mesmo percebeu isso.

*Setenta e cinco por cento das mulheres vítimas de um perseguidor já o conhecem.* Os folhetos também dizem isso. Desejo não ter conhecido você.

Continuo avançando. Não fui muito longe. Só de volta às onze horas. Procuro inutilmente por câmeras de segurança, mas parece que não há nenhuma.

— Você queria que eu a encontrasse aqui, não é? Queria que eu a seguisse.

Penso em gritar, mas não há ninguém por perto para ouvir e não tenho certeza se minha voz não vai falhar.

— Gosto do seu novo perfume, Clarissa.

Certamente já sumiu todo desde que o borrifei esta manhã. Usei apenas um pouquinho. Atrás das orelhas. Na nuca. Como minha mãe me ensinou. Ela sempre diz: *Nunca use em excesso.*

— Gardênia. Está usando agora, não é?

Desde quando você é um especialista capaz de identificar perfumes?

— Venha até o meu carro e vamos conversar em um lugar aquecido.

*Andar depressa Andar depressa Andar depressa.*

— Vou ligar o aquecedor.

*Mais depressa Mais depressa Mais depressa Sem escorregar Sem escorregar Sem escorregar.*

— Estamos indo na direção errada. — E, com isso, você segura minha mão. Eu a senti antes de vê-la, pois estou me recusando a olhar para você enquanto

continuo na direção dos portões pretos de ferro. — Tentei fazer você ter bom senso, Clarissa, mas você não quis.

Tento livrar minha mão com um puxão, mas você me segura com mais força, e é quando noto que está usando luvas de couro bem justas.

— Agora vai ser do meu jeito.

De alguma maneira, percebo que nunca tinha visto você de luvas e meu estômago se revira. Olho em volta, desesperada, mas o parque continua deserto. Digo para você me largar, que não tem o direito, que me largue imediatamente, mas nada que eu diga ou faça adianta.

— Por favor, venha comigo, Clarissa. Podemos conversar. Precisamos conversar.

Você consegue me puxar alguns centímetros. Para o lado que não quero ir.

— Como vão seus pais?

Você fala como se os conhecesse, como se estivéssemos dando um alegre passeio e batendo papo feito amigos íntimos, como se não estivesse me arrastando à força, como se achasse que, falando sobre coisas normais, poderia tornar isso normal. Seria cômico se não fosse tão trágico.

— Eu não sabia que eles tinham vista para o mar.

Foi quando caiu a ficha. Foi quando entendi como descobriu aquelas coisas.

Você deve ter ido às escondidas à minha casa, bem cedo, na sexta-feira de manhã, e roubado o saco preto com meu lixo, inclusive com meus absorventes usados.

Você é um nojento bizarro.

Você também deve ter mexido no meu lixo reciclável: o envelope com o logotipo da organização contra perseguidores, o envelope pardo com o endereço dos meus pais no remetente e o CEP de Brighton, a nota fiscal do perfume.

As coisas mais comuns que as pessoas fazem o tempo todo. Encontrar uma amiga para jantar não é mais possível para mim. Agora tenho que pensar duas vezes antes de levar o lixo para fora. Você quer que eu saiba disso? Ou você está tão fora de controle que não percebe que está se denunciando, me alertando contra suas táticas dissimuladas?

Você me acompanha de volta.

— Eu quero apenas levá-la para casa, Clarissa — você diz. — Comigo — você diz. — Para a minha casa — você diz. — Apenas para passar um tempo com você — você diz. — Essa é a única coisa que eu quero, a única coisa que sempre quis — você diz. — Vou preparar seu jantar — você diz. — Sei que não anda dormindo ultimamente. Você vai dormir muitíssimo bem se estiver comigo a noite

toda — você diz, e me dou conta de que também deve ter encontrado no lixo a embalagem vazia do meu sonífero. — O sol está se pondo. Não é seguro ficar sozinha neste parque depois que escurece — você diz, e me espanto por não haver um pingo sequer de ironia em sua voz.

Você me puxa mais depressa, segurando minha mão e meu punho com suas duas mãos.

*Por que não gritou por socorro? Por que não reagiu?*

Meu coração está batendo tão furiosamente que não sei como consegue continuar funcionando; meu nariz está escorrendo e meu couro cabeludo, formigando, como se se pequenos choques elétricos estivessem caindo do céu sobre a minha cabeça. Mas não posso deixar que você me ponha no seu carro. Devo evitar que isso aconteça custe o que custar.

Faço outro esforço violento para me soltar.

— Foi você quem pediu. — Você puxa meu braço com tanta força que dou um grito.

*Foi você quem pediu.*

Você pressiona meu corpo contra o seu, expulsando o ar dos meus pulmões. Prende meus braços às minhas costas e também engancha uma de suas pernas por trás de mim, para impedir que eu lute ou me mexa. Quem vê de longe deve pensar que somos namorados.

— Gosto de tê-la assim em meus braços, Clarissa.

Estou completamente sozinha aqui. Os folhetos são mais inúteis do que nunca.

— Isso é tudo culpa sua, Clarissa.

Seu hálito contra meu rosto. Dessa vez não cheira a pasta de dentes. É o bafo azedo de bactérias que as pessoas têm antes de uma inflamação na garganta, e começo a ter náuseas. Tento virar a cabeça, mas você impede o movimento ao apertar minha nuca.

— Você não me deixa escolher, Clarissa.

Meu gorro havia caído. Seus lábios estão junto à minha orelha. Você está mordiscando o lóbulo.

Penso em deixar o corpo mole, acreditando que, desse modo, talvez você não consiga me erguer. Arrastar um peso morto não é fácil. Robert me disse isso, esta manhã, durante um dos intervalos. Mas me dou conta de que, mesmo se Robert estiver certo, não quero ficar no chão. Não quero pensar no que você poderá fazer se eu estiver no chão. Permanecer de pé é essencial.

— Se continuar fugindo, se continuar me evitando, o que você acha que vai acontecer? — Você faz uma pausa de alguns segundos antes de pronunciar meu

nome de novo, e dessa vez ele sai como um gemido.

*Qualquer um é capaz de cometer um ato de violência, Clarissa. Garanto que você também seria capaz, se fosse preciso.*

Sei que Robert está certo, e eu cometeria um grande ato de violência contra você, se pudesse. Mas uma luta corpo a corpo não vai me livrar. Não consigo derrotá-lo dessa maneira. Não consigo machucar você. Não consigo correr mais do que você. No momento, você está se certificando de que eu não seja nem capaz de me mexer.

Minha única chance é contar com palavras. E artifícios. E sorte. Creio que consigo usar as duas primeiras coisas, mas a terceira está fora do meu controle.

Eu digo:

— Vou com você.

Seus lábios estão sobre minha testa. Estão úmidos.

Eu digo:

— Vou com você até o carro, mas, por favor, me solte.

Seus lábios estão contra os meus.

— É sério?

— É. Mas está me machucando.

— Mas você gosta disso. Conheço seus segredos mais sombrios, Clarissa. Conheço os talentos que você não mostra para mais ninguém.

— Não gosto de ser machucada. Não gosto mesmo. Por favor, pare.

Você passa a língua pelos meus lábios.

— Você está segurando meu pescoço com muita força. Estou com dificuldade para respirar. Estou com dificuldade de falar.

— Ótimo. — Mas você solta um pouco. — Falar não é mais o que eu quero, Clarissa.

Sua língua está na minha boca. Minha respiração está irregular, muito barulhenta e rápida.

Seu quadril está contra o meu, e você o pressiona com mais força. Meus joelhos querem dobrar, mas você me aperta tanto que não dá nem para cair.

— Está vendo o que faz comigo? — Sua mão está no meu seio. — Precisamos tirar você de dentro de todas essas camadas. — Você diz isso como se fôssemos namorados fazendo piadinhas. — Elas estão no meu caminho.

— Você não vai querer fazer isso aqui, vai? — Minha voz falha, e você deve atribuir isso à paixão, em vez de a medo e repulsa.

Agora sua mão está no meu cabelo. Você o puxa a fim de inclinar minha cabeça para que eu olhe nos seus olhos, mas faz isso com tanta força que começo a

lacrimejar.

— Posso confiar em você?

— Pode. — Você parece que não tem certeza, hesitando. — Se continuarmos assim, não vamos chegar à sua casa tão cedo.

Tento fazer minha voz soar provocante, e acho que fracasso, mas não importa, pois falei o que você quer ouvir.

— Tenho planos para nós esta noite. — Você puxa meu cabelo com mais força. — Mais daquilo que sei que você quer.

Você continua prendendo meus braços atrás das costas. Desliza a mão por baixo do meu casaco e do meu vestido e a pressiona entre minhas pernas.

— É isso que você quer. — Eu me inclino, mas não tento detê-lo. Você pressiona mais forte. — Não é?

— É.

— Ótimo. Diga mais uma vez.

— É. É o que eu quero. — E, embora minhas palavras saiam como um soluço, você, finalmente, recolhe sua mão e solta meus braços. Eu me forço a deixá-los pender ao lado do corpo, embora o que eu queira seja sacudi-los, sacudi-los como que para tirar deles seu toque e empurrar você o mais longe possível.

— Ótimo. — É evidente que esta é uma das suas palavras preferidas. Você coloca a mão na parte de trás da minha cintura. — Seu comportamento não tem feito sentido nos últimos tempos, Clarissa. Você não percebe?

— Certo.

— Segure minha mão.

Seguro sua mão.

— Você precisa deixar que eu pense por nós dois.

— Certo. — Recuo um passo, para que nossos corpos não permaneçam mais em contato.

— Você precisa fazer o que eu mando. — Você me puxa mais alguns centímetros.

— Certo. — E me dou conta de que esta também é uma palavra mágica para você.

Você está me levando mais depressa.

— Assim é melhor.

— Certo.

Quando a palavra sai, um homem com um enorme cachorro preto surge no parque, vindo do caminho que leva até os loteamentos.

Estive alerta, procurando que acontecesse algo assim, desde que você me



encontrou. Não parei de esquadrinhar o parque nem por um instante. Sempre me pareceu provável que alguém iria aparecer; fiquei repetindo isso o tempo todo a mim mesma; eu precisava acreditar nisso.

Você acompanha meu olhar até eles e hesita. Apesar de minha bota ser de borracha, me equilíbrio e, em seguida, acerto um chute em sua canela o mais forte que consigo.

Você dá um grito mais pelo que vê como traição do que pela dor.

— Sua puta. — Aquela palavra de novo. O que você realmente pensa. — Você mentiu para mim. — Você parece mesmo espantado.

Solto um grito, mas o “socorro” sai tipo um grunhido fraco, como se eu estivesse num daqueles pesadelos em que minha voz não funciona direito.

— Você estava apenas fingindo que me queria.

— Certo. — E sinto prazer nesse certo, embora você consiga me puxar mais alguns centímetros, e grito para que você me largue, que está me machucando. Tento diminuir nossa velocidade empurrando as solas das minhas botas contra o chão.

— Nunca mais vou confiar em você.

Não sei se o barulho que estou fazendo é alto o suficiente, se o homem está vendo a briga ou se ele consegue, de algum modo, perceber que alguma coisa não está certa, mas ele e seu cachorro estão vindo depressa e, conforme se aproximam, você me solta de um modo tão abrupto que pareço voar uma curta distância antes de me estatelar no chão.

— Desta vez, você forçou demais a barra.

Eu me levanto com dificuldade.

— Esta foi sua última chance.

O homem e seu cachorro estão ainda mais perto.

— Vou castigar você por isso.

Grito de novo para o homem, e minha voz funciona perfeitamente dessa vez, cortando o ar gelado e límpido com uma clareza gelada e límpida.

— Por favor, venha. Por favor, me ajude.

Você se afasta, na direção do seu carro, na direção da escola, logo depois do parque.

Quando o homem e seu cachorro me alcançam, você se vira e dá alguns passos em nossa direção, mas o cachorro começa a latir, e você para. Você precisa gritar mais alto do que o cachorro para sua voz percorrer os três metros entre nós.

Você fala para o homem:

— Ela é minha namorada. É só uma briga de casal, e ela está agindo como

louca e se recusando a jantar, como combinamos. Você não devia se meter. Todo mundo tem problemas.

Você diz para mim:

— Vejo você depois, Clarissa. Quando tiver se acalmado.

Você se dirige ao homem:

— Mande a porra do seu cachorro ficar quieto.

Enquanto você se afasta, o cachorro late, para por um momento e volta a latir, repetindo este ciclo várias vezes. Quando ele parece certo de que você não vai voltar, fica quieto.

— Ele não é meu namorado — digo ao homem, limpando a boca com a manga do casaco. Então, sem me importar em pedir um grande favor a um completo estranho, pergunto: — Você pode me acompanhar até em casa? Fica a apenas dez minutos daqui. Tenho medo de que ele esteja me esperando.

O homem apanha minha luva, que havia caído. Eu não tinha notado. Passo a luva na testa, nos lábios, nas orelhas e no pescoço, então a enfio no bolso. O homem também encontra meu gorro, e limpo de novo todas as partes da minha pele em que você tocou. Estou chorando e me esforço para não me esvaír totalmente em soluços.

O cachorro lambe minha mão, como se quisesse me consolar. Percebo que ela está suja. O homem diz:

— O nome dele é Bruce. Ele gosta de você.

Ele busca no casaco um lenço de papel e, calado, entrega-o para mim. Enxugo as lágrimas, que parecem estar congelando no rosto, e o muco, que começa a rachar meus lábios e minha pele.

O homem e Bruce me acompanham até em casa. Ele é alto. Mais alto do que você. É magro. Mais magro do que você. Posso perceber isso até mesmo com as várias camadas de agasalho. Ele é legal. Um milhão de vezes mais legal do que você. E normal, creio. Um zilhão de vezes mais normal do que você. Ele é tipo *nerd*, um cara inteligente, que curte tecnologia. Um trilhão de vezes mais interessante do que você. O nome dele é Ted, um nome de que gosto infinitamente mais do que do seu.

Eu me acalmo à medida que caminhamos. Não falamos sobre o que aconteceu no parque, como se fosse melhor esquecer algo tão feio e constrangedor agora que estamos de volta à civilização. Nós mal falamos, além das coisas mínimas e educadas que desconhecidos conversam uns com os outros. Nossa respiração vira pequenas nuvens congeladas. Assim como a de Bruce.

Então, educadamente, ele sugere que talvez esteja na hora de eu procurar um

novo namorado, e, quando lhe digo, mais uma vez, que você não é meu namorado, tenho dificuldades para não chorar.

O homem viu você. Ele viu a parte final do que você fez comigo no parque. E, mesmo assim, não tem certeza do que viu. Ele é legal, mas, apesar disso, talvez pense que foi mesmo uma briga de casal. Talvez até mesmo considere que a sua versão pode ser a verdadeira.

Quando chegamos à minha casa, faço um carinho nos pelos escuros e macios da cabeça de Bruce para me despedir.

— Obrigada, Bruce. Você foi muito bom e gentil.

O homem sorri. Faço festa embaixo do focinho de Bruce.

O homem fica parado na minha entrada e me observa abrir a porta. Então ele sai apressado para sua casa, para sua mulher e seu bebê. E eu corro para o banho de chuveiro mais quente que consigo aguentar, no qual purgo cada vestígio seu.

Depois, o que mais desejo é tomar alguns soníferos e me arrastar até minha cama. Mas não faço isso. Como sempre, eu me obrigo a apanhar o caderno preto. Eu me obrigo a anotar cada detalhe do que você fez comigo esta noite, embora seja a última coisa que queira fazer. Não tenho nenhuma prova concreta do que aconteceu no parque. Mas redijo tudo como se fosse uma história. Talvez, no fim das contas, os folhetos não sejam completamente inúteis. Eles me ensinaram que em algum momento a história vai ser relevante. E já sei que cada história tem o seu nome verdadeiro. Eu gostaria que o nome desta pudesse ser outro, mas nada o mudará. Ela se chama *O livro sobre você*.

## QUARTA-FEIRA

Clarissa se encontrava no banheiro dos jurados. O cheiro de seu xampu estava especialmente forte; ela lavara o cabelo três vezes. Observou-se no espelho, surpresa pelo rosto estar tão pálido apesar de tê-lo esfregado com bastante força na noite anterior. Ela não teria ficado surpresa de ver as impressões digitais dele em seu pescoço, mas não havia nada; até mesmo checou a nuca em casa, com um espelho de mão. Ocorreu-lhe que ele havia controlado deliberadamente quanto de força aplicou.

Seu telefone sinalizou a chegada de um e-mail, assustando-a — ela tinha pensado em desligá-lo. Era de Hannah. Durante o último ano, as duas vinham frequentando a mesma aula de pilates à noite. A amiga queria saber por onde Clarissa andara nas últimas semanas e se estava a fim de um drinque após a aula de quinta-feira.

*Quero que seus amigos sejam meus amigos.*

Rafe usara Rowena. Talvez ele pudesse machucar Hannah. Talvez já tivesse entrado em contato com ela, e também estaria esperando no pub, caso Clarissa aparecesse.

Respondeu ao e-mail dizendo que não estava mais conseguindo frequentar as aulas e que estaria ocupada no dia seguinte à noite. Então desligou o telefone, sabendo que ele a havia isolado ainda mais. Nisso, ele tinha conseguido o que queria. Estava tudo nos folhetos.

Estava lavando as mãos mais uma vez quando Wendy entrou. Wendy tinha vinte e três anos e havia mostrado fotos de seu namorado para Clarissa. Ela o encontrava todos os dias para almoçar e levava orgulhosamente as camisas dele para a lavanderia, curtindo a nova brincadeira de casinha. Clarissa havia se repreendido pela pontada de inveja que atingira seu coração.

— Olhe. — Wendy estava segurando a saia. Seu cabelo louro platinado e muito liso caía sobre o lindo rosto rosado. A fenda da saia, de poliéster azul-marinho, ia até o alto da coxa. — É uma de minhas saias para usar no escritório.

Preciso correr para o trabalho, após a sessão de hoje.

Clarissa sabia que Wendy era secretária numa empresa de software.

— Acho que essa fenda não fazia parte do modelo — observou Clarissa, feliz por se lembrar que catástrofes às vezes podem ser relativamente pequenas e fáceis de se lidar.

— O tecido prendeu quando saí do ônibus. — Wendy tentou sorrir. — Os réus vão adorar. Eles não devem receber muitos agradinhos desse tipo.

Clarissa afastou-se do único secador de mãos que de fato funcionava, embora desejasse colocar o corpo inteiro, gelado, debaixo do ar quente. Procurou seu estojo de costura, montado por sua mãe numa bolsa feita de um retalho estampado com papoulas e margaridas. Wendy esquadrinhou o conteúdo como se fossem instrumentos para a realização de uma neurocirurgia.

— Eu posso costurar para você — disse Clarissa.

Havia tanto interesse pessoal quanto gentileza na oferta; costura sempre a acalmava, e ela gostava de Wendy.

Cinco minutos depois, estavam na área silenciosa. Wendy, numa cadeira. Clarissa, ajoelhada no tapete azul diante dela, costurava o rasgo desde o topo até a bainha.

Ela tentava ignorar o fato de que seus dedos estavam duros e que os braços doíam, pelo modo como ele os havia segurado. Seu punho tinha manchas vermelhas, resultado do atrito das luvas de couro. Intencionalmente, ela havia escolhido uma blusa com mangas justas e compridas para esconder as marcas, embora as tivesse fotografado de manhã cedo. Parecera algo inútil de se fazer, mas ela argumentara para si mesma que, mesmo se a imagem por si só nada provasse, poderia ajudar mais tarde, como parte de um contexto maior.

Robert entrou, levantando uma sobrancelha, de maneira zombeteira.

— Não é o que parece — explicou Wendy, sorrindo.

Ele se sentou e abriu um livro, os olhos cuidadosamente grudados nas páginas.

Clarissa tentou se concentrar na saia e não olhar muito para ele. Alcançou a tesoura.

— Algum outro talento que você não mostra para mais ninguém? — perguntou Robert. — Além de ser uma costureira da alta-costura?

Sem conseguir evitar, ela ouviu a voz de Rafe. *Conheço os talentos que você não mostra para mais ninguém.*

— Apenas este. — Cortou a linha. — Mas minhas roupas serão apresentadas na London Fashion Week. Na coleção de uma grife ultrassecreta. — Alisou a saia de Wendy e levantou-se. — Pronto. Conserto de quinze minutos.

Ela não conseguia parar de se perguntar por que ele estava de luvas. Não conseguia parar de imaginar os motivos mais terríveis para isso.

— Quero saber que grife é essa — disse Wendy. — Vou leiloar minha saia como uma Clarissa autêntica.

Ela não conseguia parar de imaginar, várias e várias vezes, do que teria escapado.

— Meus segredos morrem comigo — afirmou ela.

O oficial de justiça apareceu, para checar se elas já estavam prontas, e Wendy correu para falar com ele.

Ela precisava lembrar a si mesma que ele tocara apenas em sua pele, superficialmente. Lutava para se convencer de que o tinha lavado de seu corpo.

Ela sabia que Robert estava fazendo hora para que pudesse subir com ela as escadas para o tribunal 12.

— Como posso descobrir seus segredos? — perguntou ele com um sorriso disfarçado.

Clarissa não podia evitar que ele envenenasse tudo o mais em sua vida; ela precisava fazer com que aquilo parasse.

— Eu poderia revelar todos para você — disse ela, em tom de brincadeira. — Mas aí você não vai poder dizer que eu não avisei. Alguns dos meus segredos não são muito agradáveis.

— Posso dizer o mesmo sobre alguns dos meus — afirmou ele.

\* \* \*

O advogado de Sparkle tinha o rosto coberto de espinhas e fazia Clarissa pensar num estudante que faz *bullying* no colégio.

— Mesmo no dia do seu exame médico policial, você saiu e foi se encontrar com o Sr. Sparkle. Por que deixou um lugar seguro, a delegacia de polícia, para se encontrar com esse suposto sequestrador violento e assustador do qual acabara de escapar?

— Que babaca arrogante — murmurou Annie, num tom alto suficiente para se ouvir.

\* \* \*

*Por que você foi encontrar o Sr. Solmes no parque?*

Era o que a polícia perguntaria a Clarissa se ela tivesse ido prestar queixa.

*Você não teria ido sozinha àquele parque, a não ser que quisesse vê-lo. Ele apareceu no tribunal no dia anterior, para visitá-la, e você passou algum tempo com ele, depois disso. Tinha jantado com ele e a sua melhor amiga, na semana anterior. É óbvio que vocês dois se conhecem bem.*

Era o que eles diriam.

*Você nunca correu qualquer perigo e sabe disso. Os dois até mesmo foram vistos de mãos dadas. Sabe muito bem que o Sr. Solmes nunca a ameaçou. Você participou daquela conversa por livre e espontânea vontade. Aceitou muitas vezes os pedidos do Sr. Solmes, depois mudou de ideia sem se importar de comunicar isso a ele. Agora está à procura de vingança. Desde então, tem recusado todas as sensatas tentativas do Sr. Solmes de chegar a um entendimento amigável.*

Ela já havia passado tempo suficiente no tribunal 12 para saber como aquilo funcionava.

*O Sr. Solmes nos disse que, recentemente, você passou a tomar soníferos. Está evidente que seu estado psicológico se encontra instável.*

Eles também diriam isso, sem ao menos cogitar como o Sr. Solmes obteve essa informação ou mesmo o motivo que a tinha levado a tomar o remédio.

*Você não conseguia se equilibrar. Quando escorregou, o Sr. Solmes interveio para evitar que você caísse e se machucasse. Por isso — e por causa da marca quase invisível em seu punho, uma vez que ele precisou segurá-la —, você o retribuiu com falsas alegações de agressão e tentativa de sequestro. É isso o que acontece quando alguém tenta ajudar o próximo.*

Era assim que eles concluiriam.

\* \* \*

A Srta. Lockyer discordou balançando a cabeça, exaurida.

— A polícia quis que eu fosse me encontrar com ele. Eles me instruíram a agir normalmente, não deixar que Sparkle suspeitasse que eu os estava ajudando. E eu precisava da droga.

O rosto de Sparkle dava a impressão de que ele estava em uma igreja, esforçando-se para não rir.

— Não há dúvidas de que a polícia estava comendo na sua mão.

— É, eles foram gentis comigo. — Ela engoliu em seco. — Vá em frente, tire também alguma conclusão perversa sobre isso. Você é muito bom nisso. Não é

difícil para você fazer essas coisas comigo, não é?

Não é difícil para eles fazerem essas coisas com qualquer um, pensou Clarissa.

Quarta-feira, 11 de fevereiro, 12h50.

Annie e eu estamos perambulando pela feira durante o almoço. Eu tomo um café. Annie está comendo um sanduíche de *hummus*, de uma das barraquinhas. Comprei uma garrafa de suco de uva orgânico. Annie, um pote de creme de nata, um bolo de maçã e uma enorme truta.

— Você devia comprar uma carne vermelha — sugere Annie. — Parece que está precisando de ferro.

— A sala dos nossos armários vai ficar com um cheiro maravilhoso, Annie. Eu não vou dizer a ninguém de quem é a culpa.

— Este tipo de peixe é bom para as crianças.

Torço o nariz.

— Se você conseguir fazer com que elas comam. Elas vão surtar se virem os olhos arregalados desse peixe. Espero que você tire a cabeça antes de servir.

Em vez de me dar uma cotovelada em resposta, o que eu já estava esperando, Annie se inclina em minha direção e fala em voz baixa:

— Aquele homem não tira os olhos de você. O tal que está na barraca do açougueiro.

Já sei que é você antes de me virar para conferir. Olho para você apenas por poucos segundos. Afasto o olhar como se temesse que encontrar o seu me transformasse em pedra. Mas percebo seu blusão de moletom azul-marinho da faculdade, com as iniciais UCLA estampadas, seu jeans, seus tênis pretos. Percebo, aliás, que não está usando as luvas de couro.

— Você o conhece? Quer que eu vá embora, para você falar com ele?

— Não. Nossa, não. Por favor, não vá. Não quero falar com ele. — Não me dou conta de que estou agarrando o braço de Annie até ela insinuar que eu devo afrouxar meus dedos ao pousar a mão sobre eles, delicadamente, por alguns segundos.

— Ele parece cruel, Clarissa. Parece que está com raiva. Está encarando você. Ele parece... sei lá... parece que tem a intenção de se mostrar intimidante. Tipo aquele réu que espancou a Srta. Lockyer e queimou o brinco dela. Como é mesmo nome dele?



— Godfrey.

— Esse mesmo. Só que o seu homem é muito melhor quando a questão é parecer ameaçador.

— Ele *não é* o meu homem, Annie. Por favor, nunca mais diga isso. — Consulto meu relógio, um mero ritual, como se gestos comuns tivessem algum poder, mas não noto que horas são. — É melhor a gente voltar.

— Ele está seguindo a gente. Quem é ele?

— Alguém que eu conheci. Não olhe para ele. Ignore-o.

*Contar para outras pessoas pode reforçar uma prova e confirmar seu testemunho, aumentando, assim, a possibilidade de uma condenação.*

Minha voz é bem tranquila.

— Pode ser... em determinado momento ... que talvez eu precise que você diga que o viu aqui. Tudo bem por você?

— Claro. — Annie, apesar da minha recomendação, continua olhando para trás. — E, se algum dia, precisar falar sobre isso...

— Obrigada.

Mas não posso arrastar Annie para isso. Ela já tem problemas suficientes. Luta contra o ex-marido por causa da filha, que tem apenas seis anos. Luta contra os próprios ciúmes em relação à mulher mais jovem por quem ele a deixou.

Quando Annie me conta essas coisas, penso na esposa de Henry e fico enjoada. Parte por remorso. E parte por temer que, se Annie souber dessa história, me veja como a culpada pela separação, desistindo da nossa amizade que está apenas começando.

Annie não tem nada a ver com a esposa de Henry, mas tem o mesmo talento de fuzilar com o olhar. Ela faz isso na sua direção neste exato momento, o que me agrada. Apenas com esse gesto ela está fazendo por mim mais do que pode imaginar.

Penso em Rowena e em como você a enganou, como a levou para seu lado. Mas minha amiga estava em desvantagem. Você se infiltrou na vida dela. O tempo todo usou sua máscara com ela. Você armou para cima dela antes que Rowena pudesse perceber o que você é, de verdade. O que Annie enxerga em você, já à primeira vista, é sua forma monstruosa, seu eu verdadeiro. Para meu grande alívio, ela claramente não gostou nem um pouquinho de você.

\* \* \*

Furioso, o apreensivo Godfrey fez Clarissa pensar em Rumpelstiltskin. Seu

advogado, o Sr. Harker, tinha um leve sotaque irlandês. Seu rosto fino era bondoso, talvez até mesmo compreensivo.

— Não contesto nenhuma de suas provas, Srta. Lockyer — disse ele.

A Srta. Lockyer ficou surpresa; inclinou um pouco a cabeça e pareceu prestes a chorar. Será que não seria mesmo atacada novamente? Estaria aquele homem dizendo que acreditava nela de verdade?

— Patético. — Annie começou seu sussurro em voz alta, quando o Sr. Harker se sentou. — Será que nós devemos entender aquela chata preleção sobre como a memória pode ser falha como a defesa de Godfrey?

Clarissa apenas conseguiu responder com um sorriso desconcertado. Ela não tinha prestado a mínima atenção. Estivera ocupada demais lembrando o encontro com Rafe na hora do almoço. O blusão de moletom com as iniciais da faculdade a incomodava. Apesar do frio cortante, ele não usava um sobretudo. Clarissa tinha certeza de que ele queria que ela notasse o blusão. Devia ser uma espécie de troféu, significativo demais para ele.

Ela não conseguia se lembrar de qualquer menção de que ele tivesse estudado na Universidade da Califórnia, ou que tivesse ensinado lá, ou mesmo visitado Los Angeles. Porém, ele poderia ter feito qualquer uma dessas coisas. De fato, ela sabia muito pouco sobre ele: algo que a alegrava — detestaria ter de forçar a si mesma para saber mais. Havia uma mensagem naquele suéter — ela estava certa disso —, mas ainda não tinha conseguido decifrá-la. Nesse meio-tempo, ele estava desfrutando da força que tirava de qualquer que fosse o segredo.

\* \* \*

Ela ouvia o telefone tocar enquanto procurava as chaves na bolsa. Seguiu o som até o quarto de costura, dando uma olhadela atrás da porta e observando os cantos antes de entrar no cômodo. Lá estava o objeto, na mesa de corte. A bateria estava quase descarregada, ela notou, ao atender à ligação da mãe.

Atravessou a cozinha, encheu a chaleira e a colocou no fogo, a cabeça pressionando o telefone contra o ombro.

— Você parece distraída, Clarissa.

Estava na sala, juntando as pilhas de revistas de corte e costura e os livros de arte que deixara no piso de madeira, que havia sido lixado e restaurado pelo pai. Estava guardando os livros e as revistas na estante que ele havia montado, ao lado dos volumes dos contos completos dos Irmãos Grimm, de Perrault e Andersen que ele lia para ela quando era menininha. Desde então ela os tinha lido

novamente, várias vezes, sempre fascinada, pensando que não eram, de modo algum, para crianças.

— Pode parar por um minuto e prestar atenção em mim, por favor?

Sua mãe tinha forrado seu sofá. Grandes rosas vermelhas, do tamanho da palma da mão de Clarissa, pendiam pesadamente de suas hastes. Estavam espalhadas no fundo escuro, cor de sangue seco. Clarissa desabou sobre elas.

— Você está se cuidando direito?

Estava implícita a verdadeira pergunta: como andava sua tristeza em relação a Henry.

— Estou. Claro. Você me ensinou bem.

— Fiquei preocupada por você ter levado muito tempo para atender ao telefone.

Para os pais, Clarissa era a própria criança de contos de fadas, nascida quando sua mãe tinha quarenta e três anos, após dezesseis longos anos sem nenhum bebê. O pai gostava de brincar com ela, dizendo que mandara queimar todos os espinhos do reino para mantê-la em segurança. Ela sempre provocava de volta, perguntando se o plano tinha mesmo dado certo.

— Garanto que estou bem.

Abriu o zíper de uma das botas e a tirou, depois fez o mesmo com a outra, enquanto a mãe passava o telefone para o pai.

Clarissa voltou a ficar de pé. Na cozinha, apagou o fogo da chaleira que assobiava, tranquilizada pela voz do pai, como de costume.

— Você acha que é bobagem eu pegar um táxi para vir da estação para casa?

— perguntou ela, incapaz de não falar sobre o assunto com o pai. Enquanto falava, sentia as paredes se aproximando dela e o mundo ficando menor, mas sabia que era a única coisa que podia fazer; ela agora tinha de enfrentar aquilo.

— Não. Mas por quê, Clary? Você adora caminhar.

Ela estava irritada consigo mesma por falar mais do que devia e tê-lo deixado preocupado.

— É cansativo ficar ali o dia todo, fazendo parte do júri.

— Então é uma boa ideia.

Ela estava no quarto, checando para ver se não havia alguém escondido no guarda-roupa, então deitou na cama, tirou as meias e deixou que caíssem sobre o pequeno tapete felpudo dourado, que ela fizera usando um tecido espesso com grandes lírios estampados. Dobrou os joelhos em direção ao peito e esfregou os dedos gelados.

A mãe de Clarissa passara cinco décadas e meia se metendo nas conversas do

marido. Sua voz era bastante clara:

— Por favor, diga à sua filha que uma manga apenas não é almoço. E chá preto não é jantar.

Como se soubesse que a mãe tinha acabado e que Clarissa não faria uma réplica, o próprio telefone soltou três *bips* e desligou.

## QUINTA-FEIRA

Quinta-feira, 22 de janeiro, 14h30.  
(Três semanas antes)

Falta pouco mais de uma semana para eu deixar o trabalho por conta das minhas obrigações como integrante do júri. Estou indo entregar alguns documentos à nova chefe do Departamento de Literatura Inglesa e, para isso, preciso passar diante da porta azul da sua sala. Ela está aberta, apesar do aviso de que deve permanecer fechada por ser uma porta corta-fogo. A sala está vazia. Mas avisto algo que me detém; minha respiração acelera, nervosa, pois a qualquer momento você pode aparecer no corredor. Mesmo assim, preciso olhar.

Somente eu reconheceria a coleção na parte de cima do seu arquivo como um pequeno santuário. Você planeja usar esses objetos em algum estranho ritual de vodu? Um envelope endereçado a você com a minha caligrafia, que deve ter sido enviado com algum documento tedioso da reitoria de pós-graduação. Uma xícara de chá amarela coberta de margaridas laranja e verdes; eu a usava todas as manhãs, até desaparecer, um mês atrás; você não a lavou. Uma embalagem plástica do iogurte de morango que às vezes trago para o trabalho, marcada com os vestígios agora marrons do que não consegui raspar do potinho. Nem consigo imaginar como conseguiu aquilo. Um tubo vazio do creme para as mãos que sempre mantenho em minha mesa. Folhetos e revistas sobre fotografia para amadores. Alguns papéis descartados de uma reunião, cheios das tulipas que eu sempre rabisco.

110. Dizem que há uma média de 110 incidentes envolvendo um perseguidor antes de uma mulher procurar a polícia. Digo a mim mesma que não devo ter chegado nem perto de 110, embora imagine se isso depende de como eles são contados.

Cada item no seu arquivo conta como um incidente? Na verdade, eles não devem nem contar. Eu ficaria com cara de idiota se tocasse no assunto, e você seria capaz de explicar tudo, fazendo com que eu parecesse paranoica e estúpida. Quase consigo ouvir você rindo de maneira conspiratória diante do absurdo da

minha acusação.

*Todos os homens que se esquecerem de lavar uma caneca de café devem ser levados ao comitê que investiga casos de assédio na universidade?*

*Será que sou o único que já levei por engano a xícara de outra pessoa? Admito minha culpa. Mas se ela a quisesse de volta, podia ter pedido. Eu não fazia ideia de que era dela.*

*Escreverei uma carta formal de desculpas ao departamento de limpeza por minha negligência ao lidar com sobras de comida.*

*Admito que estou envergonhado por causa da loção para mãos, mas é inverno — homens também têm pele seca.*

*Reconheço que devia elaborar um sistema melhor para reciclar envelopes e papéis. Levem-me diante de um tribunal. Castiguem-me com algum curso para aperfeiçoar minhas habilidades profissionais.*

Eu não chegaria a lugar nenhum reclamando. Não posso provar nada com esses objetos.

Olho novamente para minhas tulipas. Vê-las em sua sala me leva de volta àquela reunião. Você para de escrever alguma coisa, então olha intencionalmente para mim e assente para si mesmo de uma maneira satisfeita, como se tivesse confirmado algum fato sobre mim que agora pode anotar. Sinto como se tivesse sido roubada. Não há nenhum lugar para me esconder de seus olhos, por mais que tente puxar minha cadeira para trás, me afundar nela ou me esconder atrás de Gary. Baixo o olhar para a mesa. E me contorço, acanhada e constrangida.

— Interessante — diz você num tom de quem sabe o que faz, quando murmuro algo que é o exato oposto de interessante como resposta a uma das perguntas bobas de Gary. Para os outros, você parece participativo e atento, um funcionário dedicado. O pior que pensariam de você é que está puxando o saco de Gary. Ninguém sonharia que você está me importunando.

Afasto as recordações daquela reunião e me lembro de onde estou. Ouço passos como se um ogro estivesse na escada, de modo que o prédio parece balançar. Deve ser você. Seus passos sempre são ruidosos e apressados, como se quisesse mostrar a todos que você sabe exatamente aonde está indo; você sempre tem um propósito; tem uma porção de coisas extremamente importantes para fazer e é uma pessoa séria. Que funcionário modelo você é.

Bato na porta da chefe de departamento, aliviada por ela atender imediatamente. Deslizo para dentro, o seu olá bem perto, atrás de mim, mas finjo não ouvir.

Estou tão focada em arranjar uma maneira de passar por você no caminho de

volta que nem mesmo penso no fato de que estou parada na antiga sala de Henry; nem mesmo assimilo as grandes mudanças que a nova chefe de departamento fez ali e como apagou Henry do local; nem mesmo me vem a lembrança de quando ele e eu fizemos sexo em cima de uma mesa que agora está repleta de planilhas e arquivos, mas que ele mantinha cuidadosamente arrumada e limpa. Convido-a para vir comigo ver um novo conjunto de computadores para os pós-graduandos. Quero abraçá-la quando ela concorda, mas consigo me conter.

Acompanhada e ocupada em meu novo papel improvisado de guia de turismo, vejo você observar frustrado quando passo por sua porta ilicitamente aberta. A chefe de departamento para e repreende você por desprezar as regras sobre incêndio e desdenhar do treinamento de saúde e segurança. Não há ironia na voz dela quando chuta para longe o calço improvisado com o qual você havia prendido a porta, feito com uma pasta de plástico.

Sei que você a está encarando, embora eu não olhe. Você se candidatou à vaga dela, mas não conseguiu. Agora ela acrescentou este incidente à lista de insultos e ressentimentos que você deve estar fazendo, e sinto uma pontada de preocupação por ela, embora ainda queira aplaudi-la enquanto a pesada porta de madeira gira lentamente e então se fecha com um clique, com você do outro lado.

\* \* \*

O mundo todo parecia estar fechado na manhã de quinta-feira. Clarissa havia recebido um e-mail avisando que a universidade estava fechada por causa de uma tempestade de neve. Havia, porém, trens e ônibus suficientes para Bristol, então o julgamento iria prosseguir.

Ela se sentou junto a Robert, amigavelmente, esperando que os outros se atropelassem para entrar.

Ele apanhou um saco de plástico transparente de sua mochila e tirou um *croissant* de chocolate. Dividiu-o em dois pedaços e, sem dizer nada, ofereceu um a ela.

Clarissa estava prestes a dizer que não tomava café da manhã, mas deteve-se e aceitou.

— Obrigada — disse, dando uma mordida, ficando um pouco mais desperta com o gosto de manteiga e chocolate amargo. — Nossa, que gostoso.

— O café fica logo do lado de fora do tribunal. — Ele mastigou bem. — Vamos torcer para que Lottie tenha hoje um dia mais fácil.

Lottie. O apelido era afetuoso, até mesmo íntimo e amoroso. Era algo parecido

com o pai de Clarissa sempre a chamando de Clary. Era, porém, um afeto por uma mulher com quem ela e Robert nunca falaram ou conheceram de fato; uma mulher de quem eles deviam manter distância.

Clarissa era quem tinha começado com aquilo. Uma vez, apenas uma vez, ela deixou escapar o apelido em voz alta para Robert. Ele adotou-o imediatamente. Isso fora na terça-feira, mas os dois já tinham adquirido o hábito de usá-lo entre si. Mas nunca na frente dos outros jurados. Era uma regra implícita, instintiva. Era uma coisa confidencial entre eles, secreta.

— É — disse ela. — Vamos torcer.

O telefone de Robert tocou. Ele enfiou o resto do *croissant* na boca e leu a mensagem de texto.

— Sair para beber com o pessoal esta noite, depois do trabalho. Quer enviar uma mensagem para o Jack por mim, respondendo que estarei lá? — Passou para ela seu telefone.

— Tem certeza de que confia em mim?

— Cem por cento.

Ela sabia exatamente o que escrever. Robert entenderia que a mensagem era para ele, e não para Jack, mas esse ato dava uma pequena margem à dúvida, o suficiente para que ela se sentisse confortável em ser tão ousada.

*Mal posso esperar para estar com você. Bjs.*

Com o rosto um pouco corado, ela mostrou a tela para ele verificar.

— Posso enviar?

— Vá em frente — disse ele, inexpressivo.

Ela foi em frente.

— Clarissa! — Ele pareceu totalmente chocado. — Não achei que você fosse mesmo fazer isso. Eu estava apenas brincando.

Ela engoliu em seco e começou a se desculpar, mas ele a interrompeu.

— Peguei você! — Outra mensagem veio em resposta quase que imediatamente. Ele leu, sorrindo. — Não é adequado para seus olhos.

— Vai dizer para ele que fui eu?

— Não. Para que estragar a felicidade dele? Está tão orgulhoso que até leu a mensagem para os outros. Mas estou vendo que vou precisar ter cuidado. Você é muito espertinha.

\* \* \*

O tribunal 12 começou com apenas uma hora e meia de atraso.



A Srta. Lockyer bebeu um pouco de água, visivelmente aliviada por estar de volta às mãos do Sr. Morden.

— Pode descrever seu estado nos dias que se seguiram ao seu sequestro e estupro?

— Eu me isolei. Estava extremamente aflita. Não conseguia parar de vomitar. Tinham me dado remédios, ansiolítico e sonífero, e olha que, em geral, os médicos nunca querem me receitar medicamentos.

O Sr. Morden não afasta da testemunha seu próprio olhar pesaroso, piedoso, nobre e repleto de admiração.

— Obrigado, Srta. Lockyer. Você foi muito corajosa.

Clarissa quis dar uma última olhada em seu rosto, mas a Srta. Lockyer havia desabado feito uma boneca de pano, a cabeça pendendo como se o pescoço fosse a haste de uma flor, escondendo-se como podia naquele tribunal aberto ao público, retraindo-se para seu próprio mundo agora que teve permissão para isso.

\* \* \*

A neve caía pesadamente do lado de fora das janelas, enquanto eles saíam pela sala de espera dos jurados. Todos os outros tribunais haviam encerrado mais cedo naquele dia, por causa do tempo. A enorme sala estava sinistramente vazia e silenciosa. A mesa do oficial de justiça estava desocupada.

Dos doze jurados, Clarissa e Robert eram os únicos de Bath.

— É capaz de ficarmos presos aqui — disse Clarissa a ele enquanto avançavam pelo caminho através da nevasca. — Os trens podem não estar funcionando.

— Se isso acontecer, eu ligo para o quartel. Um dos meus colegas virá nos buscar.

— Viriam até Bristol para nos buscar?

— Viriam — respondeu ele, com aquele tom calmo e direto que sempre usava.

— Num caminhão de bombeiros?

Ele sorriu para Clarissa como se ela fosse uma criança, mas seu “não” foi pronunciado com a mesma firmeza.

— Num jipe.

— Estou decepcionada — disse Clarissa, ao se espremerem para entrar no trem das cinco, milagrosamente funcionando. — Eu queria andar num caminhão de bombeiros.

— Isso não seria... — Ele não terminou a frase e sorriu.

Os três trens anteriores haviam sido cancelados, portanto aquele estava lotado. Clarissa não conseguiu se movimentar muito mais além da porta. Apoiou-se numa divisória e Robert foi atrás dela, ficando a apenas alguns centímetros de distância. Quando o trem arrancou, o corpo dele se moveu na direção de Clarissa por poucos segundos, e ela ficou imaginando como seria beijá-lo. Havia um floco de neve derretendo na bochecha dele, e Clarissa teve de resistir ao impulso de limpá-lo.

— Você não acha — indagou ela, cuidadosa — que cada nova pergunta tira o nosso chão, e então a gente não tem mais certeza de tudo que pensava apenas um minuto atrás?

O juiz não poderia se opor a essa pergunta, apesar de seus constantes alertas solenes para não discutirem o caso entre si.

— Eu acho. É isso mesmo.

O hálito dele cheirava a pasta de dentes. Clarissa pensou que ele devia ter colocado uma pastilha na boca quando ela não estava olhando. Agradou-lhe a ideia de que ele fizera um esforço secreto diante da possibilidade de estar bem perto dela.

O trem se aproximava da plataforma. A porta estava se abrindo. Ela ficou chateada por já ter acabado. Estava colocando outro gorro e mais um par de luvas que sua mãe havia tricotado para ela. Sabendo que Robert estava atrás dela, Clarissa saiu aos tropeções com a mesma insegurança que sentia quando entrava ou saía do tribunal.

Ficaram parados por um momento diante da estação. O céu noturno parecia estar encantado: em vez da escuridão habitual, havia ao fundo uma luz suave e brilhante contrastando com a brancura da neve. O gorro de lã preta de Robert rapidamente pareceu ter sido polvilhado de pequenas flores brancas.

— Moro perto do antigo apartamento de Lottie. — Ela deixou escapar, querendo retardar a despedida deles, achando alguma coisa para dizer.

— Mundo pequeno. Contou isso para os outros?

— Não. Às vezes, passo por ele, a caminho da estação. Mas tenho pegado táxi de manhã... vivo atrasada — apressou-se em acrescentar. — De qualquer modo, não creio que vá passar mais por ali depois do anoitecer. Também passei a voltar de táxi para casa.

Ela olhou para o outro lado da rua. Rafe logo se esquivou para a entrada de uma construção.

— Alguma coisa errada?

Ela hesitou.

— As coisas que ouvimos no tribunal devem estar me assustando.

Robert a observava cuidadosamente.

— É compreensível. Você é pequena, e aquela colina é sombria à noite. — Após alguns acanhados segundos, ele continuou: — Eu sou do outro lado da cidade. Não muito distante do jardim sensorial para cegos.

Ela conhecia a rua dele. Uma série de lindas casas georgianas, uma do lado da outra, pouco menores que os grandiosos prédios tombados de Bath, mas, ainda assim, bem grandes e, sem dúvida, excelentes.

— Não pode ser num apartamento num sótão — deduziu ela, pensando no teto rebaixado dos apartamentos em sótãos, impossível para alguém da altura dele.

— Não é um apartamento — disse ele.

— Ah. — Ela tentou ocultar sua surpresa por ele poder pagar por uma casa georgiana inteira.

— Você está tremendo — observou ele. — É melhor ir para casa. Boa noite, Clarissa Jane Bourne.

Não havia dúvida de quem era a culpa por sua mente ter dado um salto daquele jeito. Ela inclinou a cabeça, olhando intrigada para ele, tentando falar de maneira casual:

— Que superpoderes você tem para saber meu nome todo?

— Não tenho visão de raio laser, não sei ler mentes nem contratei nenhum agente secreto. A lista dos jurados tem nossos nomes completos. Vejo o seu todas as manhãs, quando vou registrar minha presença. O seu é um dos primeiros.

Ela mordeu o lábio, constrangida.

— E como eu não percebi isso? — disse ela, rindo um pouco, repreendendo a si mesma. — Como sou boba.

— Não. Essa não é uma palavra que eu usaria para descrever você.

E, na verdade, ela não se sentia assim. Ele não era um homem que, de modo algum, fazia com que ela se sentisse boba. Mesmo quando teve de encarar sua costureira paranoia, mesmo quando perdeu o controle e não conseguiu evitar que ele vislumbasse sua preocupação constante, Robert pareceu reagir apenas com delicado bom humor e gentileza. E ela realmente achava que ele era muito observador, notando coisas nas quais outros não reparavam. Nomes. Isqueiros. Ela ficou imaginando o que mais ele tinha percebido.

— Mande lembranças a Jack por mim — disse ela.

— Pode deixar.

Clarissa não quis olhar para trás, após se separarem, para ver se Robert a estava observando, assim como nunca olhava para saber onde estavam os olhos

dos advogados e dos réus quando ela entrava ou saía da bancada do júri. Mas acabou virando. Não conseguiu se conter. Robert caminhava adiante, em linha reta e determinado, com passos uniformes, e não olhou para trás.

Ela correu para um táxi que estava desocupado, agradecida por não ter fila e recusando-se a procurar de novo a terrível sombra de Rafe. Sabia que ele estava ali. Não precisava vê-lo para saber disso.

## SEXTA-FEIRA

Um homem baixo, rechonchudo e pálido estava no banco das testemunhas. O ex-namorado que partira o coração de Lottie.

— De que modo lhe pareceu a Srta. Lockyer, quando ela voltou de Londres, no domingo, vinte e nove de julho?

— Ela não estava bem. Estava completamente confusa. Tinha uma aparência suja. Havia um hematoma em volta de um dos seus olhos. Ela tremia e chorava. Não me deixava tocar nela. Fedia muito. Estava sem calcinha. Aquilo me chateou, me preocupou. Fiquei perguntando o que havia acontecido, mas ela não disse nada. Tinha sangue coagulado entre suas pernas. A respiração era difícil, como se o peito doesse.

\* \* \*

No fim do dia, Clarissa e Annie perambulavam pela feira livre. Tinha sido ideia de Annie passarem algum tempo juntas, fazendo compras, antes de Clarissa pegar seu trem de volta a Bath e Annie pegar seu ônibus para os arredores de Bristol.

— Nosso juiz sempre nos libera muito tarde — comentou Annie. — Todos os outros saem antes de nós. Nunca tem nada de bom para fazer na hora em que a gente sai.

— Nós poderíamos sair juntas durante o almoço. Como fizemos na quarta.

— Parece que você vive em um mundo encantado onde não precisa se alimentar. Na vida real, nós precisamos comer durante o almoço — disse Annie, franzindo a testa enquanto os donos das barracas de artesanato começaram a embalar o que restara de seus vasos decorados, joias feitas à mão, cartas desenhadas e vestidos *tie-dye*, recolhendo as mercadorias mais depressa do que ela conseguia pegá-las. — Pelo menos seu amigo bizarro não está nos seguindo. É melhor que eu não o veja novamente, para o próprio bem-estar dele.

Clarissa concluiu que Annie estaria a salvo de Rafe. E estava confiante de que

a colega notaria se ela estivesse sendo observada por ele — era observadora e cuidadosa demais para deixá-lo escapar. Além disso, havia algo em Annie que fazia com que Clarissa tivesse certeza de que Rafe não se meteria com ela.

— Não estou minimamente interessada no bem-estar dele. — Clarissa assoou o nariz e jogou o lenço amassado num cesto de lixo.

— O que você acha disto?

Annie estava observando uma caixa artesanal de madeira, decorada com princesas da Disney. Clarissa achou horrorosa. Ela permaneceu em silêncio por um longo momento, então Annie colocou a caixa de volta no lugar.

— Isto aqui é lindo — disse Clarissa, erguendo um vestido de criança. Era azul-claro, com rosas bordadas. Ficou imaginando se a filhinha de Annie podia gostar dele, mas fez cara feia ao inspecionar a bainha. — Está desfiando.

Annie revirou os olhos.

— Você é a rainha das agulhas, Clarissa. Admito. — Annie parou, como se não tivesse certeza se deveria continuar, mas então disse: — Quero que pense numa coisa no fim de semana. Reflita sobre se é ou não verdade o clichê de mulheres se entregarem para artistas. Pergunte a si mesma se elas se entregam para bombeiros, e se bombeiros sabem disso. Se esta é uma das vantagens da profissão. — Annie apertou o braço dela. — Você não sabe quase nada sobre ele, Clarissa — disse ela, olhando-a firmemente. — Tem algo sobre ele que eu não... — Annie se deteve. — Não é preciso ser vidente para perceber quanto você gosta dele. Tome cuidado.

## SÁBADO

Sábado, 14 de fevereiro, 11h. Feliz Dia dos Namorados.

Quando termino de descer a escada, encontro a Srta. Norton no hall de entrada. Estou saindo para fazer umas coisas e encontrar Gary para um café, mas a Srta. Norton já está retornando de uma manhã ocupada. Ela se despede do motorista do táxi que insistiu em carregar seu carrinho de compras xadrez e o repreende porque ela mesma poderia ter feito aquilo.

A Srta. Norton tem noventa e dois anos e gosta de sua rotina. Todos os dias, assim que acorda, ela dá vinte voltas por seu apartamento, o mais depressa que consegue, para se exercitar. As calçadas lá fora são muito irregulares e perigosas para senhoras idosas andarem depressa, diz a Srta. Norton.

Quero uma fada madrinha. Ela será parecida com a Srta. Norton e terá a gargalhada sonora da Srta. Norton. Ela me concederá três desejos, e eu os escolherei sabiamente. Primeiro. Desejo um bebê. Segundo. Desejo Robert. Terceiro. Desejo que você vá para um lugar muito, muito longe, para sempre. A varinha mágica vai balançar e balançar e balançar. Será tão simples.

A Srta. Norton me lança um olhar esperto.

— Isso veio para você, querida. Chocolates. Acabei de colocá-los na prateleira, com sua correspondência. É uma caixa tão bonita. Alguém a deixou diante de nossa porta.

Caminho até a porta. Hesito, mas me forço a abri-la.

Você está parado adiante da casa, do outro lado da rua, encostado num poste. Jeans preto, de novo. Uma camisa preta de manga comprida para fora da calça. Você não está usando casaco nem gorro, e seus ombros estão arqueados por causa do frio. Você chega a parecer vulnerável.

Por um instante, meu ódio vacila. Vejo você como se fosse um estranho. Percebo a perturbação em seu rosto e penso que alma perdida você é. Penso em quando Henry foi embora e em como me pareceu estar tão decepcionada com o amor, sem nenhuma esperança. Não é isso que você sente, só que em um nível patológico? Mas então você ergue a mão num cumprimento, lentamente, e parte

em direção à minha casa. Você está vindo para mais perto de mim, para onde eu absolutamente não quero que esteja. E a paixão que me pegou de surpresa sumiu tão depressa quanto surgiu.

Sua voz soa alta demais na minha rua silenciosa.

— Oi, linda.

\* \* \*

*Oi, linda.*

Henry me disse isso no dia em que nos conhecemos.

Aconteceu cinco anos atrás, logo após eu ter começado a trabalhar na universidade.

A primeira vez que o vi ainda está vívida em minha memória. Seu terno bem cortado. A gravata com citações de T.S. Eliot em zigue-zague. O modo como seus olhos brilharam quando Gary nos apresentou no início do encontro da comissão, motivo pelo qual nos reunimos naquele dia. O choque elétrico que senti quando apertamos as mãos. O fato de que, desde o início, era impossível olhar para qualquer outro lugar que não fosse onde Henry estivesse.

Durante a reunião, ele até mesmo piscou para mim, e tive de me segurar para não rir. Quando voltei para minha sala, as duas palavras estavam à minha espera num e-mail. *Oi, linda*. Elas pareciam saltar da tela.

Eu poderia tê-lo ignorado ou o rejeitado ou até mesmo feito uma queixa de assédio sexual. Mas não fiz nada disso.

*Oi*, escrevi de volta, ciente de quanto meu coração estava batendo forte.

*Jante comigo esta noite*. A mensagem dele surgiu segundos após minha resposta. Não era uma pergunta, mas eu poderia ter dito não, e ele teria respeitado aquela palavra.

Outra grande diferença entre vocês dois.

Também há o fato de que não consigo sequer me lembrar da primeira vez que vi você. Até a festa de lançamento do seu livro, eu nunca tive qualquer contato com você fora do trabalho, nem o havia notado muito; você era apenas um dos muitos professores que me pareciam praticamente iguais e a quem eu tinha de caçar para preencher a papelada relativa aos seus alunos de ph.D. Era tudo que você era.

Após o restaurante, Henry e eu caminhamos ao longo do rio, respirando o ar amadeirado que exalava das chaminés das barcaças. O rio estava tão cheio que cobria as grades pretas de ferro que deveriam impedir que as pessoas caíssem.



Henry recitou de cor “The Mermaid”, de Yeats, e me fez prometer que não o afogaria. Apesar de estarmos lentos por causa de todo o vinho que bebemos, de algum modo vencemos o labirinto daquela calçada de pedras, de mãos dadas na quase escuridão até chegarmos ao mosaico central.

No fim da noite, paramos junto à barragem, observando a espuma do rio logo abaixo do reflexo invertido da Pulteney Bridge, iluminada de dourado no espelho d’água.

— Encontro perfeito — disse Henry.

Ele deu às palavras seu tom habitual de ironia e sua percepção de poeta sobre o sentido retrô da frase. “Encontro perfeito” naturalmente não fazia parte do repertório de Henry. Mas tive de concordar que tinha sido mesmo aquilo, quando ele me puxou para si.

Somente um mês depois descobri que Henry era casado, mas ele jurou que o relacionamento havia acabado e só existia no papel. Recusei-me a vê-lo durante três semanas após ele ter contado, ignorando seus telefonemas, mensagens e e-mails, não atendendo à campainha da porta, furiosa além da conta por ele ter escondido aquilo de mim. Mas eu já estava perdidamente apaixonada, e não demorou muito para quebrar o juramento de renunciar a ele. Dois meses depois, ele deixou a casa que dividia com a mulher e apareceu no meu apartamento, trazendo vinho, flores e uma mala.

Eu podia tê-lo rejeitado, como tenho feito tantas vezes com você.

Em vez disso, beijei-o e puxei-o para dentro.

\* \* \*

Você acabou de atravessar a rua.

— Clarissa. Eu queria dizer...

Bato a porta antes de você terminar.

A Srta. Norton ergue uma sobrancelha branca.

— Eu já o vi várias vezes antes.

— Nunca o deixe entrar, por favor, Srta. Norton.

— Como se eu já tivesse deixado entrar um homem estranho, Clarissa.

— Desculpe. Sei que não faria isso. Sei que eu não precisava ter pedido. Vai me dizer se o vir de novo aqui?

— Claro.

— Seria capaz de descrevê-lo, se lhe pedissem? Ou identificá-lo?

— Claro — repete, com o olhar penetrante.

— Bom. Isso é bom.

Mas estou preocupada por isso ser muito a se pedir dela. Não é dever de uma idosa de noventa e dois anos me proteger. Sou eu que devo protegê-la. Toco com delicadeza na caixa em forma de coração, colocada com tanto cuidado pela Srta. Norton na prateleira. É vermelho-escuro. Tiro os dedos rapidamente, como se estivessem queimando.

— Você recebe tantos presentes, Clarissa. — A Srta. Norton balança o sedoso cabelo branco, impressionada.

— Eu jamais comerei isso. — Empurro os chocolates para longe de mim; eles são pesados. — Gostaria de poder jogá-los fora. — Mas sei que preciso guardá-los, trancados com as outras coisas que você me deu.

A Srta. Norton me olha de soslaio. Talvez esteja verdadeiramente chocada com a ideia de tal desperdício.

— Sinto muito — acrescento, rápido. A Srta. Norton deve estar se perguntando por que não dou os chocolates para ela, já que não vou comê-los. — Eu sei que você é da geração que viveu o racionamento. Minha avó viveu essa época. Ela nunca superou isso.

— Você, meu bem, é da geração que pensa que tudo vai durar para sempre.

— Tem razão. — Concordo com a cabeça, envergonhada. — Eu sei como a senhora é cuidadosa. — Decido comprar alguns chocolates para a Srta. Norton enquanto eu estiver na rua e lhe fazer uma surpresa na volta.

— Pode falar mais alto? Meu aparelho auditivo precisa de pilha nova.

Pacientemente, repito o que disse.

— É verdade. — A Srta. Norton parece pensativa. — Eu vivo de pensão. — Há muito tempo ela se aposentou de sua função de diretora de uma escola particular para meninas. — Não esqueça o cartão — diz ela. Sua mão é branca como papel e marcada por veias azuis. Seus dedos tocam a beirada da caixa vermelha. Ela retira o envelope de baixo dos fitilhos cor-de-rosa.

O envelope tem a cor de algodão-doce. Também é em formato de coração. Se fosse da parte de Robert, eu sorriria com um prazer secreto diante das palavras: *Para a princesa no sótão*.

Mas você não é Robert. Você é tipo uma versão viva do espelho do mago em *A Rainha da Neve*. Quando vêm de você, até mesmo as coisas mais bonitas se tornam feias e distorcidas.

Quero escondê-lo da visão de raios X da Srta. Norton.

— Só pode ser para você. Sabe, você parece uma princesa. E estou velha demais para morar no sótão. — Ela estende uma bela mão ossuda e toca minha

testa breve e delicadamente. A mão é fina e seca. Tem um cheiro surpreendente de eucalipto. — Você não parece bem.

Tento sorrir.

— Estou ótima. A senhora é muito gentil.

O hall mergulha numa quase escuridão e o cartão escorrega de meus dedos.

— Meu Deus! — diz a Srta. Norton.

Vou atrapalhada atrás do interruptor para ajustar o timer e as gotas de cristal prateado do lustre se iluminam por mais dez minutos. Apanho o cartão do capacho cor de ouro velho e o retiro do envelope. *Quer ser minha namorada?*

Se tem uma caligrafia que sou capaz de reconhecer, é a sua. *Eu nunca desistirei.*

— Você está tremendo. Entre no meu apartamento. Vou lhe fazer um chá.

Apesar do meu forte instinto de proteger e poupar a adorável Srta. Norton, as palavras escapam da minha boca.

— Sei que devo lhe parecer ingrata e mimada. Mas não quero isto. — Coloco o cartão de volta no envelope, sem querer tocá-lo ou olhá-lo. — Eu disse a ele que não quero. Não quero nada dele. — Enxugo uma lágrima. — Não quero tomar chá agora, mas obrigada.

Chocolates, diamantes e luvas de couro. Você me ataca no parque. Põe suas mãos no meu corpo quando eu não as quero nele. Depois me dá um cartão de Dia dos Namorados. Todas essas coisas têm o mesmo significado para você? Você é praticamente esquizofrênico.

Eu ainda vou sair. Vou passar reto por você. Estamos em plena luz do dia. Meus vizinhos me ouvirão se eu gritar por socorro. Você não pode fazer nada comigo numa manhã como esta. Se me seguir, vou conduzi-lo direto a uma delegacia, e tenho certeza de que você não gostaria nem um pouco disso.

Mas ainda treme pensando na minha caminhada no parque. Planejo deixar meu casaco na lavanderia para que seja lavado a seco, a fim de que possam tirar dele os vestígios do seu toque. Pretendo, também, comprar uma fragmentadora; você pode vasculhar quanto quiser meu lixo reciclável, mas nunca encontrará nada interessante ali.

Você não verá a nota fiscal do livro sobre sexo que escolhi durante o intervalo do almoço de ontem, achando que talvez eu devesse levar em conta minhas habilidades, por via das dúvidas. Você não verá a nota fiscal do livro sobre fertilidade natural que comprei na mesma ocasião, também por via das dúvidas. Vou doar para um brechó o vidro quase sem uso do perfume de gardênia. A nota do meu novo frasco vai virar confete. Você nunca saberá como se chama.

Pouco se sabe sobre você, o que causa desconfiança. Talvez alguma peça importante esteja faltando; uma que possa me ajudar. Lembro-me de Gary mencionar que conhece alguém que trabalhou com você anos atrás. Talvez Gary possa me contar algo útil, apesar do meu desejo de não ter de pensar em você.

Mas nem tudo é sobre você. Nem tudo é sobre você. Não devo esquecer isso.

Quero me encontrar com Gary. Quero ter notícias das pessoas do trabalho e do que está acontecendo durante minha ausência. Você não é um perigo para Gary. Não pode machucá-lo como poderia machucar Rowena ou Hannah. Não pode usá-lo para chegar até mim, como as usaria; ele perceberia na hora se você tentasse.

E Gary é um homem. Um homem grande. Um homem do trabalho. Um homem que tem mais poder que você. Você não escolhe uma pessoa do seu tamanho.

Eu me preparo enquanto abro a porta.

— Vou encontrar um amigo, Srta. Norton. E há algumas coisas que preciso fazer. Tenho de ir.

Ainda sem pisar fora de casa, olho o mais longe que consigo, para ambos os lados e ao longo da rua larga e graciosa. Nem sinal da sua sombra feia e covarde. A não ser que você esteja se escondendo em um dos belos jardins da frente das casas, todos diferentes entre si, como as próprias construções georgianas, com suas variadas alturas e formas, seus diversos tons pastéis e estilos de janelas.

Fico imaginando ligeiramente se o enjoo que estou sentindo é parecido com o que se sente durante a gravidez.

— Quer que eu lhe traga alguma coisa, Srta. Norton?

Ela me repreende por eu não ter notado o óbvio, embora afetuosamente:

— Eu acabo de vir das compras, meu bem — diz a sempre esperta Srta. Norton.

## **SEMANA 3**

*O amante constante*

## SEGUNDA-FEIRA

Segunda-feira, 16 de fevereiro, 8h12.

Vejo você assim que o táxi vira na rua diante do prédio. Está encostado na parede, perto da entrada da estação. Assim que saio do carro, você me intercepta, feito um repórter sensacionalista perseguindo uma celebridade. Você gruda em mim enquanto sigo na direção das catracas.

Meu Deus, como você é irritante. A pessoa mais irritante do mundo. Quando não estou completamente aterrorizada, consigo ver que, na melhor das hipóteses, você apenas tira as pessoas do sério. Mas você já ultrapassou a melhor das hipóteses. Está se aproximando a cada dia da pior, e não quero imaginar qual poderá ser o estágio final dessa trajetória.

— Gostou de ir à feira com sua colega de júri na quarta-feira, Clarissa?

Minha boca fica seca ao pensar que você passou a prestar atenção em Annie. Mas digo a mim mesma que você não encontraria algo a lucrar de uma mulher que conheço há só duas semanas, apenas porque nossos nomes saíram de um sorteio. Engulo em seco e pigarreio. Repito a mim mesma que Annie não corre perigo por sua causa; ela não lhe daria nada de mim: Annie não é Rowena. Mas sei também que, de agora em diante, fora do tribunal, preciso me manter longe de Annie — preciso me certificar de que você nunca mais vá olhar para ela.

— Por que não está usando seu anel, Clarissa?

Meus olhos estão no painel eletrônico com os horários de saída. Não paro de andar enquanto procuro o trem para Bristol. Para meu grande alívio, o das 8h22 está no horário.

— Se você tivesse compreendido seus contos de fadas da maneira correta, saberia que há sempre um castigo terrível para quem deixa de apreciar um presente.

Dou um encontrão na última pessoa da fila e murmuro um pedido de desculpa.

— Não sabia que você era tão próxima assim de Gary, Clarissa.

Senti você, na manhã de sábado, seguindo, espionando, embora não o tenha visto após me despedir da Srta. Norton. Notei Gary olhando por cima do ombro

enquanto seguíamos para o café, como se ele também estivesse sentindo algo.

— Gostou dos chocolates, Clarissa?

Nunca vi uma fila tão lenta para passar pelas catracas.

— É falta de educação não agradecer.

Você já não tem mais autocontrole, não se refreia mais na esperança de que pode me conquistar. Até mesmo você deve ter percebido que isso nunca acontecerá.

— Foi uma grosseria sua não me convidar para entrar, Clarissa.

Lembro a mim mesma que tudo que você quer é provocar uma reação minha. Não vou reagir. Não importa o que você diga ou faça, não vou reagir.

— Vou precisar ensinar boas maneiras a você, Clarissa.

Lembro a mim mesma que estou num lugar cheio em plena luz do dia.

— Não gostei de você ter batido a porta na minha cara.

Lembro a mim mesma que você não pode me tocar aqui.

— Não gostei mesmo.

Finalmente, estou na catraca, rezando para que você não me siga. Sei, pelo horário da universidade, que você tem aula às nove, portanto há uma boa chance de as minhas preces serem atendidas. Insiro meu bilhete e passo pela catraca. Mas consigo ouvi-lo, gritando atrás de mim.

— Não gosto daquele bombeiro, Clarissa. Eu vi você conversando com ele aqui, semana passada. Fique longe daquele bombeiro.

Fico sem ar. Você já sabe quem é Robert. Sabe o que ele faz. Não seria difícil descobrir essas coisas, se você o tivesse seguido até a casa dele na quinta-feira à noite. Poderia ter bisbilhotado pela abertura da caixa do correio e visto o nome dele numa correspondência, depois procurado na internet.

Eu mesma procurei por ele e descobri várias matérias. Em uma, ele colocava uma coroa de flores no Remembrance Day em uma homenagem aos bombeiros mortos, uma foto em que ele está muito bonito e sério em seu uniforme de gala, medalhas e fitas presas sobre o coração. Outra reportagem mostrava Robert como integrante da equipe que apagou um incêndio num prédio onde morreram seis pessoas, e participando, depois, de uma homenagem a elas. Aparecia uma matéria sobre como ele salvou uma criança de uma casa em chamas — fazer uma coisa dessas deve ser uma das maiores alegrias de um bombeiro. Vi também uma notícia de dez anos antes, falando que ele tinha sido retirado dos destroços de um prédio que desabara e, depois, havia passado uma semana no hospital. Um colega bombeiro tinha morrido ao lado dele.

Claro que você não gosta de Robert; percebeu que não é páreo para ele.

Não vacilo em minha caminhada, afastando-me de você. Não olho para trás. O pessoal dos folhetos devia gravar um vídeo comigo. Um curta-metragem: *Como lidar com seu perseguidor diante de uma grave provocação*. Meu comportamento é exemplar. Você não existe. Pode dizer as coisas mais horríveis, mas não passa de um mero fantasma falando para o vazio. Por enquanto, a aula me mantém a salvo. Você não me segue.

\* \* \*

Sentada no trem, ela examinou a bolsa especial que fizera naquele fim de semana. Havia pesquisado e planejado, desenhara um molde e costurara até bem tarde toda noite. Imaginou-a como sua bolsa antiperseguidor e ficou impressionada com quanto era estranho algo ser tão bonito e, ainda assim, ter uma função tão feia. Enquanto inspecionava cada um dos bolsos internos e verificava se tudo o que havia enfiado neles estava seguro no lugar e de fácil acesso, repassou o que Gary lhe dissera.

Rafe tinha vivido com uma mulher dez anos antes, em Londres. Gary soube dessa informação por um amigo que, na época, lecionara no mesmo Departamento de Literatura Inglesa que Rafe, em outra universidade. A mulher também havia trabalhado lá, como secretária, e foi como ela e Rafe se conheceram. Assim que ele assumiu o cargo de professor em Bath, ela o deixou e largou seu emprego. Ninguém soube o que aconteceu com ela após os dois se separarem; ela parecia ter sumido da face da Terra.

Clarissa, porém, tinha o nome dela: Laura Betterton. Pesquisou um pouco na internet, durante o fim de semana, e não descobriu nada. De algum modo, ela havia o esperado se deparar com notícias de jornal sobre uma mulher desaparecida ou até mesmo reportagens sobre um assassinato não solucionado. Mas Betterton não era um nome comum. Embora não tivesse conseguido encontrar Laura, encontrou na lista telefônica on-line os contatos de James Betterton, em Londres. Sem grandes expectativas, Clarissa ligou para ele. Um homem atendeu e ela perguntou por Laura.

— Quem está falando?

— Você não me conhece, mas...

— Então por que está telefonando?

— Estou tentando encontrá-la... Laura.

Ele bufou; quase uma risada irônica reprimida.

— E não pode nem me dizer seu nome? — E desligou o telefone.



Muita gente era grosseira e ficava irritada quando afastada de seus afazeres para atender uma ligação que, na verdade, era para outro número. Mas Clarissa achou que havia algo mais na voz do homem. Ele parecera chocado. Irritado, também.

Por enquanto, porém, não quis incomodá-lo com mais telefonemas — ela sabia muito bem como isso era perturbador. Também percebeu que sua própria vontade de encontrar alguém que soubesse mais sobre a história de Laura poderia fazer com que Clarissa visse coisas que, na verdade, não existiam.

\* \* \*

Sally Martin mexia em seu cabelo, do mesmo tom ruivo das pinturas pré-rafaelitas, enquanto o Sr. Morden a fazia narrar o sábado em que ela testemunhara o sequestro de Lottie. Os réus a tinham obrigado a servir de guia para eles nas ruas de Bath, enquanto dirigiam à procura de Lottie.

— Eles não queriam que ninguém visse o que iam fazer. Eles a encontraram na rua dela. A gente estava ali só um minuto, quando Tomlinson disse: “Bingo”. Sparkle falou: “Botem ela na van. Depressa”. Fizeram isso tão rápido que mal vi o que aconteceu.

O lápis escorregou da mão de Clarissa até o chão debaixo da mesa. Ela tateou atrás dele, batendo a cabeça ao levantá-la, piscando para segurar as lágrimas que vieram da pancada.

— Ela estava branca como um cadáver. Nunca tinha visto alguém tão apavorado na minha vida. Ela mordia os lábios. Torcia as mãos. A cabeça estava abaixada, tentando não olhar para ninguém. Após cerca de dez minutos, eles dirigiram até o fim da minha rua e me mandaram saltar.

— Por que está chorando, Srta. Martin?

— Eu podia ouvi-la gritando quando a van partiu. Fiquei tão aliviada de ter escapado, mas sabia que eles iriam machucá-la. Ainda vejo o rosto dela. Nunca me esquecerei dele.

\* \* \*

O Sr. Belford não se comoveu com as lágrimas de Sally Martin.

— Um mês antes do suposto sequestro e agressão da Srta. Lockyer, a polícia viu vocês duas vadiando em um ponto de meretrício.

Sally Martin não estava nem aí para a erudição do Sr. Belford.

— Sabe, posso ver que você é superculto e usa palavras difíceis e tal, mas ninguém consegue entender você.

— Permita-me ser mais direto: Carlotta Lockyer era prostituta?

— Sim. Era. E daí? Isso não quer dizer que aqueles caras não a estupraram.

\* \* \*

Clarissa e Annie desciam a escada correndo.

Annie fez uma careta.

— A Srta. Martin é provavelmente a única pessoa que veremos naquela sala que vai acabar ficando bem.

— A Srta. Lockyer não? — indagou Clarissa, prendendo a respiração à espera da resposta. — A Srta. Lockyer não ficará bem?

— Não. Não há esperança para a Srta. Lockyer.

\* \* \*

Estavam sentados um de frente para o outro, no trem, com uma mesa entre eles. Os aquecedores sopravam um ar quente muito agradável. Clarissa tirou seu casaco se contorcendo e o colocou a seu lado, sorrindo para Robert ao fazer isso.

Aquilo era normal. Ela estava agindo como uma pessoa normal. Não havia sinal de Rafe. Ela e Robert estavam sozinhos no vagão. Ela estava com um homem de quem gostava, agindo como uma pessoa normal. Estava quase feliz, mas tinha de ignorar a pontada de culpa que sentia por ter colocado Robert no radar de Rafe. Quebrou a cabeça tentando bolar um jeito de alertá-lo sem precisar entrar em detalhes sobre Rafe.

Sua primeira tentativa não foi muito boa, mas foi tudo o que conseguiu imaginar, e provavelmente era melhor do que nada.

— Você acha que precisamos ficar mais atentos em relação às coisas, por causa do julgamento? — perguntou.

Ele pareceu intrigado.

— Quer dizer, ficar mais alerta, olhar à nossa volta mais vezes.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Para o caso de, bem, talvez alguém poder estar nos seguindo, ou tentando descobrir algo sobre nós... — Ela parecia mais ridícula a cada minuto.

— Não estou preocupado com os réus, Clarissa. Você também não deveria. Ela mordeu o lábio, já pronta para desistir.

— Você tem razão.

— Os réus não vão incomodar você.

Bom trabalho em avisá-lo, pensou ela. Muito bem, Clarissa, pensou.

— Claro que não vão — concordou. — Eu não deveria ter pensado nisso.

— É compreensível que você esteja nervosa. Pude perceber isso na outra noite. Quero apenas tranquilizá-la.

— E você conseguiu, estou mais tranquila. — Ela tentou dizer a si mesma que Robert já era homem-feito e sabia cuidar de si mesmo; se alguém tinha alguma coisa a temer, não era ele.

— Eu vi você no trem, no primeiro dia. Estava falando no celular. Muito... — ele procurou a palavra — ... absorta.

No fundo, Clarissa ficou feliz por Robert tê-la notado antes mesmo de ela saber que ele existia e percebeu a diferença que aquilo significava para ela: como se sentia em relação àquele homem observando-a sem que ela soubesse e Rafe fazendo o mesmo.

— Me conte sobre algum incêndio — pediu ela, desejando que Rafe não continuasse a entrar de fininho em seus pensamentos. Ele não está aqui, disse a si mesma. Não o deixe estragar as coisas quando nem mesmo está presente.

— Eles são chatos.

— Você não acha isso. Você sabe que não são chatos.

— É sua vez de me contar alguma coisa. Por que você gosta de costurar?

Ela piscou, surpresa com a pergunta.

— Não é a minha vez.

— Fale apenas os primeiros cem motivos. Eu quero saber. — Ele tinha covinhas. Elas se aprofundavam quando ele sorria.

— É uma tradição familiar que acho que acabei adotando. Ou sofri uma lavagem cerebral. Minha avó costurava praticamente tudo. Minha mãe é... ela é tão boa, costura com tanta paixão... Ela costumava ensinar. Também tricota. Você reparou que eu uso uma porção de roupas de lã?

Ele riu.

— Você fez esse vestido?

Era um vestido escuro, cor de amora, de uma lã bem leve. O decote quadrado era baixo o suficiente para insinuar um pouco dos seios. Era um pouco justo no tronco, com pregas verticais sanfonadas, lembrando vagamente o estilo da Grécia Antiga. As mangas compridas eram bem justas — as marcas nos punhos ainda não

tinham desaparecido por completo. Ela sentiu o rosto corar.

— Sim, fui eu.

— É lindo. Ele... — Robert se deteve. — O que mais?

— Faz bem para a alma, segundo minha mãe. — Ela riu de si mesma. — Mas acho que ela está certa. É importante se dedicar de fato a alguma atividade, fazer algo com as próprias mãos, criar algo palpável. Minha mãe me criou para que não tomasse por certo o valor dos materiais, e me mostrou o que a produção em massa faz com a gente. Algumas pessoas que conheço acham que é um desperdício do meu talento.

— Alguma em particular?

— Isto é um teste, não? — perguntou ela, sutilmente evitando a pergunta dele... e o assunto Henry.

O trem estava parando em Bath. Eles vestiram os casacos, levantaram-se e saíram para a plataforma, despedindo-se do lado de fora da estação.

Clarissa podia ver Rafe, parado entre as sombras do outro lado da rua, querendo que ela notasse que ele a observava. Ela não permitiria que ele a detivesse. Ia lhe mostrar que suas ameaças e seu assédio não tinham importância. Ela continuaria a levar sua vida. Também teria um namorado, se quisesse. Que importância tinha que Rafe soubesse quem era Robert? Não era segredo.

Robert estava a apenas poucos centímetros de distância quando ela chamou:

— Não vou esquecer, Robert.

— Esquecer o quê?

— Que, da próxima vez, será a sua vez de me contar alguma coisa.

Ele prometeu que sim com um ar sério, assentindo, e ela se afastou, sorrindo, desafiadora, na cara de Rafe, e percebendo que fizera Robert parar e olhar para trás.

Segunda-feira, 16 de fevereiro, 18h45.

Os dois dígitos estão piscando mais devagar do que as batidas do meu coração. Após tantos meses com a secretária eletrônica quase sempre sem mensagens, desde que Henry partiu, fico assustada com o número no visor.

Quarenta. São quarenta mensagens. Só você poderia ter deixado quarenta mensagens. Todas as pessoas que conheço, juntas, não conseguiriam deixar quarenta mensagens num dia.

Largo o dedo no botão para a primeira mensagem. Nada. Silêncio. Eu me

obrigo a ouvir todas elas, e me surpreendo com a leve esperança de que talvez possa haver uma de Rowena. Mas, claro, não há. É claro que todas são suas; o número no identificador de chamadas é bloqueado, o que apenas confirma isso. Por mais que eu esteja tremendo, por mais que minha minúscula vitória na estação tenha durado tão pouco, me forço a pensar de maneira calma e lógica.

Tento desvendar como você conseguiu o número. Você podia ter arranjado algum pretexto para perguntar a Rowena, mas creio que isso poderia ter feito com que ela desconfiasse de alguma coisa. É mais provável que a culpa seja do meu velho hábito de colocar as contas de telefone no lixo reciclável, o que significa que você pegou essa conta há pelo menos uma semana e meia. Fui minuciosa três dias atrás ao selecionar o que iria para o lixo reciclável e o que passaria pela minha nova fragmentadora.

O fato de você ter esperado para usar esse número me deixa intrigada. Sei que preciso entender o motivo disso. E então compreendo. Vejo o controle que você pode exercer, quando quer. Está medindo cuidadosamente as doses do que faz, planejando seus ataques em uma ordem que apenas você entende, certificando-se de que eles sejam feitos com determinada frequência.

Vou alterar a configuração da minha linha, ajustando-a para bloquear todas as ligações de números não identificados.

Tenho colocado todas as suas coisas no velho armário de madeira que meu pai reformou para mim. É para lá que vai também a secretária eletrônica, com suas quarenta mensagens em silêncio.

*Provas são essenciais. Guarde todas elas em um lugar seguro.*

No momento em que estou prestes a pegá-lo, o telefone toca. Solto um gritinho e fecho a boca com força, furiosa por você me afetar novamente. Mas você esteve observando. Sabe que estou em casa agora; sabe que estou ouvindo o telefone tocar. Outra chamada de número desconhecido, posso ver no visor do aparelho. Não vou atender.

Apesar da sensação de estar num pesadelo no qual me encontro paralisada, caio de joelhos. Arranco o plugue do telefone da parede antes que caia na secretária. Corto a sua onda, não deixo você ter a satisfação de invadir meu espaço; não vou deixá-lo entrar no meu quarto. Nunca mais vou deixar você entrar.

## TERÇA-FEIRA

Terça-feira, 17 de fevereiro, 8h05.

Você não tem nada melhor para fazer? Não fica entediado e morrendo de frio, parado aqui, todas as manhãs?

Não digo essas coisas quando o encontro, ainda mais uma vez, do lado de fora da minha porta. Não olho para você. Vou direto para o táxi.

— Sua secretária eletrônica parece estar quebrada, Clarissa. Você sabia disso?

Sou capaz de lhe dar um soco na cara se disser meu nome mais uma vez. Você abre a porta do táxi para mim, como se fosse uma pessoa gentil e bem-educada. Sou pequena, então é mais do que necessário controlar minha ânsia de lhe dar um empurrão.

— Eu avisei a você para ficar longe daquele bombeiro, Clarissa.

Depois de entrar no carro, alcanço a maçaneta interna da porta para fechá-la e digo ao motorista que não quero dividir o táxi com você. Ele manda você se afastar do carro.

— Tudo bem — responde de modo educado e sério, como se fosse sensato, embora ainda continue segurando a porta sem tirar os olhos de mim. — Eu só estava me despedindo da minha namorada. Você sabia que, quando sinto muito a sua falta, Clarissa, olho fotografias suas?

Ao dizer isso, você larga a porta. Ela bate com força, de uma vez. Mas não é esse barulho que está ressoando em meus ouvidos. É o seu comentário.

\* \* \*

Um homem magro, de cabelo grisalho e aparência distinta estava sentado atrás do biombo azul, empertigado em sua cadeira, quando eles entraram no tribunal 12. O avô de Lottie.

— O júri verá que, domingo, vinte e nove de julho, às três e meia da tarde, foi feita uma ligação do celular de Carlotta Lockyer para o telefone fixo do Sr. John

Lockyer — disse o Sr. Morden. — Recorda-se desta conversa, Sr. Lockyer?

— Carlotta me pediu mil e quinhentas libras. Ela parecia assustada. Perturbada. Extremamente angustiada.

Mais provas de que Lottie tinha sido sequestrada. De que ela não queria estar onde estava e na companhia de quem estava.

O Sr. Lockyer dobrou o pescoço e baixou o olhar na direção das mãos. O gesto fez Clarissa se dar conta de quanto seus próprios pais estavam velhos, e que devia poupá-los de vê-la sofrendo, aflita ou com medo.

Terça-feira, 17 de fevereiro, 12h50.

Na hora do almoço, imagino que estou segura ao vagar pelos sebos nos corredores empoeirados nas entradas dos edifícios perto do tribunal. Certamente os poucos minutos que passou comigo esta manhã devem ser o suficiente por hoje. Mesmo assim, acabo virando a cabeça para todas as direções, à sua procura. Devo parecer uma louca, como se tivesse algum tique nervoso. E fico me perguntando onde você está. Isso me apavora ainda mais: me faz ver que há o perigo de eu passar a ter uma fixação tão grande por você quanto você tem por mim. Na verdade, é isso que você quer, na sua missão interminável de conquistar minha atenção. Preciso evitar que isso aconteça.

Por alguns minutos, eu consigo. Ao me aproximar do tribunal, estou pensando apenas no novo tesouro em minha mão, um precioso exemplar de *Transformations*, de Anne Sexton. O duende que olha da capa está coberto pelo saco de papel florido do dono da barraca, mas seu rosto permanece em minha cabeça. É naquela cara enrugada, terna e perturbadora que estou pensando enquanto caminho. Não estou, de modo algum, pensando em você. Até que o vejo, parado, do lado de fora da porta giratória, e então você domina minha mente.

Minha visão está mais aguçada. Tudo fica mais intenso. Os sons estão mais altos. Uma van branca do presídio passa; a fumaça do seu cano de descarga faz o meu nariz queimar.

Como se em câmera lenta, vejo Robert, virando a esquina do lado oposto da rua. Ele está a uns vinte metros de distância.

Não tem como evitar passar por você. Eu me aproximo da porta giratória.

Robert está a quinze metros.

Rezo para que você não faça nada para Robert notá-lo, nada que mostre que há qualquer ligação entre nós dois.

Doze metros de distância.

Mantendo-me afastada de você o máximo possível, passo a seu lado. Mas falo baixinho, sem olhar na sua direção:

— Se me seguir, vou chamar os seguranças.

Sua voz é baixa, mas perfeitamente audível.

— Nenhum outro homem viu você como eu vi, Clarissa — declara, e então passo pela porta.

Robert está fora do meu campo de visão, mas mesmo sem vê-lo estou calculando a relação entre a velocidade dele e a sua posição. Seis metros. Três. O berro de uma buzina distante me faz pular e olhar para trás. Você caminha, na direção oposta de Robert, sem realmente cruzar seu caminho.

\* \* \*

Robert alcançou-a no saguão, sorrindo enquanto colocavam suas coisas na esteira da máquina de raios X e conversavam com os guardas. Estes já tinham passado a agir como velhos amigos deles e mal conseguiam se obrigar a revistá-los com o detector de metais de mão, apesar de tanto Clarissa quanto Robert pararem após atravessar o detector de metais maior, do tipo portal. Ela agia como se tudo estivesse normal, torcendo para que Robert não notasse que seu rosto estava corado demais e sua respiração, muito rápida.

\* \* \*

Clarissa pressionou várias vezes o topo da lapiseira, para o grafite descer.

O Sr. Morden estava perguntando a uma senhora idosa de cabelo branco sobre algo que acontecera uma hora antes de Lottie ser sequestrada.

— Quatro homens invadiram meu jardim. Um deles estava chutando a porta da minha cozinha. Outro gritava para a janela do andar de cima dizendo que eles tinham visto minha filha, Dorcas, através da cortina do quarto dela, e que ele sabia que ela estava lá e podia ouvi-lo, e era para ela sair ou eles invadiriam a casa e pegariam ela, e isso seria pior para ela. Ele disse que ela já devia ter aprendido aquela lição. Ele usou palavras de baixo calão.

— Pode repeti-las para o júri?

— Eu não falo esse tipo de coisa.

O Sr. Morden pareceu sentir a repreensão da mulher, mas também demonstrou



discretamente que tinha achado aquilo engraçado.

— Um deles me viu com o telefone na mão, chamando a polícia, e todos fugiram. Desde então, aquela porta não fecha direito — disse ela.

\* \* \*

A neve caía suavemente quando Robert e Clarissa passaram pela porta giratória no final do dia. Não havia sinal de Rafe.

— Eu gostaria de consertar a porta daquela velhinha — disse Robert.

— Você quer ajudar pessoas mesmo quando está de folga.

— Você tem razão. No último fim de semana, salvei um caracol de um tordo. O passarinho o estava esmagando contra uma pedra para tentar quebrar sua concha.

— Pobre passarinho — comentou Clarissa. — Era muito inteligente, sabia aproveitar os recursos do ambiente a seu favor, e agora deve estar passando fome.

— Eu faria tudo de novo. — Ele assentiu, reforçando o que havia dito.

Ambos, porém, sorriram, como se cada um gostasse do outro por causa de suas diferenças.

Tinham acabado de chegar até a ponte quando uma voz os interrompeu.

— Bombeiro. Ei, bombeiro.

A voz não soou nada parecida com a de Rafe, mas, mesmo assim, Clarissa prendeu a respiração por um instante. Um jovem se postou à frente de Robert, deixando-a de lado.

— Você fez uma palestra na minha escola sobre segurança nas estradas em dezembro. — A maneira como o garoto falou tinha um ar desafiador.

— Eu me lembro de você. Veio conversar comigo depois. Sharif, não é? Vive com sua avó — disse Robert, firmando os pés ao chão e olhando com seu jeito direto e paciente para o rapaz.

Clarissa ficou assombrada por ele conseguir se lembrar de tudo aquilo, alguns meses depois de ter tido um único encontro com o garoto, um entre muitos estudantes.

— Pensei no que você disse e em todos aqueles slides que você nos mostrou. Mesmo assim, vou dirigir em alta velocidade.

— E eu vou resgatar você, vivo ou morto — rebateu Robert.

Clarissa sentiu um calafrio, imaginando as mãos de Robert, indiferentes, operando instrumentos imensos, cortando metal retorcido para que os paramédicos pudessem chegar à carne humana presa nas ferragens.

— Para mim, não faz diferença — disse Robert.

Sharif mordeu o lábio.

— Mas talvez faça diferença para sua avó — continuou Robert, estendendo a mão. Sharif apertou-a. — Obrigado por me chamar de novo e me contar seus planos.

Clarissa acenou com a cabeça para se despedir do garoto, sabendo que ele não retribuiria o gesto, então ela e Robert se afastaram.

— Não faz mesmo nenhuma diferença para você, se eles vivem ou morrem?

— Nenhuma.

— E se fosse alguém que você conhecesse?

— Depende de quem.

Ela sorriu, mas sentiu outro calafrio.

— E se fosse eu?

— Aí faria diferença.

Terça-feira, 17 de fevereiro, 18h20.

Um pequeno pacote retangular está apoiado na porta do meu prédio, embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante. Meu nome está escrito à mão numa caligrafia cuidadosamente disfarçada. Mas reconheço sua letra de qualquer jeito. Meu coração bate mais forte enquanto levo o embrulho escada acima para meu apartamento. Largo minha bolsa, sem me preocupar em tirar o casaco, e desabo no sofá, desamarrando o barbante e retirando o papel com as mãos trêmulas.

É o que eu imaginava: um pequeno livro, quase do tamanho de um cartão-postal. Você cortou as páginas à mão, usando um pesado e caro papel cor creme. Também o encadernou manualmente, costurando uma linha grossa através dos buracos que fez. É uma coisa linda. Eu teria admirado esse objeto, se não fosse você que o tivesse feito.

*Uma coletânea de quatro contos de fadas, selecionados por Rafe Solmes, diz a capa, e, abaixo do título, Edição limitada: Número 1 de 1. Há uma dedicatória: Para Clarissa, que é linda e gosta de vinho. Olho a página do sumário. Conheço muito bem todas essas histórias. Primeiro vem “O castelo assassino”. Depois vem “Barba-Azul”.*

Abro o livro na terceira história de sua sequência, “O pássaro emplumado”, e vejo que você sublinhou um trecho.

*Era uma vez um mago que se disfarçava de mendigo e ia até às casas para pedir esmola e capturar lindas garotas. Ninguém sabia para onde ele as levava,*

*pois nunca mais eram vistas.*

É uma história de crime sexual e assassinato, que se repetem, criando um padrão. O assassino também tem um “tipo”, seu perfil de vítima. Os alvos são belas jovens, é claro. Por que mais ele estaria interessado nelas? É a história de lindas donzelas que desaparecem de maneira misteriosa, algo comum em contos de fadas, e da emocionante pergunta sobre o que acontece com elas após desaparecerem num piscar de olhos. É a suposta vulnerabilidade dele que lhe permite capturá-las. É a compaixão delas por um homem aparentemente miserável que as torna suscetíveis.

Tudo isso contido em duas frases. Os contos de fadas estabeleceram o modelo e os métodos muito antes de qualquer abjeto *serial killer* do século XX apanhar sua primeira vítima.

Usar uma tipoia falsa ou fingir que precisa de muletas. Suspiros falsos de constrangimento e de uma dor contra a qual ele parece lutar bravamente enquanto se esforça para carregar compras ou uma caixa de livros até sua van sem janelas. Aproveitando-se da bondade e da piedade de uma mulher que se aproxima. E aproveitando-se também do lado romântico dela quando se aproxima do belo estranho e se oferece para ajudar. Talvez ela até mesmo fique imaginando se os próximos instantes se tornarão uma história a ser contada aos filhos sobre como seus pais se conheceram. Talvez ela até mesmo pense naquelas outras histórias: as que garantem que boas ações sempre serão recompensadas. Ele usa todo o seu charme, é claro, e exhibe novamente aquele belo sorriso pouco antes de empurrá-la para dentro, bater a porta e pressionar contra seu rosto um pedaço de pano embebido em clorofórmio.

Viro as páginas para a quarta e última de suas histórias, “A noiva do bandido”, na qual você sublinhou mais um trecho que quer que eu preste atenção.

*Tinham arrastado com eles uma outra garota. Estavam bêbados, e não ligavam para seus gritos e lamentos. Deram-lhe vinho para beber, três copos cheios, um de vinho branco, um de vinho tinto e um de vinho amarelo, e, com isso, o coração dela explodiu. Em seguida, arrancaram seu delicado vestido, colocaram-na sobre a mesa, retalharam seu lindo corpo e espalharam sal por cima.*

Uma jovem mulher é drogada, despida, exposta sobre uma superfície plana e torturada. A sequência é essa. Seus gritos e apelos só tornam tudo mais excitante; eles mostram que ela não consegue fechar os olhos para o novo mundo terrível no qual foi parar. Deixam claro que tipo de história está realmente sendo contada. Crime sexual disfarçado de conto de fadas. Sexo disfarçado de canibalismo.

Sadismo sexual disfarçado de preparação de carne. Estupro coletivo disfarçado de uma quadrilha de assaltantes. Foi dessa maneira que os Irmãos Grimm conseguiram que as histórias fossem aprovadas pelos censores, que não eram leitores atentos. A explosão do coração não é literal. Não se trata de uma história de necrofilia. A garota não está morta antes de ser vítima daqueles atos. Ela está agoniada, consciente e aterrorizada com o que está acontecendo. É isso que significa a explosão do coração.

Sei como você lê essas histórias e como quer que eu as leia. Vejo como você estabeleceu uma conexão entre mim e as coisas horrendas sofridas por essas personagens, o pavoroso destino delas, em sua dedicatória.

Eu me lembro de o Sr. Morden dizer, em seu discurso de abertura, que o que aconteceu com Lottie não foi nenhum conto de fadas. Mas ele estava errado. O que aconteceu com ela saiu diretamente dos contos de fadas.

Mesmo antes de pisar naquele tribunal, eu sabia quanto as provas eram importantes. Meu impulso ainda me manda me livrar de tudo em que você tocou, não ter essas coisas envenenando o ar à minha volta. Quero minimizar sua presença — em minha mente e em meu apartamento. Mas não é um impulso ao qual devo ceder.

No que se refere à polícia, os folhetos são insuportavelmente contraditórios.

*Chame a polícia imediatamente — Chame a polícia apenas quando tiver provas irrefutáveis.*

*A polícia existe para ajudar — Não espere muita coisa da polícia.*

No que se refere a provas, porém, o conselho é unânime: quanto mais, melhor.

Preciso de mais provas — muitas provas, de modo que a polícia não tenha como duvidar de mim ou me ignorar. Muitas provas para que eles nunca me façam parecer com Lottie.

Abro o lindo armário do meu pai. Empurro seu livro e a embalagem para o fundo, perto de suas outras coisas. Tenho tido o cuidado de enterrar tudo debaixo de pilhas de tecidos. Bato as portas com tanta força para fechá-las que chego a dar um pulo. Lavo as mãos, sem querer absolutamente nada do seu DNA em minha pele, nada do que pode ter ficado por eu ter tocado no que você tocou.

Engulo dois comprimidos e subo na cama. *Transformations* está em minhas mãos, mas leio apenas poucas páginas, antes de ser nocauteada pelo efeito do remédio.

Quando acordo, na manhã seguinte, o livro está aberto no meu peito. As palavras infiltraram-se pela minha pele até o sangue. Não consigo deixar de pensar em “Briar Rose”, um dos poemas. Nada é capaz de curá-la das coisas que

foram feitas enquanto ela estava presa na escuridão. Ela é assombrada pelo pavor de fechar os olhos, mesmo após o beijo do príncipe salvá-la do pesadelo daquele feitiço de cem anos.

## QUARTA-FEIRA

Ela perambulava pela feira livre. Não queria se apressar em entrar no tribunal para se esconder antes mesmo de o dia começar.

Seguindo o conselho de Annie para que comesse algum alimento rico em ferro, ela comprou carne orgânica. Faria um ensopado no fim de semana, receita de sua mãe. Visitou a mulher dos legumes, procurando alho-poró, cenoura, couve-de-bruxelas, chirivia e cebola. Comprou, também, uma garrafa de vinho tinto. Não ia parar de usar o vinho para cozinhar ou até de bebê-lo por causa daquela história. Tinha bebido vinho branco naquela noite de novembro — ao qual agora sentia uma incontável aversão. Mas precisava dizer a si mesma que o tinto era seguro. Precisava acreditar naquilo. Ainda precisavam existir algumas coisas seguras.

Colocou tudo numa sacola de compras que havia costurado em menos de uma hora, com um belo tecido estampado com blocos pretos e azuis. As compras não iriam estragar guardadas o dia todo no vestiário. A feira teria acabado se ela esperasse para fazer as compras até o fim da sessão do tribunal, e também não queria perder a chance de caminhar com Robert no fim do dia. Não deixaria Rafe roubar isso dela.

Ele já havia roubado o bastante. Clarissa parou um instante para digitar no celular, respondendo a um e-mail de Caroline, uma colega de trabalho que era secretária do vice-reitor. Caroline havia convidado Clarissa para almoçar no sábado. Embora duvidasse de que Rafe tivesse algo a ver com Caroline, ela não queria arriscar. Assim, enviou uma desculpa educada, exprimindo seu desapontamento com mais sinceridade que Caroline poderia imaginar.

Enfiou o telefone de volta na bolsa e ergueu o olhar. Um homem com um cachecol de um time de futebol em volta do pescoço ria com o dono de uma barraca. Ele entregou o dinheiro ao comerciante, pegou seu café, então sentiu que Clarissa o observava de perto e virou-se. Os olhos dos dois se encontraram; ela viu nos dele um reconhecimento, embora o rosto estivesse impassível. Uma voz

fez com que ela interrompesse o olhar fixo do Sr. Morden.

— Bom dia, Clarissa. — Robert estava parado ao lado dela. — Eu assustei você. Desculpe.

— Não. Não me assustou. — Ela abanou seu copo de papel quase vazio. — Já tomei muito café, só isso. — Clarissa não disse que sua necessidade de café estava crescendo conforme tomava mais soníferos.

— Tive um sonho com você ontem à noite. — Ele se apressou em acrescentar: — Nada de ruim. Não consigo me lembrar do sonho. Só sei que você estava nele.

— Espero que os réus não estivessem.

— Certamente não. — Ele sorriu. — Acho que é por causa desse tempo todo que a gente tem passado junto.

Ela concordou.

— Também devo estar sonhando com você, mas me esquecendo assim que acordo.

— É melhor assim — afirmou ele, encerrando o assunto.

— Foi engraçado aquele rapaz topar com você, ontem. Ele não sabia seu nome. Apenas “Bombeiro, ei, bombeiro!”. Isso me fez perceber como sua profissão é uma parte enorme da sua identidade. É estranho para você deixar de fazer seu trabalho, enquanto está aqui?

Ele riu.

— É ótimo.

Pararam diante de um imponente prédio, em um estilo quase renascentista, que abrigava um banco, mas parecia pertencer a Veneza.

— Eu também estive pensando sobre como um quartel de bombeiros deve ser um outro mundo. Mas para você deve ser, também, tipo um segundo lar.

— Não se dorme muito lá, quando se está de plantão.

Dobraram a esquina, lado a lado, margeando a fila que transbordava da loja de sanduíches e café.

— Quando você dorme, no quartel, você acorda sem saber muito bem onde está?

— Sempre sei onde estou.

Ela olhou para Robert como se fosse um mágico que lhe tivesse revelado um truque extraordinário, e não tinha dúvidas de que ele estava falando a verdade.

— Você tem um lugar favorito lá?

— A sala de secagem. É onde ficam pendurados os bonecos. São cheios de areia, com pesos diferentes. Nossa, alguns deles são bem pesados. São jogados na água, e temos de salvá-los.

— Eles ficam balançando um pouquinho? Os bonecos? Imagino que fiquem.

Eles esperavam as vans do serviço de detenção dobrarem para a passagem subterrânea que levava ao subsolo do prédio do tribunal.

— Os bonecos são quietos. Gosto de ler na sala de secagem. É tranquilo.

— O que você lê?

Ele hesitou.

— Poemas.

— Que poemas? — Ela ficou muito interessada, e um pouco surpresa.

— Keats, principalmente. Eu gosto de Keats.

Certa vez, ela havia notado que ele segurava um exemplar de um romance policial — desses livros que se vendem em aeroporto, com a imagem de uma mulher em perigo agarrada ao herói apontando um revólver. Mais diferente de Keats, impossível. Mas Clarissa não estava sendo justa com ele. Rafe a tornara desconfiada demais das pessoas. Ela mesma também gostava de ler policiais, além de poesia, e isso não a tornava uma *serial killer*. Por que Robert não podia também ler uma porção de coisas diferentes?

Ela pensou em Henry. Ele não gostava do romantismo. Achava que poemas deviam ser sobre assuntos contemporâneos econômicos, sociais e políticos. Escreveu sobre equidade negativa, paisagens poluídas e a superprodução agrícola. Fazia inteligentes jogos de palavras. Henry a impressionava, mas ela não gostava de seus poemas. Eram sempre ambiciosos demais, assim como ele.

— Também gosto de Keats — disse ela. E, em seguida: — Quer dizer que é uma sala de leitura, além de sala de secagem.

Ele sorriu.

— E sala para bater papo. Bombeiros adoram ficar conversando. Sempre que tem um cara novo... talvez prestes a se deparar com sua primeira vítima fatal... É preciso levá-lo na conversa, ajudá-lo a superar aquilo.

— Isso é uma coisa importante. Uma dessas poucas coisas que fazem toda a diferença.

Ele deu de ombros.

— A sala de secagem é o lugar mais quente do quartel. No inverno, é lá que tomamos chá. Às vezes vou para lá para ficar sozinho. Ou arrasto um dos novatos e o faço praticar nós. É preciso ser capaz de dar nós, sem olhar e rapidamente, sem parar para pensar no que está fazendo — disse Robert, movimentando as mãos de maneira precisa, como se a corda estivesse entre seus dedos.

As vans tinham desaparecido no andar subterrâneo havia muito tempo. Eles voltaram a caminhar, ambos com o rosto corado. Chegaram à porta giratória,



passaram pela segurança, colocaram suas coisas nos armários e subiram para o tribunal 12. A diversão tinha acabado.

\* \* \*

Quando Clarissa se sentou na bancada do júri, o Sr. Morden observou a ela e a Robert por alguns segundos, então se dirigiu à sua testemunha seguinte. Tinha o corpo franzino, delicado, com ossos ressaltados, e um longo cabelo negro.

Três meses antes do sequestro de Lottie, quando Clarissa ainda chorava pelo fracasso da terceira fertilização *in vitro*, Polly Horton já estava em estado avançado de gravidez. Se tivesse topado com Polly, serena e complacente com sua barriga, Clarissa teria desviado o olhar.

Polly estava na feira dos agricultores quando Thomas Godfrey se aproximou.

— Quando vi que era Godfrey, fiquei com muito medo. Elias... meu namorado... devia dinheiro a eles. Godfrey disse: “Você vem comigo para Londres.”

— Você quis ir com esse homem para Londres?

— Não quis. Godfrey me envolveu com o braço, para impedir que eu me afastasse. — Ela dobrou um pouco o braço estendido, formando uma curva. — Assim.

Godfrey balançou a cabeça, numa negativa ameaçadora; parecia querer intimidá-la por telepatia através do biombo azul. O Sr. Harker virou-se e encarou-o com a testa franzida.

— Comecei a chorar. Um homem perguntou se eu estava bem. Godfrey disse: “Cuide da sua vida, porra”, mas acabou indo embora. Se aquele homem não tivesse interferido — enxugou uma lágrima —, tenho certeza de que Godfrey teria me forçado a ir com ele.

O que Clarissa, no fundo, ouviu foi que Polly procurou a polícia, mas Godfrey nunca foi interrogado, muito menos acusado. O que ela, no fundo, deduziu foi que tentativa de sequestro não pode ser provada, mesmo com uma testemunha. Ela não tinha certeza se o tribunal 12 a estava educando ou a paralisando. Talvez estivesse fazendo as duas coisas.

O Sr. Harker levantou-se para defender Godfrey.

— Explique ao tribunal, por favor, por que teve uma condenação por porte de heroína e crack, pela qual recebeu a pena de um ano, com direito à condicional.

— As drogas não eram minhas — sussurrou Polly. — Eu não queria que Elias fosse preso.

— Você levou a culpa pelo seu namorado. Faria qualquer coisa para protegê-lo e tentar desviar a atenção dos crimes de tráfico de drogas que ele cometeu. Inclusive caluniar um homem inocente. O Sr. Godfrey não tinha motivos para sequestrá-la. E é muito pouco verossímil que ele tivesse tentado fazer isso numa feira de agricultores lotada em plena luz do dia, não é mesmo?

\* \* \*

Annie e Clarissa estavam inspecionando o banheiro, certificando-se de que não havia mais ninguém.

As palavras de Annie quase explodiram ao sair de sua boca.

— Detesto mulheres obcecadas.

Excepcionalmente, Annie estava usando maquiagem. Ela vestia uma saia lápis azul e uma blusa preta decotada que escondia dos réus sob um cardigã, que acabara de tirar e enfiar na bolsa.

— Você está tão bonita, Annie — disse Clarissa.

Annie levantou os ombros, fez uma careta e balançou a cabeça, dispensando o elogio.

— Tenho trinta e cinco anos, Clarissa. Sou uma contadora maçante e pareço uma delas.

— Contadores não são maçantes. Eles conhecem os segredos de todo mundo. E contadores parecem diferentes uns dos outros assim como todas as pessoas. Você é bonita... e não tem aparência de contadora chata.

— A nova namorada do meu marido é professora de academia e tem vinte e cinco anos, e certamente aparenta a idade que tem — respondeu Annie, bufando e fazendo um barulho que era quase uma risada. — Ele está deslumbrado demais para perceber que, desde que foi embora, o dedo indicador da nossa filha de seis anos está sempre entre o nariz e a boca, ela coça a bunda a cada cinco segundos e começou a mexer o pescoço de um jeito que a faz parecer um peru.

— Fiz tudo isso quando criança. Superei essas coisas ao crescer. Bem, a maioria delas. — Annie conseguiu dar um sorriso, e Clarissa prosseguiu: — Você vai ajudá-la a superar isso tudo. Sei que vai. Você fará o que for necessário. E isso tudo parece ser um comportamento temporário, desencadeado por um motivo evidente. Não soa como um problema patológico.

Annie concordou com a cabeça e deu em Clarissa um delicado empurrão na direção de uma das pias.

— Lave as mãos. Temos que parar de nos encontrar assim.

As duas sacudiram as mãos após limpá-las, sem nem sequer tentar os secadores, sempre quebrados. Em seguida, deixaram a área de espera dos jurados e desceram as escadas. Nada de Robert, Clarissa notou. Ficou imaginando para onde ele teria saído apressado.

Pararam do lado de fora da porta giratória. Clarissa olhou rua acima, com uma mistura de esperança de conseguir avistar Robert e medo de avistar Rafe. Não viu nenhum dos dois, e sua decepção pela ausência de Robert foi maior do que o alívio por não ter visto Rafe.

— Preciso correr — disse Annie. — Meu marido... ou seja lá como devo chamá-lo... está trazendo Lucy. Eles vão se encontrar comigo naquela lanchonete depois da esquina. Famílias felizes.

Clarissa tirou um fiapo do cabelo escuro de Annie.

— Ele verá o que está perdendo.

Os olhos de Annie marejaram.

— Obrigada. — Deu um aperto no braço de Clarissa. — Duquesa esquisita — disse ela afetuosamente. Então se virou e saiu apressada. Clarissa esperou até Annie estar fora de vista, em segurança, antes de ir embora também.

Quarta-feira, 18 de fevereiro, 17h45.

Pelo menos você não estava esperando por mim pessoalmente, quando cheguei em casa. Mas a Srta. Norton deixara um envelope na prateleira branca, refletindo no espelho com moldura dourada sobre a parede acima. Dentro, num pequeno cartão cor creme, você escreveu cinco palavras. *Ainda assim, sonho com você.*

Tento não me deixar imaginar o que você faz comigo em seus sonhos. Eu me pergunto como fui parar neles. Será que consigo sair, se descobrir como isso aconteceu? Seria essa a chave? Quero um encanto para voltar o tempo, rebobiná-lo até um pouco antes de tudo sair errado, para poder fazê-lo seguir numa direção melhor. O problema é determinar qual foi este instante crucial.

Agora, porém, percebo apenas que eu não teria conseguido deter você. Nada que eu pudesse ter feito teria detido você, embora, claramente, eu consiga vê-lo se aproximar quando olho para trás.

## QUINTA-FEIRA

Quinta-feira, 19 de fevereiro, 8h13.

Você está de pé entre as portas duplas verde-escuras da estação. Se eu quiser entrar, preciso passar a meio metro de você. Foi por isso que escolheu essa posição. Dou a volta, para tentar as outras entradas, apenas para descobrir que estão fechadas.

Você dá um sorriso afetado, quando volto, segundos depois, observando que entro me encolhendo para ficar o máximo possível longe de você. Estou tão colada ao batente da porta que acabo esbarrando o cotovelo. Você me segue até a fila, bem atrás de mim. Quero me comportar como se você fosse uma mera sombra que não consigo ver ou ouvir, mas é difícil, pois estou esfregando o cotovelo para tentar parar a estranha dormência. Por causa do risco de me chocar contra você, tenho de conter o impulso de agitar o braço para cima e para baixo feito uma galinha louca.

Você não fala até eu chegar às catracas. É aí que entra em ação. Quando deposito apressadamente o bilhete, contando os microssegundos para o caminho ser liberado, você sussurra:

— Você fica tão bonita dormindo, Clarissa.

Esse é você na versão tranquila, em contraste à versão irritada. O bilhete é devolvido, a catraca é liberada, e eu passo.

Você não me vê, quando meus joelhos cedem no túnel. Mas eu logo me recupero, subindo as escadas aos tropeços, entro no trem e desabo num assento, dando-me conta de que sinto como se estivesse perdendo o controle sobre meu corpo. Você está me tirando do controle. Estou perdendo o controle sobre mim mesma. Física e emocionalmente.

O homem ao lado me olha fixamente e pergunta se estou bem, mas não acho que consiga falar, portanto engulo em seco e faço que sim com a cabeça. Ele hesita, mas volta a se concentrar em seu jornal.

Rasguei uma perna da meia e ela está grudando no meu joelho esfolado, mas é apenas um arranhão. As pontas de meus dedos estão formigando, como se

derretessem após uma queimadura pelo frio, mas sei que não é culpa do frio ou da batida que dei no cotovelo.

Penso em ligar para a secretária do meu médico, durante o almoço, para ver se ele pode me passar a receita de um ansiolítico. Mas decido não fazer isso, ao me lembrar de quanto Lottie havia tomado desses remédios. Já estou seguindo os passos dela, ao tomar soníferos. E sei que mais remédios não farão você ir embora. O clichê sobre precisar tratar da doença em vez do sintoma é completamente verdadeiro. Sei que tomar qualquer coisa para neutralizar minha ansiedade seria muita insensatez. Esta ansiedade está me alertando de que há perigo, algo que não posso me permitir ignorar.

\* \* \*

O dia foi um desfile do medo. Uma testemunha após a outra disparava olhares nervosos para o biombo azul como para checar se, de repente, ele não tinha ficado transparente. Todas aquelas pessoas arruinadas, agitadas e trêmulas, alegavam que suas cabeças estavam tão confusas pelo uso de drogas que não se lembravam de ter dito, feito ou visto nada. Annie xingou, resmungou, assentiu com a cabeça, chiou e olhou como se quisesse matar todos eles.

\* \* \*

Estavam caminhando mais uma vez para a estação de trens, lado a lado, mas sem se tocar. Caía uma mistura de chuva com neve. Robert segurava um guarda-chuva sobre os dois. Clarissa gostou muito daquilo e se esforçava para ser racional. Cada vez mais ela percebia que Robert era um repelente infalível de Rafe: ele não chegaria perto quando ela estivesse com Robert. Também concluiu que não tinha sido por acaso que Rafe a deixara em paz até a partida de Henry.

Um carro diminuiu a velocidade ao lado deles. Uma pontada de medo apertou seu estômago. Mas o rosto que olhou para eles não foi o de Rafe. Ondas de alívio percorreram o corpo dela. Robert cumprimentou-o com a cabeça, e o Sr. Tourville retribuiu o gesto antes de seguir em frente.

— Você acha que ele é louco, não acha, Robert? Não sou só eu que pensa assim, né?

— É só você.

Por alguns segundos, ela considerou essa possibilidade com uma falsa

seriedade. Então balançou a cabeça para confirmar sua confiança nele.

— Você acha que seremos expulsos por andarmos juntos? Estamos dividindo um guarda-chuva. O Sr. Tourville talvez nos denuncie ao juiz.

— Não é contra qualquer regra que eu tenha visto.

— Você procurou?

— Não devemos ser os únicos a fazer isso. — O telefone de Robert tocou, mas ele não fez nenhum gesto para atender.

— Você é popular.

— Vou ignorar dessa vez.

— Se seus dedos estão cansados, posso digitar uma mensagem para você, de novo.

— Como você é prestativa. Mas acho que Jack já tem tido emoções suficientes nos últimos tempos.

— Espero que ele tenha sido carinhoso ao cumprimentar você quando chegou ao pub semana passada.

— Com um beijo intenso e barulhento, Clarissa. Nosso relacionamento nunca mais será o mesmo. Ele agora me chama de meu amor, tudo graças a você.

— Que fofo. Sempre que posso, gosto de ajudar a transformar amizades em mais do que isso.

— Você é tão doce.

Tinha parado de chover e nevar. Ela não sabia quanto tempo se passara desde que os limpadores de para-brisa dos carros foram desligados. Sabia apenas que lamentou quando ele fechou o guarda-chuva.

Quinta-feira, 19 de fevereiro, 21h.

Estou na minha sala de costura, fazendo a bainha de uma saia. Vou vesti-la amanhã, com botas e um suéter preto justo de caxemira. A saia é marrom e imita camurça, um pouco evasê e acima do joelho. É fechada no meio por botões prateados. No fundo, estou torcendo para Robert gostar dela — já reparei em seus olhos sobre mim, me estudando rapidamente, quando achava que eu não estava olhando.

Assim que acabo, o detector de fumaça começa a soar e corro para a cozinha. A sopa de lentilhas, que deixei cozinhando, ferveu tanto que se transformou numa lama densa e intragável. Vivo fazendo isso. Desligo o gás e ligo o exaustor para dissipar a fumaça.

Subo numa cadeira para poder alcançar o botão vermelho do detector de fumaça. Aperto com vontade. Apesar do silêncio que se fez, meus tímpanos continuam vibrando.

Em cima do balcão está a correspondência que apanhei antes de subir para o apartamento. Tinha jogado ali ao chegar, esbaforida, deixando para examiná-la após ter terminado a saia.

Não há nada de diferente no envelope que encontro no meio da pilha, mas sei que você o mandou assim que o vejo. Desenvolvi uma espécie de instinto para essas coisas. Tiro a folha de papel branco, desdobro e leio.

\* \* \*

Você conhece *As mil e uma noites*, Clarissa. Sabe o que o rei Shariar fez à sua primeira esposa, por ter sido infiel, e ao amante dela. Você, Clarissa, sabe o que ele fez às esposas seguintes, após ter desfrutado a noite de núpcias, para ter certeza de que não teriam meios de traí-lo.

\* \* \*

Sinto um aperto no peito e me pergunto por um instante se é um ataque cardíaco. Minhas pernas parecem que não vão mais sustentar meu peso. Eu me encolho no chão escuro de ardósia. Não sei por quanto tempo fico ali, soluçando abraçada aos joelhos, tentando repassar mentalmente minha própria vida. Em quantos momentos você esteve presente me observando? Quando eu sabia disso. Quando eu não sabia.

*E ao amante dela.*

Embora Robert não seja meu amante, você supõe que eu gostaria que ele fosse e quer que eu saiba que o está observando, também. Não posso me perdoar por ter deixado que isso acontecesse a ele. Não posso mais fingir que Robert é grande e forte demais para você afetá-lo.

Começo a me levantar, apoiando os dedos no topo do fogão. Minha mão esquerda acaba batendo com força na caçarola de ferro fundido ainda em brasa. Dou um berro, vou tropeçando em direção à pia e deixo a pele debaixo de um jato de água gelada. Uma mancha vermelha dolorida já é visível, com dois centímetros e meio, nos dedos anelar e médio. Minha respiração fica ofegante, feito a de uma mulher em trabalho de parto.

Abandono a bagunça da cozinha, deixando a carta onde a larguei. Mais tarde eu a guardarei no fundo do armário da sala, com suas outras coisas.

Envolvo os dedos num pano de prato encharcado. Eles latejam demais. Tomo uns analgésicos e o sonífero que comprei quando Henry me levou a Nova York, dois anos antes. A dor da queimadura dissolve as barreiras que normalmente imponho à minha mente quanto às lembranças de como Henry me fez feliz, então meu coração também começa a queimar.

Você fez isso. É culpa sua. Foi como se você pessoalmente tivesse pegado um ferro quente e o pressionado contra meus dedos.



## SEXTA-FEIRA

Sexta-feira, 20 de fevereiro, 8h03.

Ao caminhar da minha porta para o táxi, vejo que o saco preto de lixo que deixei do lado de fora sumiu, incluindo o reciclável, embora todos os outros em minha rua permaneçam intocados. Não importa. Você não encontrará nada de seu interesse.

Você está diante da estação quando o táxi me deixa lá. Fica me observando como se eu fosse uma experiência científica cuja reação está esperando.

Você me segue silenciosamente, fazendo-me prender a respiração e tremer. Sinto o rosto corar ao tentar agir como se você não estivesse presente. Ficaria satisfeito ao saber que as ataduras em meus dedos são por sua causa? Não digo para você. Não olho em sua direção.

Deixo cair minha carteira com os bilhetes quando a seguro, sem jeito, com a mão machucada, tentando retirar o de hoje com a outra. Eu me abaixo para apanhá-la, o rosto cada vez mais vermelho à medida que a fila aumenta atrás de mim. Finalmente, consigo enfiar meu bilhete na catraca. Seus olhos estão sobre mim o tempo todo. Posso senti-los. Sérios e atentos, apenas sobre mim. Dessa vez, você também deposita seu bilhete e avança. Você percorre o túnel ao meu lado.

Meus ouvidos não funcionam direito. Embora consiga ver a boca das outras pessoas se mexendo, suas vozes parecem vir de longe. É como estar num filme surrealista.

— O que houve com sua mão, Clarissa?

Ou num bizarro desenho animado infantil. As pessoas parecem tão grandes, como se viessem num zoom em minha direção e desviassem do meu caminho no último momento.

— Gostaria de companhia no trem, Clarissa?

O túnel está ficando cada vez mais escuro. Pisco os olhos por um momento, com força, tentando expulsar a névoa que parece estar se formando.

— Andou lendo algum bom conto de fadas ultimamente, Clarissa?

Minha respiração está pesada e acelerada.

— Poucas pessoas os entendem tão bem quanto nós, Clarissa.

Não consigo inspirar ar o suficiente.

— Clarissa? Clarissa. Clarissa.

Seu rosto está acima do meu, sua língua dispara para fora para lambe seus lábios, rapidamente, feito um réptil.

— Eu tenho o pedaço que falta, Clarissa — você diz, com as mãos em meus braços. Estou escorregando em direção ao chão.

\* \* \*

Abro os olhos. O túnel é muito claro. Estou deitada sobre o lado esquerdo do meu corpo. A friagem do piso lamacento está se infiltrando pelas minhas roupas e alcançando minha pele. Minha cabeça está pousada num casaco estranho.

Um guarda da ferrovia e uma mulher gorducha de meia-idade estão agachados a meu lado. A mulher está puxando minha saia. Eu quase bato em suas mãos, para afastá-la, mas então vejo quanto estou exposta. A saia subiu tanto que a pele acima das meias está à mostra. A mulher tenta me cobrir.

As pessoas vão passando mais devagar para olhar o que aconteceu: sou como um acidente de carro.

Eu me esforço para levantar, primeiro me sentando, depois me pondo de pé e me apoiando num dos enormes cartazes de propaganda iluminados sobre a parede do túnel. É de *Cinderela*, o espetáculo que me recusei a ir com você. Procuo você pelo túnel, mas não o encontro em lugar nenhum. O guarda e a mulher estão me dizendo que desmaiei e que um médico precisa me atender; querem chamar uma ambulância ou, pelo menos, me colocar num táxi de volta para casa.

A mulher apanha seu casaco e vejo que o chão cheio de sujeira e lama da neve o manchou. Peço desculpas, agradecendo de novo por sua bondade, oferecendo dinheiro para pagar a lavanderia, mas ela recusa.

— Um homem a segurou — diz ela. — Se não fosse por ele, você teria caído feio e se machucado. Foi muito cuidadoso e gentil com você, antes de sair apressado para pegar o trem.

Você ainda bancou o herói, um salvador. O pensamento faz com que eu me apoie mais pesadamente contra o cartaz. Meus joelhos estão fracos outra vez. Tenho medo de escorregar, tum tum tum com minhas costas batendo ao longo do cartaz, e parar feito um montinho no chão. Se algum dia você precisar de uma testemunha, elas confirmarão que você é um príncipe em um cavalo branco.

O guarda me entrega a bolsa que costurei recentemente e eu a penduro no ombro, garantindo que agora estou bem, bem de verdade, e muito melhor por causa dos cuidados deles, mas preciso ir para Bristol. O guarda, grisalho e muito gentil, insiste em me levar até a plataforma e me embarcar no trem.

\* \* \*

Ela estava sentada com Robert em uma daquelas horríveis mesas de plástico. Mantinha no colo a mão enfaixada, fora do campo de visão dele. A pele queimada estava repuxando. Os dedos já se encontravam cobertos de bolhas. Pelo menos não era a mão que usava para escrever, então podia continuar a tomar notas. Tinha ingerido três comprimidos de ibuprofeno com o estômago vazio antes de sair de casa, imaginando o olhar de desaprovação da mãe diante da superdose. Aquilo devia ter contribuído para o desmaio. Pelo menos o medicamento estava funcionando, sua cabeça não estava mais latejando.

A lesão nos dedos era pequena. Não era nada em comparação às que Robert devia ver todos os dias. Ainda assim, tudo com relação a ela parecia ferido, como sua pele. Ela pensava que sua aparência estava normal, mas temia que pudesse começar a chorar a qualquer momento, de um jeito constrangedor.

Robert semicerrou um pouco os olhos, em sua direção.

— Você parece triste.

Ela tentou dar um sorriso para demonstrar o contrário, mas conseguiu apenas morder o lábio; outra pontada de culpa por fazer com que Rafe notasse Robert sem ter a coragem de lhe contar isso. Que homem em sã consciência iria querer se envolver com ela, metida numa confusão como aquela? E contar a Robert presumiria um grau de intimidade, até mesmo de compromisso, entre eles, que Clarissa não sabia sequer se existia. Era muita coisa para jogar em cima dele.

Entretanto, ela sabia que não era justo não fazer nada. Tentou mais uma vez pensar em como poderia avisá-lo, para que ficasse alerta. A sutileza era algo que lhe faltava por completo; então, simplesmente despejou:

— Você é capaz de se defender, não é?

— Tenho um metro e noventa. Eu fazia boxe e esgrima todos os fins de semana, quando era garoto, e treino crianças nesses dois esportes. Não precisa se preocupar comigo.

— Dá para notar.

— Uma vez tive de bater em um cara que não estava deixando que nós entrássemos para salvar sua mulher.

Ela deu uma risada fraca.

— Vocês a salvaram?

— Salvamos. Ela não ficou com nenhuma marca. Mas ele ficou com o olho roxo.

Ela esboçou um sorriso, mas apenas por um instante.

— Eu estava pensando em quanto deve ser difícil. A parte de não ser possível salvar todo mundo, sempre. Ter de ver as pessoas sofrerem. Talvez conviver com isso seja a coisa mais corajosa de todas.

— A gente se acostuma. Não é uma questão de coragem.

— Tem uma coisa em que eu estava pensando.

— Não vai pedir para que eu apresente você a Jack, vai?

— Ainda é cedo. Talvez daqui a uma ou duas semanas.

— Esperta. — Ele voltou a ficar sério. — No que você estava pensando?

— É muito difícil quando é uma criança que morre?

— É apenas outro corpo, Clarissa. — Ele alcançou o outro lado da mesa e, delicadamente, tocou no braço dela. — Sinto muito. Posso ver que deixei você desconcertada. É verdade, de certo modo, é pior quando se trata de uma criança... Errei em pensar que a mentira seria mais fácil para você do que a verdade. Mas hoje você está fragilizada, não está?

— Talvez um pouco.

— Cada morte é triste a seu modo. As mortes que vemos não são necessárias. São prematuras. Mas às vezes esqueço como as outras pessoas podem ver isso. A gente fica calejado diante das mortes. Isso é necessário, para poder continuar a fazer o trabalho. A maioria de nós não fala sobre o assunto, apenas com outros bombeiros, portanto não tenho prática nisso. Não sou cuidadoso o bastante sobre como falar essas coisas perto de você.

\* \* \*

Ela alisou a saia antes de entrar no tribunal. A pele dos dedos, quando os esticava, parecia que ia arrebentar.

A ausência do biombo azul era evidente. Nunca tiveram uma testemunha que não houvesse se escondido atrás dele. A porta se abriu. Um homem entrou, pesado, o tórax do tamanho de um barril e braços como troncos de árvore. A cabeça, com seu cabelo louro, estava baixa. Um guarda penitenciário o acompanhava.

— Não estou feliz por estar aqui. Estou preso. Poderia haver... — Charlie

Barton fez uma pausa para deixar a palavra ser compreendida — ... consequências. Vim aqui apenas em nome da justiça, para falar sobre o estupro. O que aconteceu com aquela pobre garota foi terrível. Eu gostava dela.

O Sr. Morden assentiu em aparente admiração por aquele raro exemplo de cortesia.

— Você é, visivelmente, um homem forte, grande, e digo isso com verdadeiro respeito. Ainda assim, o Sr. Azarola lhe deu uma surra?

— Deu. Fiquei com medo dele. Fugi.

— Não tenho mais perguntas.

— Mas estou aqui para ajudar a garota. Não vejo como isso pode ajudá-la. Você não me perguntou nada sobre a garota.

\* \* \*

Eram quase vinte para as cinco. Clarissa queria sair depressa do tribunal para tentar pegar o trem das cinco horas. Seus dedos ardiam demais, tão retesados e quentes que ela achava que a pele ia rachar mesmo sem mexê-los. Queria tomar mais dos analgésicos de Henry, ir direto para a cama e cair no sono. As mãos dele tinham estado sobre ela naquela manhã. Não poderia deixar que aquilo se repetisse, que ficasse desprotegida e indefesa diante dele, ainda que por um segundo. Mas estar inconsciente durante a noite era um porto seguro, e ela precisava de uma forte dose de esquecimento.

Clarissa correu para pegar suas coisas e saiu da área dos jurados com Wendy, imaginando se Robert já estava correndo para pegar o trem. E Rafe. Será que ele apareceria de novo, querendo vê-la, divertir-se com as reações dela, como havia feito naquela manhã? Ou estaria se movendo furtivamente por entre as sombras, durante toda a viagem para casa? Quais eram os lugares nos quais ele poderia se esconder?

Clarissa se deu conta de que começava a conviver todos os dias com o fato de ele fazer essas coisas, como se aceitasse a necessidade de encaixá-lo em sua vida, da maneira mais discreta possível. Suas atenções se dividiam entre minimizar os efeitos que ele teria em tudo o mais em sua vida e, acima de tudo, em mantê-lo longe de Robert. Não devia permitir isso, pensou, furiosa consigo mesma. Devia pensar em um jeito mais efetivo de combatê-lo.

Ao pé da escada estava a gigantesca testemunha, cercada pelos aparentemente minúsculos guardas penitenciários, os punhos algemados à sua frente. Ele olhou com respeito para Clarissa e Wendy, e ela fantasiou Barton metendo a porrada em

Rafe. Em um gesto de reconhecimento às duas, Barton deu um cumprimento solene, curvando um pouco a cabeça antes de desaparecer por uma porta que Clarissa não tinha notado antes, acompanhado dos pequenos guardas.

Sexta-feira, 20 de fevereiro, 17h40.

Você vê que Robert não está comigo. Deve ser por isso que decide fazer o que faz. Logo após a ponte, em meio a executivos apressados, você se choca comigo com tanta força que não posso evitar de olhá-lo.

— Não vai me agradecer por ter segurado você, Clarissa?

“Seu cabelo estava com um cheiro maravilhoso hoje de manhã, Clarissa.

“Seu rosto é tão macio, Clarissa. Aliás, você é toda macia.

“Lembra-se de que eu disse que você ficava muito bonita quando está dormindo, Clarissa?”

Você se coloca à minha frente, ergue a mão enluvada sobre a cabeça e deixa uma fotografia cair na calçada atrás de você.

A imagem cai voltada para cima. Você se vira para olhar, enquanto me ajoelho para tentar agarrá-la. Minhas mãos estão tremendo tanto que acabo soltando-a duas vezes e tenho de engatinhar atrás dela, pelo chão sujo, com os dedos desajeitados, antes de conseguir tirá-la de vista. Satisfeito, você sorri e vai em frente.

Em meio a todo o meu medo ao imaginar o que você poderia ter feito comigo naquela noite, nunca poderia prever isso. Nunca me permiti imaginar isso.

Mesmo escondida em minha bolsa, a imagem brilha diante de meus olhos como se tivesse sido ampliada para uma tela grande. Deitada de costas, dormindo em minha própria cama, meu corpo estendido formando uma linha. Estou usando uma calcinha lilás. Estou usando apenas isso. As meias e o sutiã estão jogados a meu lado. Meus braços estão estendidos acima da cabeça, as pontas dos dedos tocando de leve a cabeceira da cama. Meus olhos estão fechados.

Percebo que não vejo essa calcinha desde a noite que você passou em meu apartamento. Não há dúvida de que foi nessa ocasião que tirou a foto. E um enjoo instalado na boca do estômago me dá a certeza de que esta não foi a única que tirou.

\* \* \*

Já fazia uma semana desde que ela tentou pela primeira vez, e tinha de tentar de novo. Assim que chegou em casa, ligou para o número de James Betterton.

Dessa vez, uma mulher atendeu.

Clarissa tentou parecer natural, como se o telefonema não fosse nada de extraordinário.

— Alô? A Laura está?

A mulher inspirou fundo. Falou como se estivesse tentando conter as palavras, mas não conseguia evitar.

— Você tem alguma notícia?

— Não. Sinto muito. Estou tentando encontrar...

— Não nos perturbe mais. — A mulher desligou.

Clarissa ficou segurando o telefone por alguns segundos, ouvindo o sinal de ocupado, o coração batendo forte no peito. As alusões de Rafe a contos de fadas estavam todas misturadas com os temores dela por Laura Betterton. Não queria admitir que era louca, mas isso era preferível a encarar a verdade. A cada minuto, Clarissa estava mais certa de que as referências que ele fez àquelas histórias não eram meras ameaças, não revelavam apenas suas fantasias, mas pistas sobre o que ele já havia feito.

Ela pôde vislumbrar os corpos retalhados das jovens mulheres em “A noiva do bandido”. O cesto do mago com as garotas mortas em “O pássaro emplumado”. Os aparelhos de tortura e o chão encharcado de sangue do aposento secreto de Barba-Azul. A série de rainhas castigadas do rei Shariar; cada uma delas sabendo em sua noite de núpcias que, pela manhã, sentiria a lâmina de uma espada no pescoço em vez dos lábios dele.

A casa de Rafe era distante, numa aldeia fora de Bath. Será que ele teria sua própria câmara sangrenta repleta de cadáveres? Um cemitério no jardim? Uma banheira cheia de ácido?

Sua imaginação estava sombria demais, Clarissa tentou dizer a si mesma. Eram os comprimidos que tinha engolido por causa da queimadura nos dedos e a dor maçante e o medo irracional e as coisas terríveis do julgamento. Acima de tudo, era a imagem torturante dela mesma que ele havia lhe dado.

Duas horas depois, Clarissa estava caindo no sono, no sofá da sala, tendo decidido que teria de comprar uma cama nova porque não conseguia dormir onde ele havia tirado aquela fotografia. Sua camisola — antiquada, infantil e confortável, feita pela mãe — tinha levantado. Com a mão boa, ela puxou para baixo o tecido macio azul-claro de algodão. Aconchegou os cobertores em volta dos ombros. Tentava tirar a fotografia da cabeça, mas ela parecia estar pintada na

parte interna de suas pálpebras. Não era uma prova contra ele. Era uma prova contra si mesma. Prova de que ela o havia convidado. Uma prova de intimidade — ou, pelo menos, uma ilusão de intimidade — que ele sabia que ela não iria querer que ninguém mais visse.



## **SEMANA 4**

*A poção do esquecimento*

## SEGUNDA-FEIRA

Segunda-feira, 23 de fevereiro, 8h.

É sua rotina. Você está do lado de fora da minha casa, no centro do gramado, perto da macieira desfolhada da Srta. Norton, em vez de estar na calçada. Ando apressada até o táxi.

— Você perdeu meu respeito, Clarissa — diz, de certa distância.

Olho para a frente.

— Eu avisei a você, Clarissa. Eu avisei várias vezes. Mas você não parou. Você é a responsável por isso.

Você ainda não tenta se aproximar de mim. Permanece em seu lugar e não se move. Calmamente, observa o táxi se afastar.

Você vai imprimir um cartaz com a foto e exibi-lo em algum lugar público, onde Robert possa vê-lo? Você sabe onde meus pais moram. Vai enviar uma cópia para eles?

Quando penso em meus pais, sinto um frio na barriga e o coração bate mais forte, mas sei que eles estão a salvo de você, pelo menos fisicamente. Sei que você não vai incomodá-los em Brighton. Brighton fica muito longe de mim. Brighton é onde eles devem permanecer. Brighton é aonde, pelo menos por enquanto, eu não posso ir.

\* \* \*

Ela ficou contente quando a porta da sala do júri se fechou com um estalido às suas costas. Naquele fim de semana, não havia cozinhado o guisado de carne, especialidade da mãe, nem tocado no vinho tinto, embora não tivesse deixado o apartamento um só instante. Nem mesmo olhara pelas janelas, temendo vê-lo lá fora.

Ela sabia que não podia passar todos os fins de semana trancada em casa. Será que Laura havia se trancado em algum lugar? Isso era mais provável do que a imagem de corpos retalhados, típica de filmes de terror, que passava em sua

cabeça.

Algo que Lottie dissera continuava atormentando-a. *Pensei que, se eu ignorasse o problema, se evitasse encontrar aquele homem, aquilo deixaria de existir.* Clarissa entendia o desejo de acreditar naquilo, mas sabia que não podia se dar ao luxo de fazer isso.

Ela o havia rejeitado, e isso poderia provocar aquele tipo de situação. Era óbvio que Laura também o havia rejeitado. A rejeição provavelmente era a chave de tudo. Ninguém gostava de ser rejeitado, mas a grande maioria das pessoas encontrava meios de lidar com isso e não se colocava numa posição na qual tivesse de enfrentar a rejeição muitas vezes ao dia. Ela o vira apenas como sádico, mas lhe ocorreu que ele também devesse ser masoquista. Lembrou-se dele sem casaco, quase congelado, e considerou se ele se punia daquele jeito de propósito apenas para ter algo mais por que culpá-la.

Conforme refletia sobre essa questão, ela se deu conta de que poderia aprender algo útil se tentasse vê-lo como uma pessoa atormentada; se procurasse enxergar seu comportamento como resultado de um ferimento ou de uma doença graves. Se ele se sentisse desprezado inúmeras vezes, então devia se sentir impotente; estava tentando afirmar um poder sádico sobre ela diante do que via como uma rejeição cruel e sem fim. Tudo o que ela sempre lhe dissera — fosse por meio de palavras ou atos ou então o ignorando — tinha sido não; era tudo o que podia dizer; o poder do veto era seu único poder; e, a cada não, as ações dele se tornavam mais duras e perigosas. Não apenas para ela; para ele, também.

Mas não adiantou. Ela não conseguiu continuar com seus esforços para vê-lo como um ser humano angustiado que precisava ser compreendido; na verdade, estava contente por ele estar além de sua compreensão; detestava dar-lhe qualquer espaço a mais em sua cabeça além do que ele já havia roubado. Seus pais a tinham criado para não acreditar no mal, mas ela não tinha certeza se eles estavam certos. Eles a haviam criado para acreditar que todos mereciam perdão, mas ela não era capaz de sentir que ele fosse digno disso. Eles a haviam criado para reconhecer o ponto de vista de outras pessoas, por mais difícil que isso pudesse ser; talvez houvesse alguém no planeta que pudesse reconhecer o dele, mas era impossível, para ela, ser essa pessoa. Ele era seu inimigo, pura e simplesmente. E, como se para lembrá-la disso, a dor pela queimadura nos dedos ficou mais intensa durante alguns segundos.

Ela havia se deparado com tantas definições e tantos folhetos de aconselhamento que mal conseguia não confundi-los. Não encontrara, porém, o que procurava, a coisa que talvez a fizesse se sentir menos só: nenhum deles

admitia que a vítima de um perseguidor talvez relutasse em fazer uma denúncia por conta do que isso poderia revelar sobre seu próprio comportamento no passado.

A culpa é sua, disseram a Lottie inúmeras vezes. Era isso que diriam também a Clarissa? Que ela não tinha direito de se queixar porque fizera sexo consensual com ele e, depois, dormira a noite toda ao seu lado? Era o que aquela foto parecia mostrar. E que ela estaria bêbada demais para lembrar.

Sentiu enjoo diante da ideia de Robert algum dia vir a saber disso. Cada vez que dizia a si mesma que não era justo esconder isso dele, acabava afastando aquele pensamento.

Quando o oficial de justiça os chamou para formarem a fila, ela ainda repassava tudo, tentando resolver o que fazer. Não suportaria que alguém visse aquela fotografia. Mas, se fosse à polícia e não a mostrasse e depois ele a apresentasse para se defender, ela sairia prejudicada; aquilo faria com que ela não parecesse digna de confiança.

\* \* \*

O biombo azul estava de volta para a testemunha seguinte. Alex Wyerley beijou a Bíblia após fazer o juramento. Mas, antes que o Sr. Morden pudesse começar suas perguntas, o Sr. Williams se levantou em um protesto formal, e os jurados saíram pela mesma porta por onde haviam entrado.

\* \* \*

Poucos minutos depois, os doze jurados estavam dispostos mais ou menos em círculo, tomando café ao redor de três mesas bambas que eles haviam colocado juntas na área de espera do júri. A argumentação jurídica levaria meia hora, dissera o oficial de justiça.

Clarissa tremeu quando, por hábito, segurou a caneca branca com a mão esquerda sobre a direita.

— Deixe eu ver isso.

Foi somente quando Robert falou que ela se deu conta de que esquecera de esconder os dedos. Ela estendeu o braço, dando um sorriso de desculpas para Wendy, que estava sentada entre os dois, e pousou-o na mesa mais próxima de Robert.

— Não está tão ruim assim — disse. — Sinto só uma pontada quando mexo os dedos.

Wendy tocou o ombro de Clarissa de leve.

— Pobrezinha.

Cuidadosamente, Robert levantou a mão dela da mesa para examiná-la.

— Quando isso aconteceu?

Ela fingiu pensar por alguns segundos.

— Três ou quatro dias atrás. Quinta à noite, acho.

— Como?

Ele ainda segurava a mão, mas olhava para o rosto dela de uma maneira intensa.

— Sou desajeitada. Queimei numa panela quente.

— Deve doer pra caramba quando toma banho — comentou um dos homens.

Robert colocou a mão de volta em cima da mesa, com delicadeza.

— Você não me parece nem um pouco desajeitada.

— Posso ser, sim. — Ela riu e pareceu falso mesmo aos seus próprios ouvidos.

— Dizem... que... se a queimadura tiver mais de cinco centímetros, é preciso procurar um médico. Você está perto disso.

— Há um posto de saúde aqui na rua ao lado — informou Wendy. — Você poderia ir lá durante o almoço. Deixe que eles deem uma olhada.

\* \* \*

A dor era muito forte para Clarissa poder se concentrar, mas ela se forçou a prestar atenção quando o Sr. Belford se levantou para defender Tomlinson. Ele, com seu modo decidido, fitou Alex Wyerley.

— Como você descreveria seu relacionamento com Carlotta Lockyer?

— Amigos. Nós dois fizemos parte da população de drogados de Bath. Eu agora estou limpo, graças a Deus.

— Você dormiu com ela?

— Não é da sua conta — disse Wyerley.

— Aprecio o fato de ser um cavalheiro — observou o juiz —, mas tem de responder.

Wyerley inspirou lentamente, e então soltou o ar.

— Dormi com ela, sim.

— Quem está mesmo sendo julgado aqui? — cochichou Annie. — A Srta.

Lockyer ou os homens no banco dos réus?

\* \* \*

A caminho da estação, naquela noite, Clarissa e Robert pararam na ponte. A pele de sua nuca formigava, mas ela resolveu não ligar para aquilo, não procurar por Rafe e apenas desfrutar o fato de estar com seu bombeiro.

Seu bombeiro, pensou ela, sorrindo para si mesma. Não podia desistir dele. Não deixaria que Rafe o tirasse dela. Tinha de acreditar que Rafe representava um perigo tão pequeno para Robert quanto um pombo para uma águia.

Robert lutava boxe: ele bateria em Rafe como fez com o homem que tentou impedi-lo de salvar a esposa. Robert corria todas as manhãs: tinha resistência. Robert sabia esgrima: era observador, forte e pensava de maneira tática; seu tempo de resposta seria rápido; evitaria que uma arma o golpeasse, e teria uma mira perfeita. Robert era canhoto: Rafe não conseguiria antecipar um golpe dele. Robert era bem mais alto do que Rafe e muito mais magro. Robert era equilibrado e sensato, duas coisas que Rafe certamente não era.

Ele lançou um olhar de aprovação para o novo curativo nos dedos de Clarissa.

— Você tinha razão — disse ela, exibindo a mão esquerda. — As bolhas estouraram hoje de manhã. A enfermeira disse tudo que você tinha falado sobre queimaduras.

Ele não reconheceria que estava certo.

— Dói, não é? — disse ele, olhando sério para ela, e Clarissa teve de admitir com um leve gesto da cabeça. Ele captou seu olhar fugidio e sorriu. — Lottie tem uma porção de amigos, não é mesmo?

— Tem. Tem mesmo. É uma garota ocupada.

Os dois riram.

— Eu gosto dela — disse Clarissa. Ela conseguia ouvir as gaivotas sobrevoando a área.

— O Sr. Wyerley também. E o Sr. Barton.

Clarissa ficou imaginando se havia uma regra oficial que impedisse um jurado de dormir com outro.

— Vou ficar triste.

As palavras dela quase se perderam no vento, pois falou tão baixinho, observando um cisne deslizar pela água. Mas sabia que Robert as tinha captado.

— Triste? — repetiu ele.

— Tem sido tão bom passar um tempo com você. — Ela podia senti-lo

olhando-a com firmeza. — Ficarei triste por não encontrar mais você, quando isto acabar.

— Não parece que isto vá acabar tão cedo — disse ele.

Segunda-feira, 23 de fevereiro, 18h15.

Você está sentado no seu carro azul, tão comum, esperando por mim. Estou cansada de encontrar você na minha rua. Procuro umas moedas e as deposito nas mãos do motorista do táxi.

Considero uma sorte não ter carro. Você provavelmente esconderia nele um dispositivo de rastreamento. E seria outro lugar para ficar me esperando, à espreita.

Eu me inclino para sair do táxi, pensando se devo pedir ao motorista que espere até eu estar em segurança dentro do prédio. Com pressa para apanhar seu próximo passageiro, ele murmura alguma coisa para seu sibilante aparelho de GPS, uma exceção à crença de minha mãe de que todos os taxistas se veem como guarda-costas.

— Tudo bem? — pergunta ele.

Entendo a dica. Vamos em frente.

Abro o zíper da minha bolsa antiperseguidor, estou preparando as coisas.

— Só um segundo.

Não preciso que o motorista espere até eu estar em segurança. Há algo melhor que posso fazer para me proteger. Combater você.

Tiro meu novo celular do compartimento especial que fiz para ele. Aciono a câmera. Andei praticando fazer isso rapidamente, por via das dúvidas. Estive me atualizando em relação às coisas que posso fazer, lembrando-me de que Lottie teve problemas com seu telefone no bolso e fracassou na tentativa de enviar um SOS para o namorado sem que ninguém mais percebesse. No instante em que fecho a porta, o táxi dispara.

Você estacionou duas casas depois da minha. A frente de seu carro está apontada na minha direção enquanto você me observa continuar parada no meio da rua tranquila. Você assente lentamente. Pelo menos não está saindo e jogando mais fotografias horríveis no chão. Você quer apenas que eu saiba que está aqui, sentado e observando. Porque você pode.

Penso em Lottie chegando à própria rua e encontrando aquela van. Lottie era uma contra quatro. Minhas chances são melhores. Uma contra um. Eu contra você.

Minha mão está em volta do telefone e estou dando zoom, sem sequer precisar olhar, como ensaiei. Minha rua é iluminada. A câmera do telefone tem flash automático. Você não é o único que pode tirar fotos.

Sem sentir os dedos queimados, ergo o braço e disparo.

Clic: seu carro na minha rua. Dou outro zoom. Clic: mais perto, o número da sua placa, bem visível. E então dou o máximo de zoom que posso. Clic: mais perto ainda, seu rosto. Pode não ficar muito bom através do vidro, mas vale a pena tentar.

Três fotos, tiradas tão rapidamente que o surpreendem; assim, leva um tempo para você entender o que fiz e reagir.

Você abre a porta para vir atrás de mim. Isso não fazia parte do seu plano original para esta noite. Eu já estou correndo, embora não consiga evitar de me virar por um instante para checar se ainda há distância suficiente entre nós. Mas você é grande, não é um homem capaz de saltar de um carro com agilidade. Vejo de relance sua boca fina, contorcida de raiva, e corro mais, voando pelo caminho até minha casa tão depressa que sei que não pode me alcançar. Minhas chaves já estão na mão — outro compartimento útil da minha bolsa —, pensei estrategicamente ao desenhá-la. Quando o metal desliza para o interior da fechadura e a pesada porta de madeira é aberta, sei que você desistiu. Pela primeira vez, estou num pesadelo em que tudo está dando certo.

\* \* \*

Não sei por quanto tempo fico encostada na porta, esperando minha respiração diminuir. Tempo suficiente para a Srta. Norton sair de seu apartamento.

— Estou tão contente em encontrar você, Clarissa. Que bom ver seu rosto corado, para variar. Quer me acompanhar numa xícara de chá? — diz ela.

Uma xícara de chá é exatamente do que preciso. E da companhia agradável e inteligente da Srta. Norton.

— Eu adoraria, Srta. Norton.

Ela parece tão satisfeita que sinto uma pontada de culpa por não aceitar seus convites com mais frequência e não convidá-la para nada. Ao segui-la, apanho da prateleira a minha mais recente revista sobre costura, onde ela a deixara para mim.

A Srta. Norton gesticula para eu me sentar em seu sofá forrado de *chintz*. Está cheio de capinhas protetoras bordadas, outrora de cor creme, agora desbotadas e amareladas pelo tempo.



— Apenas relaxe e descanse, meu bem. Leia sua revista. Deixe-me cuidar de você por um instante. Você merece, pelo que está fazendo. Deve ser muito exaustivo e perturbador. — A Srta. Norton caminha vacilante até a cozinha.

Sorrio para mim mesma, enquanto olho em volta daquela sala de estar. Toda a sua mobília é de madeira escura e pesada, e pertenceu aos pais da Srta. Norton, que eram proprietários do prédio inteiro antes de ela tê-lo vendido em apartamentos separados. A Srta. Norton nasceu nesta casa.

Volto a atenção à minha revista de costura. Abro o envelope, pensando em quanto será agradável apagar os últimos minutos, tirá-lo da minha cabeça por completo. Mas você nunca deixará que isso aconteça, não é mesmo?

Solto o ar como se você tivesse me dado um soco no estômago com força. A modelo loura da capa não está usando o novo modelo estampado da estação.

Em vez disso, ela usa cintos, correntes e fios elétricos que circundam seus braços, pernas, torso e coxas. Está bem amarrada a um tipo de mesa de cirurgia especialmente modificada com extensões ajustáveis para os membros. Grande parte da pele pálida ainda está exposta. Suas pernas abertas estão dobradas, os tornozelos elevados. Cada parte de seu corpo está imobilizada. Até mesmo mãos, pés e dedos estão mantidos no lugar por uma espécie de fita cirúrgica. Os mamilos têm *piercings* de aro metálico, os seios espremidos por cordas cruzadas. Uma mordaca de couro envolve sua boca. O braço musculoso de um homem, com a mão enluvada, segura um instrumento brilhante. O dono do braço está fora de cena. O pescoço e a testa da mulher também estão presos à mesa, por coleiras de cachorro, de modo que ela não consegue virar a cabeça, mas seus olhos arregalados estão voltados, cheios de súplica, ao homem invisível.

— Você gosta do seu chá fraco e sem leite, não é mesmo, Clarissa? — chama a Srta. Norton.

Será que esta foto não terá sido produzida? Tento me acalmar, dizendo que só pode ter sido. Aquilo não pode ser mesmo uma mulher capturada. A mesa não deve ser de verdade. Mas o olhar aterrorizado dela parece totalmente real para mim.

É isso que você gosta de ver.

— Clarissa? — chama a Srta. Norton mais uma vez. — É isso mesmo?

— É isso, Srta. Norton — consigo dizer, sem saber com o que estou concordando.

Os títulos das matérias saltam aos meus olhos.

*Submissa trêmula confessa: o medo me deixa molhada.*

É isso o que você gosta de ler.

— Biscoitos? — pergunta a Sra. Norton.

*Sedução com camisa de força: mantenha sua mulher indefesa.*

É isso que você gosta de fazer.

Lembro-me de meus braços presos às costas, no parque. Sua mão apertando meu pescoço, mantendo-me no lugar. As coisas pavorosas que tive de deixar você dizer, como se eu ansiasse ouvi-las, o modo como adorou minhas reações — todos as vezes que falei “certo” — enquanto sua luva se movimentava pelo meu corpo. Certo, certo, certo.

— Eu os assei esta manhã — diz a Srta. Norton. — Estava torcendo para encontrar você. Queria lhe oferecer um agrado. Você foi tão gentil em comprar aqueles chocolates maravilhosos para mim. Escolheu todos os meus preferidos.

*O prazer do enema e cirurgias caseiras.*

— Clarissa? Está me ouvindo?

*Reinos da tortura: os quartos proibidos de nossos leitores.*

Você tem um quarto desses?

— Isso parece ótimo, Srta. Norton — de algum modo consigo dizer.

— Alegro-me em ouvir isso, Clarissa. Você está muita magra, meu bem.

*Gostosas amarradas e torturadas até o limite.*

Mais uma vez, lembro-me daquela noite de novembro. E das marcas no meu corpo, na manhã seguinte.

Aquela foto. Devo me sentir grata por não ser nada do tipo dessa revista?

— Clarissa? — A Srta. Norton surge no vão da porta.

Em pânico, enfio a revista de volta no envelope, tentando fazer isso com meus dedos duros, ainda enfaixados com as ataduras do posto de saúde, de modo que chego a rasgar o grosso papel pardo.

Passei tempo demais vendo aquilo. Mesmo com a revista fora de alcance, os títulos das outras matérias pipocam em minha cabeça. Eles são absurdamente ruins. Annie ria deles, com desprezo. Ela me diria que tudo não passa de uma péssima farsa. Ela daria um soco, bem forte, nessa sua cara horrível. Mas não consigo rir. Não é engraçado. Você não pretende que nada disso seja engraçado. A foto da capa da revista é a coisa mais aterrorizante, horrorosa e grotesca que eu já vi.

*Corpo retorcido: amarrado, apertado e totalmente machucado.*

Atravesso a sala apressada, para apanhar com a Srta. Norton o belo prato antigo de porcelana. Está amarelado e tem rachaduras por causa do tempo. Os biscoitos são dourados.

— Parecem deliciosos — comento, embora nada no mundo possa me parecer

delicioso agora. Tento pousar o prato na mesinha de centro com delicadeza, mas meus dedos não parecem suportar o peso e o prato cai direto sobre a madeira. Estou surpresa por não tê-lo quebrado.

*Posições animais: arreios usados em fazendas.*

— Vai me ajudar com a bandeja do chá? — chama a Srta. Norton, sem ligar para minha incrível falta de jeito. É uma sorte que a Srta. Norton esteja agora completamente absorta em seu papel de anfitriã, deixando de lado sua habilidade quase sempre infalível de prestar atenção em tudo.

Sigo aos tropeços em direção à cozinha, que é um portal para o estilo imaculado dos móveis de madeira dos anos setenta.

*Prazeres dolorosos para mantê-la prisioneira: veja a punição perfeita.*

*Vou castigar você por isso.* Foi o que você disse no parque. Foi isso que quis dizer?

— Não encontro meu coador, meu bem — diz a Srta. Norton.

Procuro pelas gavetas abarrotadas da Srta. Norton, sem conseguir enxergar nada.

*Escola da obediência: me prenda e me chicoteie com força.*

Penso na sua teoria sobre por que Barba-Azul assassinou sua primeira mulher. *A pior forma de desobediência*, você disse. Eu me lembro do alarme disparando na minha cabeça quando usou essa palavra. *Desobediência*. Mesmo com o vinho que você me deu penetrando pelas minhas veias, ainda pude perceber como esta era uma parte feia do seu vocabulário, uma parte feia da sua perspectiva sobre o que homens e mulheres podiam significar um para o outro.

*Você precisa fazer o que eu mando.* Você também disse isso no parque.

Os títulos horríveis das reportagens podem ser diferentes, mas todos se reduzem à mesma coisa.

— O que há de errado com você, Clarissa? — diz a Srta. Norton, com um sorriso afetuoso. — Está bem aí na sua mão. — Ela pega o coador e o coloca ao lado das delicadas peças de porcelana com estampa de rosas. O vapor está saindo do bule e quase queimo meus outros dedos ao pegar a bandeja, então sigo para a sala, tremendo com as peças, e apoio a bandeja em cima da mesinha.

*Use todos os buracos: ela não vai se esquecer dessas lições.*

— Sente-se, Clarissa — diz a Srta. Norton.

Eu me sento.

*Treinamento agressivo e torturas proibidas: ela não consegue resistir.*

— Pegue um biscoito, Clarissa.

Pego um biscoito, mordo um pedacinho e tento mastigar. Acho que talvez

engasgue. Eu me forço a engolir e, enquanto a Srta. Norton se concentra em servir o chá, jogo o resto do biscoito na bolsa.

*Equipamentos para exercitar todas as partes do corpo: forçando-a aos limites que você deseja.*

A Srta. Norton tagarela alegremente, feliz por eu estar em sua casa, mas mal consigo suportar.

— Que agradável ter você aqui. Precisa me visitar mais vezes, Clarissa — diz ela, e prometo que farei isso.

Minhas mãos estão tremendo. Ao apanhar minha xícara, derramo chá no antigo tapete verde da Srta. Norton. Levanto para pegar uma toalha, pedindo desculpas, mas me desequilibro e tropeço com força na mesinha de centro, machucando a frente da canela e soltando um grito enquanto derramo mais chá sobre o tapete florido. A Srta. Norton faz um gesto para eu não me preocupar; ela pode ver como estou cansada e diz que qualquer um estaria caindo ao final de um dia terrível num tribunal; ela mesma vai pegar a toalha. Acrescenta que eu precisava descansar, sem nem pensar em me mexer.

*Humilhando a escrava: pendure-a e açoite-a na masmorra da disciplina.*

Enquanto a Srta. Norton está fora da sala, examino o envelope. Não há o nome da empresa que cuida da assinatura da revista nem qualquer outro detalhe que ajude na identificação de onde veio. Há um selo. Há uma etiqueta com meu nome e meu endereço impressos. Isso é tudo. Será que você comprou a revista nos fundos de uma *sex shop*, onde apenas clientes especiais são convidados a entrar? Encomendou-a de um site que não pode ser localizado por uma busca normal? Talvez você pertença a um clube secreto de homens com acesso a essas coisas. No pior dos mundos, você mesmo fez essa revista. Há, porém, a possibilidade de que a polícia possa descobrir quem a enviou e, de algum modo, rastreá-la até você.

Rapidamente, olho mais uma vez para a capa da revista.

Não retocaram a imagem da modelo para uniformizar sua pele; não há crédito de nenhum profissional a quem se possa fazer quaisquer perguntas constrangedoras de pós-produção. A maquiagem dela está manchada pelo que parecem ser lágrimas de verdade; não contrataram um maquiador que pudesse ser uma testemunha para o que estavam fotografando. Seria ela Laura Betterton? A iluminação era ruim, como se tudo aquilo tivesse sido montado na garagem de alguém, um lugar à prova de som e sem janelas. Não usaram um estúdio onde a modelo pudesse ser vista entrando e depois pudesse sair livremente.

Deixo de lado sua revista pela segunda e última vez, sabendo que nunca mais a

tirarei do envelope pardo. Há nela um forte amadorismo que a torna ainda mais sinistra e real. E isso me faz perguntar novamente sobre a tênue linha entre a realidade e o fingimento. Não consigo parar de pensar quem é a mulher na capa da edição de março, como ela chegou a ser fotografada daquela maneira, quem poderia imaginar tais coisas e onde ela está agora. Não me pergunto se você mesmo fez coisas desse tipo. Tenho certeza de que fez.

## TERÇA-FEIRA

A testemunha estava largada na cadeira, os olhos semicerrados. Dorcas Wykes. Aquela cuja mãe velhinha não falava palavrões. Dorcas não estava mais escondida atrás da cortina de seu quarto; um guarda penitenciário estava sentado perto dela.

Clarissa se deu conta de que também estava largada demais e se endireitou.

— Sei que já se passaram quase dois anos, mas preciso falar com você sobre algo muito perturbador que lhe aconteceu na ocasião — disse o Sr. Morden com delicadeza.

Dorcas encarou-o.

— Você se lembra de viajar de carro de Bath para Londres, no sábado, dia cinco de maio? — perguntou o Sr. Morden. — Foi levada para lá por pessoas que conhecia.

Dorcas virou-se para olhar para trás. Movimentou a cabeça de um lado para o outro, devagar, olhando fixa e insistentemente.

— Não — disse ela. Balançava a cabeça com força. — Não.

Ela se abraçou e começou a se balançar. Puxou o cabelo louro para a frente do rosto pálido, resultado da vida na prisão, criando uma cortina atrás da qual pudesse se esconder. Começou a soluçar. Passou a respirar com mais dificuldade.

— Quero que os jurados se retirem para um pequeno intervalo — disse o juiz —, para que a Srta. Wykes possa se recompor.

\* \* \*

A porta entre o tribunal 12 e a sala de espera muito iluminada nem mesmo havia se fechado antes de o garoto com o cabelo com pontas roxas falar:

— Mulher maluca. Mas bonita.

Ele parecia um duende, embora, na verdade, fosse aprendiz de chaveiro. O que chamava a atenção de Clarissa nele era que parecia estar sempre com fones de

ouvido, que eram do mesmo tom de roxo de seus cabelos. Certa vez, foi para a bancada dos jurados ainda com eles, mas Robert lhe deu uma discreta cutucada para que os tirasse antes que o juiz percebesse.

— Shhhhh — fizeram vários jurados ao mesmo tempo.

Annie até mesmo lhe deu uma cotovelada e mandou que ele botasse uma fechadura na boca. Em seguida, ela revirou os olhos.

— Ela está me fazendo perder tempo. Não gosto de pessoas que me fazem perder tempo. Como ela ousa me fazer perder tempo?

— Sinto pena dela — comentou Clarissa, desanimada. — Este caso parece uma competição. Quem é a mais triste de todas.

Ela estava procurando o protetor labial na parte principal de sua bolsa antiperseguidor, mergulhando o braço bem fundo, movendo as coisas para os lados, e ficou intrigada quando os dedos tocaram em um tecido sedoso. Puxou para ver o que era. E imediatamente escondeu o objeto, apertando-o na mão.

Terça-feira, 24 de fevereiro, 11h45.

Tento suavizar o rosto com uma expressão tranquila, mas ainda não larguei o que encontrei na minha bolsa.

E o que encontrei foi uma peça de tecido lilás rasgada. O que encontrei é a calcinha que usava naquela noite que passei com você em novembro. Você deve tê-la enfiado na minha bolsa quando desmaiei no túnel da estação.

Você fez alterações nela, após tirar a foto. Fez um talho nas costuras laterais, na altura dos quadris. Cortou fora a parte que cobre a vagina, e essa parte não está na bolsa. Quando você fez isso? Eu ainda a estava vestindo quando você cortou? A tesoura tocou minha pele? Consigo visualizar a foto de maneira tão nítida que é como se ela estivesse diante dos meus olhos. Suas palavras estão ecoando sem parar na minha cabeça. O pedaço que falta. *Eu tenho o pedaço que falta, Clarissa.*

\* \* \*

Clarissa estava de volta ao seu lugar na bancada dos jurados. A boca das pessoas se mexia, mas não saíam palavras. O Sr. Morden parecia bem distante e muito pequeno, como se estivesse na outra extremidade de um longo túnel e ela o estivesse olhando através de uma lente redutora em vez de uma lente de aumento.

Após alguns minutos, os ruídos começaram a voltar, e o Sr. Morden começou a crescer até voltar a atingir o tamanho certo, assim como Alice. Ela não tinha certeza de quanto havia perdido, mas pelo menos não havia desmaiado, nem mesmo Annie notara algo de errado com ela. Clarissa deliberadamente usou a ponta do lápis para espetar seu polegar. Concentre-se, disse a si mesma.

— Você foi voluntariamente à delegacia na segunda-feira, dia sete de maio. Passou dois dias lá, Srta. Wykes, como testemunha.

— Não me lembro de ter ido lá.

Annie balançava a cabeça, de tanta indignação. Poderia ser eu, pensou Clarissa, compreendendo o terror e a humilhação da mulher ao ter de falar em público sobre o que quer que lhe tivesse acontecido. Clarissa, também, poderia se tornar uma pessoa que causasse repulsa a alguém feito Annie.

\* \* \*

Na hora do almoço, Clarissa saiu tonta do banheiro feminino, onde havia vomitado, para o café, de onde levou uma garrafa de água com gás, para a área silenciosa, onde ficou segurando um livro, sem ler; em seguida, repetiu o percurso.

Quando voltaram ao tribunal 12, ela se espetou de novo com o lápis, sem perceber o que havia feito, até que Annie estendeu a mão e puxou o objeto, balançando a cabeça horrorizada ao apontar para uma pequenina pérola de sangue.

Os ouvidos de Clarissa estavam zumbindo. A fala do Sr. Morden não fazia sentido. Ela pressionou as têmporas com os dedos, olhando abaixo para a pilha de anotações, achando que sua própria caligrafia parecia hieróglifos indecifráveis. Tudo que conseguia ver eram correntes, correias e cordas. O olhar aterrorizado da mulher acima da mordaca. A mão enluvada e o instrumento brilhante. Os títulos horríveis descrevendo o conteúdo da revista.

O Sr. Morden ajeitou o relógio, arrumou os papéis, balançou para a frente e para trás com os pés no mesmo lugar, visivelmente se esforçando para formular a próxima pergunta.

— Você visitou um parque de Londres no domingo, dia seis de maio, pouco antes de viajar para casa?

Dorcas quase pulou da cadeira, mas olhou para o biombo azul e permaneceu onde estava, ainda protegida porém muito mais agitada.

— Não.



Quando menininha, parques tinham sido lugares de pura alegria para Clarissa. Neles, ela e os pais faziam piqueniques com verdadeiros banquetes cuidadosamente preparados pela mãe. Neles, seu pai a ajudava a construir castelos e sereias usando areia úmida. Parques não eram locais perigosos.

Ela pensou no parque perto de casa, um lugar que havia amado. Agora, significava um par de mãos enluvadas agarrando seu punho, couro roçando entre suas pernas, palavras para humilhá-la, um carro para o qual teve de evitar ser arrastada. Ela passou a odiar aquele parque. Não queria voltar lá nunca mais, mesmo sabendo que teve sorte naquele dia.

Não houve nenhum *nerd* para salvar Dorcas naquele parque de Londres. Nenhum Bruce com seu pelo preto e macio.

O Sr. Morden mudou de rumo.

— Srta. Wykes, sua mãe depôs perante esses jurados. Ela...

— Os jurados que se fodam.

O juiz parecia estar furioso.

— Este julgamento está suspenso até amanhã.

\* \* \*

Foi um presente inesperado ficar sentada com Robert num café perto da ponte, um desejo súbito dele de parar ali e tomar algo quente antes de pegarem o trem.

Clarissa deu um pequeno gole no chá que ele havia comprado para ela. Ela estava enjoada desde que tocara naquela revista, o que apenas piorou com a descoberta da calcinha. As náuseas pareciam ter se tornado uma espécie de veneno desde que começou a ficar subentendido o que Dorcas sofrera, e a visão da mulher destrocada no banco das testemunhas contribuiu ainda mais para isso. Estar com Robert, porém, a deixava tão feliz que até aliviou o enjoo, pelo menos por alguns minutos.

— Uma vez, não no meu plantão, uma mulher estava gritando fora da casa dela: “Meus bebês, meus bebês, alguém salve meus bebês.” Já contei para você que sempre saímos em duplas, não?

Clarissa fez que sim, imaginando como conseguia enganá-lo, fazendo-o pensar que ela era normal.

— Dois bombeiros foram atrás dos bebês dela — disse ele. — Ambos morreram.

— E os bebês?

— Acontece que os bebês eram periquitos.

Clarissa balançou a cabeça.

— Você jamais teria ido, não é mesmo, Robert?

— Não assumo riscos desnecessários — disse ele, dando uma mordida no bolo de limão que tinha pedido. Parecia um menino que furtara uma guloseima proibida, mastigando e engolindo com prazer exagerado, aos suspiros. Empurrou o prato na direção dela. — Exceto quando se trata de sobremesa. — Havia um garfo. — Divide comigo?

O sorriso que ela deu foi tão largo que fez suas bochechas doerem. Apanhou o garfo e pegou um pouco da cobertura polvilhada com raspas de limão, embora mal tenha sentido o gosto.

— Não pense que não notei que você comeu apenas a cobertura.

— Sempre faço isso. Agora você realmente descobriu meu pior segredo.

— E você conhece o meu. Nunca falo sobre trabalho. Minha mulher, ela nunca quer... nunca quis... ouvir. Eu me preocupo porque deve ser chato.

— Ninguém poderia achar que é chato. — Clarissa sabia que o agradava demonstrando interesse, atenção e admiração, e que isso estava funcionando, mas ela sentia mesmo todas aquelas coisas.

Seu interesse por Robert seria tão perigoso quanto o de Rafe por ela? Claro que não, disse a si mesma. Não havia nem comparação. Ela tentava não pensar na calcinha retalhada em sua bolsa.

Clarissa ergueu a mão, na direção dele, e deixou-a pairar. Ele lançou um olhar de suspeita, fascinado mas intrigado, até que ela finalizasse o gesto e limpasse uma migalha amarela no queixo dele. Os dois ficaram parados pelos segundos que se seguiram.

Ela foi surpreendida pela lembrança de Henry limpando uma mancha de chocolate de seus lábios com o dedo e, em seguida, beijando-a.

Agitou a cabeça, como que afastando a recordação de Henry, e falou baixinho:

— Todos os bombeiros são como você?

— São. Necessidades básicas. Bastante carne e batata, e estamos felizes. Somos todos iguais.

— Não acredito nisso.

Ele riu.

— Acho que você não conheceu muitos bombeiros...

Ela riu também.

— Você é certamente meu primeiro.

— ... ou muita gente.

— Acho que você tem razão. Preciso aumentar minha lista de conhecidos. Vou

convidar Grant para tomar café comigo amanhã. E você convida Sophie. — Grant e Sophie eram os jurados de quem os dois menos gostavam.

— De uma coisa estou certo — declarou ele.

— O quê?

— Eu não vou convidar Sophie para vir comigo aqui.

— Bem, eu ainda vou convidar Grant — disse ela.

Terça-feira, 24 de fevereiro, 19h.

Dessa vez, há apenas meu nome no envelope pardo. Meu nome completo. Impresso. Nenhum bilhete. Nenhuma mensagem. Apenas a fotografia. Apenas uma.

Em meu quarto, quase nua, braços e pernas esticados, meu corpo como um X, punhos e tornozelos amarrados ao estrado da cama, uma venda preta nos olhos e um lenço preto cobrindo minha boca. Ainda estou usando a calcinha, mas você havia cortado o espaço da vagina. As meias e o sutiã não tinham sido retirados, mas agora há uma tesoura ao lado deles. Você também acrescentou um chicote, enroscado ao meu lado na cama.

Toda aquela bobagem falando de amor. A mais pura verdade, no entanto, está aqui, na foto. Como sempre você me viu, como sempre me imaginou desde o começo, o que sempre quis fazer. Prender, controlar, machucar. É isso que você está fazendo comigo todos os dias, literalmente. É assim que me quer. Uma boneca inflável incapaz de falar ou de se mexer, cujo rosto é apenas visível e que nem sequer está consciente — você pode fazer o que quiser com ela.

Ela não pode dizer não. Por mais que adore ouvir a palavra “certo”, você não precisa ouvi-la. Não faz diferença. Se conseguir sair impune, você fará o que bem entender, com ou sem o “certo”.

Vejo também que você deve ter coberto meu rosto para poder usar a foto. Penso na seção de uma de minhas revistas de costura, para a qual leitores enviam fotos do que estão fazendo. Ali são publicadas histórias sobre para que ocasião a peça de roupa foi feita, como foi feita, os instrumentos especiais que usaram ou as coisas que as pessoas, em geral, têm em casa e improvisaram ou adaptaram. Sua revista deve ter uma seção de leitores parecida.

Talvez essa foto tenha sido sua contribuição para sua própria comunidade especial de esquisitões, com uma narrativa de todas as coisas que fez comigo. Eu deveria de fato ficar feliz por não ser facilmente reconhecida?

Tento dizer a mim mesma que aquela coisa na cama não sou eu, que é apenas

minha casca, mas não adianta.

Volto a pensar no trecho que você sublinhou de “A noiva do bandido”. As taças de vinho e o coração explodido, a exibição do corpo nu da mulher, o sal nas feridas. Foi isso que você fez comigo. É o que ainda está fazendo.

Quanto tempo você levou tirando essas fotos? Eu me lembro da sua pasta lotada com o trinco fechado. Agora sei muito bem que acessórios você carregava naquela noite. Sei de onde vieram as marcas no meu corpo.

Nunca duvidei de que houve sexo naquela noite. A dor entre minhas pernas, na manhã seguinte, e a infecção urinária deixaram isso claro. Agora sei que devo ter ficado amarrada quando isso aconteceu. Mal consegui chegar à pia do banheiro para vomitar.

Você guardou a foto esse tempo todo, e eu nunca soube, nunca me lembrei dessa violência. Como posso não ter me lembrado? Só há uma explicação: não resta nem um pinga de dúvida de que você colocou drogas no meu vinho.

Jogo água fria no rosto e escovo os dentes. Empurro seu repulsivo troféu para o fundo do meu guarda-roupa. Não no armário com o resto das provas. Sei muito bem que não devo destruir a fotografia, mas você é inteligente o bastante para saber que eu nunca suportaria deixar que mais alguém a visse. A foto anterior parece inocente em comparação a esta.

Abro o laptop e encomendo um novo colchão e uma nova cama. Eu já pretendia fazer isso, mas agora se tornou uma necessidade. Sinto que melhora um pouco quando me ocupo com alguma coisa. A cabeceira e os pés da cama são inteiriços. Nada de hastes. Nada de colunas. Pago a mais para levarem a antiga. Vou continuar dormindo no sofá até a cama nova chegar, daqui a quatro semanas.

Toda manhã vou empilhar as cobertas e os travesseiros e guardá-los no antigo baú de cedro que foi um dos presentes do casamento de meus pais. Fazer isso vai me lembrar de que é uma situação temporária, e apenas durante a noite. Meu quarto voltará a ser meu quarto. Mas jamais posso voltar a dormir na minha cama antiga, onde você fez aquelas coisas comigo, o lugar de pesadelos que você não me deixará esquecer.

## QUARTA-FEIRA

Quarta-feira, 25 de fevereiro, 8h07.

Você não está na minha casa, portanto sei que estará na estação. Será um prazer e tanto, para você, ver minha reação ao último presente. Você não conseguirá resistir. Não conseguirá mais esperar.

Estou certa. Assim que saio do táxi, você está caminhando junto a mim. Gostaria de estar errada. Gostaria de não conhecer você tão bem quanto conheço.

— Gostou das lembranças de nossa noite juntos, Clarissa?

Não olho para você nem falo nada. Você sabe que não vou fazer isso. Nós não nos surpreendemos mais um com o outro.

— Depois podemos elaborar um pouco mais, Clarissa. Como na revista. Ela pode servir de inspiração para tanta coisa, você não acha?

Cometo o erro de olhar na sua direção por um instante. Embora seus lábios sejam finos e pálidos, estão brilhando, como se você tivesse acabado de passar a língua por eles.

Você está com as luvas de couro que usou no parque. Percebo agora que são iguais à da capa da revista. Meu punho direito começa a latejar, como se lembrasse a força com que você o torceu, embora a dor e as marcas já tenham sumido há uma semana.

Você se inclina na minha direção.

— Você adorou ser amarrada daquele jeito. Tive de amordaçá-la, para impedir que os vizinhos a ouvissem. A mordaca deixou você ainda mais louca. Assim como a venda nos olhos.

Dou uma cotovelada com força nas suas costelas, satisfeita com sua expressão de surpresa e dor.

— Afaste-se de mim. — As palavras escapam como se eu estivesse prendendo a respiração por muito tempo e não conseguisse mais me segurar.

— Há outras fotos, Clarissa. Há uma porção de preliminares. Eu sou assim, atencioso. Gostaria de vê-las? Acha que o bombeiro vai gostar delas? Eu sei onde ele mora.

Passo pela catraca, sem olhar para trás, achando que você ia me seguir. Isso não acontece, mas posso ouvi-lo gritando quando me viro para atravessar o túnel.

— Só estou brincando, Clarissa. Vou guardar minhas lembranças para mim. Sabe que eu nunca compartilharia você com ninguém.

Você está rindo. É raro ouvi-lo rir, embora sua risada seja amarga e repleta de ódio, e acho que você está me amaldiçoando com ela.

\* \* \*

Clarissa fechou os olhos com força, mas não conseguiu deixar de se ver: uma criatura digna dos piores pesadelos, vinda das páginas da revista dele ou de um horripilante filme sadomasoquista. Forçou a se concentrar e tentou resistir ao impulso de se furar de novo com o lápis. Ficou se perguntando se a polícia lia revistas como a dele para tentar encontrar criminosos e vítimas, para tentar solucionar crimes.

Escreveu em seu caderno: *Betty Lawrence, perita criminal, 146*. Annie bateu com o dedo no papel em que Clarissa escrevia e balançou a cabeça espantada com o número de páginas que ela havia lotado de anotações. Às vezes, Robert também caçoava de Clarissa; ele havia escrito uma dúzia de páginas, no máximo.

A Sra. Lawrence explicava o exame de DNA. Clarissa imaginou cientistas forenses em volta de sua cama, pegando amostras, tirando mais fotos dela. Ele a tinha transformado num espetáculo, em algo grotesco. De algum modo, ela precisava resistir àquela percepção de si mesma.

— Examinei peças de roupas pertencentes a Carlotta Lockyer — dizia a Sra. Lawrence.

Clarissa tentou se ajeitar na cadeira e apagar aquela imagem de si mesma. Tentou não imaginar a repugnância que Robert sentiria dela se ele a visse. Imaginou a foto sendo mostrada a jurados em uma tela como a que havia à sua direita, e rezou para que isso nunca acontecesse.

— Elas incluíam uma calcinha cor-de-rosa encontrada atrás de um armário no banheiro do apartamento onde a Srta. Lockyer alega que foi mantida. Havia um volume significativo de sangue no tecido. O sangue era da Srta. Lockyer.

Clarissa pensou em sua própria roupa íntima dilacerada: o sutiã como prova número um, encontrado no apartamento dela; a calcinha rasgada como outra prova, retirada da casa dele — talvez exposta numa redoma. O que uma perita criminal descobriria nesse *souvenir*? Tentou calar a própria humilhação diante da ideia de alguém analisar as manchas na calcinha. O sêmen dele numa lâmina. Os

fluidos dela sob um microscópio.

Quarta-feira, 25 de fevereiro, 13h15.

Quero resistir ao impulso de me esconder. Detesto que você faça com que eu me esconda. Estou na fila de um mercadinho superiluminado para comprar um pote de iogurte.

É absurdo pensar que posso fazer algo tão corriqueiro quanto ir a uma loja comprar alguma coisa. É burrice ceder à minha vontade desesperada de respirar ar puro, ainda que apenas por alguns minutos, caminhar até algum lugar e voltar. Sou insensata em me recusar a abrir mão da rotina. Sinto muita, muita pena de mim mesma, e sei que preciso definitivamente parar com isso.

Escuto você antes de vê-lo. Sua voz é tão baixa que apenas eu posso ouvi-la. Seu hálito quente está no meu ouvido:

— Eu não cheguei a usar o chicote em você, Clarissa. Não da maneira correta, embora você tenha gostado das nossas experiências com ele. Fica para a próxima.

Intensificação. Os folhetos sobre perseguidores alertam sobre isso. É o que todos eles dizem que vai acontecer. Quando li aquela palavra pela primeira vez, não consegui imaginar muito bem a que se referia, o que aquilo poderia significar, o que você poderia fazer para intensificar as coisas. Eu não havia compreendido propriamente aquela palavra. Suas mãos em mim no parque. Suas fotos abomináveis.

Devolvo o iogurte para uma prateleira e saio correndo do mercadinho. Sou uma péssima corredora. Em questão de segundos estou sem fôlego e com dores. As pessoas olham enquanto atravesso a multidão em zigue-zague, fazendo minha ridícula corrida com os braços balançando no meio da feira livre para voltar às pressas para a segurança da sala dos jurados. Ao mesmo tempo, estou torcendo muito para que Robert não esteja por ali e me veja. Eu me viro para checar, quando dobro na esquina onde fica o tribunal, ofegante, aos tropeços e quase sem conseguir me manter de pé, mas você não está me seguindo. Deve ter percebido que sua perseguição seria evidente se tivesse me alcançado.

\* \* \*

Deve ter sido o aumento da sensação de terror doentio que agora a acompanhava constantemente. Deve ter sido isso que fez com que Clarissa voltasse a pensar nos

Betterton. Encontrou um canto quieto na sala dos jurados e ligou para eles. A mulher atendeu.

Era uma única chance, ela tinha apenas um instante.

— Preciso saber o que aconteceu com Laura — disse ela.

— Nós também.

A linha ficou muda. Ela tentou mais uma vez.

— Por favor, fale comigo — pediu. — Por favor.

— Deixe-nos em paz.

De novo, a ligação foi encerrada.

Ela tentou uma terceira vez. Ninguém atendeu.

Se eles não queriam que pessoas telefonassem e perguntassem por Laura, por que não tiraram o nome da lista telefônica? Por que havia sido tão fácil encontrá-los? Clarissa deixava seu número desbloqueado cada vez que ligava, na esperança de que eles passassem a ficar menos desconfiados dela ou até mesmo que ligassem de volta, embora bem no fundo soubesse que não o fariam. Por que então eles continuavam atendendo?

\* \* \*

A adrenalina ainda pulsava em seu corpo ao fim do dia, enquanto esperavam na sala anexa que o oficial de justiça os conduzisse ao andar de baixo. Ela tentava tranquilizar Annie, que queria saber por que Clarissa parecia estar com a pele desbotada em volta dos olhos.

A voz retumbante de Grant veio como uma distração bem-vinda.

— Por que havia tão pouco sêmen de Tomlinson? Não faz sentido. Se ele gozou no rosto dela, e depois ela limpou aquilo com a camisa e o jeans, como disse, teria de haver mais.

— A quantidade de sêmen varia de um homem para outro. Pouca quantidade, tipo um mililitro, é considerada normal, assim como muita, tipo cinco, também é.

— A voz de Clarissa parecia calma. Não era como ela se sentia. — O fato de os peritos terem achado apenas pequenas áreas nas roupas não significa que a Srta. Lockyer estivesse mentindo. — Ela fez contato visual com Grant e sentiu seu rosto corar. — Pode ser só que ele não tivesse produzido bastante.

\* \* \*



Clarissa e Robert tinham passado a se demorar no tribunal, ao fim do dia, e a sair juntos do prédio. Ela gostava de verdade de estar com ele, por si só; o fato de que ele a tornava à prova de Rafe, de que fazia com que ela caminhasse em segurança até a estação, era apenas um extra.

Estava fingindo não esperar que ele saísse do vestiário. Como se fosse urgente decorá-los antes de sair, ela lia diligentemente os rigorosos cartazes de alerta acima da escrivaninha do oficial de justiça responsável pelos jurados. Proibido influenciar jurados. Proibido tirar fotografia. Proibido comentar o que se passa na sala de deliberações porque é um delito punido com multa e até mesmo prisão — uma regra que dura para sempre.

Ela repetiu de maneira solene aqueles preceitos importantes para Robert, quando ele apareceu. Fez um gesto de concordância a cada um deles, tentando mostrar, de brincadeira, uma grave consideração.

— Você viu a cara do Grant quando você começou a falar em sêmen?

— Evitei olhar para ele de propósito. — Era uma grande mentira. Ambos riram.

— Não deveria ser assim, mas a maioria dos homens fica sem jeito ao ouvir isso — observou ele.

Ela se perguntou se ele estaria certo.

— Foi uma observação importante, a sua — completou ele. — Como sabia disso?

— Sou boa em biologia.

— Tenho certeza de que é. Mas acho que não é só isso.

— Muitas fertilizações *in vitro* que fracassaram. O que eles chamam de infertilidade masculina grave.

— Ui.

Dessa vez, ao falar, ela olhou direto para ele.

— Sei mais sobre sêmen do que gostaria.

Ele riu, mas logo ficou sério.

— Não funcionou?

— Não. Nada de bebê. — Tentou não demonstrar sua frustração, mas, mesmo assim, ficou com medo de que ela transparecesse. — Henry me fez jurar que nunca contaria a ninguém por que precisamos de tratamento, mas acho que a cláusula de confidencialidade expirou.

Não foi uma traição, disse a si mesma: Robert nunca conheceria Henry; a verdade era que ela não queria que Robert pensasse que o problema de fertilidade era dela.

— De qualquer modo, a vontade de ter filhos não era o que nos unia. Ele não é o tipo de homem que curte bebês. Mas concordou, por minha causa, pois sabia que eu queria desesperadamente ter um filho.

— Você teria ficado com ele, se ele não quisesse um filho?

— Eu queria muito ficar com ele, então sim, teria — disse ela, devagar. — Mas Henry me fez uma promessa logo no início de que tentaríamos ter um bebê. Não sei se o relacionamento teria sobrevivido se ele não houvesse cumprido com sua palavra. No final das contas, foi justamente porque a promessa foi respeitada que nós, como um casal, não demos certo. Ele morria de medo de como um bebê perturbaria sua profissão de escritor.

— É compreensível — comentou Robert.

Ela concordou com a cabeça.

— No fundo, ele ficava aliviado cada vez que a fertilização não dava certo. Não falávamos sobre isso, mas eu sabia que era como ele se sentia.

Ela se lembrou de um bilhete que Rafe havia enviado, pouco antes do julgamento, agora com as outras coisas que ela esperava que a Sra. Lawrence jamais examinasse. *Eu posso te dar um bebê, Clarissa. Deixe-me.*

— Lamento por você — disse Robert.

— Não sei se mereço isso. Não me esforcei para entender quanto Henry era ambivalente em relação à coisa toda. Estava com medo demais para que conseguisse enxergar isso; com medo de que a opinião dele interferisse no que eu queria. Disse a mim mesma que ele adoraria a criança assim que ela nascesse, que ficaria feliz por isso. Fiquei obcecada demais. Cheguei a comprar moldes para roupas de bebê e fraldas. — Ela revirou os olhos, constrangida.

— Ele devia gostar muito de você, para ter feito isso por você, se ele é como diz.

— Ele... Ele era complicado. Mas não quis tentar mais. Todo aquele fracasso foi demais para ele. Para nós dois, na verdade, embora eu não conseguisse admitir na época. Henry se sentia... mal, irritado... ao menos demonstrava isso o máximo que podia... em me ver tomando aqueles medicamentos, ver o que faziam comigo, quando era tudo por sua causa e por algo que ele nem queria. — Clarissa arriscou uma piada meio desanimada. — Eu era capaz de usar mais agulhas do que Lottie se drogando.

Ele não riu.

— Você estava triste.

— Estava. — Seus olhos estavam voltados para o chão. — Estava muito, muito triste. Eu queria muito um bebê, queria ser mãe. Isso me fez perder Henry

de vista. Não fui justa com ele.

Clarissa sentiu-se aliviada por ter contado a Robert algo verdadeiro sobre si mesma. Queria ver o que ele faria com aquilo.

— Você se importa se eu perguntar por que vocês dois não se casaram?

Ela se importava, mas só porque detestava pensar naquilo.

— A mulher dele era católica. Não queria se divorciar. Disse que estavam casados para sempre aos olhos de Deus. Henry sentia-se culpado demais em relação a ela para forçá-la. Eu também.

— Parece que eles vão morrer casados, então.

— Faz cinco anos que se separaram, e ele ainda não se divorciou dela.

— Quer dizer que ele estava disposto a ter um bebê com você e a fazer passar por todos aqueles procedimentos médicos, mas não a se casar com você.

— É o que minha mãe costumava dizer.

— Fico feliz em saber que fiz você se lembrar de sua mãe.

— Minha mãe é maravilhosa. — Ambos sorriram. — Sempre achei, sempre disse a mim mesma que, se eu engravidasse, isso mudaria as coisas. Que Henry forçaria o divórcio se tivesse um motivo tão forte.

— Talvez. — Robert não pareceu convencido.

— Creio que talvez ele estivesse amedrontado demais para se casar de novo. Ele já tinha fracassado nisso uma vez. E também achava que o importante era estarmos juntos. Aquela história de não precisar de um pedaço de papel. Acho que isso tem um pouco de verdade.

Robert estava olhando mais além deles, para o outro lado da rua, e franzindo a testa. Clarissa não tinha dúvidas de que Rafe estava lá. Ela escorregou na neve derretida, que virara gelo, e Robert a ajudou a se equilibrar.

Ela não desperdiçou a oportunidade de fazer com que Robert ficasse consciente do perigo.

— Você está vendo alguma coisa? — perguntou ela.

Queria ter certeza de que ele percebia que havia algo de errado, que estava pronto para se defender.

Robert negou com a cabeça.

— Não foi nada.

Ela não sabia se tinha ficado mais amedrontada com sua negação ou com o que poderia significar se ele admitisse ter notado Rafe. Insistiu no assunto.

— Acho que talvez tenha visto algo que o preocupou.

— Eu falei para você que não me preocupo à toa.

— Mas devia. Todos deviam, às vezes.

— Você não precisa se preocupar comigo. Não é sua função.

Ela deve ter se mostrado ofendida, porque ele tentou esboçar um sorriso.

— Acho que você é muito dura consigo mesma em relação a Henry — disse ele, mudando de assunto. — E com relação à mulher dele. As pessoas nem sempre conseguem evitar se apaixonar por quem se apaixonam.

Por causa de Rafe, ela estava aflita demais para absorver o que ele acabara de dizer, embora ficasse pensando nisso depois. No momento, só imaginava se havia algo mais que pudesse fazer para alertá-lo, mas logo desistiu diante do que poderia ser outro fracasso.

— Você pode me dizer o que aconteceu com sua mulher? — Também se sentiu autorizada a mudar de assunto e, considerando as perguntas de Robert sobre Henry, para algo difícil e íntimo.

— Foi um acidente de trânsito. Fim da manhã. Outro carro virou para o lado errado da rua e se chocou contra o dela de frente. Deve ter morrido na hora. Eu tinha chegado do trabalho em um turno da noite e ido direto para a cama. Não fazia ideia de onde ela estava indo. Nem mesmo sabia que ela tinha saído de casa.

Ele parecia distante. Olhava para o chão enquanto falava. Ela nunca o tinha visto fazer aquilo. Revelando a si mesmo, mas ao mesmo tempo se escondendo.

## QUINTA-FEIRA

Foi a primeira vez que ela e Robert passaram juntos a hora do almoço. Andaram pelos caminhos tranquilos de um parque ali perto, onde os sons do trânsito de Bristol pareceram sumir assim que eles entraram. Sem Robert presente, ela jamais teria se aventurado em um parque. Sentia falta de passear por eles.

Robert sentou-se num banco de madeira debaixo de uma árvore, e ela também, cruzando as pernas. A súbita frieza dele da tarde anterior parecia ter desaparecido.

— Lottie não fez muita coisa para se ajudar, não é mesmo? — comentou ele.

Clarissa balançou a cabeça concordando, triste, esperando que a mesma coisa nunca fosse dita sobre ela.

— Diga-me a pior coisa que você já fez. — Ela se surpreendeu ao pedir isso.

Ele pensou por alguns segundos.

— Conheci minha mulher num encontro às cegas. Ela... — Interrompeu-se. — Outro dia eu conto. Não é uma história para agora.

Mas ele deu um sorriso, um sorriso corajoso e aparentemente tranquilo para amenizar a recusa, e Clarissa percebeu que o assunto lhe doía muito. Ela não quis pressioná-lo a falar mais sobre sua falecida esposa, ainda mais após ter visto como o assunto o afetara no dia anterior.

— Você tem todo o direito de não responder — disse ele —, mas você vai me contar qual foi sua pior coisa?

Clarissa observava um passarinho, saltitando pela grama, sem encontrar nada. Forçou-se a erguer a cabeça e olhar para ele.

— Dormir com uma pessoa de quem eu não gostava. — Sua voz foi bem suave.

— Isso não é tão terrível. Nem tão incomum.

— É... Foi... terrível, sim. — E havia outras coisas terríveis que ela poderia ter dito a ele.

O telefone tocou dois meses após Henry ter desfeito seu casamento e se mudado para o apartamento dela. A mulher dele estava gritando na linha sobre

homens com suas crises de meia-idade e mulheres mais jovens e clichês. Ela disse que Clarissa não foi nem de longe a primeira mulher com quem Henry tivera um caso. Ela disse que Henry era estéril. Ela disse que, de qualquer modo, ele não queria mesmo filhos, portanto não poder tê-los lhe convinha. Ela disse que Henry privaria Clarissa da chance de ter um bebê e, antes que ela percebesse, seria tarde demais. Ela disse que sabia muito bem qual era a sensação.

Henry tinha arrancado o telefone da mão de Clarissa e tentado acalmar a mulher, mas Clarissa conseguiu ouvi-la gritando antes de desligar na cara dele: a outra era uma ladra de marido perversa e ia ter o que merecia. Clarissa começara a temer que essa maldição estivesse se tornando verdade.

Mais tarde, Henry abraçara Clarissa, consolando-a e prometendo que faria o possível para lhe dar um bebê, se ela quisesse, embora tenha explicado que não seriam capazes de tê-lo naturalmente. Mas Clarissa não conseguiu parar de pensar na pobre mulher que não estava nos braços de Henry, mas que queria estar; a mulher que nunca tivera um filho, apesar de ansiar por um. O comportamento dela não era o de alguém que não amava mais o marido, embora Henry tivesse jurado que fosse esse o caso.

Robert examinava Clarissa com atenção, como se tentasse descobrir o que se passava em sua cabeça, exatamente o lugar que ela não queria que ele examinasse.

— Fale mais sobre incêndios — pediu ela. Seus dentes rangiam de frio.

— Você deve estar congelando aqui fora.

— Não estou. — Ela não queria ir embora.

Ele tirou o próprio cachecol, estendeu os braços atrás dela e passou o tecido ao redor do pescoço de Clarissa.

— Fica mais bonito em você.

Ela se aproximou mais dele no banco.

— Conte — pediu de novo. — Por favor.

— Já vi que argumentar com você é inútil — disse ele, assumindo uma expressão mais séria logo a seguir. — É preciso sentir o que o fogo está fazendo, como vai se comportar. Usar todos os sentidos, e não apenas a mente. Dá para ver o fogo respirar, vê-lo latejando. Ver os anjos dançarem pode ser fatal. É como olhar para um teto com estrelas pintadas. Você não pode cair na armadilha de ficar olhando.

— Como as sereias.

Ele fez que sim com a cabeça.

— É, exatamente como as sereias. Quando você vê os anjos dançarem, é

preciso sair antes do fenômeno do *flashover*, uma descarga elétrica. Não restará nada de você se não der o fora na mesma hora.

\* \* \*

O Sr. Belford levantou-se sem pressa, parou para ler suas anotações, então se inclinou e cochichou algo para seu auxiliar. Seus truques para deixar a testemunha nervosa. Funcionou com esta, que passou o cabelo para trás das orelhas, quando, finalmente, o advogado lhe dirigiu a palavra.

— Quando examinou a Srta. Lockyer, você trabalhava havia apenas dois meses como médica-legista. A verdade é que não tinha muita experiência, não é mesmo?

A Dra. Goddard mudou de posição na cadeira.

— Sou médica formada há vinte anos.

Ele baixou um pouco os óculos para observá-la.

— Você mencionou que a Srta. Lockyer sentia desconforto no peito e dores ao respirar. Foram esses os danos alegados: o relato subjetivo dos sintomas fornecido pela própria paciente. Não teve meios de verificar se ela estava falando a verdade.

Quinta-feira, 26 de fevereiro, 20h40.

Eu me sobressalto com uma leve batida na porta do meu apartamento. Sinto como se tivesse corrido uma longa distância e parado de repente. Pego o telefone. Estou pronta para ligar para a polícia, se for você — se estiver realmente dentro do meu prédio, isso vale como uma emergência de verdade. Mas é apenas a voz da Srta. Norton que responde ao meu aflito “Quem é?”. Lembro-me do aprendiz de chaveiro dizendo para mim e para Annie que deveríamos colocar olho mágico em nossas portas; ele falava sem tirar seu fone de ouvido roxo. Prometo a mim mesma que vou recorrer a um especialista em segurança para cuidar disso no fim de semana, após esse pavoroso alarme falso.

A Srta. Norton está usando seu robe azul-claro. É feito de feltro grosso. Ela cheira a talco para bebês. Dá para ver o pó nos punhos e nas mãos, que seguram uma caixa branca grande e comprida. Vou seguindo-a até minha sala de estar, como se aquele fosse o apartamento dela, e eu a convidada. Ela se senta no meu sofá e dá um tapinha no assento a seu lado.

— Sente-se comigo, meu bem — diz a Srta. Norton. Mas ela não está se

comportando como a anfitriã de sempre: está franzindo a testa. Mantém a caixa em seu colo pequenino. — Não havia cartão nem nome, Clarissa.

Não preciso de cartão ou de nome para saber que foi você quem mandou a caixa.

— Foi por isso que eu abri — justifica-se.

Eu sei que, haja o que houver naquela caixa, não deve ser boa coisa. Se eu tivesse um bicho de estimação, não duvidaria que ele estivesse morto ali dentro.

A Srta. Norton levanta a tampa e me forço a olhar para o interior, recusando-me a hesitar, recusando-me a agir como se estivesse amedrontada, embora eu precise me forçar a respirar de maneira calma.

Mas de dentro não sai nenhum monstro. Nenhuma bomba explode. Nenhum cheiro de morte emana da embalagem. Há apenas a fragrância de rosas.

São rosas negras. Creio que nunca tinha visto uma dessas, e fico me perguntando se são uma raridade, se são manipuladas geneticamente. Imagino alguém pintando-as, como as flores em *Alice no País das Maravilhas*. Não consigo não as achar lindas. Se não viessem de você, eu iria amá-las. As rosas são fantásticas. Estão entrelaçadas por papoulas vermelhas e flores roxas de anêmona.

Até a Srta. Norton falar de novo, penso que talvez não seja um presente tão terrível assim, embora eu saiba que não consiga mais identificar o que é realmente terrível sem recorrer aos parâmetros mais extremos.

— São flores que representam a morte, Clarissa, todas elas — diz a Srta. Norton. — É um ramo que se joga sobre o caixão. Sou velha a ponto de já ter visto muito disso. Elas são usadas em enterros. Sei que não vou permanecer muito mais tempo neste mundo, mas tenho certeza de que não foram enviadas para mim.

Aperto a mão da Srta. Norton. A saliva parece ter secado em minha boca. Imagino aquela tesoura cortando minha calcinha, aquela tesoura entre minhas pernas, aquela tesoura cortando aquelas flores. Sinto uma breve pontada aguda no baixo-ventre, uma espécie de convulsão. Sei que a sensação física é uma coisa real e não imaginada; minha menstruação deve ocorrer amanhã, e essa súbita fisgada deve ter algo a ver com isso.

— Você pensa que sou apenas uma velhinha doce, Clarissa, uma solteirona bondosa que não sabe de nada e nunca experimentou nada — eu balanço a cabeça em protesto —, mas posso ver que algo está muito errado. Seus pais ficariam muito perturbados com isso. Devo telefonar para eles? Eles sempre colocam o número do telefone e o endereço nos cartões de Natal, meu bem, por via das dúvidas. São tão atenciosos...



— Preciso tomar água.

A Srta. Norton não tira os olhos de mim quando levanto do sofá de repente e sigo cambaleando até a cozinha. Bebo dois copos, derramando um bocado no meu peito. Arrasto a manga sobre os olhos e a boca para enxugá-los. Fico parada contra a geladeira, pressionando a testa contra o metal frio, como se pudesse refrescar o cérebro.

Volto para a sala e para o lado da Srta. Norton, e beijo seu rosto.

— Por favor, não ligue para os meus pais, Srta. Norton. — Toco na caixa. — Posso?

Ela faz que sim, tiro a caixa dela e a examino. Não há indicação da floricultura.

— Eles já se preocupam demais comigo. — Procuro embaixo das flores, mexo no papel de seda no qual estão pousadas. A Srta. Norton tem razão. Você não deixou pistas. — Não quero perturbá-los. — Existem, porém, outros meios de descobrir onde você as comprou; deve ter sido uma encomenda especial.

— É muito desagradável. É ameaçador enviar uma coisa dessas para uma mulher jovem — diz a Srta. Norton. — Estive pensando, Clarissa, meu bem, desde que ficou tão aflita no Dia dos Namorados. E naquele homem que a perturbou tanto. Desde então não o tenho visto, mas desconfio que você tem. Precisa pedir alguma ajuda, meu bem. Precisa dar queixa.

Estou mais calma, aliviada por não ser mais uma fotografia. Os parâmetros extremos para avaliar o que é terrível estão dando o ar da graça de novo. Uma lição que você está me ensinando bem. Você deixou claro quanto gosta de dar lições.

Fecho a caixa e atravesso a sala, puxando outra pilha de tecidos do armário para abrir espaço para ela.

— Eu pretendo dar queixa. Juro. Mas ainda preciso resolver alguns pequenos detalhes primeiro, para ter certeza de que isso vai funcionar. Quero que a queixa funcione.

Como todas as melhores fadas madrinhas, a Srta. Norton é mandona. Ela se levanta para ir embora, rejeitando com um gesto minha oferta de acompanhá-la pelas escadas, mas não sem uma ordem final.

— Não espere muito, meu bem.

## SEXTA-FEIRA

Os jurados do tribunal 12 haviam adquirido o hábito de jogar pôquer. Sentados em volta de duas mesas bambas que haviam juntado, eles gritavam, aplaudiam e gargalhavam alto, se espantando quando não acreditavam nas cartas à mesa ou brincando ao fingirem irritação. Outros jurados iam e vinham, cumprindo suas obrigações de nove dias, mas paravam ali, como forasteiros, para observar e até mesmo invejar aquela estranha camaradagem e o sentimento de posse da sala onde sempre eram colocados para esperar, em um julgamento tão longo.

Clarissa não sabia jogar, mas, de vez em quando, se sentava por perto para aproveitar a companhia, lendo em silêncio ou tomando café. Robert às vezes jogava, embora Clarissa desconfiasse que não fosse algo que ele quisesse, mas um esforço de boa vontade. Bombeiros precisam ser bons em trabalhar em equipe, concluiu ela; devem ficar muito atentos a como certos grupos funcionam e como lidar com eles. Os outros sempre aceitavam de bom grado a participação de Robert, ou pelo menos os homens aceitavam. Ela tinha certeza de que eles o elegeriam primeiro jurado.

Em geral o pôquer acontecia durante o almoço, mas, na manhã de sexta da quarta semana, o oficial de justiça desculpou-se por um misterioso atraso que levaria pelo menos uma hora, por isso os jurados do tribunal 12 se reuniram com suas cartas. Clarissa ficou surpresa ao ver Robert sentado à parte, a uma mesa do outro lado da sala. Ele estava perto da janela, e a luz caía no que era claramente um caderno de desenhos.

Ele estava muito concentrado. Clarissa observou-o por alguns segundos, sem pretender chamar sua atenção ao se aproximar em silêncio, sem querer que Robert notasse que ela o estava observando, mas ele ergueu a vista e pegou-a olhando a caricatura. Era do Sr. Morden. Robert o captara exatamente como era, e, apesar de ser um desenho cômico, também exibia a seriedade e a inteligência do Sr. Morden; seu ar bondoso.

— Então você desenha também? — observou ela. — Quando não está lendo

poesia e realizando resgates heroicos?

Robert lançou para ela aquele olhar de quem não está abrindo o jogo.

— Gosto de fazer uns rabiscos.

— Está ótimo!

Ele exibiu um sorriso, como se soubesse que essa era a jogada certa, e Clarissa pôde perceber como ele era reservado e frio diante do que fazia, mas também orgulhoso, embora não quisesse admitir.

— Meus colegas do trabalho se divertem com as minhas caricaturas deles.

— Você tem uma excelente memória visual, para poder fazer isso. Tipo quando você se lembrou do isqueiro. Você devia dar esse desenho ao Sr. Morden.

O sorriso se desfez em uma expressão mais grave, algo que ele não parecia ser capaz de controlar.

— O juiz talvez me mande para a cadeia, se o Sr. Morden lhe mostrar o desenho. Literalmente, um desacato ao tribunal. — Fechou o caderno. — Há coisas mais legais que posso desenhar. Fora daqui.

Na noite anterior, ela finalmente havia cortado a camisola usando os moldes da revista japonesa, com um pedaço de cetim roxo. Estava determinada a não deixar que Rafe, suas flores aterrorizantes e suas fotos repulsivas tomassem conta de seu mundo. Imaginou usar a camisola para Robert. Estar com ele apagaria qualquer vestígio de Rafe nela. Apagaria aquelas fotos como em um passe de mágica, e o que Rafe fizera não teria mais força alguma.

\* \* \*

O Sr. Belford, mais uma vez tentava acabar com a médica-legista.

— Vamos lá, doutora. Um estupro brutal por dois homens enormes e nenhum dano vaginal visível?

— Vítimas de estupro não demonstram necessariamente sinais de trauma vaginal. Muitas cedem, por causa do medo, e não oferecem qualquer resistência física.

Clarissa se lembrou de quanto Rafe tinha ficado com raiva no parque. *Você estava apenas fingindo*. Ela nunca saberia ao certo do que tinha se livrado, mas não havia dúvida de que fingir que estava colaborando fizera com que ela ganhasse tempo.

— Esse é o ponto de vista aceito entre os médicos — prosseguiu a Dra. Goddard. — Também vale ressaltar que mesmo o sexo consensual pode resultar em trauma vaginal. Dilaceração vaginal ou falta de dilaceração vaginal são

ambos resultados neutros.

— Por que perguntou à Srta. Lockyer sobre seu histórico sexual e menstrual?

— Isso pode ser relevante num caso de agressão sexual. Se observar sangramento vaginal, você se perguntará: é sangramento menstrual? Ou será um sangramento pós-coito?

Foi isso que ela teve, após a noite com Rafe: um único dia com sangramento. Sua menstruação viera uma semana depois. Ela sempre sabia seu período fértil. Era um hábito que criara quando ela e Henry começaram a tentar engravidar. Facilitava o fato de seus ciclos serem regulares, ocorrendo em períodos de vinte e sete ou vinte e oito dias; mesmo uma situação de estresse não os afetava. Apesar de temer que Rafe a tivesse engravidado, ela sabia que era extremamente improvável.

— O sangue que os peritos encontraram nas roupas da Srta. Lockyer poderiam ser da menstruação — disse o Sr. Belford. Um dicionário médico já bem gasto estava sobre seus arquivos. — Eles não conseguem distinguir sangue menstrual de sangue proveniente de um ferimento vaginal.

— É verdade. Mas o suposto estupro ocorreu no quinto dia do ciclo menstrual dela. Normalmente, a menstruação já teria estancado nesse estágio... ela, no máximo, teria um escape.

Sexta-feira, 27 de fevereiro, 18h30.

Durante todo o caminho para casa não penso em você nem um pouco. Não penso nas fotografias. Não penso na sua revista.

Eu tinha esquecido meu guarda-chuva. Robert mantém o dele aberto sobre nós enquanto caminhamos. Ele se senta a meu lado no trem e, quando deixa seu braço pousar no meu, meu rosto fica quente. Ele me faz companhia na fila do táxi, na estação, conversamos sem parar até chegar minha vez e ele abrir a porta do táxi para mim, fechando-a cuidadosamente depois e dando seu discreto sorriso de boca fechada, enquanto me observa ir embora.

Enquanto o táxi segue seu caminho colina acima, penso apenas em Robert, imaginando como seria dormir com ele.

No instante em que passo pela porta e vejo seu envelope, você está dentro da minha cabeça de novo, que é onde quer estar. Sei que é outra foto antes mesmo de abrir e ver o conteúdo.

É o passo seguinte, depois de sua última jogada. A venda, a mordança e as

cordas estão exatamente onde estavam, mas você tirou minha calcinha. Largou-a a meu lado, cortada na altura dos quadris para que pudesse tirá-la sem desamarrar meus tornozelos. Você desenrolou o chicote e colocou a ponta dele sobre minha barriga.

Estou me forçando a raciocinar. O chicote é apenas parte de sua exibição. Você não o usou em mim, de fato. Tenho certeza disso. Eu teria percebido as marcas, se tivesse usado. Os locais doloridos e os ferimentos por atrito estavam apenas nos punhos e tornozelos. Estou realmente aliviada ao pensar neles. Porque sugerem que, mesmo inconsciente, eu ainda tentava me soltar, reagindo contra você. Mesmo que isso não tenha adiantado, estou feliz por haver essa prova de que eu não queria ficar com você. Havia manchas vermelhas que viraram hematomas na parte interna das minhas coxas, que devem ter sido causadas por suas mãos, mas estes surgiram após você ter tirado as fotos. Não havia nenhum vergão que poderia ter sido provocado pelo chicote.

Coloco a foto no meu armário junto com as outras. Olho para a cama, os lençóis limpos e não usados, cobertos por minha colcha recém-costurada. Penso em Lottie enroscada no canto do colchão murcho naquele apartamento em Londres. Não comi, não tomei banho nem escovei os dentes. Não tirei minhas roupas. Estou com muito, muito frio.

Vou para a sala e me aninho no sofá debaixo das cobertas. Aos poucos, andei trazendo para cá as coisas que uso à noite. Alcanço na mesinha lateral minha poção do sono e tomo dois comprimidos, sabendo que minha mãe diria que estou me viciando. Eu me viro de lado, um pouco encolhida, tentando refletir e planejar o dia seguinte com o máximo de calma, sem pensar que é impossível cair no sono, mas surpresa por me sentir flutuar para longe, levada pela força dos remédios, que funcionam tão bem quanto o encanto de uma bruxa. Estou com medo de que, nos meus sonhos, você também esteja à minha espera.

\* \* \*

Ela estava num caixão dourado, segurando as flores da morte, e Rafe as puxava com força de suas mãos, arrastando-a do forro de cetim branco do caixão, jogando-a sobre o concreto, áspero feito uma lixa. Ela estava no chão, nua, tentando se esconder debaixo de uma colcha. Os réus estavam reunidos num círculo à sua volta, tirando a colcha à força, chutando-a, agredindo-a com uma vassoura. A vassoura transformou-se num chicote. Eles erguiam seu corpo no ar e o forçavam de volta ao caixão, que estava sobre uma mesa. Eles a mantinham

presa, de modo que ela não conseguia se mexer, gritavam animados, posicionados ao redor do corpo dela, enquanto Rafe subia nela, usando todo o peso dele para pressionar os espinhos das rosas negras em seus seios nus, o que a impedia de respirar. Robert estava parado ali, observando em silêncio, uma tesoura na mão enluvada. Ela tentou gritar seu nome, mas as palavras saíram sem nenhum som.

## SÁBADO

O despertador tocou às 5h. Ela havia tirado as roupas durante a noite e tremia em meio a cobertores embolados e encharcados de suor por conta dos pesadelos. Tateou atrás do telefone e discou para a cooperativa de táxi que sempre usava, pedindo que a apanhassem pouco antes das 6h. Tinha planejado cada passo do que faria a seguir. Pegaria o primeiro trem da manhã. Ela estaria em cima da hora, e isso era proposital; não queria que houvesse a menor chance de ele encontrá-la na estação.

Sua vida entrara numa rotina fixa, em que não havia lugar para mais nada além de comparecer ao tribunal. Mas hoje seria diferente.

Tomou banho, fazendo com que o sabonete limpasse a camada azeda de pesadelos, sentindo a friagem abandonar seus ossos diante do contato com a água quente. Usou o secador no cabelo e fez um coque sem muito cuidado, então escolheu roupas que a ajudariam a se manter aquecida. Botas e meias grossas, um vestido azul-marinho de lã, o casaco de sempre e um cachecol que sua mãe havia tricotado. Jogou as luvas, o gorro e um guarda-chuva na bolsa, e lembrou-se de pegar também seu mapa de Londres. Por via das dúvidas, apanhou o passaporte.

Porém, antes de mais nada, ela o faria provar um pouco do próprio veneno. Quando o motorista do táxi tocou a campainha, ela avisou que desceria num minuto. Rapidamente, discou o número da casa dele — ele lhe dera seu telefone inúmeras vezes. Tomou o cuidado de digitar primeiro 141, para que ele não pudesse ver quem estava ligando. Ele atendeu, assustado ao ser acordado assim. O estômago dela revirou ao som de sua voz, ia contra todos os seus instintos forçar-se a ouvi-lo sem necessidade. Ela desligou sem dizer uma palavra, segura de que ele estava a oito quilômetros de distância e não conseguiria alcançá-la. Então, disparou porta afora.

Ela estava se arriscando. Pelo que sabia, eles poderiam não estar em casa. Ou talvez não a deixassem entrar. Avisá-los de que estava indo certamente não ajudaria. Mas a única coisa que iria se permitir pensar era chegar a seu destino.

Por volta das 8h30, estava em Londres, diante da residência deles, uma casa geminada bem conservada no estilo eduardiano, criando coragem para bater na porta. Antes que conseguisse, a porta se abriu, embora apenas alguns centímetros, e uma mulher bem-vestida na casa dos sessenta anos, com expressão muito lúcida, olhou desconfiada pela fresta, exigindo saber por que ela estava se demorando ali havia mais de cinco minutos.

Não havia tempo para apresentações ou gentilezas.

— Por causa de Rafe Solmes.

A mão da mulher tremeu um pouco e seus lábios se apertaram.

— Você é amiga dele?

— Não. Caramba, não. Sou completamente o oposto.

— Não diga. — A mulher começou a fechar a porta.

— Por favor. — Clarissa colocou o pé na fresta. — Ele está fazendo da minha vida um inferno.

— Deixe eu fechar minha porta.

Clarissa podia ouvir alguém descendo a escada, rápida e ruidosamente — um passo de homem, pensou ela —, mas não tirou o pé.

— Por favor — repetiu. — Preciso saber o que aconteceu com Laura. Você é mãe dela, não é?

— Charlotte? — veio a voz do homem.

A mulher empurrou a porta com força, fazendo Clarissa pensar que os ossos de seu pé seriam quebrados, apesar de a bota lhe oferecer uma boa proteção.

— Como você se atreve? — disse a mulher.

Assustada com o próprio comportamento, Clarissa recuou e a porta bateu.

Não sabia o que fazer em seguida. Ficou parada ali, pensando em bater novamente, bater e bater até a deixarem entrar, mas ela sabia que tinha estragado tudo. Afundou no chão diante da mureta ao longo da entrada da casa. Curvou-se, os cotovelos nas coxas e a cabeça entre as mãos. Não sabia quanto tempo ficou sentada ali, atordoada; o raro momento vazio foi um alívio.

Após alguns instantes, ela escutou vozes falando em tom de urgência do outro lado da porta. Para sua surpresa, a abertura na porta para correspondência se abriu.

— Espere — pediu, de má vontade, a mulher através da abertura.

Passaram-se dez minutos até a porta voltar a ser aberta, dessa vez, por completo. O homem estava parado ali, e era apenas um pouco mais alto do que Clarissa. Usava calça cinza-escuro e suéter preto. Cheirava a sabonete. Estava provavelmente chegando aos setenta, mas demonstrava ainda força e rigidez.



— Você é a mulher que tem telefonado para nós — disse ele, e Clarissa assentiu. — Você não desistiu, então.

— Não pude. Não posso.

Ele não disse mais nada, mas afastou-se, fazendo um gesto para que ela entrasse. Clarissa sentiu o cheiro de torrada e café, o que a deixou enjoada em vez de faminta. Ocorreu-lhe, enquanto se arrastava atrás dele, que ninguém sabia onde ela estava. Clarissa estava entrando na casa de estranhos e ninguém sabia disso. As regras sob as quais vivia, as regras que sua mãe martelara em sua cabeça, estavam sendo desrespeitadas dia após dia.

As paredes do corredor, que começavam a partir da porta da frente, estavam cobertas com fotos da família. Uma garota aparecia no centro de todas elas. Clarissa não teve dúvida de que se tratava de Laura.

Uma trouxinha cor-de-rosa nos braços da versão mais jovem e sorridente da Sra. Betterton, olhando para seu recém-nascido. Uma criancinha dando os primeiros passos na direção do Sr. Betterton — seu cabelo castanho-escuro, quase preto, naquela época —, que estava abaixado e com os braços estendidos. Uma adolescente de pé entre os pais orgulhosos na sua formatura do ensino médio. Uma jovem com seus vinte e poucos anos, vestida como madrinha de casamento, posando com os outros convidados da festa.

Era possível reconhecê-la em todas as idades, sempre com o cabelo claro, magra, as feições delicadas, de uma beleza impressionante. Mas suas feições congelaram por volta dos trinta: Clarissa sentiu uma pontada, ao se dar conta disso. Trinta tinha sido a última idade dela; Gary disse que ela tinha mais ou menos essa idade quando namorou Rafe, havia dez anos.

Clarissa pensou na mulher na capa da revista, tentando identificar se poderia ser Laura. A cor da pele era semelhante, mas com a parte de baixo do rosto da mulher oculta e a pouca iluminação, era quase impossível determinar, pelo menos para alguém que não era especialista no assunto. A Laura nas fotografias era feliz e livre. O extremo oposto da capa da revista.

A Sra. Betterton estava na sua cozinha perfeita, vestida com elegância em tons de verde-musgo e marrom: saia de tweed, suéter tricotado, sapatos confortáveis. Ela era igual à filha, e ainda bonita, com a cabeça coberta por um cabelo louro platinado, na altura do queixo e preso atrás das orelhas, onde permanecia obedientemente.

— Meu marido tem apenas poucos minutos — avisou ela com frieza, sem se oferecer para pegar o casaco de Clarissa, sem lhe oferecer uma cadeira à mesa da cozinha. — Ele tem uma reunião de trabalho.

Certo, pensou Clarissa. Reunião de trabalho num sábado. Ela percebeu, além da mentira evidente, um vestígio de sotaque americano.

O Sr. Betterton disse que podia chegar atrasado, ganhando um olhar rápido e penetrante da esposa. Ele apontou na direção de uma cadeira, servindo café numa caneca de cerâmica azul-escura com um beija-flor pintado. Pousou a bebida fumegante na mesa diante de Clarissa. Ela agradeceu baixinho e deu um gole, sem saber o que dizer ou perguntar. Como expressar suas dúvidas tão sombrias para aquelas pessoas?

— Como podemos saber que você não é amiga dele? — perguntou a Sra. Betterton.

— Ele não tem amigos, Charlotte — disse o Sr. Betterton. — Ele não é normal o suficiente para ter amigos.

— Como podemos saber se ele não mandou você? Ele está lhe pagando? Ele já fez essas coisas antes, embora não desde... não nos últimos anos. Mas ele pode muito bem estar se vangloriando, mesmo agora.

A mão de Clarissa tremia tanto que acabou derramando café na mesa de madeira. Tentou enxugar com a manga do casaco, mas a lã não absorveu o líquido, algo de que, em circunstâncias normais, ela teria se dado conta.

— Não se preocupe com isso. — O Sr. Betterton jogou uma toalha na mesa, enquanto sua mulher franzia a testa atrás dele. Delicadamente, ele pousou a mão sobre o ombro da Sra. Betterton. — Charlotte, dá para perceber que ela não foi mandada por ele — disse, passando para Clarissa uma caixa de lenços de papel e fingindo não notar quando ela enxugou os olhos e assoou o nariz. Então, dirigiu-se novamente à esposa. — Você quer que os pais dela passem por isso também?

A Sra. Betterton engoliu em seco.

— Não sabemos nada sobre ela, James. Nem mesmo nos disse seu nome.

Clarissa desculpou-se e se apresentou, levando a Sra. Betterton a exigir imediatamente algo que comprovasse sua identificação. Ela entregou o passaporte e observou o casal examiná-lo.

— Posso ver por que você virou alvo dele — comentou a Sra. Betterton, largando o passaporte na beira da mesa, fazendo com que Clarissa se esticasse para alcançá-lo. — Você se parece com Laura.

Clarissa se perguntara muitas e muitas vezes por que ele a havia escolhido. O que ela poderia ter feito para chamar a atenção dele. Tinha se perguntado se era inveja dele por Henry ser um poeta reconhecido, inveja do carisma e do poder de Henry, que o levaram a persegui-la. Como se pegar as coisas que Henry teve — principalmente ela — lhe desse de algum modo suas qualidades, assim como a

própria vida e o sucesso dele.

Mas agora percebia que isso não foi o mais importante. Ela tinha um determinado tipo físico, exatamente como o arquétipo da vítima de um *serial killer*. Algo que fugia por completo do seu controle. O tom da sua pele, suas feições, seu cabelo, seu corpo e talvez até mesmo sua voz e seus gestos lembravam a ele outra pessoa. Até sua profissão era a mesma de Laura.

— Não podemos fazer muito por você — disse o Sr. Betterton. — Mas não poderemos fazer nem isso se não nos falar mais sobre seu relacionamento com aquele homem.

— Não é um relacionamento — rebateu ela. Mas lhes contou tudo que podia, e da forma mais rápida e sincera que conseguia. Não mencionou as três fotografias.

— Ele poderia tê-la seguido até aqui? — perguntou a Sra. Betterton.

Clarissa explicou sobre o telefonema que deu naquele começo de manhã, cedo demais para ele, e que a estação e o trem estavam tranquilos. Tinha certeza de que não fora seguida. Vigara bem, e tinha ficado boa nisso.

— Ele sabe onde estamos — informou o Sr. Betterton. — Não podemos nos mudar, no caso de... — Interrompeu-se. — Seria melhor para você se ele não descobrisse qualquer ligação entre nós.

— Por que nós iríamos querer ajudá-la? — indagou a Sra. Betterton. — Que bem isso faria agora à nossa filha?

Era inútil. Ela havia passado dos limites, e a Sra. Betterton não gostava nada disso. Clarissa levantou-se.

— Lamento ter incomodado vocês. Eu não deveria ter vindo.

O Sr. Betterton deu um olhar penetrante para a esposa antes de se dirigir a Clarissa.

— Sente-se, Clarissa. É bom que não tenha desistido. Não faça isso agora. Você precisa ser alguém que não desiste das coisas se está envolvida com aquele homem. Você precisa saber o que está enfrentando. Está certa quanto a isso.

Ela percebeu que eles odiavam pronunciar o nome dele. Igual a ela.

A Sra. Betterton virou as costas para os dois e passou a encher o lava-louça com as coisas do café da manhã. Pareceu um gesto paradoxal de ao mesmo tempo consentir e protestar, mas ela não tentou deter o Sr. Betterton quando ele começou a contar o começo do relacionamento de Laura com Rafe.

Não demorou para a Sra. Betterton interrompê-lo com visível amargura, ainda de costas para eles.

— O que parecia uma grande paixão... todos aqueles gestos românticos... eram, na verdade, apenas obsessão.

Clarissa ficou surpresa com a firmeza com que ela havia falado.

Pouco tempo depois, muito pouco tempo, continuou o Sr. Betterton, Laura foi morar com ele.

Quase que de imediato, a filha deles compreendeu quão possessivo ele era, algo do qual era impossível escapar. Não podia tomar banho, dar um telefonema ou receber uma carta sem que ele bisbilhotasse.

Suas exigências sexuais começaram a perturbá-la. Ele queria tentar jogos sadomasoquistas, e ela não concordava em participar disso. Clarissa, alguma vez, teve de enfrentar essa situação?

O Sr. Betterton começou a pigarrear entre cada frase. Ele não havia feito isso antes; ela estava certa de que aquilo acontecia por conta da natureza do que ele dizia.

Ela respondeu à pergunta dele negando com um leve movimento de cabeça, envergonhada por mentir.

O Sr. Betterton lançou para ela um olhar duvidoso.

— Isso é surpreendente — disse ele.

Não fazia sentido esconder alguma coisa deles. Já tinham conhecido o pior de tudo.

— Desculpem. Sinto muita dificuldade em falar disso — declarou ela. — Mas, sim, já enfrentei isso.

Ele assentiu com um ar soturno e retomou sua história, sem pressioná-la por mais detalhes.

Rafe parecia não entender qualquer conversa sobre eles se separarem ou Laura se mudar da casa deles. Ele parecia não ter nenhuma família e nenhum passado. Laura estava amedrontada por ser a única pessoa na vida dele. Houve brigas violentas entre os dois, seguidas de promessas de que ele mudaria, que seria menos controlador.

A sorte de Laura foi ele ter conseguido um emprego fora de Londres. Depois do pós-doutorado de Rafe, quando foi professor temporário na capital, ele passou a ter uma ambição sem limites de garantir um cargo acadêmico permanente, num departamento de literatura inglesa de uma universidade respeitada. Laura sabia que nada impediria a mudança dele para Bath, e foi então que ela decidiu desaparecer. Quando ele foi passar o dia fora para conhecer seu novo departamento, ela juntou suas coisas e partiu, sem nem sequer avisar no trabalho.

No início, ela voltou para a casa dos pais, mas Rafe logo descobriu e passou a rondar a área, seguindo-a e vigiando-a sempre que podia. Noite sim, noite não. Todos os fins de semana. Telefonava sem parar. De algum modo, cada vez que

mudavam o número de telefone, ele conseguia descobrir o novo. Recusava-se a aceitar que havia acabado. Continuava a falar com Laura e com os Betterton como se ela fosse sua namorada.

Laura mudou-se várias vezes, mas ele sempre a encontrava, devia seguir seus pais até que o levassem até ela. Passou a lhe enviar fotos comprometedoras, tiradas quando viviam juntos, quando ela estava dormindo e inconsciente, provavelmente após tê-la drogado. Os pais dela passaram a ser mais cautelosos em suas visitas. Certa vez, isso o levou a invadir a casa do casal e encontrar o endereço e o telefone novos de Laura, embora eles não pudessem provar isso. Mesmo morando em Bath, o que significava que não podia vigiá-la todos os dias úteis da semana, ele continuava mandando sem parar os presentes, as cartas e as imagens terríveis que havia acumulado — tão terríveis que deixavam Laura doente.

Ele roubou a vida dela. Ela não tinha privacidade. Estava murchando, não comia, não tinha confiança, não era mais quem costuma ser. Perdera seus amigos. Fez outros — ela era encantadora —, mas não pôde contar aos antigos para onde tinha ido por temer que Rafe a encontrasse através deles.

A polícia não fez nada. Eles viam aquilo como um relacionamento que havia terminado. Ele nunca a agredira fisicamente, de fato, e era esperto. Até mesmo as fotos pareciam apenas jogos sexuais. Não havia como provar que não tinham sido consensuais — as lojas e a internet estão cheias de brinquedos para S&M dentro da lei.

A Sra. Betterton permanecia de pé, mas tinha se aproximado. Estava apoiada no balcão da cozinha.

— Hoje em dia, a polícia está melhor — comentou ela. — Só nos últimos anos evoluiu a respeito disso. Porém, era tarde demais para nossa filha.

Laura mudou-se cinco vezes, para cinco cidades diferentes, nos dois anos após tê-lo deixado. Ele sempre a encontrava. Ela conseguia, no máximo, poucos meses livre dele. Então ela piscava, e lá estava ele de novo. Os pais ficavam cada vez mais temerosos de que ele a machucasse de verdade.

Finalmente, Clarissa fez a pergunta que queria fazer desde que passou pela porta.

— Onde Laura está agora?

— Ela foi atropelada por um carro. — A voz do Sr. Betterton saiu abafada. Alisou seu cabelo surpreendentemente branco, e Clarissa teve a certeza de que a perda de cor acontecera da noite para o dia, causada por um grande choque. — Ele a havia encontrado mais uma vez. Ela estava para atravessar a rua e ouviu-o

dizer “Olá, Laura. Estou com saudades”. Ela avançou direto para o carro, esquecendo de si mesma, tentando fugir.

Clarissa chorava em silêncio, ainda segurando a agora fria e vazia caneca de beija-flor.

— Ela quebrou as pernas e sofreu uma concussão. Acordou no hospital com ele à beira da cama, segurando sua mão. Dissera aos médicos e às enfermeiras que era seu noivo. Ela ficou histérica e pediram que ele fosse embora. Ela pediu que nos telefonassem. Quando chegamos, ele já tinha ido embora. Não queria que o encontrássemos. Estava ficando menos esperto e cuidadoso conforme ficava mais desesperado e perigoso. Quanto mais frustrado ele fica, mais cuidado você deve tomar. Ele não consegue mais fingir ser um cara legal. Não consegue esconder a maldade.

— Charlotte nasceu nos Estados Unidos. Tem família lá. Chegamos à conclusão de que seria impossível para Laura levar algum tipo de vida normal na Inglaterra. Depois que se recuperou... fisicamente, pelo menos... Laura foi morar lá. Planejamos tudo com muito cuidado.

— Mas percebemos agora que não a protegemos. Nós apenas a deixamos mais vulnerável. — A voz da Sra. Betterton veio do fundo, instável diante da dor que a atravessava. — Tomávamos muito cuidado em relação a como e quando entrar em contato com ela. Fomos muito seletivos com o que manter em casa. Um ano após... ter ido viver na Califórnia, vivendo com o sobrenome da minha família... ela desapareceu.

Clarissa lembrou-se do suéter dele da UCLA e de como havia percebido, quando o viu, que aquilo significava algo para ele, que era uma espécie de troféu.

— Todos os contatos acabaram naquele verão — disse a Sra. Betterton. — Nenhum vizinho sabia dela, nem notou sua súbita ausência, pois ela tinha passado a viver sem chamar muita atenção. No trabalho, todos eram temporários, então estavam acostumados a pessoas que não apareciam no dia seguinte.

Clarissa sentiu como Laura devia ter ficado insuportavelmente sozinha, vivendo daquele jeito, e como devia ter sentido a falta dos pais. Sabia que ela mesma jamais conseguiria ser tão corajosa.

— Ela foi só mais uma em meio às inúmeras pessoas desaparecidas — disse o Sr. Betterton. — A polícia não encontrou nenhum sinal de crime nas fotos das crianças desaparecidas nas embalagens de leite. Deviam colocar fotos dos adultos nas embalagens também. A polícia de Londres não se envolveu. Nós enviamos detetives particulares. Nós tentamos tudo.

Era o modo como eles diziam “nós”. Várias e várias vezes “nós”. E como eles

suavemente passavam de um lado a outro o bastão daquela terrível história, apesar de o surgimento de Clarissa ter provocado a princípio reações opostas. Aquilo a fez ver quanto os Betterton estavam em sintonia, não importa o que haviam sofrido — ou o que continuavam a sofrer. Aquilo poderia tê-los destruído, mas, por algum milagre, pensou ela, fizera o oposto.

— Temos esperança, sempre temos esperança, de que ela tenha feito isso para se libertar — disse a Sra. Betterton. — Talvez esteja feliz e segura em algum lugar. Talvez, algum dia, o telefone tocará e ouviremos sua voz. Talvez o que tememos não tenha acontecido e ele não tenha sido o responsável.

— Mas sabemos que foi — afirmou o Sr. Betterton. — Embora falemos a nós mesmos que, enquanto nenhum corpo é encontrado, há esperança. Vamos rezar para que ela esteja com algum tipo de amnésia, mas que, apesar disso, esteja bem e, um dia, se lembre de quem é e entre em contato.

A Sra. Betterton assentiu.

— Mas conhecemos Laura. Ela nunca nos faria passar por isso. Sempre dava notícias, se podia.

Então Clarissa entendeu por que seus telefonemas e seu súbito aparecimento haviam enchido os dois de uma estranha mistura de hostilidade, suspeita e esperança: estavam preocupados com a possibilidade de ela ter, de algum modo, se aproximando dos dois por ordem de Rafe, mas ansiosos em não evitar alguém que poderia ter notícias, por mais improvável que isso pudesse ser.

— Você precisa de ajuda especializada, Clarissa — sugeriu o Sr. Betterton.

A Sra. Betterton colocou a mão em cima da de Clarissa.

— Você precisa de provas, provas melhores do que as que tivemos, provas categóricas, e muitas delas, e precisa lutar com afinco. Se não quiser abrir mão da sua vida, vai ter de envolver a polícia. Pode lhes fornecer nossos nomes e nosso número de telefone, se quiser. Eles não nos ouviram, na época, mas talvez ouçam agora. Você vai precisar fazer um trabalho melhor que o de Laura para que eles a ajudem. Ele nunca vai parar.

Quando a Sra. Betterton parou de falar, a mão de Clarissa estava vermelha e dolorida, marcada pela pressão da aliança de casamento da senhora, mas Clarissa não quisera puxar o braço.

## **SEMANA 5**

*Os guardiões*



## SEGUNDA-FEIRA

Ela havia arrastado Henry para ver muitos filmes de *serial killers*, e agora estava se lembrando de todas aquelas histórias. Clarissa estava cheia de ideias horripilantes — e torcia para que fossem ridículas — sobre o que poderia ter acontecido a Laura. Teria sido enterrada numa cova rasa no final do terreno de alguma fazenda na Califórnia? Estaria escondida debaixo de folhas num bosque? Despejada num bueiro qualquer ou numa pedreira que não é mais usada, sem que ninguém a notasse? No topo de uma montanha longe de qualquer trilha? Guardada num freezer em um prédio abandonado? Espremida num caixão com o cadáver de um estranho, sendo enterrada ou cremada para que nunca mais fosse encontrada? Foi sorte ou inteligência que a manteve escondida? Ou a combinação das duas coisas?

Por mais que pensasse nestas hipóteses terríveis com uma nitidez impressionante, Clarissa não suportava conceber o que teria acontecido com Laura durante suas últimas horas ou dias. Visualizar seu cadáver não era nem de perto tão aterrorizante quanto imaginar o que ela pode ter sofrido enquanto ainda estava consciente. Consequia ver o rosto de Laura: uma sobreposição de todas aquelas fotografias em idades diferentes. E também seus pais, em seu medo e sua dor sem fim. Laura havia se tornado bastante real para ela.

Clarissa havia pesquisado estatísticas sobre desaparecidos. Acontecia com mais frequência do que as pessoas imaginavam. Centenas de milhares de pessoas estavam desaparecidas na Inglaterra. O número era ainda mais assustador nos Estados Unidos.

Clarissa tentou afastar da mente essas imagens e se concentrar no que Annie estava dizendo.

— Você está parecendo um lixo — era o que Annie estava dizendo.

Elas subiam a escada para o tribunal 12.

— Obrigada — respondeu, com doçura. — Você não está parecendo um lixo.

— Sério. Coma, mulher. E durma. E saia mais. Você está tão branca que parece

um zumbi. Não vai conseguir manter por muito mais tempo esse lindo aspecto de vampiro.

Clarissa abaixou a cabeça e olhou para si mesma. Annie tinha razão. Seus braços pareciam duas varas desbotadas sob o tecido transparente que ela tinha usado para fazer as mangas de suas blusas. Cada vez mais se privava do fraco sol de inverno. Ainda bem que fazia algum tempo que sua mãe não a via. Só de olhar, ela saberia que algo estava errado.

— Nossa, como você está falando hoje — disse Clarissa.

— Mas seu cabelo continua com brilho — falou Annie, dando o braço a torcer, ao fazerem fila no anexo. — Você pinta?

— Não, Annie! — respondeu Clarissa, cheia de razão.

Annie tocou na presilha esmaltada de flores que Clarissa usara para prender o cabelo.

— Bonito — comentou, como que pedindo desculpas.

\* \* \*

Um minuto depois, estavam sentadas no banco dos jurados. A testemunha era especialista em mapeamento facial. Exatamente o tipo de pessoa que poderia determinar se era Laura na capa da revista.

Enquanto a mulher falava em um tom monótono, sem inflexão na voz, Annie suspirava e semicerrava bem os olhos, inclinando a cabeça para trás, muito aflita. Como sempre, Clarissa ficou surpresa pelo fato de apenas ela ouvir Annie, de nenhum dos advogados se virar uma vez sequer, nem mesmo os outros jurados. Às vezes ela se perguntava se não estaria imaginando as reações da amiga. Annie era como sua própria voz secreta. A cabeça dela estava latejando; a de Annie também devia estar.

Finalmente, o Sr. Morden perguntou:

— Qual foi sua conclusão?

*Existe grande probabilidade de que a mulher na capa da revista e Laura Betterton sejam a mesma pessoa*, Clarissa imaginou a mulher do mapeamento facial dizendo.

— Existe uma moderada probabilidade de que o suspeito nas imagens da câmera de segurança e o Sr. Godfrey sejam a mesma pessoa — foi o que disse, na verdade, a mulher do mapeamento facial.

Segunda-feira, 2 de março, 12h40.

Pensando em como minha pele pálida assustou Annie, decido dar um passeio no frio lá fora, durante a hora do almoço. O sol está bastante claro, porém mais baixo no céu azul sem nuvens.

Cada vez mais estou aproveitando o fato de que você não é o único capaz de saber onde as outras pessoas estão. Não quero que o aconteceu no mercadinho se repita. Sei, pelo horário da universidade, que você está dando aula. Certa vez, Henry me contou que você se ressentia muito por ter de lecionar, acha que isso é menos do que você merece, que o afasta de sua importantíssima pesquisa que quebrará paradigmas.

No caminho de volta, atravesso a rua. A princípio, não noto você no meio da multidão que se amontoa no gramado diante da catedral. Mas, apesar do horário, lá está você. Quase tropeço nos meus próprios pés quando você se aproxima e passa a andar ao meu lado.

— Precisa de meias novas, Clarissa.

Que habilidades sociais fantásticas você tem, penso. Só você seria capaz de iniciar uma conversa com essa frase.

Mas minha tentativa de manter a coragem pensando de maneira sarcástica é um enorme fracasso. Meu coração está batendo mais rápido do que nunca ao me dirigir de volta ao tribunal, fingindo que não conheço você. Procuro por Robert, agradecendo por ele não se materializar em cada lugar para onde olho.

Finos pelos castanhos brotam dos nós de seus dedos. Imagino sua mão envolvendo o pescoço de Laura, envolvendo meu próprio pescoço. Engulo em seco, com dificuldade. Meu pescoço dói, lembrando-me dos seus dedos em volta dele, no parque, três semanas atrás. Penso que estou sufocando e me esforço para conseguir engolir outra vez; por mais que eu saiba que a sensação não pode ser física, sei que isso agora só pode estar na minha cabeça.

— Gosto de você com meias — você diz. — Mas você sabe disso.

Continuo caminhando. Não quero deixar que o que eu soube sobre você me deixe mais amedrontada. Deve ser o contrário. Os Betterton incutiram isso na minha cabeça.

Pouco antes de eu virar a esquina, você volta a falar.

— Preciso tirar novas fotografias, Clarissa. Será uma sessão particular. — E você segue direto, me deixando dobrar à esquerda sozinha.

Mas não haverá nenhuma sessão particular; você dizer isso não significa que vai acontecer. Por mais que pense que sabe tudo sobre mim, você não faz ideia

dos novos amigos que fiz no sábado. Você não é o único capaz de descobrir segredos alheios. Eu também estou tomando conhecimento dos seus.

\* \* \*

Robert caminhava irritado de um lado para o outro da área de espera dos jurados, o telefone no ouvido.

Poucos minutos depois, ela estava com ele no fim da fila, esperando a chegada do oficial de justiça para contá-los e levá-los de volta ao tribunal 12. Ele pegou o telefone, deu uma nova checada para ver se estava desligado, parecendo um pouquinho mais carrancudo quando o enfiou de volta no bolso. Estava em sua postura habitual, pés separados e firmemente plantados no chão, mas não se encontrava relaxado.

— Alguma coisa errada? — perguntou Clarissa. Era obviamente uma pergunta estúpida.

Ele tentou dar um sorriso, que, no entanto, se evaporou como se fosse feito de água.

— Deve ter sido obra de alguns garotos. Jogaram removedor de tinta no meu carro, ontem à noite. Cortaram os pneus dianteiros.

Ela logo se sentou, quase desabando sobre o banco acolchoado que seguia por trás da fileira de jurados.

— Você está pálida. — As mãos dele flutuaram diante da testa dela e então recuaram, ao perceber que a tinha tocado diante dos outros. — Você está suando.

— Eu estou bem, sério. Só precisava me sentar um pouco.

— Você não parece bem. Você não pareceu bem o dia todo.

— É só que... Que coisa horrível. Muito maldosa.

Ela olhou adiante para a mesa da oficial encarregada do júri, onde o oficial de justiça ainda estava falando.

— Dá para resolver. Só é inconveniente. Fiquei irritado. Já não estou mais.

— De qualquer modo, sinto muito.

— Não é culpa sua.

Não havia dúvida, porém, de que era.

Segunda-feira, 2 de março, 18h15.

Assim que abro a porta e acendo a luz externa, eu o vejo. Você o apoiou no

batente. Esse envelope é mais grosso do que o último. Estou chocada, gelada, morta. Subo a escada na ponta dos pés, fazendo o mínimo de barulho, sem querer deixar a Srta. Norton mais preocupada.

Você as envolveu numa única folha de papel branco. Estou até mesmo agradecida. Elas não são o que eu temia. Você não as tirou no meu quarto. São todas da semana passada, um lote para cada dia, cuidadosamente ordenado.

Estou parada com Robert, na ponte, meu cabelo esvoaçando embaixo do gorro de tricô, as mãos enluvadas nos bolsos do casaco para proteger do frio. Robert está me olhando furtivamente. Estamos quase nos tocando.

Estou sentada com Robert no café antes de pegar o trem, um inclinado na direção do outro sobre a mesa, enquanto dividimos seu bolo, e olho para Robert como se ele fosse um presente de aniversário.

Estamos falando sobre minhas fertilizações *in vitro* fracassadas e sobre a morte da mulher dele. Em uma foto, Robert olha para o outro lado da rua, onde você deve estar. Ele franze a testa na direção da sua lente. Em outra, ele segura meu braço.

Estamos no parque. *Clic clic clic*. A série é como um filme dividido em fotogramas: vinte centímetros entre mim e Robert, quando confesso a pior coisa que já fiz; dez centímetros quando Robert me envolve em seu cachecol; nossos corpos lado a lado enquanto ele fala de incêndios como se recitasse um poema.

Estamos caminhando rumo à estação, após o testemunho da médica. Robert está segurando cuidadosamente um guarda-chuva sobre minha cabeça — eu ficava me perguntando se ele também estava coberto, mas, na fotografia, posso ver que ele está se molhando com a mistura de chuva e neve, e eu estou seca. Na fila do táxi, naquela noite, antes de nos despedirmos, parados tão perto um do outro, mas, de novo, sem nos tocarmos.

Você não escreveu nenhuma palavra, mas sei o que quer dizer. *Posso vigiá-la o tempo todo e detesto o que estou vendo*.

Você não sabe que mesmo fotos furtivas nem sempre são feias? Não foi essa sua intenção, mas, sem saber, você me deu algo lindo, nesses vislumbres de mim e de Robert juntos.

Laura estava sozinha na Califórnia. Não estou sozinha, apesar de seus melhores esforços. Você é burro por não perceber. Isso me dá prazer, chamar você de burro, e me faz sentir melhor, mais forte, de algum modo, embora eu saiba que é um prazer inútil, infantil.

As palavras do Sr. Belford voltam à minha mente. *Danos alegados. Relato subjetivo*. Não são palavras que o sistema judiciário será capaz de usar comigo.

Você está prestes a descobrir isso, embora eu já saiba há semanas.

Abro o armário e enfio minha coleção de provas num enorme saco plástico, tudo pronto para amanhã. Sinto uma ponta de dúvida quando, deliberadamente, deixo suas fotos pornográficas no fundo do meu guarda-roupa.

Apanho o caderninho e me sento com as pernas cruzadas no chão da sala, folheando-o. Seguro uma borracha, hesitando em cima das anotações a lápis sobre o que você fez comigo em meu quarto. Perco a noção de quanto tempo fico sentada assim.

Apagá-las não vai fazer com que deixem de ser verdadeiras. As palavras, de qualquer modo, já estão no meu computador, pois escaneei cada uma das páginas, obedecendo zelosamente aos conselhos dos folhetos para fazer cópia de tudo que puder. É uma espécie de seguro contra perda, e também uma prova eletrônica de que não alterei nada numa data posterior. Deixo a borracha cair dos meus dedos. Há um ruído surdo, e ela rola para baixo do sofá. O Sr. e a Sra. Betterton me falaram com muito rigor, alertando-me a não esconder nada da polícia; eles adivinharam que aquelas fotos existiam, apesar de eu não conseguir falar sobre elas.

Eu me levanto de uma vez, vou até meu quarto e as tiro do guarda-roupa.

Penso novamente no que dizem os folhetos, que há uma média de 110 incidentes relacionados a um perseguidor antes de uma mulher ir de fato à polícia.

Será que aquelas três fotografias repulsivas contariam como apenas um incidente, tendo em vista que você as tirou na mesma noite? Ou como três, já que você veio atrás de mim com as fotos em três ocasiões diferentes? Um conjunto de três mensagens são calculados como uma coisa só? Quarenta recados sem falar uma palavra na secretária eletrônica durante a hora de almoço compreendem um incidente? Seriam quarenta? Cada uma das fotos que tirou de mim e Robert deverão ser contadas individualmente ou como uma coisa só, já que me foram entregues ao mesmo tempo, num único envelope? Os chocolates pelo Dia dos Namorados com o cartão anexado são uma evidência ou duas? Talvez devam valer três, por causa do seu serviço de entrega pessoal.

Não consigo sequer imaginar como a polícia faz essas somas. Só sei que, para mim, já houve incidentes até demais. Só sei que cheguei ao meu limite e não aguento mais nada vindo de você. Só sei que números não parecem ter qualquer coisa a ver com isso. Tudo o que você provoca em mim não pode ser mensurado por números de qualquer espécie, por mais que seus métodos de calibragem se utilizem de sintonia fina.

Sei exatamente qual será meu próximo passo, e eu o darei amanhã bem cedo.

Nunca passou pela sua cabeça como serei implacável ao lutar contra você, como venho me preparando de maneira metódica. Agora há provas mais do que suficientes contra você, quaisquer que sejam os métodos de contagem usados pela polícia.

## TERÇA-FEIRA

Terça-feira, 3 de março, 6h30.

Este é o lugar a que pertenço, é onde devo estar, o lugar que estava esperando por mim. Estou subindo os degraus do edifício retangular de pedra no qual Lottie passou tanto tempo. Atrás de mim, há meia dúzia de carros e vans estacionados, prontos para a ação, todos com uma reconfortante faixa quadriculada pintada em amarelo e azul nas laterais. Acima de mim, está uma placa azul com a palavra “Polícia”. Respiro fundo, seguro a maçaneta da porta de metal e entro.

A delegacia está quase vazia a esta hora da manhã. Em um minuto descubro o motivo daquilo, ao olhar incrédula para o aviso colado no vidro da recepção informando que eles estão abertos das oito da manhã às dez da noite. Na hora, fico à beira das lágrimas. Vou ter um ataque histérico aqui mesmo, eles vão pensar que sou uma louca, vão me fazer algum tipo de acusação e me jogar numa cela. Como posso não ter pensado em checar algo tão básico quanto o horário de funcionamento?

Eu me viro, procurando a porta que usei para entrar, mas estou desorientada, perdida, atordoada feito uma criança que passou o último minuto rodopiando sem parar — e acho que isso aconteceu mesmo. Eles também vão me acusar de embriaguez e de causar tumulto. Tento encontrar a saída novamente, andando aos tropeços, e um policial passa, olhando para mim com curiosidade. Ele deve ser dez anos mais novo do que eu. Pergunta, aparentando estar preocupado, “Posso ajudá-la?”, e acho que ele fala sério, que sua pergunta não é apenas a retórica educada que todo mundo repete no piloto automático zilhões de vezes por dia.

Começo a gaguejar algumas palavras ininteligíveis e levanto meu enorme saco de provas, como se isso explicasse tudo. Sei que preciso falar sobre você, pelo menos dar um rápido resumo para que ele me escute, para que não me faça ir embora. Mas cada vez que tento falar, não consigo sequer terminar uma frase. Não sei por onde começar a lista das coisas que você tem feito. “Ele... Ele... Ele...” Pareço um disco quebrado. Eu insisto, abrindo e fechando a boca, e, embora não fale nada, o policial pergunta se preciso fazer uma queixa. Consigo expelir a



palavra “sim”, e ele diz algo sobre me levar para uma sala, então finalmente pergunto:

— Mas não estão fechados? Não estou muito adiantada?

Ele responde que isso não importa. Só estão fechados para coisas de rotina, como pessoas que querem achar objetos perdidos. Ele fala comigo com a delicadeza e o pesar de um cirurgião falando com um paciente cuja doença não pode ser tratada. Diz que é trabalho da polícia ajudar aqueles que estão aflitos ou com medo, que é algo que não pode esperar. Diz que vai chamar um inspetor para conversar comigo dentro de alguns minutos. Eu poderia fazer o favor de segui-lo? Ele me conduz por uma porta que fica trancada para o público em geral, uma porta que me faz pensar na abertura especial que sai da sala de espera dos jurados para o mundo do tribunal 12. É uma passagem pela qual as pessoas não atravessam todos os dias, mas apenas em raras ocasiões na vida.

Sem saber muito bem como aquilo aconteceu, estou sentada. Há um copo de água diante de mim e me oferecem uma xícara de chá, mas balanço a cabeça e pronuncio as palavras “não, obrigada” sem produzir qualquer som. Uma caixa de lenços de papel é empurrada pela mesa. O responsável por isso foi o inspetor Peter Hughes, um homem muito alto, muito magro, muito curvado, com quarenta e muitos anos, cabelo prateado arrepiado e macio e os óculos com as lentes mais grossas que eu já vi. Ele parece cansado, vindo do que deve ter sido uma longa noite de serviço. Bebe café puro. Apanho alguns lenços, enxugo os olhos, assoo o nariz e depois pigarreio, mas isso não adianta e tento limpar a garganta de novo. Tomo um gole de água. O inspetor Hughes diz:

— Não se apresse. Pode ficar sentada aí, em silêncio, por alguns minutos, até estar pronta. Posso ver que foi um grande passo para você vir aqui.

A prova de quanto tudo está errado deve estar gravada em meu rosto e pulsando sob as palavras presas em minha garganta. Devo estar visivelmente aos pedaços: quase tão sólida quanto um pedaço de papelão numa poça na sarjeta.

Na parede, atrás do inspetor Hughes, há um aviso emoldurado.

*Todas as vítimas serão tratadas com sensibilidade, compaixão e respeito por policiais profissionais e dedicados.*

Já posso ver que isso é verdade. O inspetor Hughes. O policial com cara de bebê que me trouxe para esta sala e que agora está sentado sem chamar a atenção, fazendo anotações. Os dois parecem transmitir todas as coisas boas prometidas pelo aviso. Mas e a palavra que descreve meu papel em tudo isso? *Vítima*. É uma palavra que resisti a usar para se referir a mim mesma, uma palavra que sempre tem me atingido, seja nos folhetos ou no julgamento. Não quero começar a usá-la

agora. Mas essa palavra é claramente o que o jovem policial e o inspetor Hughes veem quando olham para mim.

As cadeiras em que nós três estamos sentados são feitas de plástico imitando madeira. A mesa redonda que está entre nós, combinando, é o único outro móvel. O chão é de linóleo, de modo que mesmo a voz calma do inspetor Hughes produz um eco metalizado quando ele me pergunta se quero esperar algumas horas até uma policial ficar disponível para me entrevistar. Falo às pressas que preciso fazer aquilo agora, se estiver tudo bem, e ele diz que sim, é claro. Há um enorme espelho que deve ser uma janela para se observar a sala, embora eu duvide que esteja sendo usada comigo. Espero que, em breve, seja usada com você.

O inspetor Hughes é um especialista e me ajuda a apresentar todos os fatos de maneira lógica, por mais que eu acabe me desviando repetidas vezes de seu processo metódico e também do meu impulso de falar tudo de uma vez só, sem parar para pensar no assunto. Conto a ele que tentei fazer tudo certo. Algo que você sabe muito bem: que não tenho facilitado isso para você. Não mesmo. Até eu fico surpresa com quanto estou determinada em mostrar isso ao inspetor Hughes.

Conto a ele que não faço parte de nenhuma rede social, não divulgo cada detalhe íntimo de minha vida nem anuncio cada viagem que estou para fazer. Conto a ele como o indício eletrônico da minha amizade com Rowena levou você a dar uma de penetra na nossa já tensa relação — isso não aconteceu devido a uma participação ativa minha na internet, o que realmente não existe. Digo que esse tipo de exposição pública é contra a minha natureza. Conto a ele que você não tem meu endereço de e-mail pessoal, poucas pessoas têm, aliás, e até agora você não me importunou pelo e-mail da universidade.

Conto a ele que suponho que você não teve opção a não ser me seguir usando o método antigo, frequentando de maneira persistente os locais que sabe aonde tenho de ir, apesar de eu tê-los reduzido quase ao ponto do cárcere privado. Ao dizer tudo isso, percebo, pela primeira vez, o que deveria ter sido óbvio o tempo todo. Minha existência virtual, por menor que seja, não interessa a você de modo algum. Tudo o que você quer é o contato físico.

Conto ao inspetor Hughes sobre aquela noite em novembro, explicando que não consigo me lembrar de muita coisa. Conto sobre minha certeza de que você dirá que foi consensual e sobre minha preocupação de que você tenha colocado algo em meu vinho. Apesar de sua imperturbável cortesia profissional, estou esperando que ele me olhe com ironia e me diga que não há nada que possa fazer. Isso, porém, não é o que acontece.

— A palavra consensual talvez não se aplique aqui — diz ele.

Eu me lembro dos olhos de Lottie se enchendo de lágrimas quando o Sr. Harker disse que não contestaria nenhuma de suas provas. Tenho uma nova compreensão agora do sentimento de gratidão que ela deve ter sentido. Meus próprios olhos estão cheios de lágrimas, mas fico piscando várias vezes para mandá-las embora, sem querer interromper o inspetor Hughes.

— Mas, mesmo se supusermos, só a título de argumentação, que a palavra se aplica — diz ele —, uma noite de sexo consensual no passado, qualquer que tenha sido sua natureza, não faz com que tudo isso seja sua culpa nem dá a ele o direito de se comportar como tem feito desde então. Porém, não podemos provar nada com relação a drogas, a esta altura. Você precisaria de um exame médico e exames de urina, naquela ocasião, para determinar se drogas foram utilizadas e quais foram. De qualquer modo, esses exames não são conclusivos. Nem todas essas substâncias são detectáveis e muitas delas deixam o corpo em questão de horas.

Sei que o inspetor Hughes fez provavelmente inúmeros cursos de treinamento. Mas ele parece agir de maneira tão natural, gentil na medida certa. Tão sincero. Tão confiável. Ele é mesmo uma pessoa decente. Não creio que seja apenas o resultado de muita experiência em lidar com vítimas de crimes sexuais.

E agora chegou o momento que não posso mais adiar. Tiro as fotos pornográficas. Eu as deixei separadas do resto das suas coisas horrendas, ainda sem saber, mesmo quando saí de casa esta manhã, se seria ou não capaz de me convencer a mostrá-las. Mas as coloco diante do inspetor Hughes, balbuciando que não me lembro de você tê-las tirado, falando sobre o meu temor de que você vai alegar que foi um jogo sexual consensual, alertando-o sobre o que o envelope contém.

— É terrível — minha voz treme — ver você olhando essas fotos... examinando-as... — Não consigo falar mais nada.

— Eu entendo. E acho que você é muito corajosa.

Lembro-me do Sr. Morden dizer exatamente a mesma coisa a Lottie. Justo a última coisa que ele lhe disse, depois de todos aqueles dias no banco das testemunhas.

Expresso meu temor sobre quantas pessoas precisarão vê-las.

— Somos muito cuidadosos com esse tipo de material — declara ele, mas noto que evita uma resposta direta, respondendo de maneira muito vaga.

O rosto do inspetor Hughes não demonstra nenhuma expressão. Penso num médico fazendo um exame ginecológico, ocultando todos os pensamentos e reações para assegurar à paciente que não há qualquer vestígio de desejo: ele está

apenas fazendo seu trabalho. O inspetor Hughes puxa a pilha de fotos e olha para a de cima por um instante, a primeira que você me enviou e a menos terrível delas, a tal antes de você me amarrar e arrumar todos os seus acessórios. Sem olhar muito para ela nem para as outras que estão por baixo, ele as guarda.

Tento me manter o mais calma possível, enrubescendo violentamente da cabeça aos pés diante daquele homem uniformizado, um estranho para mim. Por sua causa, ele me viu inconsciente usando apenas minha calcinha lilás. Por sua causa, ele me verá pior do que isso, mais tarde, quando examinar o resto das fotos. Ele não quer permitir que eu me sinta mais humilhada fazendo isso agora, diante dos meus olhos.

Tomo outro gole de água, e ele então alega:

— Seria muito difícil, a esta altura, provar que você não foi uma participante voluntária, embora acredite em você quando diz que não foi. Contudo, ainda que tivesse consentido em tirar essas fotos, você não deseja estas imagens, agora, e deixou isso bem claro. É isso que importa em relação a elas.

Ele pede licença por dez minutos, levando consigo o policial silencioso. Enquanto estão fora, ligo para o tribunal, avisando que chegarei atrasada. Digo que me atrasei por conta de uma emergência familiar. Aviso que irei assim que puder. Eu não teria ficado muito surpresa se me dissessem na mesma hora que estavam me dispensando do júri, mas eles são muito gentis e compreensivos.

O inspetor Hughes retorna com materiais para catalogação e armazenagem, na companhia do jovem policial, que continua a escrever com o lápis tão silenciosamente que quase me esqueço de sua presença. Apenas as vozes do inspetor e a minha têm permissão de reverberar nas paredes brancas e nuas daquela sala. Sei que aquilo deve ser uma estratégia, para que eu me sinta o mais confortável possível na mais desconfortável das situações — para que eu não me sinta mais sobrecarregada do que já estou.

Cada item que eu trouxe é examinado e rotulado com cuidado. Suas cartas. Seu livro feito à mão. As flores desidratadas e os aparelhos de comunicação antigos. A caixa de chocolates em forma de coração e o cartão que veio junto. As fotos minhas e de Robert. O anel. Sua revista e o envelope em que foi postada, e sou mais uma vez grata ao inspetor Hughes por não se demorar em olhá-la. O caderninho preto de anotações. As fotos de você na minha rua, tiradas com a câmera do meu celular, e a foto que tirei do meu punho com manchas vermelhas, após aquele dia no parque.

Sob a Lei de Proteção contra Assédio, já forneci muito mais provas do que o mínimo de dois exemplos que são exigidos. De modo convincente, documentei

seu incessante comportamento obsessivo e registrei que os incidentes ocorreram relativamente perto uns dos outros, em termos de datas.

Motivos mais do que suficientes, é o que me assegura o inspetor Hughes, para justificar a visita que ele fará a você hoje mais tarde. Segundo ele, isso geralmente é o suficiente.

Conto a ele sobre o desaparecimento de Laura, fornecendo os contatos dos Betterton, mencionando que a polícia não pôde fazer nada para ajudá-los e perguntando se ele pode conseguir alguém para comparar a foto da capa da revista com uma das fotos que existem na casa dos pais dela. Apesar do corpo curvado, o inspetor Hughes parece ter se sentado mais ereto ao ouvir isso, e acho que pareceu mesmo preocupado. Ele brinca com os óculos pesados, deixando-os escorregar pelo nariz, de modo que consigo ver a marca vermelha que deixaram, e depois subindo-os novamente: o primeiro sinal de nervosismo que notei nele nesta longa manhã. Ele demora um tempo antes de falar, dá a impressão de estar pensando nas palavras com extremo cuidado. A polícia leva muito a sério casos de perseguição, diz ele. Entretanto, não pode comentar sobre o caso de outras vítimas, diz ele. Mas, certamente, manterá os detalhes sobre os Betterton em meu arquivo, para futuras referências, diz ele.

Você receberá advertências de modo verbal e escrito. Assim, será claro que você, se persistir em uma conduta que me faça sentir importunada, alarmada ou aflita, enfrentará um processo e uma medida cautelar de afastamento. E, se você infringir essas medidas, poderá pegar cerca de cinco anos de prisão.

Conto ao inspetor Hughes o que você fez com o carro de Robert, e, embora ele tenha anotado a informação, me explica que não há nada que a polícia possa fazer a respeito, a não ser que o próprio Robert apresente uma queixa. Digo que não acho que Robert vá procurar a polícia, pelo menos por enquanto. Não digo que isso é porque ainda tenho esperança de que ele nunca precise saber sobre você. Pela primeira vez, isso parece possível.

Por volta das onze horas, terminei meu depoimento, segurando o cartão do inspetor Hughes. Ele anotou o número do próprio celular, e um código de referência criminal. Remexo na bolsa à procura do novo caderninho, que é idêntico ao antigo, uma sequência de páginas em branco atrás de sua capa preta. Eu o tinha comprado por via das dúvidas, embora espere que suas páginas permaneçam em branco quando guardo o cartão entre elas. Então pego o alarme contra assédio que o inspetor Hughes me deu e me mostrou como usar. Ele também preparou para mim um Cartão de Proteção à Vítima, com as informações básicas sobre meu crime e todas as ações e a papelada que virão a seguir. Lottie

também deve ter tido um desses. *Meu* crime. O crime que pertence a mim. Como se você pertencesse a mim. E aquela palavra de novo. Na parede. No cartão. Nos folhetos. No tribunal. *Vítima*.

Cinco minutos após me despedir do inspetor Hughes, estou na plataforma da estação. Sinto uma pontada de culpa quando me dou conta de que o jovem policial desapareceu antes que eu pudesse lhe agradecer. O trem das 11h08 para Bristol chega quase que na mesma hora, e eu embarco. Você não está em nenhum lugar à vista. Deve estar confuso por não ter me encontrado hoje. Todos os lugares de onde você me observa, todos os mesmos hábitos, e nada. Eu escapei de você.

\* \* \*

Clarissa passou um intervalo inesperado à tarde estudando o molde de um vestido *vintage*, parando de vez em quando para anotar lembretes em sua própria mão, cujos dedos alongados lembravam as patas de uma aranha. Estava sentada coberta pela luz solar que atravessava a janela, sonolenta em meio ao prazer daquele calor. Não tinha certeza de quanto tempo Robert estava parado ali antes de sentir seus olhos nela.

Ele se sentou quando ela lhe lançou um sorriso.

— Esse molde parece um tanto fora do comum — observou ele.

— Era da minha avó. Dos anos cinquenta. Na época, os moldes não vinham em diferentes tamanhos. Preciso diminuí-lo.

Com cuidado, ele tocou de leve na parte amarelada da manga que a avó havia recortado.

— É bonito.

O oficial de justiça entrou com seu passo firme habitual. Os outros jurados, todos jogando pôquer do outro lado da sala, na mesma hora pararam de conversar e se puseram a observá-lo. Ele precisou apenas assentir e, a seu comando, todos se levantaram de suas cadeiras. Calados, eles o seguiram. Mas Robert permaneceu perto da mesa, esperando por Clarissa, enquanto ela dobrava o molde delicado.

— Você tem que ser boa, não, para fazer algo assim? — disse ele, pouco antes de se juntarem aos outros. Ele falou numa voz muito baixa, para ninguém mais ouvir, para apenas ela ouvir, a voz de quem ama alguém.

\* \* \*

Ela caminhou sozinha até a estação, naquela noite. Robert havia saído às pressas, pegando um trem mais cedo, para poder voltar a Bath e resolver o problema do seu carro. Ela o teria atrasado.

Clarissa tentou não olhar nas sombras à procura de Rafe. Tentou imaginá-lo recebendo as advertências do inspetor Hughes — certamente, ele as teria recebido àquela altura; certamente, ele perceberia que, se não a deixasse em paz, acabaria sendo processado e com uma medida cautelar de afastamento, ou até mesmo preso. Nenhuma pessoa normal quer isso.

Rafe, porém, não era uma pessoa normal. Ela não conseguia mitigar sua apreensão de que ele não fazia distinções entre os diferentes tipos de obstáculos que o mantinham longe dela: quer enfrentasse uma advertência da polícia ou uma ordem judicial; quer estivesse solto ou preso. Tudo era a mesma coisa para ele. Meros impedimentos que precisavam ser afastados com quaisquer métodos que estivessem à disposição, fossem quais fossem as consequências; ele diria, faria ou prometeria qualquer coisa.

De volta a Bath, Clarissa se forçou a não ter esse tipo de pensamento. Ela precisava se permitir acreditar que tudo ficaria bem, agora que tinha envolvido a polícia.

Fez o táxi deixá-la diante do supermercado local, para comprar leite, frutas e ovos. Não estava prendendo a respiração quando virou na seção de produtos de limpeza, pois não esperava encontrá-lo à sua espera ali.

Caminhou os últimos quarteirões até sua casa, sozinha, no escuro. Sabia que ele não estaria em nenhuma das ruas que atravessasse. Sabia que ele não saltaria diante dela. Não ao dobrar a esquina. Não na sua rua. Não diante de sua porta. Não nas alfazemas do jardim da Srta. Norton. Não em nenhum dos lugares habituais.

## QUARTA-FEIRA

Quarta-feira, 4 de março, 9h15.

Volto a escrever no novo caderninho. Ainda ontem, após chegar em casa, não pude acabar com meu hábito de anotar e depois escanear as páginas. Há muitas coisas a serem resolvidas, ainda, antes que eu consiga exorcizar você por completo.

Daqui a dois dias, meu lixo será recolhido. Mesmo após ter avisado à polícia, e de ela estar do meu lado, ainda não me sinto segura suficiente para abandonar minha nova rotina de fazer a triagem que coloco nos sacos pretos de lixo que deixo diante de casa nas manhãs de sexta-feira. Fico fantasiando em prender um bilhete: *Vá se foder — estou de olho em você*. Mas não vai ser agora que vou começar a falar com você. Não estou a fim de alertá-lo nem de lhe dar qualquer informação útil. E com certeza não vou provocar a ira de minha mãe por deixar que você me force a falar palavrão.

Assim que chego na área de espera dos jurados e a porta é trancada atrás de mim, vou para o banheiro feminino. Você jamais conseguiria entrar lá. Nem mesmo você seria capaz disso. Apanho a sacola que fechei bem esta manhã, antes de sair. Seu conteúdo está compactado no fundo, de modo que o lixo envolvido em plástico parece um balão deformado. Dei um nó — muito apertado — antes de enfiá-lo num segundo saco e também dei um nó neste, para garantir que o lixo não vazasse nem o mau cheiro escapasse.

Ao jogar o saco na lata de lixo do banheiro, estou furiosa, porque ainda sinto que preciso fazer isso. Estou furiosa por ter precisado começar a fazer isso. Mas agora tudo está fora do seu alcance. Os absorventes sujos com meu sangue dos cinco dias anteriores. A embalagem vazia dos soníferos que ando tomando com uma frequência maior do que eu gostaria. A embalagem do creme para corpo que acabei de comprar e o esfoliante para pés que acabei de abrir. As tiras de cera que usei hoje de manhã cedo, pontilhadas de pelos finos que arranquei das pernas e das axilas. Os detalhes íntimos do que sai do meu corpo e do que entra, o que esfrego na pele e o que uso para tirar os pelos, esfregá-la e amaciá-la não são



para você. Nunca serão para você.

\* \* \*

Quando ela deixou o banheiro, encontrou Robert sentado a uma das mesas bambas, bebendo o horrível café do tribunal e lendo o jornal.

Ele puxou uma cadeira para Clarissa, sorrindo quando ela se sentou com o enorme *latte* que havia comprado. Ela precisava daquilo, não tinha dormido muito. Mas foi por estar empolgada e aliviada demais, em vez de por medo. Forçou-se, na noite anterior, a deixar de lado os comprimidos para dormir: queria se desabituar, e acreditar que o motivo pelo qual precisara deles não existia mais.

— Não pense que não notei o olhar de desdém que você deu para o meu café — comentou Robert. — Está tudo bem com a sua família?

Por uma fração de segundo, ela ficou intrigada. Então se lembrou da mentira que contara a todos no dia anterior, como desculpa para seu atraso.

— Está. Obrigada. — Deu um gole no *latte*, esperando que ele não tivesse notado sua demora em responder. — E o carro?

Ele deu de ombros, como se para dizer que não tinha importância, não valia a pena falar sobre isso. Sua mão era grande demais em volta da pequena caneca branca de café.

Ela pensou naquela mão. Recolhia pedaços de cadáveres. Cortava destroços de carros acidentados para retirar vítimas, vivas ou mortas. Orientava velhinhas apavoradas a sair de janelas altas e descer por escadas giratórias. Controlava jatos de água com perfeição, equilibrando precisão, instinto e poder. Arrastava seres humanos para fora de prédios em chamas ou os tirava de escombros.

Ficou pensando como seria receber o toque daquela mão.

O rosto de Robert havia retornado à sua costumeira expressão de indiferença. Mas ele devia mesmo manter suas emoções sob controle, considerando que tinha de lidar o tempo todo com pessoas morrendo e sofrendo e em condições críticas diante dele. Tal disciplina física e emocional devia ser uma habilidade que ele podia aplicar a tudo, uma habilidade desenvolvida ao longo dos muitos anos de experiência, uma vez que tinha de usá-la todos os dias. Mas seria ele capaz de, quando quisesse, evitar manter aquele distanciamento?

Ela tentou imaginar se algo o faria perder o controle. Pensou no cavaleiro do quadro de Waterhouse, *La Belle Dame Sans Merci*, inspirado no poema de Keats. Ele estava desequilibrado, os joelhos dobrados, inclinado na direção da bela mulher, desarmado, a espada abaixada. Contudo, continuava muito forte, em seu

capacete, armadura e túnica. Clarissa achou que era como Robert devia parecer com seu uniforme e os equipamentos que tinha de usar num incêndio.

A porta se abriu. Annie seguiu na direção deles. O garoto com cabelo de pontas roxas estava com ela, os fones também roxos no lugar de sempre. Annie parecia marchar carregando-o, como se os punhos dele estivessem presos em algemas invisíveis por ela.

— Não se case com ela — dizia Annie. — Você é jovem demais para se casar. Quando você tiver quarenta anos, vai trocá-la por alguém mais jovem, deixando-a à própria sorte, com três filhos e uma bunda enorme.

O garoto parecia apavorado. Olhou para Robert, como que pedindo socorro, mas ele apenas apanhou sua mochila e se levantou.

— Hora de guardar as coisas no armário — disse ele.

Enquanto Robert se afastava, Clarissa se deu conta de que ainda não se permitira olhar diretamente para seus surpreendentes olhos azuis, desde a primeira vez que se falaram. Nunca ousara deixar que seus próprios olhos encontrassem os dele, nunca mais do que apenas um relance. Se aquelas pinturas e aqueles poemas românticos de fato mostravam alguma coisa, era quanto o ato de olhar — um olhar de verdade, direta e intencionalmente — pode ser perigoso.

\* \* \*

O Sr. Morden parecia nervoso, e Clarissa logo percebeu por quê.

— A fase seguinte do caso da Coroa diz respeito aos interrogatórios do Sr. Sparkle — disse ele. Mas, antes que o Sr. Morden pudesse começar outra frase, o advogado de Sparkle declarava furiosamente a necessidade de uma argumentação jurídica, e os jurados foram dispensados pelo resto do dia.

Quarta-feira, 4 de março, 18h20.

Não o vejo, ao entrar. Estou muito ocupada tirando o gorro e o enfiando na bolsa. É por isso que não o vejo. É por isso que piso no envelope pardo, deixando seu canto sujo de lama. É a sensação do papel prendendo na minha bota que me faz olhar para baixo e desgrudá-lo. A Srta. Norton devia estar cochilando quando ele foi jogado pela abertura da porta para correspondências.

Meu nome completo está digitado. Detesto que você use meu nome completo, mas ainda não percebo que é você, por isso ainda não estou chateada. Alguns

segundos vão se passar antes que isso aconteça. Não há mais nada escrito nele. Não há endereço nem selo. Mas não registro os indícios de que foi você quem mandou, pois já me programei para não procurar mais sinais da sua existência. Era algo que eu queria tanto fazer. E foi muito fácil.

Enquanto caminho leve como o ar, sonhadora, na direção da escada, pensando em minha caminhada com Robert, rasgo o envelope distraidamente e tiro o que tem dentro. No instante em que vejo sua letra, bato com a mão na cabeça e esfrego várias vezes o couro cabeludo. Posso até mesmo ver saírem faíscas azuis de tanto que esfrego os cabelos. Quando levanto a mão, alguns fios a seguem.

Apoiando-me na parede, a bolsa ainda pesando sobre o ombro, leio sua carta.

*Você é muito boa na interpretação de “Barba-Azul”. Eis outro conto de fadas sobre o qual gostaria de sua opinião.*

*Você sabe o que o rei fez à sua esposa desavergonhada em “As três folhas da serpente”. Ela e seu amante foram colocados num barco “que fora perfurado e lançado ao mar, onde não demoraram a afundar entre as ondas”.*

*Você acha que foi burrice do rei dar a ela aqueles últimos momentos sozinha com seu amante? Você acha que ele mesmo deveria tê-los passado com ela?*

\* \* \*

Com muita tristeza, vou abandonar a grande esperança que o inspetor Hughes criara ainda ontem. É como ir dormir tentando me convencer de que o teste de gravidez de amanhã dará positivo só para ser destruída pelo telefonema da clínica no meu celular, na tarde seguinte, ou pelo surgimento de sangue na minha calcinha antes mesmo de o laboratório ter enviado o resultado por fax.

Alcanço na bolsa o celular e o cartão com o telefone do inspetor Hughes. Consigo pronunciar apenas algumas palavras, mas é o bastante, e ele me diz que está a caminho; não preciso ir pessoalmente à delegacia, pois o meu é um caso de alta prioridade.

Lentamente, tentando me acalmar, fazendo movimentos deliberados e cuidadosos, subo a escada até meu apartamento e faço uma xícara de chá para tentar me aquecer e limpar o gosto horrível que ficou na boca. E a frase horrível da minha cabeça.

Caso de alta prioridade. O pior tipo de honra. É como se eu tivesse tido acesso a uma perversa sala vip ou a uma via expressa para o inferno.

Não consigo parar de repassar aquelas palavras. Caso de alta prioridade. É como se, de repente, eu tivesse sido atacada por um tipo de transtorno obsessivo-

compulsivo. Caso de alta prioridade. Caso de alta prioridade. Caso de alta prioridade. As palavras não me deixam em paz, como se um disco quebrado se repetisse incessantemente dentro da minha cabeça.

Até o inspetor Hughes ter dito aquilo, eu não sabia que era isso o que eu era. Não tinha me permitido pensar que eu poderia de fato ser isso. Que foi isso no que você me tornou. Um caso de alta prioridade.

*Últimos momentos.*

*Passados ele mesmo com ela.*

Analiso o caso como se fosse outra pessoa, olhando-o de fora, como se fosse a primeira vez. Mesmo para a polícia, tudo parece muito, muito ruim. Mesmo para a polícia, que vê pessoas terríveis dia após dia, você deve parecer muito perigoso. Um caso de alta prioridade.

## QUINTA-FEIRA

Quinta-feira, 5 de março, 9h30.

Estou sentada sozinha na sala de reuniões dos jurados, tentando parecer invisível, até mesmo para Robert. Penso no que está acontecendo com você. O inspetor Hughes me explicou tudo.

A polícia vai bater na sua porta. Vão prender você. Vão interrogá-lo como uma ação preventiva. Se decidir não ficar calado, você provavelmente colocará a culpa em mim. Deve dizer que tivemos um relacionamento e que eu nunca o rejeitei. Talvez até diga que era eu quem perseguia você.

Será que lhe mostrarão as fotografias? Será que você vai ficar feliz com isso? Tento convencer a mim mesma de que não vão lhe dar essa satisfação, de poder exibir a sua obra. Ou, se precisarem mostrar, você provavelmente não falará muito nem vai querer olhá-las por muito tempo — não com outras pessoas por perto, é possessivo demais para isso. O que quer que façam, seja qual for sua reação, não diminuirá o enorme peso das outras provas contra você.

Eles vão encaminhá-las à Procuradoria-Geral da Coroa, para orientação.

Em seguida, se tudo der certo, eles o acusarão de cometer o *Delito de assédio* e de *Incutir medo de violência*, de acordo com a Lei de Proteção contra Assédio.

Eles vão levá-lo perante um juiz e pedir uma medida cautelar de afastamento imediata, mas você terá direito de pagar uma fiança para aguardar o processo em liberdade.

Você talvez seja solto até o fim de semana. O inspetor Hughes deve me dar essa notícia nos próximos dias. Mas, depois que você for solto, será contra a lei se aproximar de mim ou se comunicar comigo de qualquer maneira.

Isso tornará impossível, para você, ir trabalhar. É provável que o departamento de Recursos Humanos procure orientação jurídica. Eles lhe enviarão cartas, resolvendo se podem, devem ou precisam continuar a empregá-lo. Você ficará furioso. Se eu não o odiasse tanto, sentiria pena de você por isso. Mas não posso me permitir ser piedosa.

Mais do que isso, não posso me permitir ser afetada pelo medo de que seu

emprego o mantinha relativamente sob controle e, sem isso, você poderia piorar. Há outra coisa, também, que está contra mim. Ainda que a presença de Robert proporcione alguma proteção, ela também o incita. Com Laura, não houve outro homem para torná-lo obsessivamente ciumento. Pelo menos nenhum de que os pais dela soubessem, embora você conseguisse saber mais do que eles com sua espionagem.

Tento dizer a mim mesma que, se me acontecer alguma coisa, a polícia vai suspeitar de você imediatamente. Esse é um pensamento reconfortante. Você também sabe disso. Com Laura, você não passou por qualquer exame minucioso. Deixaram-no livre para fazer o que quisesse. Esse não é o caso, agora. Mas uma minúscula parte minha não consegue evitar a suspeita de que a polícia esteja se mobilizando tanto para que, se você acabar me matando, ela seja considerada isenta de culpa, tendo riscado todos os itens da lista de procedimentos burocráticos. E no meio de tudo isso está aquilo que eu soube o tempo todo, mas nunca quis falar: você me assassinar é uma possibilidade real. É por isso que sou um caso de alta prioridade.

\* \* \*

Ela estava no tribunal 12 pensando no mistério do que aconteceu com Laura, no Sr. e na Sra. Betterton em seu incessante desespero, e na mulher da capa daquela terrível revista.

Tentou se concentrar no Sr. Morden, quando este se levantou.

— O inspetor Mallory vai ler as perguntas que fez ao Sr. Sparkle, e eu vou ler as respostas do Sr. Sparkle. Vocês ouvirão apenas trechos.

IN: Ok, Isaac. Pode me contar o que aconteceu, quando acordou na manhã de domingo?

IS: Encontrei a Carlotta no quarto. Ela estava, tipo, encolhida na cama, muito na beirada, para falar a verdade. Tipo, o que chamam de posição fetal, né?

Eu fiz sinal para ela vir para a sala comigo. Ela estava... meio desconfiada... meio quieta demais. Não como na noite anterior, quando ela ficou conversando comigo, o Godfrey e o Azarola. Aí eu perguntei para ela

se tinha acontecido alguma coisa, e ela disse, tipo, é, eu fui maltratada, eles me maltrataram.

IN: O que você entende por “maltratar”, Isaac?

IS: Sei lá. Acho, tipo, sabe como é, a acusação de estupro e todo esse monte de coisas que foram faladas. Então perguntei assim, tipo, quem fez isso, e ela respondeu, os dois grandões, e eu achei que ela se referiu ao Tomlinson e ao Doleman. Aí eu digo para o Tomlinson depois, a Carlotta diz que você maltratou ela, e ele, não foi nada, não foi coisa nenhuma. Mas ele não estava olhando para mim. Ele não quis falar nada.

\* \* \*

Em vez de caminhar direto para a estação, eles pararam num bistrô ali perto que havia chamado a atenção de Robert. *Apenas um jantar rápido*, disseram os dois, sem querer dar muita importância àquilo. *Não dá para passar batido por um lugar como aquele, charmoso e do tipo que todo mundo vê, mas ninguém presta atenção*, disseram os dois, sorrindo, enquanto se instalavam numa cabine com assento de couro vermelho.

A boca de Robert escancarou-se, fingindo surpresa, quando ela pediu um sanduíche de filé.

— Você não é vegetariana? Não sei por quê, eu achei que era.

— Não, de jeito nenhum. Mas sei como deixo os outros envergonhados quando peço bem passado.

Henry sempre se encolhia quando ela fazia aquilo.

— Nada disso. Você deve pedir seu filé da maneira que gosta.

Um zilhão de pontos para você, pensou ela, dando um sorriso radiante.

— Fico feliz por você achar isso.

Ela pediu licença e seguiu para o banheiro, remexendo na bolsa, atrás do celular, enquanto caminhava. Queria checar, rapidinho, fora da vista de Robert, se havia alguma mensagem do inspetor Hughes. Mas não havia nenhuma.

Ao voltar, parou de respirar por um instante. Na mão de Robert estava o caderninho preto.

— Caiu, quando você se afastou. — A voz dele estava calma, sem culpa; não era a voz de um homem que andara bisbilhotando. Estendeu-o em direção a ela.

Ela o apanhou, lenta e delicadamente, e murmurou um “obrigada”. Segurou-o pela espiral, deixando que as páginas balançassem algumas vezes para a frente e para trás com um som arrepiante que era bastante adequado.

Robert encheu o copo dela de água com gás.

— Para o caso de estar imaginando, eu não olhei o que estava escrito.

— Sinto muito se fiz você pensar que eu pensei isso. — Ela revirou os olhos para si mesma. — Isso foi um trava-língua?

Ele riu.

— Talvez. — Mas ele não tinha desistido do assunto. — Apenas para você saber. Eu não faria uma coisa dessas.

Clarissa pensou em Henry, esquadrinhando a pilha de papéis sobre a mesa de cabeceira dela, apanhando o pacote com informações da clínica de fertilidade antes que ela estivesse pronta para lhe explicar que queria começar a tentar — sua fúria de que ela estava tramando pelas suas costas e como logo ficou disposto a acompanhá-la na clínica e manter a promessa de que a deixaria ter um bebê.

— Eu sei que você não faria isso.

— Então confia em mim?

— Confio.

— Ótimo. É compreensível que você pensasse que eu poderia ter olhado. — Tomou uns três centímetros de sua cerveja francesa. — Você está escrevendo um romance?

Ela balançou a cabeça, negando.

— Você está sempre escrevendo nele. Parece muito dedicada ao que quer que esteja escrevendo. Acho que deve ser uma obra de arte.

— Certamente não é uma obra de arte.

— Você não vê mais nada, quando está fazendo isso. Hoje de manhã, estava escrevendo e eu acenei, mas você não notou. Annie até fez uma dancinha para distrair você e, mesmo assim, não ergueu a vista.

— Não acredito que perdi isso. Vou ter que fazer Annie dançar de novo.

— Você nem mesmo nos ouviu rindo.

Ela deu um rápido olhar feroz para o caderninho de anotações, como se ele tivesse se comportado mal por ter exigido demais sua atenção. Era só um pouco maior do que a mão com que ela segurava.

— É pequeno demais para caber um romance.

— O que quer que esteja escrevendo, aposto que é bom.

— Não é bom.

Ela enfiou o caderno de volta na bolsa, que fechou com cuidado, checando



outra vez para ver se estava mesmo fechada.

A garçonzete colocava os pratos diante deles.

Clarissa examinou seu sanduíche de filé. Cebolas caramelizadas vazavam da baguete e enchiam o miolo com um escuro marrom dourado. Ela deu uma mordida cuidadosa e soltou um gemido, sabendo que isso deixaria Robert satisfeito, embora estivesse secretamente se culpando por ter pedido algo que a deixaria toda melada. Limpou a boca com o guardanapo assim que pousou o sanduíche, para o caso de haver algum molho nos lábios.

— É realmente delicioso. Minha mãe está pagando para que você me faça comer?

Sorriso, rápida balançada negativa de cabeça, breve pausa antes de um divertido e definitivo:

— Não.

Era muito difícil fazer o enorme sanduíche caber em sua boca. Ela cortou um pedaço de carne e espetou junto algumas cebolas com o garfo. Mergulhou-o no pequeno pote de molho de vinho tinto que havia sido colocado ao lado do prato. Pousou o garfo de novo, o pedaço de carne, as cebolas e o molho não comidos.

— Eu queria falar... sobre o caderninho, Robert...

Ele estava com a boca cheia de batatas *sauté*. Engoliu-as antes de estar pronto.

— Não se preocupe com isso.

— Você está mesmo se engasgando?

Ele exagerou uma voz de quem estava se engasgando:

— Posso ver que você está preocupadíssima com isso. — Olhou para o prato dela. — Sua mãe não vai me pagar se você não comer suas batatas.

— Eu prefiro as mais crocantes. São as únicas que valem a pena comer.

Ele remexeu as próprias batatas, separando as mais crocantes, e as empilhou no prato dela.

— Minha mãe vai adorar você. — E enfiou uma delas na boca.

O telefone dele tocou.

— Jack está com problemas. Senão eu deixaria para lá. — Tirou o celular do bolso e leu uma mensagem com os olhos apertados, franzindo a testa. — Eu não quero, mas temos que ir embora logo. Preciso ir até ele. Tirá-lo da frente do precipício antes que vá longe demais.

Ela assentiu compreensivamente.

— Amigos são importantes — falou, pensando em Rowena, imaginando se ainda seria possível conquistá-la de volta, mas, ao mesmo tempo, pensando se queria isso.

## SEXTA-FEIRA

Foi exatamente como Robert teria feito, pensou ela, quando Azarola caminhou com passos firmes até o banco das testemunhas e olhou em frente, com segurança e sem vacilar, parecendo mais do nunca um popstar espanhol. Ele usava um colete tricotado cinzento por cima de uma camiseta branquíssima com gola redonda cavada.

— Você diz que não se lembra do que estava fazendo no fim de semana em que uma jovem mulher foi supostamente sequestrada, mantida em cárcere privado e estuprada. — O Sr. Williams estava sendo duro com seu cliente.

Azarola balançou a cabeça num impotente aturdimento.

— É verdade. Porque não conheço ela. Nunca me encontrei com ela. Não estive lá.

Ele não era tão alto quanto Robert, mas tinha os mesmos quadris e cintura estreitos, assim como as pernas compridas.

— Então por que seu suposto amigo, o Sr. Sparkle, diria à polícia que você esteve lá?

— Ele está mentindo. É um concorrente.

Talvez bombeiros costumem passar parte do dia na academia. Prisioneiros provavelmente escolheriam a mesma coisa, se fossem espertos.

— Ele quer me mandar para a cadeia. Quer se livrar de mim.

\* \* \*

Robert e Clarissa faziam sua caminhada habitual até a estação.

— Nunca fui apanhado por um radar de trânsito — disse ele. — Nunca recebi nem mesmo uma multa por estacionar em local proibido.

— Você foi escoteiro? — disse ela, puxando o cabelo para cima das orelhas, para aquecê-las. Tinha deixado o gorro na bolsa. Embora Robert já a tivesse visto com ele, ela ficou subitamente acanhada, imaginando se seria infantil demais usá-

lo na frente dele.

— Não.

— Eu estava brincando com você, mais uma vez. Desculpe.

Ele não pareceu se importar.

— Você está tremendo. Não trouxe seu gorro? Pode usar o meu.

O dele imitava um chapéu cossaco. A lã escura, de um azul-marinho, cobria totalmente as orelhas. Ela buscou o próprio chapéu, fingindo surpresa e satisfação ao encontrá-lo.

— Bonito — comentou ele.

— Minha mãe tricou. Ela gosta que eu me mantenha aquecida.

— Ela parece muita sensata. — Aparentemente satisfeito por ela não estar mais tão sujeita ao frio, ele voltou ao assunto anterior: — Meninos precisam ter uma boa estrutura para ajudar a lidar com sua agressividade. Precisam aprender a discipliná-la. O combate ao incêndio é uma coisa boa. Se nossos amigos acusados tivessem ingressado na corporação aos dezoito anos, não estariam sentados lá agora.

— Mas não é para todo mundo, é? Não é qualquer um que pode ingressar. É preciso ter certas virtudes.

Ele pareceu surpreso diante dessa ideia.

— Qual é a porcentagem dos candidatos que entram? — perguntou ela.

— Um em quatro. Há testes de aptidão, de personalidade. Não dá para burlar os testes.

— Aposto que Azarola conseguiria. Ele passaria só pelo carisma. — Enquanto falava, ela estava abrindo a bolsa para pegar o celular que tocava. — E acho que ele é mais esperto do que todos os advogados juntos. — Ela viu o nome do inspetor Hughes na tela. — Desculpe, Robert. — Tirou o gorro de novo, para ouvir direito. — Preciso atender.

— Vou caminhando na frente. A gente se vê, se você desligar a tempo do trem. Caso contrário, vejo você na segunda.

Ela falou muito pouco, enquanto ouvia o inspetor Hughes. Disse-lhe que estava na rua, com um conhecido ali perto.

Ele pareceu entender a situação dela na mesma hora.

— Estou contente por poder deixá-la a par do que está acontecendo e por você poder me ouvir agora. — Ele não queria deixá-la sem saber das coisas durante todo o fim de semana, mas ele estava prestes a ficar de folga.

Robert parou para olhar para Clarissa, que tentou sorrir para ele. Ela revirou os olhos, como se quisesse que a ligação acabasse, e ele voltou a caminhar.

A informação do inspetor Hughes era em primeira mão: ele estivera pessoalmente no tribunal, naquela tarde. Alertou Clarissa de que, apesar de a explicação do Sr. Solmes sobre seus atos ter sido o que eles já haviam previsto, mesmo assim ela acharia horrível e doloroso ouvi-la.

O Sr. Solmes curvara a cabeça enquanto seu advogado explicava que, do ponto de vista do seu cliente, foi tudo um mal-entendido triste e terrível: um trágico caso de falhas de comunicação que nunca deveria ter sido levado à justiça. O Sr. Solmes certamente nunca quisera intimidar a Srta. Bourne ou oprimi-la com atenção indesejada.

As fotografias tinham sido parte dos jogos sexuais que seu cliente e a Srta. Bourne haviam desfrutado juntos como dois adultos agindo de maneira consensual, e pelos quais a Srta. Bourne tinha pedido. O Sr. Solmes, relutante, concordara com eles porque queria agradá-la; ele lamentava muito que a Srta. Bourne tivesse tido necessidade de compartilhar algo tão pessoal com a polícia.

Clarissa sentiu um nó na garganta. Ela tossiu para desobstruí-la, e o que saiu foi um ruído sufocado. Robert virou-se mais uma vez para olhá-la. Estavam atravessando uma rua movimentada no sinal verde para os pedestres. Ele parecia querer ter certeza de que ela não estava distraída demais para fazer aquilo em segurança.

O Sr. Solmes ficara muito chocado com o fato de ela ter considerado as belas flores como uma ameaça de morte. Ficou preocupado que ela estivesse sob considerável estresse e cansaço para imaginar uma coisa dessas.

Ele achava que ela correspondia aos seus sentimentos: os dois até mesmo haviam escolhido juntos um anel de noivado, o qual a Srta. Bourne aceitou e guardou. Até três dias antes, ele não tivera qualquer indicação de que a Srta. Bourne passara a se sentir de maneira diferente da noite que passaram juntos em novembro, quando ela concordou em se casar com ele. O Sr. Solmes ficou completamente surpreso quando a polícia bateu à sua porta, na terça-feira; custara-lhe algum tempo para absorver que a situação havia mudado.

Apesar do que ela fizera com ele, o comportamento perturbado e aflito da Srta. Bourne deixava o Sr. Solmes muito preocupado em relação ao bem-estar dela. Seu estado de saúde parecia estar visivelmente se deteriorando, e não era segredo que havia se viciado em soníferos. Ele persistira em tentar contato com ela apenas para oferecer ajuda, algo de que ela estava muito necessitada. Até mesmo juntara forças com sua melhor amiga, numa tentativa de começar uma intervenção psicológica, mas a Srta. Bourne também recusou isso. Era um sinal de quão alarmante era sua condição o fato de não reconhecer a importância de aceitar

ajuda.

O Sr. Solmes achou uma injustiça dolorosa ser arrastado a um tribunal como consequência de seus atos de bondade e compaixão. Ele agora cessaria todas as atenções à Srta. Bourne. Contudo, instruíra seu advogado a expressar que, apesar de sua profunda mágoa, é sincera sua esperança de que a Srta. Bourne procure ajuda pessoal e médica de outra maneira; o Sr. Solmes só desejava seu bem.

O juiz não engoliu nada disso, disse o inspetor Hughes. Ele o soltou sob fiança, mas expediu uma medida cautelar de afastamento.

O advogado do Sr. Solmes protestou, alegando que uma medida cautelar de afastamento tornaria impossível que seu cliente exercesse sua profissão, acabando com seu sustento e sua carreira, tendo em vista que ele e a Srta. Bourne trabalhavam no mesmo lugar.

O inspetor Hughes apressou-se em assegurar a Clarissa que o juiz não mudou de ideia. Mais do que isso, deixou claro ao advogado do Sr. Solmes que, caso seu cliente infringisse a medida cautelar de afastamento, a punição seria rigorosa e certamente envolveria uma significativa sentença de prisão.

O inspetor Hughes aconselhou Clarissa a se manter atenta e cuidadosa, mas otimista de que o Sr. Solmes agora a deixaria em paz.

Ela, então, chegou a uma terrível conclusão. Ocorreu-lhe que, de fato, tivera sorte de o comportamento dele ter sido tão radical. No fim das contas, ser um caso de alta prioridade não foi uma coisa tão ruim. Se ele não a tivesse importunado tanto, talvez não tivesse sido levada tão a sério. A polícia talvez não tivesse ajudado. Ela poderia não ter obtido a medida cautelar. Poderia ter de viver com sua presença constante até morrer, cada minuto de sua existência reduzido por um lento envenenamento.

Tudo que ela queria agora era tomar as rédeas da própria vida, sentir-se dona dela de novo, usufruir do fato de ser completamente sua e completamente particular. Iria dar o devido valor àquilo, algo que tantas pessoas não faziam.

Quando enfiou de volta o celular na bolsa, ela estava mais calma. Ao caminhar para se aproximar da estação, Robert diminuiu o passo para esperar por ela.

— Um telefonema interessante? — perguntou ele, de maneira neutra.

— Não. — Ela também negou com a cabeça, veemente, para se convencer enquanto falava. — Uma coisa muito chata que chegou ao fim.

Ele parou para refletir e então falou, como se não conseguisse ficar calado:

— Fiquei pensando que podia ser um homem. Talvez alguém com quem esteja namorando...

— Não. Caramba, não.

A expressão de Robert ficou relaxada. Ela disse baixinho, tímida:

— Não estou com ninguém, Robert. — Tentou imaginar como poderia lhe contar algo próximo da verdade. — Era um colega. Tinha uma coisa que me preocupava, de trabalho, mas ele me deu boas notícias. O problema acabou.

Ela e Robert estavam parados diante das catracas.

— Isso é bom — disse Robert.

Ela concordou com a cabeça.

— É mesmo. — Ela inseriu seu tíquete na máquina e passou pela catraca. — É muito, muito bom. Não quero pensar mais nisso.

Pararam no topo da escada que levava para a plataforma de embarque abaixo.

— Não estou namorando ninguém. — Ela olhou diretamente para seus ofuscantes olhos azuis. — Só há uma pessoa com quem gostaria de namorar.

## SÁBADO E DOMINGO

Ela testou a si mesma durante o fim de semana, para ver se conseguia se sentir livre e não olhar por cima do ombro. No sábado, perambulou pelo centro da cidade, fazendo compras na feira, com calma, e passou por sua cabeça a possibilidade de que Polly Horton quase foi sequestrada ali por Godfrey. Clarissa ficou impressionada com o movimento e a aparência de segurança do local.

Pediu um *latte* na cafeteria. Enquanto esperava, enviou uma mensagem de texto para Caroline, na remota chance de ela estar livre para vir jantar na casa dela naquela noite, mas ficou imaginando se a amiga poderia estar chateada por ela ter recusado, duas semanas atrás, aquele convite para almoçar. Quase na mesma hora, pegando Clarissa de surpresa, Caroline respondeu, informando que estaria lá às oito e que não podia esperar para lhe contar sobre um plano ultrassecreto para reestruturar a universidade.

O *latte* ainda não estava pronto, então ela aproveitou para enviar também uma mensagem a Rowena. *Eu amo você e sinto sua falta*. Isso foi tudo. Não houve, porém, uma resposta imediata. Clarissa receava que Rowena fosse retalhar a camisola de cetim que ela mandara pelo correio mais cedo naquela manhã, mas evitou pensar no assunto e se deixou ficar entusiasmada pela visita de Caroline.

Comprou tulipas de um vermelho vivo, as primeiras da estação, azeitonas, tomates secos, pimentões recheados com ricota e pão preto doce de centeio, queijo *halloumi* artesanal e uma garrafa do seu vinho *amarone* favorito. No *chocolatier* francês, comprou pralinês, trufas e amêndoas polvilhadas com cacau. Comprou, também, os ingredientes para fazer o ensopado de carne de sua mãe.

Ao voltar para casa, não havia cartas nem presentes. Havia apenas uma conta do cartão de crédito, o que lhe pareceu uma coisa agradável.

\* \* \*

No domingo, caminhou durante um longo tempo por campos tranquilos onde ela e

Henry costumavam observar raposas no crepúsculo de fim de verão. Sempre lhe parecia mágico que um lugar tão silencioso e de aparência rural pudesse estar tão próximo de uma cidade.

Ela gostou da sensação da grama primaveril sob seus pés, ao perambular pela vegetação rasteira do velho cemitério da igreja nos arredores de uma pequena fazenda. Ficou comovida ao ver flores e um ursinho de pelúcia parecendo novo sobre a sepultura de uma criancinha que havia morrido quarenta anos atrás. Teria sido a mãe que deixara aquilo? Ela agora seria uma senhora idosa, mas Clarissa não achou surpreendente que ainda chorasse pelo filho perdido depois de todos esses anos. Clarissa sabia que um filho nunca podia ser substituído por outro, mas, mesmo assim, esperava que aquela mãe desconsolada tivesse tido pelo menos mais um.

Somente depois de o sol estar tão baixo e perceber que estava forçando a vista foi que ela deixou de olhar as datas e os nomes nos anjos de pedra e cruzeiros ornamentados. Somente então ela deteve seu impulso de inventar histórias para vidas que foram reduzidas, tentando não contar a de Laura entre elas.



## **SEMANA 6**

*A chave proibida*

## SEGUNDA-FEIRA

— Ele é inteligente — disse Annie para a sala.

Estavam no anexo, esperando que o oficial de justiça os levassem de volta ao tribunal 12 para presenciar a tentativa final do Sr. Morden de quebrar o indestrutível Azarola. O Sr. Morden passara o dia sendo contrariado pelas intervenções do Sr. Williams e os jurados, saindo e voltando para suas cadeiras a fim de permitir que houvesse uma argumentação jurídica.

Annie inclinou-se na direção de Clarissa e cochichou:

— Aliás, bela alça de sutiã. Você acha que Azarola gosta de cetim rosa?

O cochicho de Annie não foi muito baixo. Robert provavelmente o ouvira de seu assento à frente de Clarissa, embora tivesse tomado o cuidado de fazer parecer que não.

Clarissa escondeu as alças.

— Seria melhor que tivesse me dado essa informação mais cedo, Annie.

— A cor do seu rosto agora está combinando — comentou Annie. — É bem melhor do que a sua aparência fantasmagórica de sempre.

Wendy estava sentada no outro lado de Clarissa, digitando rápido uma mensagem para o namorado, mas ergueu a vista e falou:

— Alguma chance de Azarola, algum dia, usar seus talentos para o bem?

— Estou achando que não. — Annie recostou-se novamente na cadeira. — E começo a achar que somos nós que vamos libertar seu gênio mal.

\* \* \*

O Sr. Morden olhou Azarola com indisfarçável desdém.

— Você disse ao Sr. Williams que emprestou seu celular a um dos seus amigos, Aaron, e foi por isso que o aparelho se movimentou ao longo da rota para Londres enquanto a Srta. Lockyer estava sendo sequestrada. Se você não esteve realmente presente, então nos diga o nome verdadeiro de Aaron.

Um sorriso, uma balançada de cabeça em negação e uma breve pausa antes de um irônico e definitivo “Não”. Clarissa percebeu que Robert, às vezes, fazia essa exata sequência de gestos.

— Não existe nenhum Aaron. — O Sr. Morden parecia tão furioso que Clarissa achou que ele estivesse prestes a perder o controle. — Você sabe disso. O júri sabe disso. Você estava naquela van.

Segunda-feira, 9 de março, 18h20.

Não há nada escrito no envelope, mas a Srta. Norton tinha enfiado nele um pequeno bilhete amarelo. *Isto chegou esta manhã, Clarissa. Será que é para você? Bata na minha porta, se eu estiver enganada.* Mesmo antes de abri-lo, sei que a Srta. Norton não se enganou. A Srta. Norton nunca se engana.

Dentro, há a próxima fotografia da sua série, como se você quisesse passar uma após a outra para criar um filme tosco. Você mudou apenas uma coisa nela. Mexeu em uma das minhas meias, colocando-a em formato de U. Você a envolveu no meu pescoço. Você prendeu a ponta do pé da meia e a bainha na cabeceira da cama.

Eu me lembro do exame que fiz no meu corpo na manhã seguinte. Não havia marcas na minha garganta. Tenho certeza. Eu teria notado.

A meia é apenas decorativa, se é que tal palavra pode ser usada: só uma amostra do que você gosta. É, também, simbólica, embora, no que se refere a símbolos, a mensagem seja sutil: você quer me estrangular, pode fazer isso facilmente, você teve a oportunidade de fazê-lo e não o fez, e não será tão bondoso na próxima oportunidade.

Eu me forço a olhar a foto de novo com cuidado, para confirmar que você de fato não me machucou com sua força improvisada. Por mais que a imagem seja apavorante e ameaçadora, o nó está frouxo.

Tento ser racional. Não importa que você tenha dito à polícia e ao seu advogado que foi um jogo consensual, como fez com Laura. Não importa que essa imagem seja mais nojenta e amedrontadora do que a anterior. O que importa é que você mal passou o fim de semana sem infringir a medida cautelar de afastamento. Isso é um delito, que provocará sua volta ao tribunal, num prazo de vinte e quatro horas, e certamente uma sentença de prisão. Pelo menos dezoito meses, disse o inspetor Hughes: o juiz alertou você que as consequências de desrespeitar a medida cautelar seriam graves. Além disso, você será proibido de ter qualquer

tipo de contato comigo, durante o resto das nossas vidas.

Eu me livrarei de você. Ficarei verdadeiramente segura e livre. Na verdade, você me fez um favor, mandando isso para mim. Consigo suportar a vergonha de ter de ir até o inspetor Hughes com essa coisa.

Chamo um táxi e vou direto para a delegacia, onde fico até de noite sendo inquirida mais uma vez. Estou me tornando especialista nisso, como Lottie deve ter se tornado.

Em seguida, sou levada de carro para casa pelo mesmo policial jovem com quem topei da primeira vez que fui lá, e fico contente em ter a oportunidade de lhe agradecer por ter sido gentil, me ajudado e não me fazer ir embora antes de começar o expediente da delegacia. Ele dá um sorriso doce, enquanto se concentra na rua, dizendo-me que é seu trabalho, é para isso que está lá e tem prazer em ajudar.

Quando olha de relance para o lado, para mim, meu rosto começa a tremer e a enrubescer, então baixo a vista num lampejo de certeza de que ele viu aquelas fotos. Tento sufocar esse pensamento. Tento dizer a mim mesma que não tenho qualquer prova disso. Tento me convencer de que, se ele as olhou, foi por pura necessidade profissional. Tento me lembrar de que acabei de dar à polícia a última e pior de suas terríveis fotografias, e ela provavelmente está sendo examinada, neste exato momento, por outro policial. Portanto, que diferença faz se esse jovem tenha me visto nua e amarrada? Graças a você, ele não é o único.

Quando o policial encosta na minha rua, estaciona e insiste em me acompanhar até o prédio, já recuperei o controle do rosto e consigo manter as mãos firmes. Ele verifica comigo se você não fez novas entregas, então me observa enquanto subo a escada para meu apartamento.

Preciso recorrer aos soníferos para me acalmar, mas caio no meu sono profundo e entorpecido sabendo que você será preso novamente. Acontecerá enquanto estou sonhando. E você não conseguirá sair tão cedo.

## TERÇA-FEIRA

Clarissa perambulava pela feira de rua. Ele já estava na cadeia, cumprindo pena preventiva. Não haveria fiança desta vez. Ela soubera de manhã cedo, pelo inspetor Hughes, que estava para sair de férias por duas semanas e queria lhe dizer isso antes de partir, que Clarissa não devia mais se preocupar: o Sr. Solmes ficaria afastado por um bom tempo.

Ela usava grossas meias curtas. Após revirar sua gaveta, pela manhã, atrás de meias 7/8, como costumava fazer, acabou sem conseguir vesti-las. Suas coxas estavam nuas, congelando sob o casaco e o vestido. Isso a deixava furiosa.

— Decidi que você é a *Lady* de Shalott — disse uma voz.

Ela se virou para Robert, alguns centímetros atrás dela, e sua raiva sumiu.

— Isso é bom?

— Tome café comigo. Temos tempo. — Ele a conduziu para o café que ficava na esquina. — Não vai ser agradável se Tomlinson for para o banco das testemunhas. Precisaremos de algo mais forte. — Colocou um *latte* na frente dela, e o açúcar, e estendeu um livro antigo.

Era uma fina brochura de *The Lady of Shalott*, com apenas aquele poema, uma edição que reproduzia vários quadros de diferentes pintores retratando cenas da obra, todos cuidadosamente localizados ao longo do livro.

— Isso é completamente maravilhoso — comentou ela. — Como eu nunca vi esta edição antes?

— Comprei de segunda mão.

Ela parou na pintura de Waterhouse, com *Lady* sentada em seu barco, flutuando na direção de Camelot e da morte, dando a impressão de estar grávida, um sintoma de seu desejo por Lancelot. Clarissa ficou imaginando se era uma gravidez psicológica, resultado do desejo de *Lady* de ter um filho com o cavaleiro. Ela exprimiu esse pensamento a Robert, então ficou preocupada com a possibilidade de ele pensar que ela ainda via bebês e gravidez em toda parte.

Ele disse, provavelmente disfarçando o próprio divertimento:

— Eu nunca tinha percebido isso. — Hesitou. — Quero desenhar você. Vai deixar, quando tudo isto acabar?

Clarissa imaginou como seria: sentar-se da maneira que ele quisesse, da maneira que ele a arrumasse, deixando-o olhar para ela. Ele não olharia apenas. Ele tocaria nela. Ela tocaria nele de volta.

Não haveria Rafe espionando os dois, nunca mais.

— Vou. — Sua voz era bem suave.

Estendeu o livro na direção dele, devolvendo-o, pensando que era uma edição antiga, rara e cara, tentando não imaginar que ele a tinha comprado depois que se conheceram, apesar do tom informal que ele usara para falar do objeto. Ela se perguntou se ele estivera olhando os poemas recentemente também, e as pinturas, como se ela fosse uma professora que ele quisesse impressionar — a ideia a emocionou.

— É seu — disse Robert.

— Não posso aceitar isso. — Ela o deixou na mesa, com delicadeza. — É uma coisa muito especial.

Ele colocou a mão sobre o livro.

— Foi feito para você.

Ela se acostumara a recusar presentes, a ver cada um deles como uma agressão. Aquele, porém, não era isso.

Hesitante, ela também pousou a mão no livro. Bem de leve, pressionou a ponta dos dedos contra os dele: não havia engano naquilo, de modo algum ele poderia pensar que o contato era acidental.

— Obrigada — disse ela, baixinho.

\* \* \*

Antony Tomlinson moveu-se pesadamente na direção do banco das testemunhas. Usava jeans escuros e uma camisa branca de mangas compridas para fora da calça e por cima da enorme barriga. O fato de usar gravata até mesmo a sensibilizou: uma tentativa patética de se mostrar arrumado para a ocasião.

Fez seu relato sobre o que aconteceu quando ele e Doleman voltaram da boate.

— Os outros estavam tirando um cochilo. Carlotta estava na cadeira, acordada. Perguntou se ela podia usar sexo para pagar pelas drogas. Foi ideia dela. Eu disse: “Tem certeza?” Ela respondeu: “Tenho.” Ela nos levou para o quarto. Dei para a ela uma pedrinha de crack e um papelote de heroína. Ela fumou os dois.

Sally Martin dissera que Lottie cobrava de quarenta a oitenta libras como garota de programa, dependendo se o homem quisesse sexo oral ou se queria tudo. Pelo relato de Tomlinson, Lottie havia proposto sexo a três em troca do equivalente a vinte libras de drogas. A conta não batia.

\* \* \*

O Sr. Morden pôs-se de pé, um boxeador ansioso para desferir seus socos.

— Você diz que a Srta. Lockyer poderia ter saído da van a qualquer momento?

— Sim.

— Posso pedir aos jurados que olhem a página oitenta e dois do arquivo deles?

A van branca novamente. E alguma coisa em sua porta lateral que Clarissa não podia acreditar que não tivesse notado antes. Inclinou-se para olhar mais de perto, mudando os pés de posição e, ao fazer isso, tropeçou em sua bolsa, que havia deixado embaixo da mesa antes de se sentar.

Terça-feira, 10 de março, 15h20.

O ruído é muito penetrante e repentino. Todos estão olhando na minha direção. Jurados tapam os ouvidos com as mãos.

Ainda não entendo o que está acontecendo. Ainda não entendo que é tudo por sua causa. Você me encontrou novamente.

Tudo parece estar em câmera lenta, como se estivesse debaixo d'água. Robert vira-se em sua cadeira e parece ao mesmo tempo igualmente alarmado e calmo. Seus lábios movem-se sem som. Parecem formar a palavra “embaixo”. Está apontando para minha mesa e batendo nela. Annie está se abaixando e, quando volta, como que para tomar ar, larga minha bolsa na mesa à minha frente.

Levanto a bolsa e o nível de decibéis se intensifica. Numa espécie de pesadelo desnorteante, começo a cavar dentro dela, sem me importar com o que amontoou sobre a mesa à vista de todos. Minha bolsa de moedas, uma escova de cabelo, protetor labial, meu celular desligado, um molde de costura, hidratante, o precioso livro de Robert, chaves, o caderninho.

A sirene permanece retinindo o tempo todo, um som tão penetrante que acho que nunca mais vai parar. Então, encontro-o, prateado e não maior do que um chaveiro, berrando em minha mão. O alarme contra assédio que o inspetor Hughes

havia me dado. Tinha me esquecido de que estava ali. Devo ter movimentado o cordão de acionamento com meu sapato quando esbarrei na bolsa, ativando-o.

Puxo o cordão, minhas mãos tremem, mas nada acontece. Procuro um botão para desligá-lo, mas não encontro nenhum, não consigo desligar aquilo, não me lembro das instruções do inspetor Hughes para desligá-lo. Meus dedos tinham sarado desde que os queimei, mas voltaram a latejar e estão duros, como se eu ainda estivesse usando as bandagens. As mãos de Robert estão sobre as minhas; ele puxa o alarme, dá uma firme torção nele e a sala fica em silêncio.

— Sinto muito. — Enquanto falo, tenho a sensação de que minha voz naquela sala é uma transgressão. Meus ouvidos estão zumbindo. As palavras ecoam, em volume alto. Estou certa de que meu rosto está vermelho. Olho para o banco dos réus. Quatro dos cinco estão me olhando: Azarola com a expressão inescrutável de um jogador de pôquer; Tomlinson e Sparkle com pena, Godfrey com desprezo e irritação. Apenas Doleman olha firme para a frente feito um guarda do Palácio de Buckingham.

Talvez o juiz me faça passar a noite na cadeia, por desacato ao tribunal. Estou com medo de erguer a vista para ele, mas me forço, apenas um rápido olhar de relance, e vejo que sua expressão é benevolente.

O Sr. Morden e o Sr. Harker lançam sorrisos compreensivos e encorajadores em minha direção. O homem que se senta à minha esquerda, que raras vezes reage a alguma coisa, dá no meu braço um desajeitado tapinha de solidariedade. Alguém passa a jarra de água para Annie, ela enche um copo de plástico e o envolve com meus dedos, observando enquanto bebo, em seguida parece satisfeita e pega o copo vazio de mim. Robert vira-se em seu assento como se para checar que eu ainda estou inteira.

Um dia que começou com o encanto de Robert e seu livro acabou se reduzindo a isso. Mesmo estando na prisão, você ainda me perturba. Mas a bondade à minha volta ainda parece mais forte do que você. Mesmo em uma sala tão cheia de feiura, medo e maldade, ela ainda é mais forte.

\* \* \*

Após um aceno do juiz, o Sr. Morden retomou suas perguntas, deixando a interrupção decididamente para trás.

— Por favor, leia o aviso na porta de correr da van, em voz alta e para o tribunal.

Tomlinson lê devagar.



— *Atenção: Esta porta só pode ser aberta pelo lado de fora.*

— O que significa que não pode ser aberta por dentro — expôs o Sr. Morden.

— E a porta do outro lado da van tem um aviso idêntico. A Srta. Lockyer não poderia simplesmente ter aberto uma porta e saído, poderia?

Terça-feira, 10 de março, 16h40.

Não consegui prestar atenção em nada do que o Sr. Morden falou, mas posso perceber pela atmosfera do tribunal que ele andou dizendo coisas importantes.

Olhando para o chão, saio do tribunal 12 aos tropeços, aturdida. Pela primeira vez, não estou sonhando em caminhar até a estação com Robert. Não estou imaginando qual será a sensação de me sentar ao seu lado no trem. Não estou pensando se terei a coragem de tocar nele acidentalmente-de-propósito. Não estou tramando como encostar meu corpo no dele como se o esbarrão de outra pessoa fosse a causa, algo que fugia do meu controle. Não estou repleta de fantasias e planos, como costumo estar, ao fim de cada dia — eles são um dos meus prazeres secretos.

— Clarissa.

Cheguei ao pé da escada. Pisco os olhos, confusa, como se Robert tivesse acabado de me acordar. Não tinha nem percebido que ele estava perto de mim.

Mais uma vez, você subjugou tudo o mais. Você me subjugou. Mas eu deixei que isso acontecesse. Não deixarei isso se repetir.

— Acho que isto é seu. — Tomando cuidado, Robert coloca o alarme na minha mão.

— Acho melhor eu deixá-lo em casa, amanhã. — Jogo-o na bolsa.

— Amanhã vai ser outro dia.

Para minha surpresa, estou mesmo sorrindo.

— Este começou tão bem.

Lembro a mim mesma de que foi apenas um alarme falso. Lembro a mim mesma de ser grata por nem sequer precisar mais do alarme.

E também não preciso mais do caderninho. Juro que, depois do que aconteceu hoje, você nunca mais me acompanhará. Não mais. Nunca mais.

## QUARTA-FEIRA

O Sr. Morden deu uma sacudida no corpo, como que para se preparar para lidar com algo desagradável.

— Você acha Carlotta Lockyer atraente?

— Não é preciso achar uma pessoa atraente para se fazer sexo com ela. Eu achei que estava fazendo um favor a ela.

A mão de Annie caiu aberta sobre a mesa, deixando escapar o som de um leve tapa.

Tomlinson continuou diante da reação exagerada do Sr. Morden de ter ficado sem fala:

— Eu tinha o que ela queria. Foi ideia dela. Ela disse que trocaria sexo por drogas. Foi apenas por uns segundos... Não gostei daquilo. Achei que não contou como sexo, mas meu advogado me explicou que qualquer penetração de uma vagina por um pênis é definida como sexo, não importa a duração.

O Sr. Morden parecia que ia vomitar.

— Para mim é suficiente — disse ele.

\* \* \*

Robert balançou a cabeça assim que a porta para a sala do tribunal se fechou atrás deles.

— Ele é um horror. — A declaração foi feita sem nenhuma ênfase. Todos os outros concordaram com a cabeça.

— Puxa vida — exclamou Annie, irônica. — O que é sexo? Quer dizer que, se eu enfio meu pênis na sua vagina, estamos realmente fazendo sexo?

— Faça-me o favor — disse Grant.

\* \* \*

Poucos minutos depois, Clarissa, Annie e Robert estavam sentados num bar que ficava na esquina. Tinha sido ideia de Robert pararem para beber alguma coisa, rapidinho. Annie quase caiu da cadeira quando viu Grant parado junto à mesa deles, prestes a se juntar ao grupo.

— Com você, Clarissa, estamos salvos — disse Grant. — Qualquer um que nos atacar... temos o seu alarme.

— Alguma razão especial para carregá-lo? — perguntou Robert, como se não fosse nada de mais.

Ela disse a verdade, pelo menos parte dela.

— Esqueci que estava com ele. Alguém me deu isso, pouco tempo atrás.

— Falando sério, Clarissa. — Grant sentou-se. — O que você tem? Um metro e sessenta? Quarenta e cinco quilos? Você viu o tamanho daqueles caras. Imagine com que facilidade eles conseguiriam levantar você.

Ela inclinou a enorme taça de vinho tinto que Robert havia pedido para ela, observando o líquido se agitar ali dentro, sentindo-o cair na sua corrente sanguínea.

— Não gosto de pensar nisso — comentou Robert.

Ele já estava no terceiro *pint* de cerveja, mas o único sinal do efeito da bebida era que, todas as vezes que Clarissa se virava para olhá-lo, encontrava seus olhos na direção de seu rosto, estudando-a tão intensamente que era impossível evitá-los.

Annie brincava com seu *pint* de *bitter*, ainda pela metade.

— É para isso que servem alarmes de segurança pessoal.

— Para alguém que consegue usá-los — frisou Clarissa. — Obviamente, eu não.

Grant esticou as pernas, ficando quase deitado, e cruzou os braços.

— Tomlinson é grande. Tipo do meu tamanho. Ela é tipo você, Clarissa. Imagine ele, com os joelhos em seus ombros, como ela disse que ficaram durante o boquete. Você ia quebrar.

Ela se endireitou na cadeira.

— O colchão estava num estrado mais baixo na foto. Na versão de Tomlinson dos fatos, ele disse que ela estava deitada na cama, de costas, enquanto ele permanecia de pé, junto a ela, para o boquete. Isso não pode estar correto. A cabeça dela não ficaria alta o suficiente para alcançá-lo.

— Vamos experimentar, Clarissa. Convença-me. Aqui e agora. — Grant apontou. — Há muito espaço atrás da mesa.

Ela olhou de relance para Robert. A boca dele havia se retesado. Os olhos, se

estreitado.

— Talvez sua mulher possa ajudá-lo em seu trabalho investigativo. — Ela apanhou seu casaco e sua bolsa.

— Ou, talvez, você tenha uma boneca inflável — disse Annie, também se preparando para ir embora.

— Vejo vocês amanhã — disse Clarissa. Permitiu-se um último olhar furtivo para Robert. Por favor, venha, pensou ela. Por favor, por favor, venha comigo.

Robert terminou sua cerveja de um gole, levantou-se e falou exatamente as palavras que ela queria ouvir.

— Eu vou com você, Clarissa.

— Ele pode ser seu novo alarme contra assédio — observou Annie.

— Eu gostaria disso — rebateu ela, dirigindo-se ao mesmo tempo aos dois.

\* \* \*

Ela entrou no trem e desabou no assento junto à janela. Ele sentou-se a seu lado. Clarissa podia sentir a cerveja no hálito dele. Queria prová-lo. Ele a encarou e pronunciou seu nome daquela maneira simples, correta, de que ela gostou quando se falaram pela primeira vez diante da revista japonesa de moldes. Ele inclinou-se de repente para beijá-la na boca, tão depressa antes de voltar a erguer que ela quase ficou na dúvida se aquilo teria de fato acontecido.

Quando o trem parou em Bath, ela procurou sua bolsa no chão, curvando-se sobre ele para alcançá-la, sabendo que ele poderia sentir o cheiro de seu xampu. Desceram do trem, e ele caminhou ao seu lado, escada abaixo, através das catracas, saindo pelas portas da estação. A mão dele estava no braço dela. Conduziu-a até um táxi e sentou-se a seu lado.

Ela não tinha certeza de como saiu do táxi, estava vagamente ciente de ele ter colocado dinheiro na mão do motorista enquanto ela remexia na bolsa atrás das chaves, de terem entrado no prédio e até mesmo de tê-lo apresentado à Srta. Norton, que saiu de seu apartamento para o corredor, para interceptá-los. A Srta. Norton sorriu exultante quando Robert apertou sua mão com gentileza, mas eles logo se afastaram e subiram a escada para o apartamento de Clarissa.

Assim que a porta se fechou, os dois estavam arrancando o casaco um do outro, e ela se agarrou nele, finalmente sentindo o gosto da sua boca, da sua pele, as mãos dela em seu cabelo. Ela conseguia sentir o cheiro do corpo dele, com um límpido toque de limão da loção pós-barba, que Clarissa achava que ele passara a usar apenas nos últimos tempos, agradável e fraca, tendo durado quase o dia

todo. Robert puxava o tecido sedoso do vestido dela, por trás, com uma das mãos, observando-o colar nos seios, na cintura e nos quadris, ao mesmo tempo que movimentava a outra mão. Ele começou a fazer com que a roupa deslizesse pelos ombros dela. Antes de deixar o vestido cair no chão, ela tirou as botas e as meias curtas, tentando, sem muito sucesso, fazer isso com elegância, sem querer que ele visse como aquelas coisas não tinham charme, ao mesmo tempo que tirava da cabeça o motivo pelo qual continuava sem conseguir tocar num par de meias 7/8 e provavelmente nunca mais voltaria a tocar.

Ele a conduzia na direção do quarto, de algum modo sabendo onde ficava, talvez por causa de seu instinto de bombeiro em relação à distribuição dos cômodos nas casas. Ela então se sentou na beira da cama na qual não se deitava havia duas semanas e meia, e ele se ajoelhou no chão, a cabeça na sua barriga, as mãos segurando as laterais da calcinha, beijando o tronco dela, abrindo o sutiã.

Ela observou-o tirar rapidamente o suéter. Outra coisa que ele fez com movimentos certos. Havia uma cicatriz em seu ombro, uma marca da cor dos lábios dele, de cerca de cinco centímetros, e outra não muito longe dessa, um pouco menor, no peito.

— Chumbo derretido — disse ele, vendo-a olhar para elas. — De um telhado.

Ela ficou imaginando se era do acidente sobre o qual havia lido ao pesquisar por ele na internet. Ficava com medo de que Robert pudesse morrer, que algo terrível pudesse acontecer a ele num dia ou numa noite normal de trabalho, por mais que ele tivesse sido treinado para agir de maneira que diminuísse as chances de se machucar. As cicatrizes fizeram-na sentir o perigo de um jeito que as reportagens não tinham feito.

— Isso não é nada. Um dos caras que me instruíram, quando ingressei, Al, você devia tê-lo visto. O corpo de bombeiros, na época, era outro mundo. Ele forçava o máximo que podia. Gostava das queimaduras. Ele era uma obra de arte ambulante. — Sorriu. — Ele gostava de mostrar as cicatrizes para as mulheres. Muitas mulheres. Certa vez, tirou a camisa num bar e começou a retesar os músculos, começou...

Sua voz foi morrendo enquanto ela se colocou de joelhos, puxou-o em sua direção, percorreu com os dedos cada cicatriz, então seus lábios as examinaram; depois estava beijando sua barriga, tão reta e bonita, e o umbigo, o que o fez prender a respiração.

— Não é justo eu estar sem roupas e você vestido — disse Clarissa, fazendo-o rir enquanto ela desabotoava sua calça. Ele mesmo a tirou, com a cueca boxer que vestia.

Ele a deitou de costas sobre a colcha verde-musgo com flores vermelhas que ela havia feito após eles terem se conhecido, cuja linha ela comprara no dia em que o tinha visto pela primeira vez, que aquele homem cujo nome nunca mais queria novamente em sua cabeça não vira nem tocara nem fotografara, sob a qual ela mesma ainda não havia dormido.

— Clarissa — disse ele. — Abra seus olhos. Olhe para mim.

Ela o fez.

— Você sabia — ele fez com que ela soltasse um leve gemido — que isto é sexo?

— Sei.

Ele afastou o cabelo dela do rosto, com delicadeza. Sua boca estava na dela, quando sussurrou:

— Para o caso de você não ter certeza da definição.

— Eu tenho certeza.

— Ótimo.

## QUINTA-FEIRA

Ela acordou quando Robert a puxou para cima dele, embora ele ainda parecesse estar dormindo, mergulhado num sonho.

— Robert — disse ela baixinho. — Robert. — Beijou-o, e aqueles seus olhos azuis brilhantes piscaram algumas vezes antes de abrir.

Por alguns segundos ele pareceu perdido. Clarissa lembrou-se de que certa vez ele lhe dissera que sempre sabia onde estava quando acordava. Ficou contente que ele pudesse estar errado sobre si mesmo, às vezes, pelo menos um pouco, mesmo por um minúsculo instante. Clarissa achava que Robert era perfeito, o que não era justo com ele. Ninguém deveria se achar perfeito, pensou ela. Uma pessoa que se achasse perfeita seria aterrorizante. Nunca mudaria. Nunca poderia estar errada. Não estaria disposta a surpresas.

Robert aproximou o rosto de Clarissa do seu, parecendo ainda estar parcialmente sonhando, mas murmurou o nome dela, sorriu, disse bom dia, percorreu a mão, devagar, pelas costas dela, pressionou os lábios dela contra os dele, olhou nos olhos dela, e então não houve mais dúvida de que ele havia percebido onde estava.

\* \* \*

Ela estava repassando tudo isso enquanto olhava, sonhadora, para o próprio rosto num espelho oxidado. Estava no banheiro, o único para os jurados junto à pequena área de espera privativa deles logo do lado de fora do tribunal 12. Devia ser o que chamavam de memória corporal — ela podia sentir tudo, as mãos dele, sua boca, as coisas que fizeram um com o outro. Em que ele estaria pensando, sentado com os outros?

Havia uma dor pungente na parte debaixo da barriga, do lado esquerdo, que havia começado enquanto ela dormia e estava ali quando ele a acordou. Ela sabia qual era a causa e que a dor sumiria em poucas horas.

Ouviu o pessoal se levantar do outro lado da porta, escutou Annie falar em voz alta para o oficial de justiça “Clarissa está no banheiro”. Apressada, ela lavou as mãos e saiu.

\* \* \*

A beca do Sr. Tourville estava amarrotada. Ele estava sem fôlego, como se tivesse tido que perseguir sua única testemunha por Doleman por todos aqueles lances de escada até o tribunal 12. Era provavelmente uma sorte para o ainda ofegante Sr. Tourville que Jason Leman não precisasse ser muito instigado para contar sua história.

— Em oito de agosto do ano passado, eu saí com Carlotta. Ela me disse que faria sexo comigo em troca de drogas. Puxou minha cueca como se não conseguisse esperar.

Os réus se inclinaram para a frente em suas cadeiras. Até mesmo Doleman pareceu quase interessado.

— Eu sei que vocês usaram camisinha. Quem a colocou em você?

— Foi ela, mas colocou errado. Tive de botar novamente.

Algo típico de uma profissional experiente, pensou Clarissa.

— Saí do quarto para pegar uma vodca para ela e, quando voltei, ela tinha sumido e minha carteira estava vazia. Então a encontrei na outra rua, e perguntei, tipo, cadê meu dinheiro? Ela disse que tinha gastado, mas que trabalharia como prostituta para me pagar, aí fomos até um lugar que ela conhecia, e ela estava falando com os caras que passavam de carro, mas parecia que alguma coisa estava estranha, então me aproximei, e ela estava dizendo para um deles que eu tinha estuprado ela. Ela veio na minha direção e me deu dois tapas na cara.

— Quer dizer que essa prostituta acusou você falsamente de estupro? O que fez em relação a isso?

— Nada. Não quis me rebaixar ao nível dela. Não bato em mulher. Não machuco mulher. Fiz tipo, foda-se essa merda, vou dar o fora daqui. Mas, no dia seguinte, a polícia apareceu, me agrediu e me prendeu. Nunca me fizeram qualquer acusação.

\* \* \*

O Sr. Morden observou Leman como se ele fosse uma mistura entre um inseto e



um presente que o Sr. Tourville, sem saber, tivesse lhe dado.

— Você não é a favor de violência contra mulheres?

Leman inclinou-se para a frente e fitou desafiadoramente o Sr. Morden.

— Às vezes.

— Você cumpriu várias sentenças de prisão por agressão. Todas as suas vítimas foram mulheres.

— Sem provas. Apenas alegações. *Alegações*. Mentiras.

— Os veredictos de culpado sugeririam o contrário. Já ouviu falar de Mary Barnes?

— Você sabe que já.

— Ela foi parar no hospital mês passado. Tímpano perfurado. Violência contra mulheres parece ser uma prática normal para você.

— De novo, a polícia não apresentou nenhuma acusação. E Mary continua sendo minha namorada, continua vivendo comigo, então isso devia contar para alguma coisa.

O Sr. Morden concordou lentamente com a cabeça, antes de falar.

— Sim, conta.

\* \* \*

Era fim do dia e estavam descendo a escada na já habitual ordem.

Grant semicerrou os pequenos olhos castanhos.

— Aproximadamente seis por cento da população é responsável por todos os crimes cometidos — declarou. — Devemos exterminar essas pessoas como vermes. Problema resolvido.

\* \* \*

Naquela noite, Robert caminhou com Clarissa desde a estação. Flocos de neve rodeavam a sepultura da mãe e seus dois bebês. Clarissa cumpriu seu ritual secreto de rezar para eles com Robert ao lado.

Os flocos de neve lembraram a ela como o inverno estava se dissolvendo rapidamente em primavera e que se tratava de uma questão de dias até o julgamento acabar. Ela adorava poder vê-lo todos os dias, não queria que isso jamais acabasse. O cheiro de alho-selvagem estava no ar enquanto subiam a colina. Parecia que em poucos minutos os dois estavam no apartamento de

Clarissa, e ela notou pela primeira vez que a cabeça dele ficava a poucos centímetros do teto rebaixado. Ela parou diante dele, surpresa com a própria timidez.

— Você quer café, Robert?

— Ah... não. — Ele levou bastante tempo para dizer “Ah”, então disparou o “Não” com determinação esquisita.

— Você quer chá?

Aconteceu novamente. Sorriso, rápida balançada negativa de cabeça, breve pausa antes de um irônico e definitivo “Não”.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou, sendo envolvida pelos braços dele.

— Há alguma coisa que você queira?

Suas mãos estavam deslizando pelas costas dela. Abria o zíper do vestido.

— Eu só quero você.

Ele não chegou a tirar o vestido, que, no entanto, havia escorregado por um dos ombros, deixando-o nu. Ela o levou para a sala de estar, na direção do sofá, fazendo com que se sentasse, abrindo o zíper da calça dele, mas também sem tirá-la, despindo a calcinha e montando em seu colo, para que ele ficasse dentro dela, sua boca contra a dela enquanto o abraçava e o sentia sussurrar seu nome contra seus lábios; ela sussurrou de volta o dele, e que também queria apenas ele.

## SEXTA-FEIRA

Ela virou a cabeça para o lado, de modo que o queixo pousasse sobre o ombro e o nariz ficasse próximo ao cabelo, que não fora lavado naquela manhã. Quis manter ali o cheiro do sabonete e do corpo dele, passado para ela quando seus corpos se esfregaram e por ela ter dormido com a cabeça sobre seu peito.

Ela inspirou mais uma vez, então se endireitou e olhou para a frente quando o Sr. Harker chamou sua única testemunha a favor de Godfrey.

Joanna Sinclair era atarracada, com um cabelo escuro de mechas loiras que fez Clarissa pensar numa zebra. Usando sapatos de salto alto vermelhos ela seguiu desajeitadamente na direção do banco das testemunhas. Godfrey cumprimentou-a com um aceno de cabeça, embora tenha sido um gesto frio e ressentido, e inclinou-se à frente.

O Sr. Harker começou suas perguntas, Annie bufou, e Clarissa estudou os ombros de Robert, lembrando-se de como era senti-los em suas mãos.

\* \* \*

Ela fez um esforço enorme para emergir de seu devaneio com Robert quando o Sr. Morden se levantou para o interrogatório.

— Seu primeiro nome é Joanna. O Sr. Godfrey já a chamou de Jo?

Godfrey negou com a cabeça num movimento rápido, instruindo-a.

— Não — respondeu a Srta. Sinclair. — Ninguém me chama de Jo.

— O Sr. Godfrey diz que o telefone que a polícia confiscou, durante a prisão, não era dele. Esse telefone foi usado na van que levou a Srta. Lockyer para Londres e também no apartamento onde ela foi mantida. Nesse telefone, o seu número foi salvo como Jo.

— E daí?

— E daí que o Sr. Godfrey enviou duas mensagens de texto no dia anterior à prisão dele. Ambas para “Jo”. Ambas foram recebidas no seu próprio celular

confiscado, Srta. Sinclair. A primeira foi a seguinte: “Estou a caminho. Quero que você me espere nua.”

A pálida Srta. Sinclair ficou corada sob a camada de maquiagem.

— Não me lembro de ter recebido essa mensagem. Ele pode ter enviado para qualquer garota chamada Jo.

— Vejamos a segunda mensagem. “Falo com você no parque, este telefone vai morrer.” Consegue imaginar algum motivo pelo qual o Sr. Godfrey iria querer liquidar aquele telefone?

\* \* \*

Annie estava falando em voz baixa no banheiro.

— Aqueles dois têm um menininho. — Suspirou. — São longe de ser Romeu e Julieta, não é mesmo? Mas vão dar tão certo quanto eles.

— Espero que esteja errada, Annie.

Com delicadeza, Annie retirou um fio de cabelo dos olhos de Clarissa.

— Pobrezinha — disse ela, balançando a cabeça num afetuoso assombro. — Eu também espero.

\* \* \*

Voltando a Bath, naquela noite, Clarissa sentou-se sozinha, do mesmo modo como também havia caminhado sozinha até a estação naquela manhã. Robert deixara o apartamento bem cedo, dando-lhe um beijo de despedida, enquanto ela ainda estava meio adormecida, e sussurrando que precisava passar em casa antes de ir para o tribunal.

Enquanto saía do trem, descia a escada e deixava a estação, ela observava Robert dez passos à frente. Quase chamou por ele, mas se deteve. Ela sempre ficava relutante em situações nas quais considerava que iria impor sua presença aos outros. A distância entre eles cresceu quando ele atravessou rapidamente a rua e caminhou sem virar para trás nem mesmo por um segundo. Então ele desapareceu do seu campo de visão por completo.

## **SEMANA 7**

*A sala de secagem*

## SEGUNDA-FEIRA E QUARTA-FEIRA

Eles passaram a manhã de segunda-feira esperando pelo garoto com cabelo de pontas roxas.

Não demorou muito para o jogo de pôquer começar a todo vapor. Clarissa estava sentada na ponta da mesa, costurando à mão os últimos toques de uma bolsa para o aniversário de sua mãe, imitando o clássico estilo Chanel com aba, em cetim azul-escuro que a fazia pensar numa tempestade à meia-noite.

— Eu quero uma — pediu Annie. — Você aceita encomendas?

— Eu também — disse Wendy.

Clarissa sorriu, mas ergueu os olhos apenas por um instante.

— Vocês duas são muito gentis.

— O oficial de justiça devia ter levado sua agulha e tesoura. — Sophie arrumava suas cartas e parecia zangada. — Os guardas deviam ter impedido você.

— É. Imaginem o dano que ela conseguiria fazer a Sparkle com essas coisinhas — comentou Annie. — Você vai denunciá-la?

— O oficial pode ver o que ela está fazendo — observou Wendy. — Ele não se incomoda. De qualquer modo, ele já sabia que ela tinha essas coisas. Desde quando ela consertou minha saia.

A cadeira de Clarissa estava logo atrás da de Robert. Ele não podia ter deixado de ouvir essa conversa. Suas costas se mantiveram eretas enquanto ele se concentrava em suas cartas. Os homens riam alto das piadas dele, concordando com a cabeça com tudo que ele dizia. Clarissa ficou imaginando se ser bombeiro fazia os homens serem automaticamente populares.

Tentou dizer a si mesma que estava errada em pensar que ele não fizera contato visual a manhã toda, que ele não tinha olhado para ela nem falado nada desde que deixara seu apartamento na manhã de sexta-feira bem cedo. Mas ela não havia captado nem mesmo um lampejo do azul de seus olhos.

Robert falava sobre um ator num filme de espionagem a que tinha acabado de

assistir:

— Ele era um gato! — Houve mais gargalhadas estrondosas. Clarissa não riu. Não achou engraçado.

Ela furou o dedo com a agulha. Uma gota de sangue escorreu para o tecido.

— Onde será que ele está? — perguntou baixinho, pensando no jurado, seu colega, desaparecido. — Não é coisa dele não aparecer. Deve ter acontecido alguma coisa.

— Clarissa tem razão — disse Robert, fazendo o coração dela se apertar.

Grant gargalhou.

— Deixem ele passar uma noite na cela com os rapazes. Vai ser a nova mulherzinha de Sparkle. Mas, antes, o juiz vai chamá-lo para sua sala e lhe dar uma surra.

Os outros riram, Robert também, mas Clarissa, não.

\* \* \*

Eles só ocuparam seus lugares na bancada do júri ao meio-dia. O juiz estava muito sério.

— Lamento informar que o Sr. McElwee não está bem. É admissível reduzir-se um júri para onze membros ou mesmo para o mínimo legal de nove. Mas prefiro... desde que isso não resulte em um longo atraso... não perder nenhum jurado neste estado adiantado do julgamento. Estou, portanto, dispensando vocês até quarta-feira de manhã, quando o médico espera que o Sr. McElwee esteja em condições de retornar. Se não estiver, então vou dispensá-lo deste corpo de jurados e prosseguiremos sem ele.

\* \* \*

Na quarta-feira de manhã, todos os doze jurados entraram no tribunal 12, como de costume.

O julgamento estava quase acabando, pensou Clarissa. A sala parecia girar. Ela estudou os macios pelos castanhos na nuca de Robert e a fina trilha de suor atrás de sua orelha direita. Ela queria cheirá-lo, aninhar o rosto entre seus ombros. Precisaria ir embora dali, daquele prédio, de volta a um mundo onde não mais o veria todos os dias, o mundo onde ele não existia — embora não tivesse certeza de quanto gostava desta nova versão do mundo que ela estava para perder,

uma vez que ele já não parecia querer olhar para ela.

Imaginou uma nevasca. Qualquer coisa para fechar o tribunal, retardar o fim, para lhe dar mais tempo com ele. Ela contara com dias e dias de testemunhos dos réus e de interrogatórios, mas esse tempo não viria, pois Doleman, Sparkle e Godfrey, todos eles se recusaram a ocupar o banco das testemunhas.

Sentiu um tremor estranho, bem embaixo e no centro de sua barriga. Então passou.

O Sr. Morden examinou os jurados, olhando nos olhos de cada um, ao iniciar sua argumentação final.

A cabeça dela estava tão confusa e cansada que não conseguia prestar atenção. Além disso, tinha ouvido com bastante atenção quando ele dissera tudo aquilo da primeira vez. Quando Clarissa conseguiu se concentrar, ele já estava encerrando. Ela ficou tão confusa sobre todo o tempo que tinha se passado desde que ele começara a falar que pensou que poderia estar ficando doente.

Ela era o pior jurado de todos. O Sr. Williams estava se sentando, sem ela nem ter percebido que ele havia se levantado. Então o Sr. Belford se pôs de pé e, mais uma vez, a mente dela vagou. Será que seu cérebro, após sete semanas, tinha chegado a um verdadeiro limite de saturação?

O Sr. Tourville era o único que não lançava contra ela um encanto de sono.

— O Sr. Doleman não é estuprador. Não é sequestrador. Não é traficante de drogas. Ele é um árduo trabalhador, pai de família, que, ao ser preso, tinha um emprego remunerado. Ele está em um relacionamento há muito tempo com uma bela moça. Ele é um pai carinhoso para o filhinho deles. O Sr. Doleman é culpado de apenas uma coisa: fez péssimas escolhas em termos de amigos. Não podem mandá-lo para a prisão por causa disso. Ah, não. Não podem.

\* \* \*

Clarissa tremia na plataforma, esperando que as portas do trem se abrissem para que pudesse embarcar. Apenas o advogado de Sparkle e o Sr. Harker ainda tinham que fazer suas argumentações finais. Em seguida, haveria as instruções do juiz. Ela precisava ficar mais alerta.

Alguém tocou seu ombro. Ela se virou, surpresa ao descobrir que aquela mão era de Robert, que estava se desculpando por tê-la assustado.

As palavras de Clarissa saíram antes que ela conseguisse impedi-las.

— Volte comigo. — Ela tentou sorrir. — Você é um vício.

— Você também. — Sua voz era baixa, como se sussurrasse para ela na cama.



— Mas esta noite não posso. Você entende isso, não é? Estamos prestes a fazer a deliberação. Última semana... devíamos ter esperado. Estou contente por não termos esperado, mas deveríamos. Sou cauteloso. Sei que me comportei como se eu não fosse, mas sou. Eu devia ter explicado isso. Assim que o julgamento acabar... — disse ele. — Não vai demorar muito.

Robert tinha prática em dar más notícias. Fazia isso todos os dias, no trabalho, dando notícias muito piores. Ela podia sentir o rosto ficar quente. Entretanto, não conseguiu evitar dizer:

— Se você mudou de ideia... quer dizer, mesmo que seja tarde...

No entanto, ela percebeu que ele era um homem que nunca mudava de ideia sobre nada, fosse algo pequeno ou grande, assim que tomava uma decisão. Ela sabia disso, realmente, desde o início. Ela detestava ter de implorar; não o queria a qualquer custo.

Houve um clique quando as luzes nas portas do trem mudaram de âmbar para verde. Robert segurou-as para Clarissa entrar, e ela passou cuidadosamente por cima do vão.

Virou-se para olhar para ele por um momento, parado na plataforma, distante apenas alguns centímetros.

— Até amanhã, Robert. — Tentou sorrir de novo, mas, em vez disso, uma flacidez esquisita tomou conta de seu rosto. — Eu preciso... fazer umas coisas — disse ela, quase sem voz.

— Eu entendo — disse ele. — Clarissa — disse ele. — Eu poderia...

— Boa noite — disse ela, e caminhou apressada pelo vagão. Era a vez dela de não olhar para trás.

## QUARTA-FEIRA E QUINTA-FEIRA

Ela achou que não dormiria, deitada na cama antiga, que não era mais o lugar onde aquelas coisas horrorosas tinham acontecido, não era mais onde aquelas fotos foram tiradas. Agora, era a cama onde Robert estivera. Cobria-se com a colcha que não lavara porque não queria perder nenhum vestígio dele. Mas, no fim, adormeceu.

Ela estava na sala de secagem, a parte favorita dele no corpo de bombeiros, um lugar que ela nunca vira realmente, um reino proibido que não lhe dizia respeito, mas ele estava com ela, beijando-a, erguendo-a, correndo as mãos por seus braços, levantando-os acima da cabeça e recuando para olhá-la. “Robert”, tentou dizer, mas a palavra não saiu, e ele não estava mais ali.

A sala de secagem não era mais a sala de secagem. Era o gabinete de Barba-Azul, e os bonecos não eram mais bonecos — eram mulheres mortas, os rostos cobertos por lençóis, o sangue nas bocas ultrapassando as mortalhas como beijos de uma cor berrante. Elas balançavam nos laços dos quais pendiam, como se sopradas delicadamente por um vento calmo. Ela não conseguia respirar, não havia ar suficiente. Tentou erguer o braço até a maçaneta para girá-la, mas seu braço não se mexia. Tentou gritar, mas os lábios não se mexiam. Havia um peso sobre todo o seu corpo. O suco gástrico subia do estômago e sua garganta doía ao tentar engoli-lo de volta. Seus braços estavam acima da cabeça. Puxou-os, mas algo prendia seus punhos.

Abriu os olhos para o rosto que ela menos queria ver.

Não era possível, pensou. Ele não poderia estar realmente aqui. Deveria estar na cadeia. Era onde o inspetor Hughes tinha dito que ele estava. Aquilo era apenas um pesadelo. Disse a si mesma para acordar.

Tentou se contorcer, tirá-lo de cima de si, chutá-lo, mas ele apenas pressionava mais forte seu corpo contra o dela, deixando-a em pânico por não poder de modo algum se mexer. Ouviu um barulho abafado que não era humano, e então percebeu que era ela mesma quem estava fazendo aqueles ruídos animais,

sem pronunciar palavras.

Apertou os olhos diante dele, tentando se forçar a voltar a dormir, repetindo que era apenas um pesadelo, ele tinha de estar na cadeia. Tinha de estar. Não o soltariam sem avisá-la.

— Abra os olhos. — Ele agarrou o cabelo dela e puxou sua cabeça para trás; algo pressionou seu pescoço. — Abra os olhos, se não quiser ser sufocada, Clarissa.

Ela abriu os olhos. Ele aliviou a pressão no pescoço dela.

— Você estava esperando por mim, não estava? Queria que eu viesse. Só não se permitia dizer isso.

O coração dela batia com tanta força que ela achava que ia estourar. Pensou que o ritmo era rápido demais para que continuasse batendo, que ele daria uma última contração e pararia. Tentou empurrá-lo para longe mais uma vez, mas a pele de seus punhos parecia estar esfolada e os ombros se esticavam tanto que ela sentiu que os braços iam cair.

Ele enterrou o rosto na barriga dela, colocou as mãos debaixo dos quadris dela, massageando-a através da camisola de cetim e puxando-a para si.

— Você cheira tão bem. Você se arrumou para mim, não foi? Esteve pensando em mim, não esteve? E nos meus planos para você. Pode adivinhar quais são?

Ele enxugou o rosto dela com a colcha.

— Está chorando porque está arrependida?

Ela tentou confirmar com a cabeça, mas fez um movimento muito pequeno, com medo de que pudesse se estrangular.

Ele se abaixou pela lateral da cama. Quando sua mão reapareceu, segurava uma faca, a lâmina terminada numa ponta de lança, então ela ouviu o próprio gemido.

— Vamos conversar sobre como você tem me tratado? Prometi castigar você, não prometi? — Ele largou a faca, a ponta do cabo de casco de tartaruga tocando a cintura dela. — Bela camisola.

A camisola havia subido até a altura das coxas. Ela sacudia os braços, querendo empurrá-la para baixo. Ele passou a mão sobre o cetim roxo. Agarrou os ombros dela.

— Você a costurou para o bombeiro?

Ela começou a mover a cabeça, negando, mas, de novo, sentiu o anel se apertar em volta da garganta. Ele correu o dedo por aquilo, testando-o, depois afrouxando-o.

— Estrangulamento é fácil demais, Clarissa. Você não vai escapar dessa assim

tão fácil.

Ele apanhou a faca.

— Isto é muito afiado. — Ergueu a bainha e a manteve esticada, então cortou a camisola ao meio até o topo, deslizando a lâmina devagar. — Está com medo? — Ela tentava afundar as costas no colchão para se distanciar da faca, chorando sem fazer ruído. — Deveria estar. Posso ver que está. Eu gosto disso.

A faca estava pousada entre seus seios, apontada para o queixo. Clarissa prendia a respiração, receosa de que o menor movimento fizesse com que ele a ferisse.

— Eu pensava que você era uma verdadeira princesa, mas não é. Você é como as outras. Não parece uma princesa agora. — Fez um movimento inesperado com a faca para cima e ela gritou, mas o único som foi um guincho doentio que só parou quando ela percebeu que a faca não a havia tocado. — Eu poderia ter tirado sua roupa enquanto ainda estava sob efeito do clorofórmio, mas queria que estivesse acordada para isso. Eu sonhava com isso.

Cortou as alças da camisola, uma depois da outra.

Largou a faca perto da cabeça dela, afastou o tecido cortado e torceu um dos seus mamilos, fazendo-a soltar outro grito sufocado.

— Como acha que me senti, vendo você com ele? Você não ligou, não é mesmo? Você andou me provocando, Clarissa. Intencionalmente.

Sacudiu-a com tanta força que ela pensou que a coluna pudesse se partir e o cérebro pareceu se chocar dentro do crânio.

— Você é pior do que minha última namorada. Não importa o que eu faça por você, nunca é o bastante. Você me manda embora e arranja outro. Além de tudo, outro homem casado. Não que você tenha sequer pensado na pobre Sra. Bombeira. — Ele espumava pelos cantos da boca. — Você fodeu com ele quando eu estava na cadeia, não foi? Mas ele se encheu de você, depois que te comeu.

Ele pressionava a mão entre as pernas dela.

— Ele não sabe do que você precisa. — Ia deslizando os dedos por baixo da calcinha que ela fizera com o mesmo cetim da camisola. Ele estava tirando a camisa, desafivelando o cinto. Ela pressionava as coxas uma contra a outra, mas ele cortou a calcinha nas laterais, com a faca, e a tirou. Forçava as pernas dela a se abrirem. — Você não está facilitando as coisas, assim fica difícil me controlar.

Ela tentou chutá-lo. Ele lhe retribuiu com um soco no estômago, com força, o que fez com que o corpo dela ficasse mole e lhe deu tantas ânsias de vômito que pensou que iria morrer sufocada no próprio vômito. Sua boca tinha um gosto de metal e sal. Ele enrolou alguma coisa em cada um dos tornozelos dela,

prendendo-os aos pés da cama. Ela tentava deixar as pernas livres, dizer “não” várias e várias vezes, “não”, mas não conseguiu sequer fazer a pronúncia completa.

Então ele estava tirando fotos. Cada flash parecia esfaquear seus olhos, e ele a sacudia até que obedecesse à sua ordem de mantê-los abertos e olhar para ele. Finalmente, ele largou a câmera e deitou em cima dela. Ela se contorceu, se agitou, tentando rolar na cama para se livrar dele.

Ele ergueu o punho e socou a lateral da cabeça dela. Houve uma explosão, e um ruído como se seu crânio estivesse sendo perfurado por uma broca. Deviam ser anjos dançando no teto, pensou ela. De algum lugar, houve outro choro abafado.

Alguma coisa fria encostou na lateral de seu rosto. Ela sabia que era importante compreender o que era aquilo e ficar bem quieta, o que fez, mantendo-se completamente imóvel. Então se deu conta de que era a lâmina da faca. Percebeu isso na fração de segundo antes de sentir a ponta do metal cortar seu rosto.

Sentiu o corpo ainda mais fraco, notou de maneira indistinta que o rosto dele estava mudando, que as mãos rasgavam qualquer que fosse a mordaça que havia colocado em sua boca. Então ela estava arfando, tentando sorver o máximo de ar enquanto ele cortava o nó para libertar seu pescoço e erguia a cabeça e os ombros dela. Ele segurava um copo de água diante da boca de Clarissa, ordenando-lhe que desse um gole, mas a água escorria pelo queixo, enquanto ela ofegava, pingando nos seios, misturando-se com algo vermelho. Por que havia tanto vermelho? Ele secava seu rosto com a camisola cortada.

Por um instante, olhou para ela como se estivesse chocado ao ver o que estava fazendo: o rosto enrugado com incerteza e exaustão, intrigado pela dimensão que aquilo havia tomado. Sua cabeça tremeu e ele piscou várias vezes, como se tivesse estado temporariamente cego e agora voltasse a enxergar com clareza.

Depois ele apertou os seios dela, beliscando e sugando, mordendo com tanta força que a fez gritar, então tapou a boca dela e mandou que ficasse calada. Ele estava arrancando a calça já desabotoada e a cueca. Foi para cima dela, agarrando seu cabelo e puxando seu rosto para perto do dele. Sua expressão a fez pensar numa tela, na qual Apolo olhava com ternura para Mársias, após esfolá-lo, como se estivesse cuidando de sua vítima em vez de matá-la. A voz dele soou quase amorosa quando sussurrou:

— Você me fez esperar tempo demais por isto. — E então a penetrou à força.

Ela chorava baixinho, pensando que queria colher o DNA dele debaixo de suas

unhas, mas não conseguia porque os punhos estavam imobilizados. Quando ele gozasse, seu DNA ficaria dentro dela — haveria provas ali, pelo menos, quando encontrassem seu corpo.

— Olhe para mim. Diga meu nome.

Clarissa tinha a impressão de que suas têmporas latejavam. O pescoço estava pesado demais, os olhos não abriam por completo. Achou que o líquido que sentia neles devia ser sangue, vazando devido à pressão que sentia dentro da cabeça.

— Diga.

Manter o nome dele fora de sua cabeça, de sua voz, era seu último talismã.

— Diga. Faça o que eu mando.

Mas ela percebeu que não conseguia se lembrar qual era mesmo o nome dele.

Mandou mais uma vez que ela dissesse, fornecendo ele mesmo a palavra que faltava, e ela repetiu, embora tudo tenha soado confuso.

— Me beije — disse ele.

Ela tentou afastar a cabeça, mas qualquer movimento, ainda que fosse apenas de um milímetro, fazia seu cérebro doer muito, então ele apertou seus lábios contra os dela, enfiando a língua em sua boca. Ela pensou em mordê-lo mas estava apavorada demais para tentar.

— Diga que me ama.

— Eu te amo.

— Diga: “Eu te amo, *Rafe*.”

— Eu te amo, Rafe.

— Me diga o que estou fazendo com você.

Ela não sabia o que ele queria que ela dissesse. Falou a única coisa em que conseguiu pensar. A única coisa verdadeira.

— Você está me machucando.

— Ótimo. — Agarrou o cabelo dela mais uma vez. — Agora me diga que vai gozar, que nenhum outro pode fazer o que eu posso, que você me pertence, que é assim que você gosta.

Ela repetiu tudo aquilo, ouviu quando a respiração dele ficou mais apressada, e se preparou quando seus movimentos se tornaram mais violentos.

Quando tudo acabou, o corpo dele desabou sobre o dela, comprimindo-a contra o colchão. Ela achou que estava quebrando suas costelas, esmagando os pulmões, abrindo um buraco em seu estômago no lugar onde havia socado. Vários minutos se passaram antes de ele se mexer.

— Você adorou. Pude perceber que sim. Pude sentir você gozar. Sei mais do

que ninguém o que excita você, Clarissa.

Ela sentia a umidade entre as pernas como um ácido, o peito muito comprimido e lutando para respirar, os ombros como se tivessem sido deslocados e os tornozelos esfolados e em carne viva por conta das tentativas de se soltar. As mãos e os dedos estavam dormentes por falta de circulação sanguínea.

Ele tinha a mordaca nas mãos. Ela podia perceber que era de couro, como a que a mulher usava na capa da revista. Clarissa voltou a chorar, a respiração difícil.

— Prometo que ficarei quieta. — Sua voz era um ganido, passando espremida pela garganta machucada.

— Não confio em você. Eu lhe disse que não confiaria mais em você depois de ter me enganado naquele parque. Você vai aprender que eu falo sério. Será a última coisa que vai aprender.

Ela tentou afastar a cabeça, puxando os punhos para escapar, porém mal conseguia se mexer enquanto ele os apertava ainda mais.

— Você precisa ser amordaçada para as outras coisas que ainda vou fazer. Não vamos querer que você incomode os vizinhos com seus gritos.

Jogou-se na cama, ao lado dela, colocou o braço sobre seus seios e a perna dobrada sobre seus quadris, depois caiu num sono profundo.

A respiração sibilante de Clarissa era muito alta. Seu peito arquejava, para cima e para baixo, subindo e descendo, inflando e esvaziando. Ela estava certa de que ia acordá-lo, porém, por mais que tentasse, não conseguia acalmar a respiração.

Por favor, que ele não acorde, pensou. Por favor, por favor, que não acorde. Por favor, Deus. Por favor, me ajude. Aquilo continuou em sua cabeça, um encantamento mudo, repetido inúmeras vezes. Um feitiço para mantê-la viva e trazer ajuda. Em pouco tempo, porém, foi superado por outro, que ela não conseguia evitar. Não havia Deus. Simplesmente não havia. Não poderia haver. Não havia esperança. Laura deve ter rezado, e Deus não a salvara. Deus deixara Laura sofrer de uma forma inimaginável.

Sua respiração estava ficando pior. Tinha a impressão de que o quarto se enchia de fumaça e que isso a sufocava. Tentou dizer a si mesma que estava imaginando aquilo. Tentou dizer a si mesma que não podia ser um incêndio porque, se fosse, o detector de fumaça teria disparado, e ela não estava ouvindo seu alarme. Mas sabia que não havia oxigênio suficiente. Não havia. Simplesmente não havia. Ela acabaria mordendo a própria língua ao morrer, como a Rainha Má da versão original dos Irmãos Grimm, que não conseguia falar

nem gritar enquanto era obrigada a dançar até morrer usando os sapatos em brasa que havia sido obrigada a calçar.

Não conseguia entender por que o quarto estava girando. Fechou os olhos, apertando-os o máximo possível, então os abriu, mas continuava no centro de um redemoinho. Tudo estava enevoadado. Não conseguia distinguir um único objeto no qual seus olhos pudessem se fixar.

Quando voltou a abri-los, não tinha certeza de onde estava, não sabia por que era tão difícil se mexer nem o que havia acontecido para que sentisse dor em todas as partes do corpo. Mas tinha certeza de que realmente havia um incêndio e que estava morrendo por inalar fumaça e quase cega com o ar tão turvo. Robert disse que, se alguma vez se encontrasse num incêndio, devia ficar embaixo, no chão. Ele disse que aquele era o único modo de conseguir ar. Era a fumaça que matava, disse ele. Ela tentava se mexer porque sabia que era aquilo que Robert ia querer que fizesse. Estava tentando ir para o chão, tentando libertar braços e pernas, mas algo a havia congelado e algo mais tinha caído sobre ela. Talvez o telhado. Um telhado, certa vez, havia caído sobre Robert, num incêndio. Talvez o telhado tivesse caído mais cedo, quando o quarto estava girando. Imaginou se estava morta e dentro de seu caixão, a tampa sobre ela.

Um sino ressoou em algum lugar muito distante. Pensou que fosse o sino da igreja, tocando em seu funeral. Havia algo pesado sobre seus seios. Abriu os olhos e viu que era um braço. Então se lembrou de onde estava, do que acontecera e a quem pertencia o braço e percebeu que não tinha havido realmente um incêndio. Mas sabia que estava passando por um terror intenso, e que ele fizera algo muito ruim com sua cabeça, deixando-a incapaz de raciocinar e de permanecer acordada. Estava certa de que tivera algum tipo de absoluto e incontrolável ataque de pânico e perda de consciência, e sabia que precisava se esforçar, o máximo possível, para não deixar que aquilo se repetisse, porque alguém lhe dissera, certa vez, que, se você adormece com uma lesão cerebral, você morre.

Ouviu-se um barulho parecido com o de um chocalho, então um estrondo de metal. Ele começou a se mexer, olhar em volta e ouvir atentamente, murmurando e xingando baixinho. Socou com força o topo da cabeça dela. Seguiu-se uma explosão de pequenos pontos, então apenas escuridão.

\* \* \*

Ela achou que devia estar sonhando. Olhava através de uma névoa tremeluzente e



Robert estava curvado sobre ela, tirando algo de seu rosto. Ela abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Ele estava ao pé da cama perto dos seus tornozelos, movimentando suas pernas, colocando-as lado a lado em vez de tão separadas. Ele se aproximou mais, então ela pôde reparar nas próprias mãos, envolvidas pelas dele, que as esfregavam. O rosto dele, seu belo rosto, estava branco. Por que tão branco? E suas bochechas estavam molhadas. Estaria chovendo? As gotas eram como lágrimas, mas não podiam ser. Robert não havia dito que nunca chorava? Ou teria sido o homem chamado Azarola quem dissera isso? Robert parecia sussurrar. Por que parecia que ele estava se asfixiando? Sua voz estava tão esquisita. Ele a envolvia com a colcha, virando-a para o lado esquerdo. Tinha um celular na mão e digitava números no aparelho, fornecendo o endereço dela.

Havia algo muito importante que ela precisava lembrar. Tentava muito, mas não conseguia. Então lhe ocorreu.

— Precisa ficar atento — tentou dizer.

Ele apenas pediu delicadamente que ela ficasse em silêncio. Voltara a segurar seus dedos, esfregando-os. Os dedos dela estavam muito brancos, mais brancos até do que o rosto dele.

Mas então ela conseguiu ver uma sombra na porta. Sabia que ela pertencia ao homem. Robert seguiu seu olhar e, com um salto, pôs-se de pé, deixando o máximo de espaço possível entre ele e a cama, numa tentativa de conduzir o homem para longe dela.

O homem agitava uma faca com a mão direita. Com a lâmina erguida, ele avançou na direção do outro. Robert recuou um passo e também se inclinou para trás, mas o homem foi para a frente, mantendo-se cara a cara com Robert, porém deixando a faca mais afastada.

Robert ameaçou um soco pela direita. Quando o homem impulsionou a faca na mesma direção, Robert girou, usou a mão esquerda para atingir a parte de cima do braço direito do homem, usou sua mão direita para agarrar o punho que segurava a faca, e golpeou com o antebraço esquerdo o seu nariz. Foi possível ouvir ossos quebrando, um jorro de sangue reluzente e o tinir da faca caindo sobre o piso de madeira, tudo ao mesmo tempo. Enquanto o homem cambaleava, piscando, atordoado, Robert desferiu um soco cruzado com a mão direita, atingindo a têmpora esquerda do homem e, com a esquerda, lhe deu um gancho que fez com que a cabeça do homem fosse para trás e o corpo recuasse. Como alguém nocauteado num ringue de boxe, o homem vacilou por um instante e desabou, batendo tão forte de lado no chão que o quarto inteiro pareceu tremer.

Robert chutou a faca para longe, ao se adiantar para checar o homem, que

estava completamente imóvel a não ser pelo oscilar ruidoso de seu peito. Ele checkou várias vezes por sinais de que estivesse consciente, como se o outro fosse um cão raivoso para o qual não queria dar as costas. Curvou-se para erguer a mão frouxa do nocauteado e largou-a, vendo-a cair com um baque surdo. Robert pareceu prestar muita atenção aos dedos dele, como se quisesse ter certeza de que não faziam o menor movimento de contração.

O sangue ainda escorria da bochecha dela, e Clarissa sentiu uma forte cólica na barriga. Ela só se deu conta de que estava gemendo quando Robert virou as costas para o homem, chamando seu nome ao caminhar na direção dela. Foram só alguns segundos de desatenção, mas o suficiente, e a culpa foi toda dela.

O homem estendeu o braço direito por cima da cabeça e o esticou para debaixo da mesa de cabeceira. Havia puxado uma outra faca. O cabo preto de borracha era maior do que a própria lâmina, curta e larga. O homem conseguiu se sentar e enfiou a faca na coxa de Robert, por trás.

Robert gritou, um ruído animal que atravessou o corpo dela. Ele caiu de joelhos, na mesma hora.

O homem soltava sangue pela boca e pelo nariz. Ele se ergueu, a faca brilhando prateada acima de sua cabeça, mantida bem no alto e pronta para acabar com Robert. Quando ela desceu, Robert virou-se, agarrou o punho direito do homem com ambas as mãos, forçou-o a cair de costas e meio que se sentou sobre ele, prendendo-o ao chão com um dos joelhos sobre seu abdome.

Robert parecia não notar sua outra perna, estendida sobre o chão, o veludo marrom-claro de sua calça escurecendo com o sangue. Sua camisa azul-marinho estava molhada de suor embaixo dos braços, no peito e nas costas.

O homem deu um soco no rosto de Robert, com o punho esquerdo, ferindo seu lábio, mas nada faria Robert largar o punho direito dele. Nada o faria parar de tentar obrigar o homem a largar a faca. Nada o faria desistir de seu esforço de manter a faca longe do próprio corpo.

Havia muito sangue. O de Robert pingava do queixo. Escorria da perna ferida e empoçava o piso. O do homem deixava um rastro, saindo do nariz, molhando o queixo e o peito, assim como a manga da camisa de Robert.

O homem batia a mão esquerda contra as mãos de Robert, lutando pelo controle da faca. A lâmina tremia enquanto um tentava virá-la na direção do outro. O homem estava deitado de costas, então precisava empurrar a faca para cima, contra a gravidade. Essa era a única vantagem de Robert, mas não era suficiente. Aquilo era uma terrível espécie de queda de braço, e Robert aos poucos estava perdendo, enfraquecendo, à medida que perdia mais e mais sangue. Seu rosto

estava ainda mais pálido. Ele suava muito. E grunhia.

Nenhum dos dois notou que ela conseguira sair da cama. Ela apanhou a primeira faca pelo cabo de casco de tartaruga, do lugar aonde Robert a havia chutado. Caminhou, instável, na direção deles, parecendo um vampiro recém-desperto erguendo-se pela primeira vez da sepultura. O sangue escorria pela parte interna de suas coxas. Escorria também do rosto, descendo pelo pescoço e sobre os seios e a barriga. Ele grudava em seu cabelo louro, tingindo-o de vermelho-escuro.

O policial bondoso e prestativo tinha mentido para ela, alimentando-a com aquela falsa e mortal esperança, dizendo-lhe que estava segura quando não estava, quando, na verdade, ela estava o mais longe possível da segurança. As coisas que fizeram não funcionaram. Somente ela mesma poderia fazer de fato o homem desaparecer. Somente ela poderia fazê-lo sumir de modo que ele nunca seria capaz de voltar. Era a única maneira. Nada mais conseguiria fazer com que ele a deixasse em paz. Nada mais ajudaria Robert. O próximo ferimento provocado pelo homem em Robert seria fatal. Ela sabia que sim. Ela sabia muito bem o que tinha de fazer e que só teria uma chance.

Clarissa era mesmo boa em biologia, como disse certa vez a Robert. Sua obsessão por métodos de reprodução acabou criando um fascínio sobre o corpo humano como um todo, mas era um interesse que tinha desde seus tempos de escola. Todos aqueles detalhes tinham ficado gravados em sua memória. Lembrava-se das imagens do coração, de fotos, ilustrações e diagramas anatômicos que sempre achou muito bonitos. Tinha estudado tudo aquilo de novo quando o pai fez uma cirurgia cardiovascular.

O homem estava usando apenas cueca. Ela podia ver os diagramas dos livros como se tivessem sido desenhados em camadas sobre o peito dele: o coração e suas cavidades rotuladas sob a caixa torácica, a caixa torácica sob a pele. Mesmo com sua cabeça latejando e a vista embaçada, ela podia visualizá-los. Nem mesmo precisava se esforçar. Sabia que havia um espaço entre as costelas dele, logo acima do ventrículo direito. Sabia que aquele era o lugar mais mortal. Obrigou-se a focar no alvo, alinhado aos mamilos e um pouco descentralizado, tentando não se deixar distrair pela dor talhada no rosto de Robert.

Não se permitiu tirar os olhos dali enquanto mirava a faca no peito do homem, usando toda a força que tinha para golpeá-lo ao se atirar para baixo. Foi fácil para ela cair no chão de joelhos logo acima da cabeça dele, cair era o que seu corpo queria fazer. Houve uma fração de segundo de resistência, como o instante logo antes de penetrar a casca de um melão com uma ponta afiada; então o metal

mergulhou bem fundo, como se o corpo dele fosse o interior da fruta. A lâmina entrou inteira. Só parou quando o cabo chegou à pele.

Ele guinchou e deu um suspiro profundo, mas breve. Seus lábios já não estavam pálidos. Estavam azuis. Bolhas vermelhas escapavam entre eles. O sangue não jorrou do ferimento, como ela havia esperado: o líquido saía da abertura num ritmo regular, tomando a forma de um prato de sobremesa em volta do cabo. As mãos dela não respondiam como de costume, e a faca estava ficando tão molhada, quente e escorregadia que ficava difícil segurar. Mas ela sabia que não devia largá-la. Não importava o que acontecesse. Ela sabia disso. Continuava tentando segurá-la com medo de que não desse certo. No caso de ter calculado mal ou errado o alvo. Como se ele pudesse se recuperar se ela soltasse. Como se ele pudesse agarrar de novo a outra faca e enfiá-la em Robert. Como se a ferida provocada por ela se fechasse, fazendo com que ele de repente fosse atrás dela, caso Clarissa não se certificasse de que aquela faca cumprira sua função.

Os olhos dele reviraram e então ficaram imóveis. Continuavam abertos, mas ela sabia que ele não a estava vendo. Finalmente ele não estava mais olhando para ela. Não de verdade. Clarissa sabia que nunca mais ele conseguiria olhar para ela.

Os braços de Robert a envolveram, e ela largou a faca. Ele estava sentado no chão, puxando-a para seu colo, afastando-os do homem o máximo possível, espalhando a mancha vermelha no chão ao arrastar sua perna ferida. Ele a segurava e a embalava, e de alguma maneira conseguiu arrancar a camisa e cobri-la com o tecido, os dois encharcados de sangue. Ele dizia o nome dela. Várias vezes, como se tentasse chamá-la de volta de um outro lugar. Mas ela sentia que estava se afastando, e a voz dele parecia vir de uma grande distância, embora ainda pudesse ver seus lábios formando a palavra.

O quarto estava cheio de gente estranha vestida como policiais e paramédicos, e a Srta. Norton também estava presente, chorando. Clarissa podia sentir que a separavam de Robert, ouvir dizerem a ele que precisava de tratamento urgente. Tentou gritar o nome dele, para que não o levassem dela, mas não conseguiu reproduzir nenhum som. A dor na cabeça explodiu ainda mais intensa, e o mundo voltou a cair na escuridão.

## **DEZOITO SEMANAS DEPOIS**

*A donzela sem mãos*

## SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JULHO

A psicóloga pediu que eu começasse um novo caderninho. Ele foi feito à mão pela minha mãe, coberto com tecido cor de ameixa estampado com lírios-do-vale. A terapeuta o chama de “Diário da Recuperação”. Durante nossos encontros, mostro por alto as páginas escritas à mão, para demonstrar que paciente sensível e sã eu sou. Se eu realmente deixasse que ela lesse, provavelmente me daria um grande zero pelo que estou escrevendo — e para quem estou escrevendo isto.

## TERÇA-FEIRA, 21 DE JULHO

Meu pai está jogando golfe com outro professor aposentado. Minha mãe está sentada a meu lado na insensível sala de espera do hospital. Ela lê um jornal enquanto tento pensar em qualquer outra coisa que não seja o resultado dos exames que estou para receber.

É em você que penso. É em você que passo tempo demais pensando.

Já se passaram dezoito semanas desde que vi você. Dezoito semanas desde que você me salvou.

Dezoito semanas desde que o advogado daquele homem trapaceou todo mundo, deixando-o livre para que ele pudesse invadir meu apartamento.

A polícia o havia prendido e acusado dos crimes de assédio e agressão na manhã de quinta-feira, cinco de março. Mas o juiz só foi emitir a medida cautelar de afastamento na tarde de sexta-feira, seis de março. O erro catastrófico foi que não o levaram ao tribunal no prazo legal de vinte e quatro horas. Isso resultou no fato de que a medida cautelar que ele havia infringido não era legalmente válida, portanto não podiam mantê-lo na prisão.

Isso teria acontecido se o inspetor Hughes não estivesse de férias? Acho que mesmo ele não teria evitado sua soltura, por conta dessa questão jurídica. Mas talvez me alertasse de que o homem estava livre. Talvez ele descobrisse algum

meio de mandá-lo de volta para a cadeia. Talvez mandasse alguém me vigiar, para detê-lo antes que fizesse as coisas que fez. Entendi os acontecimentos daquela noite, ou a maior parte deles, com ajuda da oficial responsável por intermediar casos envolvendo crimes sexuais. Mas continuo repassando inúmeras vezes aqueles eventos na minha mente — aqueles incontáveis “e se”.

Volto à realidade quando o médico vem falar comigo. Ele cumprimenta minha mãe e ela fica quase vermelha, encantada com a atenção, apesar de estar tão apavorada quanto eu sobre o que estou para descobrir. Aperto a mão da minha mãe para me despedir e me levanto para acompanhar o Dr. Haynes. Minhas costas estão molhadas de suor e sinto frio e calor ao mesmo tempo.

Às vezes, fico imaginando se é por causa das coisas que aconteceram que estou tão enjoada, mas o Dr. Haynes diz que não. Ele diz que a náusea extrema como a que estou sentindo tem até um nome. *Hyperemesis gravidarum*. Diz ele que algumas pessoas acham que foi a causa da morte de Charlotte Brontë, e gosto de que o Dr. Haynes saiba essas coisas. Diz que há uma base fisiológica para isso. As diversas internações para que eu pudesse me hidratar e recuperar meus eletrólitos, como também os antieméticos que preciso tomar todos os dias, certamente têm um efeito fisiológico. Não creio, porém, que a psicóloga concorde nisso com o Dr. Haynes.

O doutor faz um estilo muito acadêmico, muito afável e também muito bonito, parece um desses super-heróis inteligentes. Em outras circunstâncias, tenho quase certeza de que teria me interessado por ele — circunstâncias essas que seriam eu nunca ter conhecido você.

O Dr. Haynes me lançou um olhar sério.

— Recebi os resultados dos exames, Clarissa.

Pensei que tinha me preparado durante as duas últimas semanas, esperando aquele momento. Mas senti como se meu coração estivesse sendo perfurado por pedaços de gelo.

O doutor estica o braço sobre a mesa para tocar minha mão.

— Os testes de DNA eliminaram a possibilidade de Rafe Solmes ser o pai de seu bebê.

Posso sentir meus lábios tremerem, as mãos e as pálpebras tremem também, e penso que deve ser porque meu corpo está exprimindo fisicamente o meu alívio. Mas o Dr. Haynes me diz que contrações e tremores podem ser um raro efeito colateral dos antieméticos, e, embora torça para que tenham ocorrido apenas essa vez, ele quer que eu experimente outra medicação. Diz que estou muito pálida, me faz tomar um pouco de água e deitar na maca para descansar por alguns minutos.

Ele se senta e escreve na minha ficha, mas se interrompe algumas vezes para checar meu pulso e minha pressão.

Mesmo antes da confirmação eu tive fé. Eu sabia que o bebê estava ali, assim que o fizemos, quando você me acordou após nossa primeira noite juntos. Mas não posso pensar assim. Pensar em nossa primeira noite juntos sugere que tivemos uma longa série de noites juntos. Foram apenas duas noites. Digo a mim mesma que serão apenas duas para sempre.

Finalmente, o Dr. Haynes me deixa sentar e, na mesma hora, começo a falar.

— Eu sabia, bem dentro de mim, que não era dele. A polícia pediu que eu fizesse o exame, e tive medo de recusar. Não queria que eles pensassem que o motivo pelo qual o matei foi para impedi-lo de tentar exercer algum controle sobre mim usando o bebê.

— Bem, eles agora não podem pensar isso. Com base na data estimada da concepção e nos níveis de hormônio do começo da sua gestação, você está na vigésima primeira semana de gravidez. Isso significa que o óvulo foi fertilizado dezanove semanas atrás. Meu relatório conclui que você concebeu uma semana antes de ser agredida; você não poderia ter sabido, por ocasião da morte do Sr. Solmes, que estava grávida. Consultei outros especialistas. A opinião deles é a mesma, e também estão no relatório.

Os médicos tiveram bastante DNA dele para comparar com o do bebê. Não precisei da sua permissão para o exame. Também não precisei do seu DNA. Agora que oficialmente o excluíram, você é a única opção. Uma questão de eliminação.

— E há mais uma boa notícia. Não foram detectadas anomalias genéticas.

Eu estava tão ansiosa por causa do teste de paternidade que nem cheguei a me preocupar com a saúde do bebê. Que tipo de mãe eu vou ser?

Ele faz uma pausa.

— Eu posso lhe dizer o sexo, se quiser saber.

— Acho que é menina — arrisco. — Estou certa?

O Dr. Haynes dá um sorriso tão largo que eu acho que ele se importa, de verdade.

— Está.

— Acho que tem cabelo preto e brilhantes olhos azuis como o pai dela. Acho que é muito bonita.

Ele ri.

— Bem, teremos de esperar ela nascer para ver se está certa sobre o cabelo e os olhos, mas não há dúvida de que será bonita. Vamos dar uma olhada nela? Sei



quanto estava preocupada com a agulha da amniocentese e o risco de um aborto espontâneo.

O Dr. Haynes passa um gel frio na minha barriga, então ela surge na tela assim que a sonda toca a pele.

Os lábios dela são iguais aos seus, Robert. Ela faz um biquinho com eles e me joga um beijo. Jogo outro de volta.

QUARTA-FEIRA, 22 DE JULHO

A oficial responsável por intermediar casos envolvendo crimes sexuais está aqui. Ela não está usando uniforme de polícia. Usa uma saia azul-marinho e uma blusa creme que cai com elegância em seu corpo esbelto.

Comparada a ela, sou curvilínea, o que é uma experiência nova para mim. Meus seios estão mais cheios debaixo do fino tecido da blusa branca, parecida com a que Lottie usou no primeiro dia no tribunal. Minha barriga faz um pequeno volume acima da cintura de elástico de uma outra saia que minha mãe costurou para mim.

O nome da oficial é Eleanor, e é assim que gosta de ser chamada. Nada de policial isso ou oficial aquilo. Apenas Eleanor.

Você me diria que não devo esquecer nem por um instante que, mesmo se todos aqueles acenos de cabeça compreensivos forem sinceros, Eleanor continua alerta e escutando qualquer informação que possa juntar para que eles tenham um caso consistente para enviar ao Ministério Público. Você me diria para não engolir a história de que me enviaram Eleanor porque me consideram uma vítima sobrevivente que precisa de alguém que atue como intermediário, uma única pessoa ligando-a diretamente à polícia. Você me diria que a polícia continua mandando Eleanor aqui porque eles me consideram uma suspeita.

Na sala de estar dos meus pais, Eleanor e eu nos sentamos nas duas poltronas de frente para a sacada, meu lugar habitual para ver o mar. Duas xícaras de chá estão sobre a mesa entre nós, onde minha mãe as deixou antes de desaparecer no jardim com meu pai.

Eleanor empurra o cabelo preto para trás das orelhas e lança, com os olhos castanhos, um olhar de amável sinceridade em minha direção.

— Prometi que não ocultaria de você qualquer informação que tivesse permissão de divulgar — diz ela.

— É o Ministério Público? — Estou me esforçando para parecer calma. —

Eles vão me acusar em relação à morte dele?

— Há algumas últimas provas para a polícia juntar antes de mandarem a investigação completa para uma decisão. Creio que devam estar esperando informações do seu obstetra.

— Isso está sendo enviado.

Ela assente.

— Ótimo. Há também o relatório final do médico-legista. É para sua proteção que a polícia precisa ser meticulosa. É um caso sério e complexo, Clarissa, envolvendo uma morte violenta. É sempre do interesse público garantir que seja conduzida uma investigação adequada.

— Eu só queria que isso acabasse logo.

— Eu sei que é difícil lidar com essa situação, mas quero reforçar que é muito raro o Ministério Público instaurar um processo que envolva a morte de um intruso na casa de outra pessoa. Principalmente quando o intruso agiu com violência e tinha uma arma. Há uma forte argumentação de que você usou a força para defender a si mesma e uma outra pessoa. Seus ferimentos na cabeça também devem ser levados em consideração, a seu favor.

— Está bem — digo com calma, embora não me sinta bem.

Ela respira fundo.

— Eu já lhe disse que os cinco réus daquele julgamento foram considerados inocentes de todas as acusações.

O juiz havia permitido que os outros dez jurados deliberassem sem nós dois. Todos os cinco réus foram inocentados, enquanto eu ainda estava no hospital, sob proteção policial, e você era submetido a uma cirurgia na perna.

— Foi um resultado nada surpreendente, tendo em vista o modo como os advogados de defesa estraçalharam a Srta. Lockyer. — Olho para baixo. — Ela foi tão corajosa. — Falo bem baixinho, ainda sem erguer a vista. Mas então eu levanto o olhar. Eu a encaro. E vejo que Eleanor está franzindo a testa.

Ela abre o zíper de sua pasta de couro.

— A polícia achou que você gostaria de ser informada.

Eleanor me entrega um recorte de jornal.

O veredicto de morte accidental foi declarado após o inquérito sobre o caso de uma mulher de 28 anos conhecida em Bath, sua cidade de residência. Carlotta Lockyer, em sua trágica história, morreu de overdose, no dia 10 de maio. O médico-legista George Tomkins observou que uma quantidade significativa de heroína e crack foi encontrada em seu corpo, e que seu efeito tóxico havia sido potencializado por altos níveis de metadona em sua corrente sanguínea. O Sr. John Lockyer, 78, declarou na audiência que sua neta havia completado com sucesso um programa de desintoxicação, mas teve uma recaída pouco antes de sua morte. Ele encontrou seu corpo no chão do banheiro, após voltar da

igreja.

Abraço a mim mesma, balançando para a frente e para trás buscando me consolar — o mesmo gesto feito por Lottie, segundo descreveu uma das testemunhas da polícia. Começo a soluçar. Fico engasgada com a saliva e limpo o queixo com um lenço de papel. Eleanor espera pacientemente até que eu me acalme. Não sei quanto tempo se passou até eu conseguir, de fato. Assoo o nariz, fazendo muito barulho.

— Posso ver como você está triste, muito triste — observa Eleanor. — Eu também estou. Meus colegas também. Ela foi uma jovem mulher corajosa e travou uma batalha terrível.

Olho fixamente nos olhos de Eleanor, escuros como a noite, tentando, sem sucesso, desconcertá-la.

— Posso perceber que também está muito irritada, Clarissa. Isso é compreensível.

— Essa matéria é falsa. Foi publicada semana passada, após o suposto inquérito de treze de julho. Esses casos não são tão rápidos assim, apenas dois meses após alguém ter morrido. Você mesma disse que ainda estamos esperando relatório do médico-legista sobre aquele homem... ele morreu quatro meses atrás... o dobro de tempo. Lottie está em algum outro lugar, um lugar bem longe, e a polícia quer que aqueles homens pensem que ela está morta para que ela possa ter uma nova vida em segurança. Essa matéria é uma mentira, para enganá-los.

Eu me agarro a essa esperança. Talvez Laura também tenha feito algo parecido.

— Não creio, embora seja uma brilhante teoria, e gostaria que você estivesse certa. Todos gostaríamos.

— Vocês não revelariam uma coisa dessas. Talvez nem mesmo saibam.

— É verdade em ambos os casos — afirma Eleanor.

Meu pai não devia ter me dado o nome de Clarissa. Pollyanna teria sido mais adequado. Mas aqui não pode haver jogo do contente. Laura se foi, provavelmente para sempre, assim como Lottie. Não posso salvar nenhuma das duas, agora, inventando histórias sem sentido.

QUINTA-FEIRA, 23 DE JULHO

É manhã de terapia com a Sra. Lewen, a psicóloga. Eu havia prometido visitá-la

uma vez por semana. Foi o único modo de eles concordarem em me liberar do hospital em Bath e fazer todos os arranjos com a polícia e os médicos aqui em Brighton.

*Comprometimento com o tratamento* é uma expressão que ouvi vezes até demais.

Odeio a palavra comprometimento.

A Sra. Lewen está no fim da casa dos cinquenta e tem cabelo castanho curto e encaracolado. Ela está um pouco acima do peso e usa *kaftans* de cores berrantes. O de hoje é amarelo, laranja e roxo. Parece uma mãe terra, mas não creio realmente que seja.

Há um pôster emoldurado do filme *O Mágico de Oz* na parede. Os personagens principais de braços dados, prestes a seguir pela estrada de tijolos amarelos. A Sra. Lewen acha que há uma *lição de vida* nesse filme para quem quer que o assista. Não acho que você gostaria muito da Sra. Lewen.

Ela se senta numa poltrona cor de pêssego e sorri, em expectativa. Estou aninhada no sofá diante dela, as pernas enroscadas debaixo do corpo. O sofá também é cor de pêssego. Todos os estofados têm esse mesmo tom de pêssego que deveria ser tranquilo, e eu detesto. As paredes também são da mesma cor. Se a Sra. Lewen tentar me forçar a ouvir “Somewhere Over the Rainbow”, vai ter vômito no tapete cor de pêssego.

O assunto da semana passada foi meu rosto. O blá-blá-blá do cirurgião plástico impregnou o ar: a Sra. Lewen até mesmo me fez repetir as frases dele como se elas fossem um remédio.

*A boa notícia é que rostos saram depressa.* Minha cicatriz tem quatro centímetros de comprimento, um corte em diagonal atravessando a bochecha. Eu medi.

*Tivemos sorte por ter sido um ferimento reto.* Minha cicatriz está inchada, repuxando e franzida nas bordas.

*Cicatrizes somem ou perdem consideravelmente o relevo durante o primeiro ano.* Minha cicatriz é de um vermelho vivo e é mais alta que a pele do resto do rosto.

*Nervos faciais superficiais se regeneram, mas isso pode levar de seis a oito meses.* Meu rosto não parece se mover muito bem em volta da cicatriz, fica como se tivesse acabado de receber um anestésico injetável de um dentista.

Hoje, meu silêncio inicial é longo demais até mesmo para a Sra. Lewen. Em geral, ela prefere que seja eu a primeira a falar, mas, dessa vez, ela me instiga, perguntando baixinho no que estou pensando.

— Robert.

Assim que a palavra sai, encaro o meu fraco chá preto Earl Grey. Dou um gole e imagino que meu estômago diminui sua agitação.

A Sra. Lewen me sonda ainda mais.

— Você está agora no seu segundo trimestre. A gravidez parece segura. Não acha que Robert tem o direito de saber?

A pele da Sra. Lewen é muito rosada e um pouco áspera. Tem as bochechas coradas. Fico pensando se ela tem pressão alta.

Balanço a cabeça.

— Ele não iria querer o bebê.

— Você não pode saber disso. Você continua ansiando por ele, Clarissa.

Morta havia dois anos, disse você. Menos de um minuto após me conhecer, você disse que fazia esse tempo que sua mulher havia partido. Menos de um minuto após me conhecer você me disse a mentira mais ultrajante que alguém já me contou. Você inventa essa história automaticamente para qualquer mulher em quem talvez possa estar interessado? E depois disse até mesmo que foi um acidente de carro. Até mesmo me falou sobre o dia em que aconteceu.

Sra. Bombeiro, disse aquele homem, rasgando meu coração com a faca antes de rasgar meu rosto.

Eu devo ter desmascarado você. O que aconteceu comigo deve ter desmascarado você. Aí não havia mais como você me esconder dela. Seu horrível ferimento e a perda de sangue. Os interrogatórios e as visitas da polícia. Seu testemunho enquanto testemunha. Você também foi tirado de sua vida normal devido ao que aconteceu comigo.

Os nomes das vítimas de estupro não podem ser mencionados. Ainda que elas também tenham assassinado alguém. O que aconteceu comigo manteve meu nome longe da imprensa, mas não creio que você tenha conseguido mantê-lo longe de sua casa.

Imagino sua mulher. Acabe com isso, deve ter dito. Apenas acabe com isso. Você nunca, nunca mais vai vê-la de novo, deve ter dito. Talvez você não tivesse escolha, a não ser acabar comigo.

Eleanor me contou que sua perna estava sarando, mas que você deve mancar para sempre. Disse que você precisará de mais cirurgias. Você, provavelmente, está travando sua própria batalha contra o estresse pós-traumático.

Sua mulher o leva para consultas no hospital? Ajuda com a fisioterapia? Ela está punindo você? Seu casamento vai conseguir se recuperar disso? É isso o que você quer? Tento não deixar que as perguntas se apoderem de mim, mas não é

fácil. Tento não imaginar como ela é.

Depois de Henry, jurei que nunca mais me apaixonaria por um homem casado. Que nunca mais faria a outra mulher o que fiz à esposa dele. Você liquidou meu poder de escolha com sua mentira. Eu nunca teria tocado em você, se soubesse. Nosso bebê não existiria, se eu soubesse.

Apesar disso, me imagino beijando sua perna, tentando curá-la com meus beijos.

— Sabe, você poderia entrar em contato com Robert — argumenta a Sra. Lewen. — Poderia descobrir com certeza a situação da mulher dele. O homem que feriu você... ele não era uma fonte confiável.

— A oficial responsável por intermediar casos envolvendo crimes sexuais confirmou que Robert continua casado. Ele mora com ela.

Eleanor me disse que sua mulher estava em Londres naquelas duas noites que você passou comigo. Ela foi chamada de volta, inesperadamente, na noite em que você mudou de ideia, apareceu e acabou me salvando. Você está feliz por ter ido até a minha casa?

— Você pode descobrir mais sobre ele, por que ele fez o que fez.

— Acho que isso é bastante óbvio.

O que ela deve sentir, ao saber que sua mudança de planos de última hora ajudou a salvar minha vida?

— Você não é cínica, Clarissa. As pessoas fazem coisas por motivos complexos. Pelo que você falou sobre Robert, ele é um bom homem, até mesmo heroico. Não nego que o que ele fez com você foi errado, mas você deve ter mexido muito com ele para ele ter agido dessa maneira.

Foi a promessa de sete semanas fora de sua própria vida? Fui um acréscimo para tornar o período do julgamento ainda mais memorável e emocionante? Talvez você quisesse garantir meu papel nisso tudo com aquela mentira deslavada. Você disse que me viu no trem, naquele primeiro dia. Talvez tenha decidido ali mesmo e naquele momento que me fisgaria, porque sabia que, durante seis semanas, sua mulher estaria fora: uma oportunidade que você não iria querer perder. Talvez você até mesmo tenha visto que eu estava lendo Keats e, por isso, disse que gostava dele — você percebe tudo.

Deve ter imaginado que voltaria direto à sua vida normal assim que as férias passassem. Deve ter imaginado que eu não deixaria o mais leve traço em você.

— Tudo que me contou sobre Robert, todos os seus atos, sugere que os sentimentos dele por você foram profundos, que você o afetou, mexendo com seus sentimentos e sua cabeça. — A Sra. Lewen tem a irritante habilidade de adivinhar

minhas fantasias. — Talvez ele nunca tenha esperado por isso. O que quer que Robert tenha feito a você...

— O que quer que ele tenha feito comigo é irrelevante, tendo em vista o fato de que salvou minha vida e se feriu para sempre ao fazer isso. A outra coisa... a grande mentira sobre sua mulher... isso, na verdade, é pequeno, em comparação.

A Sra. Lewen parece satisfeita comigo, apesar de minha impaciência.

— Você também o salvou — diz ela, baixinho.

— Ele só estava correndo perigo por minha causa. Isso dificilmente conta como um salvamento.

— Ele pode estar evitando você, depois do que aconteceu. Querendo lhe dar espaço para se recuperar, sem intimidá-la. Ele é o pai do seu bebê, Clarissa. Deveria procurá-lo e falar com ele.

— Você não acha que a notícia pode ser um choque para ele? Além do mais, não quero que ele fique comigo apenas por causa do bebê. Sem mencionar o fato de que não quero tentar tirá-lo de sua mulher... Já me sinto mal o bastante em relação a ela. E não posso ir atrás dele. Não posso... me empurrar para cima de alguém. Foi o que aquele homem fez comigo.

Eleanor me disse que havia um canto como se fosse um santuário na casa daquele homem e incontáveis fotografias. Ele conhecia minha vida melhor do que eu.

— Mas Robert é o grande mistério para você. Você precisa solucioná-lo, para seguir em frente. Precisa entender o que Robert fez, e por quê, e o que ele está pensando agora.

— Você está enganada. Acho que o entendo. Acho que você acabou de me ajudar a entendê-lo. Robert não é meu grande mistério.

A Sra. Lewen parece surpresa.

— Qual é então?

— Laura.

Imagino a Sra. Betterton sentada ao lado da minha mãe, as duas chorando abraçadas, enquanto o Sr. Betterton e meu pai estão parados ali perto, muito sérios, tristes e sem jeito.

— Eu achava que os pais dela talvez me odiassem. Que talvez nunca me perdoassem. Por ser a vítima que sobreviveu. Por não ser Laura.

A Sra. Lewen me diz para tomar mais um pouco de chá antes de prosseguir, e eu obedeço.

— Você não tem nenhum arrependimento por ele estar morto, tem? — pergunta a Sra. Lewen.

Os Betterton nos disseram que, segundo a polícia, não era Laura na capa da revista. Isso me enche de alívio, mas não um alívio completo, porque não consigo abandonar minha obsessão em relação a quem era aquela mulher. Os Betterton também nos contaram que os peritos haviam encontrado fotos pornográficas de Laura na casa daquele homem, escondidas embaixo de tábuas do assoalho. Seria ali que ele também colocaria as últimas fotos que tirara de mim?

Ele poderia me matar e sair impune se sugerisse que você era o culpado. Você também esteve na minha cama. Ele poderia ter dito que ele e eu tivemos sexo consensual e que depois ele me deixou viva e alegre, e então você apareceu assim que ele se foi e me torturou e matou. O tribunal 12 me ensinou direitinho como são essas coisas.

A polícia acabou de descobrir que ele passou um verão na Califórnia, sete anos antes. O último verão de Laura. Muito tempo, dificultando encontrar novas pistas ainda, mas talvez isso não seja impossível. A polícia americana, finalmente, está abrindo uma investigação sobre o desaparecimento dela. Estão em contato com a polícia britânica, que esquadrinha todas as provas.

Se eu me arrependo por ele estar morto?

Não consigo imaginar uma pergunta mais idiota do que essa. Não há como eu respondê-la com sinceridade. Se o fizer, a Sra. Lewen provavelmente dirá à polícia que sou uma psicopata assassina — com certeza não quero isso junto à investigação que será enviada ao Ministério Público. E com certeza não quero que ela aconselhe o serviço social a me separar do meu bebê.

Mas digo uma boa parte da verdade para a Sra. Lewen.

— Fico incomodada ao pensar que estraguei a única chance de os Betterton descobrirem o que aconteceu com Laura. Ele poderia ter confessado ao casal. Agora, não pode mais.

Não quero voltar à universidade, embora eu ainda não tenha decidido o que farei assim que meus caquinhos estejam colados de novo e as rachaduras não fiquem muito aparentes. Se há uma maneira de ajudar na busca por Laura, então é isso que quero fazer. Talvez eu escreva ou faça uma campanha, ou crie com seus pais algum tipo de entidade com o nome dela, dedicada à criação de uma consciência.

— Esse parece um sentimento natural de se ter, Clarissa — observa a Sra. Lewen. — Isso parece muito humano.

Talvez, afinal de contas, ela não diga que sou psicopata.

— Mas não tenho certeza de que está sendo inteiramente honesta consigo mesma quando diz que Robert não é seu grande mistério.



Ela dirá apenas que estou me iludindo. Mas não posso deixar de admitir a mim mesma que, de certo modo, a Sra. Lewen é sábia.

SEXTA-FEIRA, 24 DE JULHO

*Tecidos recém-cicatrizados queimam com facilidade.* Outro aviso do cirurgião plástico. Por causa disso, estou usando um enorme chapéu de palha para proteger o rosto do sol, enquanto caminho com meus pais na orla. Meu vestido estilo império tem cara de verão. Só mesmo minha mãe é capaz de costurar um vestido que, ao mesmo tempo, faz coisas contraditórias como ajustar a silhueta e ter um caimento muito leve. O tecido azul-claro esvoaça um pouco. Uma brisa molda o tecido em volta de minha pequena barriga. Passamos apressados pelos fedorentos quiosques de *fast-food* e vamos direto em direção às tábuas de madeira do píer.

Meus olhos deslizam pelo prédio dos fliperamas. Logo na entrada, à sombra, um homem alto está parado. Ele parece me olhar. Não consigo enxergar seu rosto, mas há algo na postura dele que me lembra você, e, numa espécie de transe, começo a caminhar em sua direção. Ele se vira e se apressa a entrar, mancando um pouco. Começo a correr, sem notar quando meu chapéu sai voando, mal ouvindo meus pais gritarem para eu voltar. Esqueço que estou grávida, esqueço que estou fora de forma após tantos meses de descanso forçado, esqueço de tudo, menos minha louca convicção de que aquele homem é você.

Paro, de repente, perto de um tanque de vidro cheio de alienígenas de brinquedo com uma enorme garra pendendo sobre eles. Começo a andar em círculos, pensando que, se percorrer os 360 graus do lugar, vou encontrá-lo. Os *pings* e *pongs* das máquinas vazias estão ressoando em meus ouvidos enquanto vasculho a multidão. Alguém grita ao bater seu carro de mentira. A música de órgão dali é ensurdecadora, como se eu estivesse numa falsa casa mal-assombrada. Lâmpadas coloridas brilham de maneira intensa nos jogos eletrônicos. Luzes estroboscópicas parecem fazer o ar pulsar.

Meu coração está disparado, a cabeça gira e estou com soluços. Meu peito está manchado e úmido. Tudo isso pode ser por causa do esforço repentino. Ou por causa da medicação contra as náuseas. Talvez seja pelas duas coisas juntas.

Nunca encontrarei aquele homem. Foi loucura pensar que ele era você. Esse lugar com fliperamas é obscuro e imenso, com muitas saídas pelas quais ele podia passar. Mesmo se eu tivesse procurado por todo o píer, teria sido fácil demais para alguém se esconder e desaparecer em qualquer um dos lados, em

qualquer um de seus incontáveis caminhos e prédios.

Meus pais estão a meu lado, intrigados e preocupados, arrastando-me delicadamente para fora do píer, dizendo-me que o vento tinha levado meu chapéu para o mar. Caminhamos com cuidado pelas travessas revestidas de paralelepípedos, meu pai nos conduzindo através dos serpeantes corredores, mantendo-nos à sombra. Andamos por baixo das cúpulas, pináculos, minaretes e partes externas das chaminés do velho palácio. Percorro com os dedos as pétalas amarelas das giestas.

Meus pais me acomodam perto de um laburno, numa parte tranquila dos jardins. Rowena e Annie estão vindo para o almoço no domingo e Annie vai trazer a Srta. Norton, então mamãe quer comprar algumas coisas especiais. Ela trouxe meu pai para ajudá-la a carregar as compras.

Fico feliz por estar sozinha por enquanto, observando as joaninhas e as borboletas. Estou com muito sono, mais uma vez deve ser por causa dos remédios, então deito na grama. As pessoas fazem essas coisas nesta cidade à beira-mar. Quando me lembro de que não devo me deitar de costas, rolo para a direita, apoiada sobre o cotovelo dobrado, a mão em concha sob a cabeça para apoiá-la. Os pombos se reúnem acima dos lilases. Eles me fazem pensar no bando de macacos alados de *O Mágico de Oz*. A Sra. Lewen vive me dizendo que os macacos supostamente devem ser meus demônios e medos. Não digo a ela que acho aqueles macacos ridículos.

Sinto um tum tum tum atrás da minha cabeça, e lembro-me mais uma vez do filme preferido da Sra. Lewen, dessa vez aquele intenso interlúdio quando a heroína abandona o mundo em tom sépia, que era e silencioso de um modo sobrenatural, para entrar no mundo do Technicolor. As peônias, cistáceas, cravinas-dos-poetas e dedaleiras que ladeiam as curvas do caminho parecem deixar ainda mais vivos seus tons já intensos de cor-de-rosa, vermelho e roxo. Na outra extremidade do caminho está um homem.

É o homem do píer. Ele é muito alto, como você. E muito esbelto, como você, embora talvez um pouco mais magro. Tem seus ombros largos. Dá alguns passos na minha direção, e vejo que caminha mancando, como você, agora. Apesar disso, acho bonito o modo como ele anda. O sol de fim de tarde está atrás dele. Estou ofuscada demais pela luz para distinguir seus traços, exceto pelos olhos azuis que saltam para cima de mim como se tivessem sido tocados pelas esporas ali perto. Ele está envolto nas ondas de calor que saem da terra.

Meu coração parece se chocar contra o peito. Posso ouvi-lo. Tenho certeza de que posso mesmo ouvi-lo. Estou ficando tonta. Minha cabeça está pesada demais

para meu pescoço. Ela escorrega da minha mão e cai pesadamente na grama. Quando abro os olhos, estou virada para o lado esquerdo, na chamada posição de recuperação, de primeiros socorros, confusa, sem saber como fiquei assim. Pisco os olhos várias vezes, com força, tentando clarear a visão turva. Fico sentada e olho à minha volta, ainda achando que estou sendo observada. Mas não vejo o homem.

Digo a mim mesma que ele nunca esteve ali. Não pode ter estado. Ainda estou muito propensa a achar que estou sendo seguida, mesmo que seja por alguém com quem quero muito me encontrar. É uma espécie de vertigem, e sei que você é uma ilusão. Lembro que alucinações são um dos efeitos colaterais extremamente raros daquele novo antiemético. Visão turva também está na lista. Assim como tontura e alteração dos batimentos cardíacos. Pareço ter tudo isso. Terei de pedir ao Dr. Haynes que mude mais uma vez para um remédio diferente. Mas são coisas pequenas. Coisas temporárias. Coisas corrigíveis. Estou aqui e estou viva.

Pouso a mão na barriga. O bebê chuta forte como que para me dizer que está bem, então solto um ruído que é choro e risada ao mesmo tempo. Penso no conto de fadas que meu pai costumava ler para mim sobre a donzela cujas mãos são decepadas e como ela sofre grandes provações. Tudo que ela perde lhe é devolvido e é recompensada com muito mais do que já teve. Suas mãos crescem de volta, também.

A história, porém, esquece de mencionar que cada um de seus punhos é rodeado por uma cicatriz. Ela usa aquelas pulseiras indelévels pelo resto da vida. E se recusa a cobri-las, ainda que, aos poucos, elas desapareçam com o tempo.

## AGRADECIMENTOS

Não fiz nada disso sozinha. Sou grata a meu agente, Euan Thorneycroft, por acreditar e lutar por *Eu sei onde você está*, e por todas as coisas extraordinárias que faz. Sem ele, *Eu sei onde você está* não seria sequer um livro. O time da A.M. Heath é incomparável. Este livro é melhor graças à orientação editorial de Euan Thorneycroft e Pippa McCarthy. Jennifer Custer e Hélène Ferey trabalharam com ardor para levar os direitos de tradução do romance a outros países; é um enorme privilégio para um autor poder falar para leitores em outras línguas. Pippa McCarthy e Vickie Dillon ajudaram com inúmeras coisas que, se não fosse por elas, poderiam ter me derrotado.

É uma grande honra ser publicada pela HarperCollins. Trabalhar com tanta gente excepcionalmente talentosa é muito especial e raro. Sarah Hodgson no Reino Unido, Claire Wachtel nos Estados Unidos, e Iris Tupholme no Canadá ofereceram sábia e inspiradora orientação editorial. Ter qualquer uma delas como editora seria um tremendo privilégio; ter as três é uma tremenda sorte. A perceptividade e a visão delas são notáveis, assim como a consideração, o cuidado e a atenção.

Da HarperCollins do Reino Unido sou grata a Kate Stephenson, em especial, por todo o seu trabalho árduo em cuidar de *Eu sei onde você está* durante todo o processo de produção, por sua incomparável contribuição em termos criativos, incluindo as chamadas de tirar o fôlego que bolou para a capa, e também por sua paciência e bondade; a Louise Swannell, por cuidar da minha publicidade com genialidade e talento; a Anne O'Brien, por seu copidesque incrivelmente cuidadoso e elegante, com inúmeras contribuições; a Ben Gardiner, pelo encantador design e tipologia do miolo; a Dominic Forbes, pela capa atordoante e atraente; a Adrian Hemstalk, por tornar *Eu sei onde você está* um objeto e um e-book que as pessoas conseguem de fato segurar com as mãos; a Laura Fletcher e sua maravilhosa equipe de vendas, composta de Sarah Collet, Lisa Hunter e Tom Dunstan; a Lucy Upton, pela campanha de marketing brilhante; a Damon Greeney,

por coordenar a venda nos mercados internacionais da HarperCollins; e a Eamonn McCabe, por seu excelente talento artístico em fotografia.

Da HarperCollins nos Estados Unidos, sou grata, em especial, a Michael Morrison e Jonathan Burnham, pelo apoio e entusiasmo; a Hannah Wood, por coordenar tantas coisas com tanta graça, por me ajudar, com habilidade, a percorrer a viagem do original ao livro, e pela sua soberba colaboração em termos criativos, inclusive a maravilhosa descrição que redigiu para o catálogo americano; a Richard Ljoenes, pela incrivelmente bela capa; a Michael Correy, pelo projeto gráfico requintado; a Heather Drucker, minha muito talentosa e adorável *publicist*; à brilhante equipe de marketing; a Kathy Schneider e Katie O'Callaghan, pela fantástica campanha de marketing; a Emily Walters e Cindy Achar, por cuidarem do romance no processo de produção; e à minha copidesque Mary Beth Constant, por seu olhar aguçado, julgamento escrupuloso e cuidadosa inteligência.

Da HarperCollins no Canadá, sou grata, em especial, a Doug Richmond, por cuidar para que tudo se juntasse de um modo tão perfeito; a Maria Golikova, que cuida do elegante catálogo canadense; a Sonya Koson, minha maravilhosa *publicist*, e à equipe de Noelle Zitzer, Maria Golikova, Allegra Robinson e Kelly Hope, pelo esforço colaborativo em cuidar da produção da edição canadense de *Eu sei onde você está*.

A influência intelectual e criativa de Richard Kerridge tem sido fundamental; ele tem minha sincera gratidão pela sua opinião constantemente sensata, apoio assíduo e orientação brilhante. Gerard Woodward é um amigo e mentor generoso e culto; seu apoio em *Eu sei onde você está* significou mais para mim do que posso expressar. A querida amizade com Sheryl me sustentou por mais tempo do que consigo me lembrar. Colin Edwards e Julia Green foram gentis, meigos e construtivos quando precisei deles. Richard Francis e Christopher Nicholson estavam lá quando precisei de orientação. Richard Kerridge, Gerard Woodward e Richard Francis também ofereceram perspicazes críticas ao romance, assim como Tim Liardet, Suzanne Woodward, Miranda Liardet, Ellen McWilliams e Ross Davis. É grande a minha dívida com os bombeiros que me ajudaram com este livro e responderam às minhas muitas perguntas com enorme paciência; eles personificam tudo que é bom. Qualquer erro e invenção foram por minha conta.

Meu pai é o leitor mais paciente imaginável. Minha mãe tem o dom da sabedoria inabalável e da verdadeira beleza. O amor e o apoio deles têm sido sempre minha pedra de toque. Tio Gary e tia Barbara me deram outro precioso livro de contos de fadas, e também muito mais. Minha irmã, Bella, sempre me fala

a verdade e sempre fica do meu lado — ela é tudo o que seu nome sugere, e eu estaria perdida sem ela. Meu irmão, Robert, mostrou sua doçura e seu bom humor habituais diante de minha inevitável necessidade de roubar seu nome para um dos meus personagens. Minhas três filhas são mágicas em todos os sentidos e tornam tudo mais significativo e belo.

## SOBRE A AUTORA



© Eamonn McCabe

Claire Kendal nasceu nos Estados Unidos e estudou na Inglaterra, onde mora com a família e dá aulas de literatura inglesa e escrita criativa. *Eu sei onde você está* é seu primeiro romance e foi traduzido para mais de vinte idiomas.

## LEIA TAMBÉM

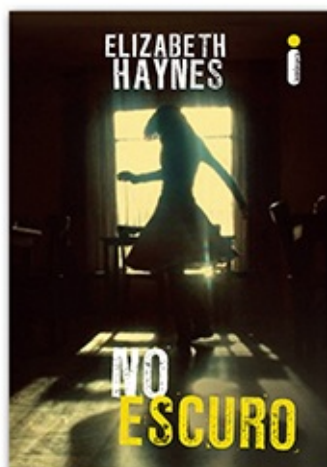


*Deixei você ir*  
Clare Mackintosh



*A viúva*  
Fiona Barton





*No escuro*  
Elizabeth Haynes



*Vingança da maré*  
Elizabeth Haynes